



Mulheres e Costumes do Brasil

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

Sob a direcção de Fernando de Azevedo

SERIE V. BRASILIANA — Volumes Publicados:

- I — Baptista Pereira: Figuras do Imperio e outros ensaios (1.^a ed.).
II — Pandiá Calogeras: O Marquez de Barbacena (no preço a 2.^a ed.).
III — Alcides Gentil: As idéas de Alberto Torres (synthese com indice remissivo).
IV — Oliveira Vianna: Raça e Assimilação (3.^a edição augmentada).
V — Augusto de Saint-Hilaire: Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a S. Paulo (1822) - Traducção e prefacio de Affonso de E. Tounay.
VI — Baptista Pereira: Vultos e episodios do Brasil.
VII — Baptista Pereira: Directrices de Roy Barbosa (segundo textos escolhidos).
VIII — Oliveira Vianna: Populações Meridionaes do Brasil (3.^a ed.).
IX — Nina Rodrigues: Os Africanos no Brasil (Revisão e prefacio de Honório Pires). Profuamente illustrado - 2.^a edição.
X — Oliveira Vianna: Evolução do Povo Brasileiro (2.^a ed. illustrada).
XI — Luiz da Câmara Cascudo: O Conde D'Eu (volume illustrado).
XII — Wanderley Pinho: Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe (volume illustrado).
XIII — Vicente Licínio Cardoso: A marinha da Historia do Brasil.
XIV — Pedro Calmon: Historia da Civilização Brasileira (2.^a edição).
XV — Pandiá Calogeras: Da Regencia á queda de Rozas (3.^a ed. da série Relações Exteriores do Brasil).
XVI — Alberto Torres: O Problema Nacional Brasileiro.
XVII — Alberto Torres: A Organização Nacional.
XVIII — Vis. de Taunay: Pedro II.
XIX — Affonso de E. Tounay: Visitantes do Brasil Colonial (Sec. XVI-XVIII).
XX — Alberto de Faria: Mauá (com tres illustrações fora do texto).
XXI — Baptista Pereira: Pelo Brasil Maior.
XXII — E. Roquette-Pinto: Ensaio de Anthropologia Brasileira.
XXIII — Evaristo de Moraes: A escravidão africana no Brasil.
XXIV — Pandiá Calogeras: Problemas de Administração.
XXV — Mario Marroquim: A lingua do Nordeste.
XXVI — Alberto Rangel: Humans e Perspectivas.
XXVII — Alfredo Ellis Junior: Populações Paulistanas.
XXVIII — General Couto de Magalhães: Viagem no Araguaya (3.^a ed.).
XXIX — José de Castro: O Problema da alimentação no Brasil. Prefacio do prof. Pedro Escudero.

- XXX — Cap. Frederico A. Rondon: Pelo Brasil Central (ed. illustrada).
XXXI — Azevedo Atunai: O Brasil na crise actual.
XXXII — C. de Mello Leitão: Visitantes do Primeiro Imperio (ed. illustrada com 18 gravuras).
XXXIII — J. de Sampaio Ferraz: Meteorologia Brasileira.
XXXIV — Angélica Costa: Introdução á Archeologia Brasileira. - (ed. illustrada).
XXXV — A. J. de Sampaio: Phytogeographia do Brasil (ed. illustrada).
XXXVI — Alfredo Ellis Junior: O Bandeirismo Paulista e o Recuo do meridiano (2.^a edição).
XXXVII — J. F. de Almeida Prado: Primeiros Povoadores do Brasil - (ed. illustr.)
XXXVIII — Roy Barbosa: Nascimento e Exílio (Cartas inéditas, Prefaciadas e annotadas por Americo Jacobina Louçabel). — Ed. illustrada.
XXXIX — E. Roquette-Pinto: Rondonia (3.^a ed. augmentada e illustrada).
XL — Pedro Calmon: Espirito da Sociedade Colonial (edição illustrada com 13 gravuras).
XLI — José Maria Bello: A intelligencia do Brasil.
XLII — Pandiá Calogeras: Formação Historica do Brasil (2.^a ed. com 3 mapas fora do texto).
XLIII — A. Salués Lima: Alberto Torres e esta obra.
XLIV — Evaristo Moraes: Os Indigenas do Nordeste (com 15 gravuras e mapas).
XLV — Heilio de Magalhães: Expansão Geographica do Brasil Colonial.
XLVI — Renato Mendonça: A influencia africana no portuguez do Brasil (edição illustrada).
XLVII — Manoel Brossio: O Brasil - Com uma nota explicativa de Carlos Moyal.
XLVIII — Urbino Vianna: Bandeirantes e sertanistas bahianos.
XLIX — Gustavo Barroso: Historia Militar do Brasil (Ed. illustrada com 50 grav. e mapas).
I. — Mario Travassos: Projecção Continental do Brasil. Prefacio de Pandiá Calogeras 2.^a Edição ampliada.
II — Octavio de Freitas: Doenças affectivas no Brasil.
III — Couto de Magalhães: O Selvagem.
III — A. J. de Sampaio: Biogeographia dinamica.
LIV — Antonio Gontijo de Carvalho: Calogeras.
LV — Hildebrando Accioly: O reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America.

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

Série V

BRASILIANA

Vol. LVI

Charles Expilly

Mulheres e Costumes do Brasil

Tradução, Prefácio e Notas de
GASTÃO PENALVA

1935

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo

9-11

AO LEITOR

A tradução da obra de Charles Expilly Les femmes et les moeurs du Brésil, que tomei a meu cargo, carece, por natureza, de duas palavras explicativas.

Cuida-se de um livro propriamente escandaloso, para usar a expressão literaria, em toda a sua extensão.

Escandaloso pelo despeito do autor, que um dia veio de França com sua esposa na intenção de fundar no Rio de Janeiro uma escola normal e, dissuadido por uma promessa irrealizada, acabou fabricante de fosforos. Escandaloso pelos conceitos emitidos em desfavor da nossa raça, dos nossos costumes, da vida intima da familia brasileira, que com tanto carinho o agasalhou e a quem ele nega hospitalidade. Escandaloso pelas duras verdades que contem, essas mesmas verdades cruas e desconcertantes que setenta annos depois haviam de ressurgir pela bôca do sr. Paulo Prado, desenhando a cores vivas o Retrato do Brasil. Escandaloso como um libelo tremendo contra a escravidão, cujos martirios o autor denuncia, lança aos ares como sinistro apregoador de desgraças, exaltando, num hino dissonante, essa raça infeliz e oprimida donde saiu o peito ingenuo e fecundo que amamentou sua filha. "Comme ta mère, tu es née au Brésil et

une esclave t'a donné son lait." Escandaloso afinal como celeiro informativo da nossa historia, dos nossos dias passados, da nossa acidentada formação nacional, em meio de um estado de coisas que o proprio Expilly (e aí se estriba a sua defesa) fundamenta no trecho de um jornal da epoca, firmado de punho brasileiro, e insculpe matreiramente no portico do seu livro.

Tudo isso, creio, me põe á salvaguarda da pecha de escritor anti-patriotico. Outras muitas versões se têm dado a lume, onde esse possivel anti-patriotismo se evidencia de modo mais irritante. Quem desconhece o acervo de ironias que os viajantes esclarecidos que nos têm visitado, em todas as idades, vão largando daqui e dali, nos seus polpudos relatorios, como quem atira a esmo inuteis pontas de cigarros, mas de cinza ainda quente?

Ao menos, o atrabiliario Charles Expilly, se muita vez amarga nas suas apreciações, tem por si o merito de condenar ao exagero uma instituição que no decurso de seculos nos infelicitou as paginas da historia, num regime cruel de opressão que a seu ver era uma iniquidade, "L'iniquité retranchée dans une logique impie, c'est le blasphème incarné dans le bourreau".

Julgue o leitor esses capitulos com o espirito tranquilo, desprevenido de falsas patriotadas, dessas classicas patriotadas que nos fazem, esquecidos de luar a roupa de casa, estremecer de rancor se alguém de

Jora nos aponta as sujeiras. Aprecie com serenidade a alucinante marcha dos tempos. E veja se, graças a Deus, que é brasileiro, progredimos ou não, desde o dia 20 de abril de 1857, trezentos e cinquenta e sete do Descobrimento e setenta e sete da nossa era presente, em que o jornalista Eugenio do Prado escreveu no "Jornal do Comercio", dando conta, como o outro Prado, do retrato do Brasil desse tempo: "Embrutecimento do clero — nenhuma crença nas classes altas, uma mistura de idolatria, de paganismo, de superstição e de cristianismo nas classes inferiores — tal é o estado do Brasil."

Como ficou dito, o unico intuito dessa tradução (e os editores o reconheceram de pronto) reside no seu valor documentario. Bem ou mal considerado, o que apenas buscamos conservar, reproduzido em vernaculo, é o material que reflete o nosso passado social e historico, se bem que contemplado por uns olhos algumas vezes sensatos, outras vezes deformados por conciente estrabismo.

Agora, as decisões da justiça.

"La justice, c'est la verité; et la verité, c'est Dieu."

GASTÃO PENALVA

A MADEMOISELLE MARTA EXPILLY

Minha querida filha

Como tua mãe, nasceste no Brasil e uma escrava deu-te a beber o seu leite.

*Eras bem criança, quando, após dolorosas pro-
vações, deixámos o país. Assim, não deves ter guar-
dado a mais vaga lembrança da tua mãe preta.*

*Dai, como te poderias recordar do "discurso de
despedida" que ela murmurou ao teu ouvido, antes
de separar-se de ti?*

*Ela pedia-te, entre lágrimas, como se pudesses
compreender, que nunca te esquecesses daquela que
todos os dias te embalava nos braços e te fazia adormecer no seio. E se algum dia fosses rica, que a comprasses para ser só tua.*

*Tua mãe e eu ficámos profundamente sensibili-
zados, ao ouvir a dolente e comovedora supplica de
Julia a Monjola.*

Que teria sido feito dela, depois que partimos?

*Quem sabe, aquela te deu a vida, terá morrido
sob o chicote do feitor?*

*Quando puderes ler este estudo de costumes es-
cravagistas, pensarás na tua mãe preta, e de Julia a
tua picdade se estenderá a todos os infortunios ime-*

recidos; porquanto, não é sómente na America, minha Marta, que ha escravos e senhores inexoraveis.

Este livro completará o ensinamento que me esforço em incutir na tua alma de menina, se te inspirar o horror á opressão e o amor da justiça.

A opressão é a iniquidade. A iniquidade baseada numa logica impiedosa. É a blasfemiu encarnada no algoz.

A justiça é a verdade.

E a verdade — é Deus!

CHARLES EXPILLY

Paris, junho de 1863

INDICE

CAPITULO I

O imperador d. Pedro II. A senhorita Amanda. A Academia de Belas Artes. O nivel musical no Rio de Janeiro. Os Jeneras. Encontro de um camarada de Carlos Magno 21

CAPITULO II

Os martyres da civilizaçã. O Correio Geral. Trombones e Saxofones. Como um artista de talento se transforma em corretor de mercadorias 69

CAPITULO III

O enjôo de mar. Os senhores brancos e a negra. Estancias de Camões. Amor de uma escrava. Historia de uma duquesa bronzeada. A miúda de cor. Seu papel nos tropicos 103

CAPITULO IV

Polidez brasileira. Superstiçã dos senhores. O lenço do capitão Vermelho. Os lenços de Fruchot. A seita dos sebastianistas. São Jorge dos Ilheus. Um drama conjugal. O sertão e a floresta. Os capitães-do-mato 157

CAPITULO V

Um pele-vermelha. Homens de c6r: o que s6o e o que ser6o 255

CAPITULO VI

Uma fic66o legal. O guarda-comida de um antrop6fago. Astucia infernal dos botocudos 287

CAPITULO VII

A lenda da m6e-dagua. O cafun6. A educa66o das crian6as. Origens divina da escravatura . . . 323

CAPITULO VIII

O papel da mulher no Brasil. Organiza66o da fam6lia nos pa6ses esclavagistas. A republica negra de Palmares. Devotamento sublime de Manuela 399

PREFACIO

Das notas que recolhi durante a minha estada na America do Sul, uma parte foi publicada com o titulo O Brasil tal qual é. Ha já sete meses. Desde então, O Brasil tal qual é seguiu seu curso. Está no fim da segunda edição. A terceira não tardará a aparecer.

Os livros serios não desfrutam a mesma sorte dos romances. Destinam-se a publico esclarecido, porém restrito. Assim, é com legitimo orgulho que constato o successo de O Brasil tal qual é.

Não me importa que criticas acerbas e censuras acrimoniosas tenham depreciado o meu trabalho. A bem dizer, eu esperava peor.

Não podendo negar a exatidão das minhas descrições e a sinceridade dos meus julgamentos, alguns brasileiros accusaram-me de exagerado. Um deles, desculpavel por exercer um cargo official, declarou-me:

— A sua boa fé é incontestavel. Mas o senhor viu mal.

Felizmente a apreciação que a imprensa parisiense, notadamente a Revue des deux Mondes e os jornais de Marselha, de Lyon, de Bordeaux, da Belgica e mesmo os de Buenos Aires, fizeram do meu livro, escusa-me da pecha de haver carregado nas tintas.

Felizmente ainda, o testemunho espontaneo de outros brasileiros e as felicitações que recebi do Rio de Janeiro, onde o meu volume — muitas vezes reclamado — não mais se encontra nas livrarias (por que motivo?), bastam para que eu me mantenha no firme proposito de que bem vi e bem transmiti as impressões recebidas.

Entretanto, devo confessar que alguém me inquiriu a proposito do titulo adotado.

“Então! (escrevem-me do Rio de Janeiro) o seu livro denomina-se O Brasil tal qual é, e não se refere nem ás fontes materiais do país, nem á sua organização interior, nem ás suas tendencias retrogradas, acanhadas, chinezas (sic), nem á sua decadencia actual, nem ao seu futuro, que será funesto, se a emigração européica persiste em dar-lhe as costas? Evidentemente o seu trabalho contém uma lacuna importante, lamentavel, e essa lacuna me autoriza a sustentar que o titulo da obra não se justifica.”

Á primeira vista, achar-se-á fundamento nessa critica, e nada me impedirá repartir com o meu editor — autor do titulo — o que lhe cabe de responsabilidade.

Tentarei provar, contudo, que o nosso erro é menor do que parece. Temos culpa, sem duvida. Mas sómente aos olhos da gramatica. Só esta terá o direito de reclamar contra o titulo.

Realmente, não se trata de arida e insípida monografia o que intentei escrever. Esse genero de tra-

balho tem seu merito. Demanda tempo e indagação. A coordenação das materias exige espirito judicioso e pratico.

Se fosse só esse o meu objetivo, nada haveria de mais simples. Como tantos outros, eu teria compilado, compilado, compilado...

Graças ao ultimo relatorio do ministro do Imperio e á obra do sr. Baril, conde de la Hure, eu teria declarado com segurança que a marinha do Brasil se compõe de 31 navios a vela e 29 a vapor, entre os quaes, 21 corvetas, 8 brignes, 8 canhoneiras e 23 de menor tonelagem; que ella possui um almirante honorario e é commandada por 2 almirantes, 2 vice-almirantes, 7 chefes de esquadra, 15 chefes de divisão, 21 capitães de mar e guerra, 37 capitães de fragata e um numero indeterminado de capitães-tenentes, tenentes, aspirantes, etc.

Teria fixado em 23 mil homens o efetivo do exercito; em 58 o numero dos Augustos e Excelentissimos senadores, e em 116 o dos Dignissimos deputados.

Não me seria ainda custoso assinalar, por ordem judiciana, o Supremo Tribunal de Justiça, com os seus 17 membros, e os quatro tribunais de relação. Em seguida, no estado-maio sacerdotal, um arcebispo e 6 bispos — o primeiro qualificado de Excelencia e assemelhado aos marqueses, aos almirantes e aos marechais; os segundos tratados igualmente de Excelencias, porém, no plano dos condes, os ministros, os generais e os vice-almirantes.

Sempre nos mesmos moldes, eu estabeleceria sem esforço que o orçamento para o exercício de 1861-1862 se funda em 46.659:651\$000 (115.315.092 francos) de receita e 52.842:981\$087 (136.899.065 francos) de despesa. E não ficaria embaraçado em relatar a entrada para o Tesouro de 987.584 francos para a taxa e a meia taxa sobre escravos, 40.526 francos para o imposto sobre os armazens de modas, 40.206 francos e 40 centimos (direito de 1/2%) sobre os diamantes exportados, e uma soma de 252 488 francos e 60 centimos para os direitos de patentes dos oficiais da Guarda Nacional.

Como vêdes, não me faltam documentos. Se não recorri ás fontes oficiais para elucidar a parte material da questão, é que o meu trabalho se espraiava em horizontes mais largos.

É menos uma monografia que uma fisiologia o que tentei produzir. E o meu livro O Brasil tal qual é justifica plenamente o seu titulo, se cuida dos costumes, das instituições — da vida moral do povo brasileiro.

Espero que o meticoloso critico do Rio de Janeiro ficará satisfeito com estas explicações, sobretudo ao ler este segundo volume, que lhe dará a certeza de que o meu quadro psicologico foi conscienciosamente delineado.

A acolhida benevolente que logrou a primeira parte das minhas notas anima-me a publicar a segunda.

O novo estudo continua o primeiro, ou melhor, As mulheres do Brasil não são mais que o complemento do Brasil tal qual é.

Á parte duas questões de ordem superior: o trafico de escravos e o regime penitenciario, O Brasil tal qual é consagra-se especialmente á descripção dos costumes da capital do Imperio, a Côrte, como se diz no Rio de Janeiro.

Nas Mulheres do Brasil, ao contrario, o autor propõe-se reproduzir a vida de provincia e, sobretudo, a existencia que levam, no fundo dos engenhos e das fazendas, os grandes proprietarios de escravos.

Aqui, naturalmente, as proporções do livro se alargaram consideravelmente.

Não me empenhei em esboçar apenas os habitos luxuosos e despoticos dos senhores. É toda uma sociedade que se apresenta aos nossos olhos com os seus estupidos preconceitos, os seus excessos detestaveis, as torpezas, os vicios e os crimes engendrados por uma instituição anti-social.

A escravidão empolga e absorve o pensamento do escritor.

As nossas criticas, visando a sociedade brasileira, atingem virtualmente a Espanha colonial e os estados secessionistas da União Americana. Vão mais além. Combatem um regime execrado pela religião, pela moral, pela civilização e pela humanidade!

O bei de Tunis suprimiu a servidão do seu imperio. Por que razão o exemplo de um despota afri-

cano não será seguido pela Espanha, pelo Brasil, pelos colonos de origem franceza de Nova-Orléans, povos que professam a religião cristã?

Nessas circumstancias, somos forçados a confessar que o catholicismo se tem mostrado mais rebelde á civilização do que o maometismo.

Presentemente todas as nações protestantes eliminaram do seu código essa iniquidade, e a escravatura não é mais praticada senão entre os países catholicos!

Humilhante para nós.

Pensadores eminentes, como o sr. de Tocqueville, têm posto a sua pena á serviço de uma campanha contra a odiosa exploração do homem pelo homem.

Antes dele, Buckingham havia destruido os versos que ocultavam á Europa as saturnais e as profanações desse iniquo sistema.

Por ultimo, uma mulher de coração, a autora da Cabana do Pai Tomaz, lançou um grito de indignação e de horror que foi repetido por todas as almas honestas e sadias.

Entretanto, nem tudo ainda foi dito sobre essa questão que no momento faz derramar torrentes de sangue da outra banda do Atlantico.

O escravagismo possui capitais imensos, exercitos, couraçados, canhões; e o que é mais triste, homens valorosos e convictos, que não hesitam em jurar a excelencia dessa abominavel instituição.

Se os estados secessionistas triumpham, o trafico, perseguido pela reprobção geral dos povos cristãos, ferido de morte pela applicação inexoravel do bill Aberdeen, recobrará novas energias.

A Espanha, Portugal, o Brasil agrupam-se em torno da bandeira proteccionista, e de nove, carregamentos humanos, comprados por preço vil nos depositos africanos, virão negar, em face da Europa fremente, os progressos tão enaltecidos da civilização e os preceitos da lei divina.

O desafio insolente, lançado á ciencia e á conciencia publica pelo governo de Richmond, foi suplantado pelo de Washington.

A escravatura ousa proclamar o seu direito de viver, direito esse que ella não se vexa de afirmar em nome do principio democratico.

Que horrivel blasfemia!

Entremos na arena.

Experimentaremos estender o monstro por terra, e depois de haver desvendado os seus atos mais occultos, sacrificá-lo impiedosamente ao pelotrinho da opinião publica.

Do papel confiado á mulher de cor, ao mulato, ao mestiço e á branca, na sociedade escravagista, ressurgirá por certo um ensinamento util.

Enfim, o capitulo consagrado á organização da familia acabará de demonstrar a que grau de desmoralização, por consequencia, a que excesso monstruo-

so podem conduzir o preconceito da cor e o exercício de um poder sem limites.

Com a mesma coragem do sr. Moura, deputado do Rio de Janeiro, um publicista brasileiro, o sr. Eugenio do Prado, caracterizou por estas palavras o estado moral e religioso de sua patria: "Embrutecimento do clero — ausencia de creença nas classes superiores — uma mistura de idolatria, paganismo, superstição e cristianismo nas classes inferiores." (Jornal do Comercio, 20 abril 1857).

O sr. Prado esqueceu-se de attribuir ao escravagismo a responsabilidade de uma situação tão lamentavel.

Essa conclusão tiraremos nós em seu lugar.

Não é exclusivamente contra os costumes brasileiros que criaremos um libelo. Esses costumes não são mais que as consequencias fatais de uma instituição corrosiva.

Ora, sendo o regime escravagista a consagração legal de todos os erros, superstições, preconceitos, ignominias e crimes cometidos pela ignorancia, não nos resta senão lançar contra ele o brado de guerra do velho Aronnet:

ESMAGUEMOS O INFAME!

Charles Expilly

CAPITULO I

*O imperador d. Pedro II. A senhorita Amanda.
A Academia de Belas Artes. O nivel musical no
Rio de Janeiro. Os junerais. Encontro de um
camarada de Carlos Magno.*

Narrando, em precedente publicação, os motivos da minha viagem ao Brasil (1), explico a maneira pela qual meu primo Nausier, que apreciara no seu justo valor as minhas aptidões comerciais, reservou-se a direção de nossa casa do Rio de Janeiro, collocando-me á testa de uma fabrica de fosforos.

Singular occupação para um homem de letras, não acham?

Todavia, essa metamorfose, que de algum modo parecerá estranha aos leitores, surpreenderá menos aos que conhecem as transformações naturalmente bizarras que acometem os homens de profissões liberais, cujo destino os conduz á California.

Desde o momento em que alguém se decida a deixar o velho continente com a intenção de tentar fortuna em países longinquos, é mister submeter-se a todas as provas impostas pela dura necessidade.

Ventre faminto não tem ouvidos, e o orgulho nutre muito mal.

Daí o caso desses jovens advogados que se dispõem a explorar terrenos auríferos e tornam-se, logo aos primeiros passos, cantores de café, cozinheiros, pescadores, comediantes, lavadores de pratos; desses ex-negociantes que momentaneamente se transformam em carteiros, pintores de navios, professores de francês, de belas mancinhas e de fabricação de chinelos; desses discipulos de Esculapio que vão ser engraxates, aprendizes de pedreiros, carregadores, moços de recados, e se encontram frequentemente em São Francisco.

No Brasil, onde o preconceito da cor governa soberanamente, um branco não saberia fazer parte da domesticidade de uma casa. Todas as funções que afetam o serviço interior são exclusivamente reservadas aos escravos.

Os emigrantes para esse país devem exercer uma profissão manual ou traficar em não importa qual negocio.

Mal, portanto, mal dos homens inteligentes, inhabéis em manejar a plaina ou o serrote, que não sabem confeccionar um objeto com elegancia nem acondicionar com certo gosto um pacote de mercadorias.

A instrução é aqui dotada de fraco auxilio, quando não consiste em perigosa recomendação. Consultai previamente a historia deploravel dessa pequena colonia de sabios e de artistas chamada Rio de Janeiro por D. João VI, no intuito de aí fundar uma Academia. Por meio de sua dedicação, os nossos compatriotas não

lograram mais que indiferença, ingratidão e desdém. O sr. Lebréton, o presidente, succumbiu de desgosto. Alguns dos seus companheiros vegetaram penosamente, e os outros viram-se forçados a regressar á Europa (2).

Os anos decorrem, mas a situação fica na mesma. Hoje um europeu de certo merito, que pretendesse utilizar seus conhecimentos para arranjar posição honrosa, se veria exposto a crueis dissabores. O solo do Brasil, de prodigiosa fertilidade para os traficantes de toda especie, seria para ele de uma esterilidade assustadora, a menos que o neofito não seguisse o conselho que S. M. d. Pedro se dignou me dar.

Já que a occasião é favoravel, enquadrarei nestas paginas sinceras o retrato do atual imperador do Brasil. Essa figura, notavel por varios titulos, não é bastante conhecida na Europa. Serei feliz de collocá-la no seu devido lugar.

Bem diferente de seu pai, cujo temperamento impulsivo e carater turbulento não se acomodavam á serenidade, d. Pedro ama o estudo, consagra-lhe todos os instantes que lhe deixam vagos os negocios do imperio. Fundador do Instituto Historico, ele faz-se notar, entre os membros dessa associação, pela assiduidade em acompanhar os trabalhos. Mais de uma vez tem-lhe acontecido aí fazer leituras de grande interesse.

Graças a uma disposição toda particular e a invulgar applicação, d. Pedro fala quasi todos os idio-

mas da Europa. Alemão por parte da mãe, a infornada arquiduezza Leopoldina, italiano por sua esposa, irmã do ex-rei de Napoles, torna-se-lhe facil conhecer a fundo as linguas respectivas. O portugês foi-lhe incutido ainda no berço. Vi-o uma vez dirigir a palavra em inglês a uma dama, e eu mesmo tive a honra de entrete-lo em francês.

Mais ditoso do que Ennius, que dizia possuir tres corações pelo fato de falar tres linguas - grego, osco e latim, o monarca brasileiro tem, pois, cinco corações, e ao que me consta, está apto para conversar com os sabios de varias nacionalidades.

É verdade que Mitridates sabia os idiomas das vinte e cinco nações que lhe obedeciam, um idioma a mais que o cardeal Mezzofante.

O imperador é, portanto, um consumado poliglota. E aproveita as vantagens que tem sabido auferir para pôr-se ao corrente, pelo seu proprio esforço, de tudo o que se publica na Europa e na America. Livros de ciencia, obras literarias, periodicos, tudo ele devora, tudo ele retem. Eis a prova: algum tempo depois da nossa chegada ao Rio, tivemos a honra, minha esposa e eu, de sermos recebidos por Sua Magestade. Foi na residencia imperial de S. Cristovão que alcançámos apresentar-lhe as nossas respeitosas homenagens.

A galeria coberta onde se achava o imperador estava atulhada de uma multidão de pessoas dos dois

sexos e de diversas raças, que vinham cumprimentar S. M., outras solicitar-lhe algum favor.

Num estrado que dominava a galeria, músicos de todas as nuanças de pele (se não me engano o regente era um mulato) executavam trechos da *Júlia* e da *Filha do Regimento*. O imperador do Brasil é sem dúvida o soberano que se pode abordar mais facilmente. Não o cercam nem guardas pessoais, nem ajudantes de ordens, nem mestres de cerimônias que se coloquem entre ele e seus súditos. A etiqueta teve o bom senso de afastar-se nesse caso, e nem ao menos faz-se preciso levar uma carta de audiência.

Duas vezes por semana, ás quartas-feiras e aos sábados, todo o mundo, sem distinção, é autorizado a atravessar os umbrais da morada imperial. Em S. Cristovão ha tanto eleitos como reclamados.

Espera-se de pé na galeria, e cada um por sua vez, os brasileiros como os estrangeiros, têm facilidade em aproximar-se do imperador.

S. M. estende a sua mão áqueles que manifestaram o desejo de beijá-la, e escuta todas as comunicações que lhe são feitas, com delicada atenção. A galeria de S. Cristovão e a ausencia do ceremonial fizeram-me naturalmente pensar no carvalho de Vincennes, a cuja sombra S. Luiz fazia justiça.

D. Pedro II não costuma julgar como o rei de França, porém acolhe com bondade os pedidos e as queixas dos visitantes, quâisquer que eles sejam. Nesse dia S. M. tinha á mão um maço de papeis que al-

guem lhe trouxera. Pretende-se que d. Pedro leia ele mesmo todas as partes que recebe. Quantos presidentes de tribunais e prefeitos haverá na Europa capazes de fazer o mesmo?

O papel do imperador constitucional nem sempre é agradável, como se vê. Entretanto, oferece certas regalias nada de desdenhar. Assim, essa condescendência de d. Pedro, longe de ser dispensada em pura perda, conquista-lhe mais corações que o luxo das recepções oficiais e o prestígio da vitória.

Afirmarei, nesse proposito, que as festas são raras, muito raras, no palácio imperial. Isso provem da modicidade da lista civil conferida ao "defensor perpetuo do Brasil" e da avidez afrontosa do seu sequito.

Cabe a d. Pedro uma lista civil de 800 contos de réis, ou sejam 2.400.000 francos.

Não se poderá viver principescamente com essa soma, e ainda menos manter abertos os salões de bailes e de festas. Tanto mais que pessoalmente o imperador e a imperatriz são muito caritativos.

Se não me falha a memoria, a ultima festa realizada na côrte data de 1852. Por questões de economia, que no presente se comprehende, houve a ideia de restaurar-se o mobiliario da coroa. Esse mobiliario, seja dito em verdade, estava disso muito necessitado. O restaurador, tipo infelizmente tradicional, não trepidou em atochar de palha, em vez de crina, os canapés e as poltronas. Em seguida apresentou uma conta de des-

pesas superior a 30 contos (90 mil francos), e, tendo-a recebido, repartiu a importancia com diversos individuos do sequito de d. Pedro. Esses ficaram igualmente fieis á tradição e ao imperador, que ao ter conhecimento do delicto deixou-o ficar impune.

Outrora, esse genero de rouba'heira era ousadamente praticado na Europa, nas mesmas esferas superiores. Mau grado o preconceito de nascimento que os separava, cortesãos e fornecedores se entendiam como ladrões de feira para despojar o soberano. O dinheiro reduzia as distancias. Sómmente o duque e o marquês adjudicavam a parte do leão, o que parecia muito natural ao pobre diabo que eles tomavam por cumplice.

Madame de Pompadour, cuja manutenção custou nada menos de 36 milhões á França, teve desejo, certa manhã, de possuir um adereço de diamantes que um joalheiro lhe offerencia por 250 mil libras. A marquesa já era proprietaria de 1.787.000 libras em diamantes e 394.000 libras em joias. Ademais, as caixas publicas estavam esgotadas e os camponeses reduzidos á condição de comer a erva dos campos, os cardos crus e as imundicies. Mas nada disso era razão bastante para demover o novo capricho da Pompadour. Impellido pelo desespero de Luiz XV, o chanceler Chauvelin resolveu vender a couraça que o imperador Soliman presenteara a Francisco I. Essa venda produziu 600 mil libras, das quais o fiel Chauvelin se apropriou de 350 mil por direito não estipulado de

comissão. O judeu que adquiriu a couraça teve ainda um lucro de 100 mil libras. Mas todos ficaram contentes, uma vez que a marquesa obteve o adereço.

Será preciso citar a carruagem que figurou por 30 mil libras nas despesas do mesmo rei Luiz XV e que não valia mais de 5 mil? Quinhentos por cento de beneficio. Bela soma, não acham?

Em que proporções foi feita a partilha dessas 30 mil libras entre o proprietario da carruagem e os seus nobres protectores? E' e que infelizmente a historia deixa de registrar.

O rei não ignorava nenhuma dessas falcaturas.

Como o duque de Choiseul, indignado, lhe propuzesse a demissão de todos esses desbriados, mais ou menos bem collocados, que o exploravam sem recato.

— Quereis então suprimir a côrte? observou Luiz XV.

Será mister acrescentar ao rol a famosa lampaça que custou a Catarina da Russia 1200 libras? É preferivel calar.

Sem duvida, os tres episodios que acabo de referir pertencem ao ultimo seculo. Historia antiga, acreditado. E a frase de Luiz XV, é força confessar, não seria tão exata no presente, ao menos deste lado do Atlantico.

Não é que os modernos cortesãos tenham ganho em moralidade. Deus me guarde de semelhante opinião. A revolução de 89 roubou-lhes certas ilusões, sem, contudo, retificar-lhes as ideias. Se, portan-

to, as suas operações nesse genero de industria são menos audaciosas, é porque, no estado atual dos costumes, a policia correcional lhes parece mais temivel que as censuras do principe, á parte a desgraça que os attingiria.

A julgar por Luiz XV, a côrte do Rio de Janeiro não seria suprimida. Acaba-se de ter a prova. Sómente, após a singular reparação do mobiliario da coroa, nunca mais se dansou nem festejou no palacio de S. Cristovão. Todavia, o soberano não deixou de ser acessivel a todo aquele que pretenda lhe falar.

A galeria de S. Cristovão traz-me ainda á memoria um fato que terminará o esboço do carater verdadeiramente grande e generoso do jovem imperador.

Um official da Legião Italiana em Montevideo, graciosamente acolhido por d. Pedro em 1848, teve a triste coragem de chama-lo "senhor" durante toda a audiencia. Por que ambicionar o prazer de tomar o tempo do imperador do Brasil, para insulta-lo em sua propria casa?

Alguns quiseram explicar a grosseria do processo, alegando ser o official um democrata. Asneira colossal. Outros ainda procuraram defender o intrepido comandante da Legião Italiana. E o absurdo tomou desde então as proporções de odiosa calunia.

Esse cuja valorosa espada vinha de proteger a republica oriental do Uruguai contra as hostes sanguinarias de Rosas, esse que, com recursos insufficientes,

teve a honra, no ano seguinte, de defender Roma contra os primeiros soldados do mundo, comandados por dois generais franceses, esse que dez anos mais tarde devia ser o vencedor de Calatafimi, de Varese, do Volturno, e depois, tendo doado os Estados Napolitanos e a Sicilia a Victor Emmanuel, torna-se em modesto agricultor de Caprera — esse tivera sempre a alma muito nobre para ser insolente ou ridículo. Garibaldi possui em alto grau a consciencia do direito. para não guardar profundamente no seu intimo o sentimento do dever.

Não admito ao exagero as opiniões radicais do official de que se trata. Um democrata, ou não se teria aproximado do imperador, ou se conduziria com decencia em sua presença. Democrata não é, que eu o saiba, sinonimo de impostor ou de tolo.

O que é incontestavel, por exemplo, é que o italiano que ousou chamar "Senhor" ao imperador do Brasil, se não era louco, nem ebrio, não proveu nessa circumstancia ser um homem educado. O que é evidente é que d. Pedro II, não fazendo retirar-se, depois do primeiro insulto, o temerario personagem, ao contrario, tratando-o com a sua costumeira bondade, deu ao official uma lição de alta conveniencia e digna moderação que ele, estou bem certo, soube aproveitar.

Apresentei-me, pois, em companhia de minha esposa, na residencia imperial de S. Cristovão. A galeria esvaziava-se lentamente. A' nossa vez, encaminhámo-nos para o imperador. Cabe aqui um fato que

contem o seu ensinamento, porque confirma a opinião, já varias vezes justificada, que se sustenta no Brasil relativamente á moralidade dos francezes estabelecidos no imperio.

Como me haviam avisado, apresentei previamente a d. Pedro o meu contrato de casamento.

O imperador examinou-o com atenção.

— Expilly? disse ele. Conheço este nome.

— E' sem duvida o de Claude, o comentador de sentenças e primeiro presidente do parlamento do Delfinado?

— Não, não, respondeu d. Pedro como homem que tem confiança na sua memoria.

Eu não podia admitir que se tratava de minha pessoa nesse momento. Repliquei:

— V. M. quer falar então de Alexandre Expilly, deputado pela Bretanha em 89 e o primeiro bispo nomeado por sufragio universal, ou quem sabe, do abade Expilly, meu tio avô, autor do *Dicionario das Galias*, do *Geografo manual*, da *Descrição geografica e historica das Ilhas Britanicas*, do . .

O imperador deteve-se na minha enumeração com o ar um tanto orgulhoso.

— Charles Expilly! Eis o nome que li por baixo de varios folhetins e jornais parisienses. E' o seu, ou de algum de seus parentes?

— Sou forçado a convir que é bem o meu nome esse que V. M. reteve, respondi, justamente maravi-

lhado que um nome tão obscuro em França fosse conhecido do imperador d. Pedro.

— E que veio fazer a este país? perguntou ele. Um literato não tem colocação no Brasil. Contudo, faltam-nos livros de educação. Aprenda o português e fará traduções.

Nesse dia, sem o querer, o imperador infligia-me uma humilhação que eu não fôra buscar a S. Cristovão. Embrutecer-me no officio de tradutor! Calçar as botas de Noël e Chapsal! Meter-me no casaco de M. Lamé-Fleury! Essa é boa. Com sua permissão, Majestade, não seguirei esse conselho.

Prezo-me muito de fabricar fosforos. Essa vulgar occupação, ao menos não me impede de viver com o meu proprio pensamento e de desenvolver a minha intelligencia pelo estudo dos costumes brasileiros.

Minha visita a S. Cristovão tinha por fim submeter ao imperador o projeto de um estabelecimento de utilidade incontestavel, cuja ausencia, mantendo o Brasil na dependencia intellectual dos estrangeiros, provocava e ainda provoca amargas queixas por parte dos cidadãos ciosos do futuro do seu país (3). Quero falar de uma casa de ensino profissional para uso das filhas pobres dos altos funcionarios do imperio.

Essa ideia de uma educação superior, dada sob a immediata e especial fiscalização do Estado, de uma "Escola Normal" destinada ao mesmo tempo a recompensar bons serviços e a garantir melhor sorte ás gerações futuras, tornava-se de real necessidade para

não ser favoravelmente acolhida por um espirito tão judicioso como o do imperador d. Pedro.

O diploma de minha mulher e outros documentos da mesma importancia asseguram manifestamente a sua competencia em semelhante materia. Eis por que ella foi admitida em nova audiencia com o fim de expor o seu plano, no qual se inspirou pela constituição mandada outrora adotar em Saint-Cyr por Madame de Maintenon, porem modificada em um sentido liberal e adaptada ao catater brasileiro. O programma de estudos era o mesmo, pouco mais ou menos, que hoje se emprega na casa de Saint-Denis.

Convicto, cada vez mais, das ideias cuja realização deveria ser uma gloria das mais puras e brillhantes do seu governo, o imperador encarregou minha esposa de um trabalho completo sobre o estabelecimento que se cuidava de fundar.

Mas, ai de mim! sou forçado a declarar que por falta de fundos necessarios á sua execução, esse projeto não passou de projeto (4).

Deixemos aos cabeleireiros e ás modistas o ensejo de fazer bons negocios nesta terra.

Um artista capilar, embora tivesse soffrido em França uma condenação infamante, não occupou o lugar de primeiro barbeiro, e o que causa mais inveja, de confidente do imperador d. Pedro I (5)? Por sua morte, o aludido Figaro deixou fortuna consideravel.

Entre as vendedoras de flores e de fitas da rua do Ouvidor citaram-me uma linda parisiense que pro-

duziu violenta impressão num milionario brasileiro. Infelizmente esse milionario era um negro.

O adorador de Mlle Amanda (não ousamos confessar as suas intenções) mandou fazer á moça propostas de casamento.

Grandes risadas, grande escandalo na loja da modista.

Nunca se viu no Brasil um branco casar-se com uma negra. Por mais forte razão, jamais uma branca consentiu em unir legalmente o seu destino ao de um negro.

Entretanto, um negro que possui um milhão será realmente tão negro como os seus irmãos da Africa?

Mlle Amanda reflectiu nesse caso. E á força de matutar, resolveu negativamente. Uma modista, sobretudo uma modista ambiciosa, tem poucos preconceitos!

Desprezando, pois, as censuras das suas compa-rheiras, a parisiense decidiu-se a aceitar os votos do seu adorador, sem que com isso se afastasse de um ator de uma companhia franceza que ella tinha em grande estima.

A *coquette* rapariga orgulhava-se de sujeitar aos seus caprichos um homem capaz de conferir-lhe um dote de 150.000 francos. Contava com a sua formosura e a sua gentileza para instituir solidamente o seu imperio — um imperio absoluto, no coração que se rojava a seus pés.

Que belos sonhos, Mlle Amanda! Que belos sonhos não te embalaram junto ao teu jovem e indelicado confidente!

Negligentemente instalada em suntuosa vivenda, coberta de sedas e de joias, a ex-modista conseguiu reduzir ao silencio todas as linguas invejosas que afirmavam que o seu luxo exhalava "catinga" — o odor *sui-generis* dos africanos. Animada pela luta, a parisiense mostrava-se radiante de satisfação, soberba de desdem e de insolencia, ao passar no seu carro em frente á sua antiga loja da rua do Ouvidor.

Contudo, pouco a pouco as suas aparições se tornaram mais raras. E afinal ninguem mais a viu.

Soube-se, porcm, que a brutalidade africana, amordaçada por algum tempo, expandiu-se depois livremente.

O milionario tinha pretendido, desposando a modista, que esta deveria conservar para si só os seus doces olhares e os seus sorrisos encantadores. Enciumado do artista e imaginando, com ou sem razão, que esse se limitasse a representar de "primeiro-amoroso", mandou assassina-lo.

Amanda tinha o coração terno da parisiense. Chou a perda do seu confidente, mas entregou-se a outro consolador. Dessa vez, como um verdadeiro negro, o esposo quebrou um braço da sua sensivel "metade", e como Amanda o ameaçasse de colocar-se sob a guarda da lei, ele arrancou-a para fora do Rio e conduziu-a, mau grado as suas lagrimas e os seus protestos, para

uma fazenda do interior. Aí o tigre amoroso não receou que a sua presa lhe fosse arrebatada. Julgava a parisiense sob a sua opressão.

Transportada durante a noite para o meio do deserto, longe de qualquer proteção, Amanda não teve mais que maldizer a sua ambição e os triunfos comprometedores da sua louca vaidade.

Quando o milionario voltou ao Rio, fez constar que sua esposa fôra picada por uma cascavel. Salva do perigo, porem não radicalmente curada, ella soffreu mais tarde as consequencias da absorção do veneno. Leva uma vida miseravel e recusa absolutamente regressar á cidade.

Essa versão não foi por todos aceita.

Alguns, crendo-se bem informados, dão outra explicação á ausencia prolongada da ex-modista. Juram que a rebelde Amanda, longe de confessar-se vencida e de renunciar á luta, tentara interessar na sua vida o feitor da fazenda. Uma tentativa de morte contra o negro forçou-o a desfigurar completamente a sua vingativa companheira.

Tinha-lhe simplesmente cortado o nariz.

Seja lá como for, ninguem mais avistou a trefega parisiense.

Tal a historia da grandeza e da decadencia de uma modista francesa no Rio de Janeiro.

Mas nem todas as vendedoras de fitas e de flores enveredam pelo caminho legal para dar emprego ao seu coração e acumular suas rendas. Mais de uma en-

tre elas, graças aos seus belos olhos e á excessiva coqueteria das francesas, retira-se para a Europa, depois de um exílio de alguns anos, de posse de regular fortuna.

Na Brasi" seguem-se as modas francesas, exagerando-as, já se vê. Os vestidos guarnecidos de babados até á cintura, os chapéus de pompons e plumas, as saias com molas de aço, têm revolucionado as elegantes do imperio. Uma senhora venderia sem hesitar a mucama favorita para adquirir uma *toilette* igual áquella que está na gravura do "Jornal das Costureiras", trazido pelo ultimo paquete.

Mas nem as damas, nem seus maridos, que carregam uma quantidade de joias maciças, são sufficientemente ricos para pagar as lições de um professor competente, que se respeita bastante para não viver a matraquear a sua sabedoria.

O proprio Estado, fracamente preocupado com a moralização das almas por mais forte cultura de espirito, e mediocrementemente impellido a semear os campos do futuro, o Estado, como tivemos occasião de constatar, não encontra dinheiro para fundar uma casa de instrução profissional para moças.

A necessidade de formarem-se mulheres amáveis e instruidas não se faz ainda sentir no imperio sul-americano. Em compensação, aí se nutre a ambição de possuir artistas indigenas.

Criar os Rubini, Raquel, Talma, Duprez, Malibran, em seguida os Meyerbeer, Rossini, Auber, Hé-

rold, e mais ainda, os Ticiano, Velásquez, Rembrandt, Cellini, Miguel Angelo, tal é o sonho de alguns homens cujo patriotismo, um tanto misturado de inveja, não está na altura de sua intelligencia.

São homens que se propoem reconstruir a obra abortada de d. João VI.

Hoje a Academia de Belas Artes existe, sem duvida, pois que mantem nove professores e custa ao Estado (exercicio de 1861-62) 102.970 francos.

Pode-se, todavia, afirmar que ela vive? Esta opinião me parece ao menos imprudente, quando se sabe que em 1858 não havia na Academia mais de tres alunos.

Por certo, a Academia estava bem enferma nessa epoca. Pode-se mesmo prever a sua extinção, porquanto os seus amigos mais dedicados, como os seus devotos mais fervorosos, supplicavam a M. Biard presidisse a instalação de um estabelecimento destinado a substitui-la. Designo aqui, para esse fim, a Sociedade Propagadora das Belas Artes.

Os sinapismos e as tisanas das concorrencias conseguiriam salvar a agonizante? Ninguem o pode garantir. A agonia dura sempre, e se a Academia de Belas Artes dá uma vez por ano sinal de vida, esses sinais não são visiveis senão na coluna de despesas do ministerio do interior.

Por exemplo, os nove professores não deixam de beber o leite que lhes oferece generosamente a teta do orçamento. Mas, abandonada pelo genio das artes,

apesar de todos os seus apelos desesperados, a pobre enferma continua a não ter mais que uma existencia oficial, isto é, ficticia. O rumor que se faz em torno dela não ilude senão aos espiritos superficiais.

Quanto ás apparencias de saude de que a Academia se reveste por momentos, fazem pensar nessas convulsões nervosas que produz a ação do galvanismo animal. A pilha de Volta tem aqui o nome de subvenção governamental.

Depois dessa infeliz Academia, que não vive realmente a não ser no "relatorio" do ministro do imperio, citaremos o Conservatorio de Musica, reorganizado por um decreto de 1855, cuja despesa ordinaria monta annualmente á modesta soma de 13 500 francos, e ainda outro estabelecimento fantastico, decorado com o titulo pomposo de Conservatorio Dramatico.

Todas essas instituições, força é convir, não são mais que pepineiras de artistas.

Embaraçar-me-ia muito ter de citar aqui alguns nomes illustres escolhidos entre os cantores, as cantoras, os compositores de musica, os escultores, os pintores do imperio.

A nobre familia artistica é representada no Brasil por um ator de certo merito cujo trabalho recorda, com algum exagero, o de Fréderick Lemaitre. E' João Caetano dos Santos.

O senhor Caetano é um capitão dramatico de bella apparencia. Sai do comum nos papeis de efeitos vio-

lentos, como os de d. Cesar de Bazan, Ruy Blas e Lagardère. Os brasileiros têm orgulho do seu artista, e M. Legouvé saberá provavelmente com prazer que o preconceito que impede Samson de ser nomeado cavalheiro da Legião de Honra não tem curso no Brasil. O ator Caetano, tão desopilante na *Gargalhada* de J. Arago, é comendador da ordem de Cristo. Ademais, figura no orçamento do ministerio do interior (1861-62) com uma pensão que excede á soma respeitavel de 106.600 francos.

Como explicar que num país onde o merito indigena é tão bem recompensado os artistas escasseiem assombrosamente?

O brasileiro é dotado de imaginação viva e tambem de uma vaidade imponderavel. De tudo quer saber. E, com effeito, tudo saberia, se se pudesse aprender sem estudar.

Nove professores para instruir tres alumnos!

Este fato dispensa comentarios e esclarece sufficientemente a razão por que, ha alguns anos, o Brasil experimenta a necessidade de erigir em uma das suas praças, o largo do Paço, a estatua equestre de d. Pedro I, que foi esculpida por um francês, M. Louis Rochet.

Depois da estatua do pai, o Brasil deveria possuir o retrato do filho. Esse retrato de d. Pedro II vimos figurar na ultima Exposição. Quem assinava essa tela? M. Biard. Ainda um francês!

Encomendando obras de certa importancia a estrangeiros, o governo imperial proclamou oficialmente a incapacidade dos artistas nacionais.

Eis uma conclusão bem triste, não ha duvida. Ela é, porém, logica, e alem disso confirma a opinião emitida acima relativamente á raridade das vocações artisticas no Brasil.

Admitindo que hajam adquirido a concepção do belo, isto é, do verdadeiro, os senhores e as senhoras se apaixonam facilmente por “estrelas”, artistas de nossos cafés-concertos, que executam, a boca em forma de coração, os romances sentimentais de M. Arnaud.

Por seu lado, os *dilettanti* do genero maduro prodigalizam contos de réis e adereços de diamantes a cantoras de idade avançada que a cena francesa já expulsou á custa de surriadas (6).

Em cambio, a sociedade brasileira, amante do ruido e do deslumbramento, desdenha o merito serio e digno. Prefere os charlatães dos dois sexos — antigos cabotinos em disponibilidade, cavalheiros de industria escurraçados da Europa, filhas de porteiras desclassificadas, criadas de quarto ambiciosas que vêm iniciar-se nos principios da boa linguagem e na polca dos salões.

O comércio, mesmo aquele dos sorrisos e das vozes arreganhadas, occupa o primeiro plano entre as diversas industrias que podem exercer os emigrantes.

Aos olhos dos brasileiros todos os negociantes se equivalem, sera exceção dos agiotas e dos vendedores de escravos. As especulações sobre os círculos conjuradores, os sonetos bajulatorios e o soldado de Mindelo parecem-lhes tão honrosos como o trafico da seda, das bananas e das agulhas.

Não esqueçamos de dizer: semelhante apreciação é racional num povo de consumidores, num povo de comedores, como ele mesmo se chama, e que tudo deve ao commercio; num povo que, por falta de fabricas e de literatura nacionais, recebe da Europa e dos Estados Unidos, em troca do seu café, das suas pedras preciosas e do seu algodão, os vestuarios de que se cobre, o vinho que bebe, o trigo de que se nutre, os moveis luxuosos que ornam as suas moradas, os livros que lhe comunicam as conquistas da industria, os progressos das artes, as ideias generosas dos nossos philosophos, e até mesmo os romances e os *vaudevilles* que lhe revelam, divertindo-o, os costumes elegantes de uma civilização mais avançada (7).

Por que motivo os brasileiros teriam estabelecido distincções a proposito do maior ou menor valor dos objetos que se lhes vendem, uma vez que cada um desses objetos representa para eles uma soma de confortos que até então lhes faltava?

Foi meu dever expor as considerações que precedem áqueles que não fazem nenhuma ideia do commercio tal qual se pratica nas colonias, sobretudo nos países novos que, destinados a um porvir magnifico,

como o Brasil, não podem trabalhar utilmente no seu progressivo desenvolvimento, senão com o concurso das forças ativas da velha Europa.

No Brasil, repetiremos, não se consegue fazer fortuna senão pelo commercio, e ainda mais quando é um moralista do imperio o primeiro a afirmar que “não existem profissões ociosas, e sim pessoas ociosas”.

O leitor se espantará menos, quando souber que sou diretor de uma fabrica de fosforos.

Um antigo advogado de Tolosa havia estabelecido, antes da nossa chegada, uma fabrica dos mesmos productos. Afim de cercar os interesses de uma concorrência ruínosa para ambas as partes. Nausier entendeu-se com o velho caudico, que outra coisa não queria, e que dos fosforos passou á exploração dos charutos.

Desde esse dia, não mais tivemos nenhuma rivalidade importante a recear e a nossa marca “fosforos inalteraveis” foi a unica reclamada no mercado. Segundo a pretensiosa expressão do meu socio, possuíamos o privilegio exclusivo de “distribuir a luz aos habitantes do Rio”. Não ousarei acrescentar — “que tinham bastante necessidade dela.”

O desdem de minha esposa pela nossa modesta industria dissipou-se completamente diante dos resultados obtidos. A excelente filosofia de Nausier tinha feito um adepto da minha nervosa companheira.

— Que importa, com effeito, que se alcance a fortuna pelos fosforos ou pela sêda? Nossos negocios vão bem, é quanto basta.

Foi tambem minha essa opinião.

Todavia, a ambição de meu primo estava longe de satisfazer-se. Nausier havia angariado relações no sul, desde Santos até á fronteira da Banda Oriental. Os clientes dos nossos artigos “Paris” tornaram-se, depois de uma dupla expedição, os tributarios da fabrica. Os nesses fosforos haviam conquistado alto renome. Pela qualidade, pela modicidade do preço, era totalmente impossivel uma concorrência estrangeira.

O successo alcançado era grande. Mas Nausier pertencia a essa raça infatigave' que pensa nada ter feito enquanto resta alguma coisa a fazer. E eis que se lhe mete na cabeça fornecer ao norte, do mesmo modo que já se havia fornecido ás provincias meridionais. Esse Alexandre do fosforo quis reinar igualmente no mercado de S. Pedro do Sul e no da Baía.

Com o seu plano amadurecido, entra ele uma tarde em minha casa, e sem mais preambulo pergunta-me se eu teria vontade de fazer uma viagem ás regiões do equador.

Minha mulher, soffrendo ainda dessa molestia cruel produzida pela terrivel combinação da humidade e do calor, que no Rio ataca a todas as europeias, pôs-se a gritar, pensando no isolamento em que eu a deixaria.

— Aonde quer o senhor mandar meu marido? perguntou.

— A algumas centenas de leguas — na Baía, respondeu Nausier. Essa viagem, que o afasta momentaneamente do Rio, dizimado a esta hora pela febre amarela, deve abrir-nos horizontes novos e criar relações importantes. E' necessario que seu esposo a empreenda. De resto, se as coisas marcham como espero, a sua ausencia não se prolongará por mais de um mês e ele prestará assinalado serviço á nossa casa.

O projeto de Nausier me agradava bastante. Além de curta visita a Pernambuco, eu não conhecia do Brasil mais que o Rio de Janeiro e seus arredores, cenário muito restrito para um homem que se propunha publicar suas impressões. Baía, a antiga residência dos vice-reis, prometia-me revelações interessantes: S. Jorge dos Ilheus, a primeira cidade de certo vulto fundada no Brasil, tão assolada pelas hordas indomáveis dos aimorés ou gherins, reservava-me por certo emocionantes tradições.

Como se vê, a perspectiva do lucro, um lucro intelectual, tentava-me sobremodo, e eu já bendizia os fosforos, que permitiam enriquecer as minhas notas de novos documentos. O comerciante dominava a situação, era verdade, mas abria caminho ao escritor. Nenhum governo me subvencionava. Nem eu era bastante rico para viajar á minha custa, pelo meu unico prazer. Graças ao nosso humilde ramo de negocio, eu poderia visitar curiosas localidades, ver, instruir-

me e acumular desse modo, servindo ao nosso estabelecimento, abundante provisão de impressões.

— Vivam os fosforos! Estou á tua disposição, digo a Nausier.

E cada qual mete mãos á obra.

O telheiro enche-se de movimento e ruido. A roda circular cada manhã vibra o seu silvo agudo. Os fornos acendem-se. O enxofre, a cola, o vermelhão misturam-se na caldeira. Os nossos operarios, estimulados por um aumento de salario, empenham-se em rachar as pranchas de pinho. O centra-mestre, sempre melancolico, vai mergulhando os palitos na massa. Os senhores-moços apartam-n'os e empacotam-n'os. As *ciganas* (boemias) não cessam de atulhar a *chacara*, trazendo nos chales e nos trapos milhares de caixas que acabam de fabricar.

E ninguem esmorece, durante um mês, enquanto reina o excesso de trabalho. O supplemento de provisão se avoluma cada dia. Os escaninhos da sala de jantar regorgitam de pacotes oblongos. Altas e espessas pilhas se acumulam no quarto dos operarios. O telheiro está atravancado. Nausier afina, enche as caixas. Depois de as ter fechado cuidadosamente, falla transportar para a sumaca "Os Dois Anjos", que se deve fazer de vela dentro de tres dias para a antiga cidade de S. Salvador, tocando em Vitoria e S. Jorge dos Ilheus.

Quanto a mim, encarrego-me de ir ao *Consulado* (8) e de regularizar os meus negocios com essa administração.

Certa manhã, eu regressava com a minha patente de exportação, do buraco humido que servia de escritório. Ao meio da rua de S. Pedro um enterro impediu-me a passagem. As listras de *ouro* que atravessavam o fundo *vermelho* do caixão e a farda dos cocheiros a cavalo indicaram-me que se tratava de um funeral de criança.

Uma fisiologia deve encarar sob todos os seus aspectos morais a questão que se propõe desenvolver. Ora, os funerais representam um lado da vida das nações. Pertencem, portanto, ao meu assunto. O estudo dos costumes brasileiros em face da morte talvez ofereça algum interesse ao leitor.

Como acabei de declarar, as listras de *ouro* do caixão assinalavam um feretro de criança. E' que aqui as dimensões do esquife, a sua cor, a distancia entre as listras, têm um sentido convencional, preciso: determinam a idade, o estado e o sexo das que elas encerram.

As tabuas funebres são pintadas de cor clara, *o lilaz*, para o caso de uma moça de vinte a vinte e cinco anos. Para um homem ou uma mulher, assim como para um viuvo, o fundo é *amarelo* listrado de *preto*. Mas nesse particular ainda existe uma diferença notavel na distancia das listras pretas entre si. Essa distancia é de *um palmo* para as mulheres e de *dois dedos* para os homens.

Coloca-se enfim a criança de pouca idade em um caixão *vermelho* listrado de *ouro*.

Tudo isso é symbolico, comprehende-se.

A tonalidade *lilaz*, menos denunciante que a cor branca da coroa de flores de laranjeira, deve recordar o pensamento indeciso, velado, ingenuo ainda da moça. Isso, não me posso impedir de o dizer, me parece uma lisonja arriscada e justamente suspeita.

Aos vinte anos, e mesmo aos vinte e cinco, as jovens criaturas, entre nós, têm evidentemente sonhos lilazes. Mas, no entanto, através os delirios desses sonhos, apparecem horizontes luminosos onde se emolduram figuras claramente desenhadas. O amor, quem o ignora? tem sempre o seu papel nas quimeras como nos sonhos das moças europeias.

Poder-se-á crer que dos vinte aos vinte e cinco anos o coração da brasileira não possua ainda o seu ideal de felicidade?

Será crível que, sob o sol abrasador dos tropicos, com as lições perniciosas das escravas e a profunda ignorancia que corrompe todo o seu ser moral, a moça do imperio não tenha senão desejos vagos e que a sua imaginação, esvoaçando pelo azul do ceu, longe da realidade da vida, não acompanhe senão a forma vaporosa das nuvens?

Isso é que não! Será preciso desconhecer os ardores imperiosos que circulam com o sangue nas arterias para admitir que tais naturezas, impacientes e precoces (nubeis aos dez anos), alimentem, durante as horas desocupadas do dia e durante as noites esplendidamente estreladas, sonhos lilazes.

Essas moças, que o sr. Adet nos mostrou, piscando os olhos na igreja, distraíndo-se, quando sabem escrever, em correspondências amorosas, apreciam demasiado as rosas rubras e soberbas para se satisfazerem com o tom palido e ingenuo do sentimento.

E' preciso não esquecer que a padroeira por excellencia desse país tão pouco povoado é Nossa Senhora da Conceição, que a lei brasileira, seriamente preocupada com o preceito divino *Crescite et multiplicamini*, outorga os mesmos direitos aos filhos legitimos e aos bastardos reconhecidos, e enfim, que não constitue offensa perguntar-se se tem filhos a uma moça que vive no seio da sua familia.

No capitulo dedicado á familia daremos explicações sobre a pureza de costumes que a escravatura fatalmente produz.

As listras de ouro dos esquifes mortuarios simbolizam melhor, a meu ver, a inconciencia da pequena criatura que a morte acaba de roubar. O fundo amarello, seja o defunto homem ou mulher, tende a despertar ideias pouco conformes á gravidade das circumstancias. Sem intervir a religião, podemos sustentar que é sempre de muito mau gosto pilheriar diante de um tumulo.

Agora, para que essa differença na colocação das listras negras? A cor preta é no Brasil, como em França, sinal de luto, de miseria e de dôr. A distancia entre as listras, que é de palmo para as mulheres e de dois dedos para os homens, serve para caracterizar o

destino causado pelo casamento a cada um dos conjuges.

Neste caso, as listras negras, mais numerosas no caixão do esposo, indicariam que o seu quinhão de penas na vida do casal foi maior que o da esposa.

Deram-me ainda outra explicação sobre a colocação das listras negras. Mais unidas no ataude do marido, elas asseguram que maior soma de infortunios, daí por diante, será o quinhão da esposa, devido á ausencia de seu protector. A morte da mulher não produz para o marido consequencias tão desastrosas. Não deixa ao sobrevivente senão um peso doloroso em proporção ás suas forças. Ser-lhe-á possivel sobrepujar o desgosto, e a separação cruel não o condenará por certo a lagrimas eternas.

A presença do homem é mais necessaria á comunidade que a da mulher. Tal é o ensinamento que resultaria neste caso do intervalo deixado problematicamente entre as tiras negras sobre o fundo amarello do caixão.

No Brasil, como entre nós, os enterros fornecem ás familias occasião de satisfazer uma vaidade piedosa.

Seis cocheiros seguiam a cavallo o ataude da pobre criança. Suas fardas vermelhas e as abas negras das casacas davam a entender á multidão boquiaberta, da qual eu fazia parte, que se tratava de um prestito de primeira classe, por consequencia, a fortuna dos pais estava ao nivel do seu desespero.

Não acho explicação, confesso, para a casaca es-carlate dos cocheiros. Tão pouco, não comprendo nas pompas funebres o singular uniforme que vestia o laçao do bispo do Rio de Janeiro no dia em que esse prelado oficiava na igreja do largo de S. Francisco.

Sem duvida, aquella vestimenta é a das grandes ocasiões. Consiste em uma jaqueta de hussardo (soldado de cavalaria) e um gibão com pêlo de carneiro na gola e nos punhos.

Um soldado negro, com a cabeça e os pés nus, agarrado á trazeira da carruagem do bispo, é coisa que só se vê no Brasil.

Direi o mesmo dos tais cocheiros vestidos de encarnado.

Segue-se uma fila de carros repletos de homens de luvas brancas, trazendo á mão um lenço de batista.

Não ha muito tempo, os funerais das pessoas de alta categoria eram feitos á noite, á luz das tochas. O morto, vestido com o habito da irmandade a que pertencia, ficava exposto com o rosto descoberto. Se ele tivesse sido membro da ordem de Cristo, o corpo desapareceria debaixo de um simulacro de armadura e o catafalco seria ornado com as insignias da ordem, celebre em outros tempos, sucessora da ordem dos Templarios. Em lugar do monotono fagote, reservado aos enterros vulgares, o orgão acompanharia o serviço funebre. E se a classe do defunto o autorizasse, uma esplendida orchestra executaria uma missa.

As exequias mais importantes, de eterna memoria para os seus contemporaneos, foram as da imperatriz Leopoldina, no tempo do louco empreendimento de d. Pedro I contra a provincia Cisplatina.

A jovem soberana estava gravida. A sua saude, profundamente abalada por desgostos domesticos, fazia pressentir desenlace fatal. Com efeito, apagou-se lentamente, em meio das lamentações indignadas do povo. Ainda á ultima hora a infeliz senhora fôra perseguida pela voz imperiosa da marquesa de Santos, e morreu perdoando o marido obcecado e ausente.

Essa morte, que provocou acusações terriveis, foi seguida da quasi loucura do barão de Inhomirim (Vicente Navarro, de raça judia, primeiro medico do paço). Essa desgraça, cuja causa para muitos brasileiros se envolverá nas dobras de um misterio, pesará todo o sempre, perante a historia, sobre a memoria de d. Pedro I.

Chegara o dia dos funerais. A procissão pôs-se a caminho, durante a noite, á luz das tochas. Sete altares erguiam-se na varanda do palacio, onde outros tantos padres celebravam. Todas as ruas marcadas pelo itinerario apresentavam uma dupla fila de monges e ecclesiasticos. Ás 11 horas, o cortejo atingiu o convento da Ajuda. Aí o corpo foi recebido pelas religiosas, que o depositaram não num tumulo, porém num canapé. Nesse momento teve lugar uma cerimonia lugubre, oriunda dos costumes da Idade-Média,

antigamente praticada por ocasião da morte dos soberanos de Portugal.

O corpo de d. Leopoldina, vestido de habitos reais, foi exposto em uma capela ardente. A mão da imperatriz ficou a descoberto e todos os officiais da sua casa, todos os dignitarios do imperio, aproximaram-se para a beijar. Pela ultima vez, sem duvida, foi esse ceremonial, herança dos tempos feudais, observado pela côrte do Rio de Janeiro, pois que o uso do beija-mão fôra abolido desde a elevação de d. Pedro II.

Nessa epoca os funerais dos infantes realizavam-se no Brasil com pompas desconhecidas para as outras nações. Todo o carater funebre, todo o motivo de dôr apagava-se diante da ideia consoladora de uma felicidade eterna que começava. O anjo querido, rodeado de grinaldas de flores, era deitado ao fundo de um caixão forrado de sêda e envolto em panos bordados. Levavam-no a um mosteiro, que dava para um jardim cuidadosamente tratado e cheio de canteiros alegres. O corpo repousava assim entre cravos e rosas, enquanto a alma partia em demanda da morada celeste.

As igrejas serviam então de sepulcros.

Cada familia abastada possuia, não um simples carneiro, porém suntuosos jazigos que recebiam os despojos.

Contaram-me a esse respeito um episodio singular.

Uma jovem mulher, que fôra casada seis anos e ha cinco enviudara, não tinha senão uma filhinha a quem dedicava todo o afeto. Essa criança, cujas vontades tão depressa apareciam como eram realizadas, tinha naturalmente um genio insuportavel. Seu avô, o membro da familia que mais a amimava, recusou-se um dia a satisfazer-lhe um capricho extravagante. A pequena despota queria um coco, mas exigia que o proprio avô o fosse colher na arvore. E teimava nesse intento. Não conseguindo o que idealizara, teve tal acesso de colera, seguido de violentas convulsões, que terminaram por uma prostração completa. O corpo ficou insensivel. O coração cessou de bater. Esse estado durou mais de vinte e quatro horas. O pulso, continuando a não acusar nenhuma pulsação, fez com que o medico pronunciasse a horrivel sentença. A criança deixara de existir.

Adivinha-se o desespero da mãe, que não queria admitir que a filha tivesse morrido. Consentiu, porem, que a colocassem em um ataude todo forrado de rosas. Mas quando se preparavam para o levar, ela agarrou-se ao caixão funebre, dando gritos de animal feroz.

Não se prolongou essa luta por muito tempo. A pobre senhora perdera os sentidos. Aproveitaram-se então do seu desmaio para arrebatá-lhe a filha.

Ao voltar a si, ela lembrou-se do ocorrido. Não vendo a pequena, reclamou-a com insistencia.

— Levaram a Nhandã (9) para a igreja, respondeu o avô, que á força de chorar já não tinha mais lagrimas.

A mãe ergueu-se num impeto.

— Vão enterrar minha filha e ela não está morta! Juro que ela não morreu! repetia, dirigindo-se para a porta.

Aí foi segura por dois negros que, por ordem do velho, a conduziram ao leito.

Louca por momentos, a infeliz comprehendeu que qualquer resistencia seria inutil. Estendeu-se na cama e parecia dormir. A noite veio. A moça não fazia um movimento. Com a saúde alterada, pois velara á cabeceira da menina por mais de vinte e quatro horas, a natureza reclamava seus direitos.

O velho foi deitar-se. Não ficou perto da mãe senão a mucama que amamentara a criança.

Isso não era mais que uma lugubre comedia.

Logo que o silencio dominou a casa, a senhora sentou-se. Percebeu a criada abaixada a seus pés. Os olhos das duas encontraram-se. As almas comprehendiram-se.

— Vamos salvar Nhandã, murmurou a mãe.

— Varios, repetiu a escrava.

Quando o ancião, que repousara um pouco, quis assegurar-se de que a filha ainda dormia, encontrou o quarto deserto. Correu ao sitio onde occultara a chave da sepultura: ela desaparecera.

— Desgraçada! Está na igreja, exclamou ele.

E acompanhado por um negro, foi lá ter.

Com difficuldade conseguiu penetrar no templo. Mas no Brasil, como em toda a parte, o dinheire abre todas as portas.

Assim, o velho deparou a filha reclinada junto a um esquite vazio. A criança tinha sido retirada do seu leito de morte e a mãe a embalava ao colo, sussurrando-lhe as mais ternas palavras. Dalias e rosas tapetavam o chão

Era uma cena dolorosa. O bom homem, apesar de mal se suster nas pernas, tão forte era a sua emoção, forçava todos os meios para convencer a filha de o seguir. Receava, com razão, as perturbações profundas que em geral produzem as ideias fixas.

Todas as tentativas foram vãs.

— Os medicos são uns ignorantes e uns assassinos! gritava a pobre senhora. Nhanhã está apenas adormecida. Nhanhã não morreu. Vai despertar com os beijos da mamãe.

O velho, temendo mais que nunca que dessa contemplação proviesse a loucura, quis então arrastar a moça, que o negro em vão tentava desprender da criança.

— Maria, a mim! Maria, a mim! bradava a mãe, tomada de extrema exaltação.

— Cachorro! proferiu a mucama.

E enterrou as unhas na cara do escravo. A cena, já por demais emocionante, dobrara de intensidade. O preto, por sua vez, não largava a sua presa. Embra-

ra o sangue lhe corresse pelas faces, continuava a executar as ordens do senhor. De repente, recua espavorido e cai de joelhos.

— Nanhã! Nanhã! rosna com voz horrenda, estendendo as mãos para a frente.

A criança acabava, com efeito, de abrir os olhos e sorria á mãe, estreitando-a pelo pescoço.

A moça estava transfigurada. Tinha um ar radiante, triunfal, indescrivível, quando exclamou:

— Eu tinha a certeza de que Nanhã não estava morta! E mesmo que o estivesse, a Santa Virgem ma restituiria.

A pequena fóra acometida de um ataque de catalepsia

A ciência ter-se-ia enganado, mas o amor maternal não se deixara iludir.

Foi ele que salvou a criança.

Não obstante, no dia seguinte toda a gente comentava o milagre. Não houve quem não se convenesse de que a menina estremeceu na sua mortalha ao contacto ardente dos labios de sua mãe. A alma desta chamou de novo á terra, com permissão de Deus, aquela alminha que já esvoaçava nos ceus.

Como Lazaro, Nanhã acabava de ressuscitar.

Esse acontecimento, que produziu nesse tempo a mais viva impressão em todos os espiritos, não impediu de se apreciar os inconvenientes do sistema de inumação nas igrejas.

Hoje o Rio de Janeiro possui dois cemiterios retirados, fora da cidade: um no caminho de Catumbi, outro na extremidade da baía, no lugar chamado Bacupariú ou Broco.

O cemiterio dos Ingleses está ainda intramuros

No Brasil, repito, mais que entre nós, o amor-próprio representa importante papel nos enterros.

Cada qual ambiciona transformar os funerais em exequias e muita vez os vivos se arruinam para enterrar dignamente os mortos. Cabe aqui uma observação que não deixa de ser notavel. Essa usança bizarra foi necessariamente transmitida aos brasileiros pelos portuguezes, que por sua vez a recolheram dos escravos da costa occidental.

O dr. Livingstone ensina-nos, em verdade, que “a grande ambição dos angolezes é fazer funerais pomposos em memoria daquelles que amam. As despesas ocasionadas nesses momentos são tão fortes que levam muitos anos para serem saldadas”.

Cito aqui textualmente as palavras do viajante inglês.

O negro, vingando-se do branco, que o oprime, inocula-lhe os seus vicios, os seus ridiculos, as suas superstições. Nada mais natural.

E' lei que ja assinalámos a corrupção entre o dono e os escravos.

Ha no Rio desfiles de carruagens, em cortejos funebres, que duram uma meia hora. Vi passar mui-

tos, da minha janela de Rotafogo, que fica a caminho do Broco.

Uma manhã, pude contar até 125 veículos, entre carruagens e seges de praça e de aluguel, no funeral de um homem que havia exercido elevadas funções no reinado de d. João VI.

A família, que solicitara ao culto todas as suas pompas, endividara-se para prestar ao chefe extinto honras funebres na altura do seu antigo cargo. Nesse dia, ela pôde evocar as opulencias passadas, embriagando-se por algumas horas com o incenso queimado ao seu care defunto.

O' vaidade das vaidades!

Seis meses depois do enterro a família teve de vender dois antigos e dedicados escravos para pagar todo o espalhafato que se fizera em torno do feretro do ex-official de d. João VI.

Os angolezes (é ainda o dr. Livingstone quem no-lo conta) transformam em dinheiro, nessas ocasiões, tudo quanto possuem. Os que não têm nem dentes de elefantes nem escravos desfazem-se de seus porcos e galinhas afim de homenagear do melhor modo possível o parente ou amigo que perderam. Uns arruinam-se inteiramente, outros endividam-se por alguns anos.

Nesse ponto os brasileiros copiam os negros de Angola

A escravatura transplantou para o imperio sul-americano os costumes da Africa.

Assim, inspirando-se nos hábitos e tradições dos negros, portuguezes e brasileiros deveriam ter adotado a legislação tão racional que regulariza o estado civil das crianças nascidas de uma escrava e de um homem livre, nas tribus de Cabo Lopez. Semelhante imitação ao menos lhes faria honra, atenuando os efeitos de abominavel opressão. Falaremos a tempo, em lugar oportuno, dessa legislação que entre populações idólatras e ignorantes consagra o direito e a justiça, no caso em que as nações catolicas, com pretensões a civilizadas, violem systematicamente, quer um, quer outro desses principios.

Resta-nos mencionar que nessas festas da morte falta sempre á numerosa assistencia esse contrito recolhimento que as circumstancias exigem. Uns sacodem femininamente os seus lenços bordados. Outros conversam alto sobre negocios como judeus em sinagogas. Por varias vezes, vi cigarros acesos nos carros de acompanhamento. Durante o trajeto da igreja ao cemiterio, trocam-se cumprimentos e sorrisos com as senhoras que se acotovelam ás janelas, que gesticulam e se debruçam afim de se fazerem notar, se o defunto era personagem de importancia como, entre nós, em noites de primeiras representações. Em resumo, a não ser a vestimenta, nada mais ha de severo nesses homens, que mais parece irem a passeio do que a um enterro.

O desfile dos carros durava ainda, quando um braço se apoiou familiarmente sobre o meu ombro.

Virci-me logo.

Um senhor de cabelos de fogo, marcado de variola, estava á minha frente, e antes de qualquer explicação saltou-me ao pescoço pronunciando o meu nome.

— Oh! fez ele. Sou Justino Fruchot, o “esquilo de Ardenes”, teu companheiro da casa de Coutant. Enquanto admiravas o belo traje escarlata dos cocheiros, eu te considerava com atenção. Eis um acaso singular, não é verdade? Não esperavas este encontro a tres mil leguas da nossa cara patria. Nem eu, tão pouco.

Tal reconhecimento, após uma separação de vinte anos, era realmente extraordinario.

Fruchot, que apelidaramos o “esquilo de Ardenes” por causa do lugar de seu nascimento (ele era de Mezières) e da cor da sua espessa cabeleira, era dantes um rapaz jovial, franco e ocioso. O que se chama em estilo de collegio — um “cronico”. Mas bom camarada. Por exemplo, tinha pela musica uma devoção particular e tocava passavelmente o violino. A comunhão de gostos unira-nos então por estreita amizade.

A versão grega e os discursos latinos não possuíam mais encanto para ele do que para mim. Devorámos os romances de Victor Hugo e mesmo os de Paulo de Kock, que introduzimos na classe. Aprendiamos de cór e declamavamos com entusiasmo os versos de Farruck-le Maure, e enfim, a Torre de Nes-

le havia-nos sugerido um melodrama em oito atos e seis quadros que nos devia abrir o caminho da gl'oria e da fortuna.

Que é feito de vós, felizes tempos das primeiras ilusões?

Quando eu pensaria encontrar o meu amigo e colaborador, tal o havia deixado no dia em que o censor de Charlemagne nos condenou a copiar 200 versos de Virgilio por termos tomado parte em uma insurreição contra o professor de latim? Não ha senão pedantes, seja dito de passagem, capazes de inventar semelhantes punições. Impotentes para corrigir, alienizar temperamentos rebeldes ou exasperações, esses castigos não podem produzir senão efeitos desastrosos sobre as jovens mentalidades a que são infligidos.

Terminavamos então o nosso ano de retórica.

No ano seguinte, Fruchot e eu separámo-nos sem chegarmos a ver em cena o nosso famoso melodrama. Desde então, nunca mais nos avistámos.

Agora, eis que o acaso nos coloca de repente em presença um do outro, na terra de exilio que escolhemos.

Esse encontro era realmente prodigioso. Eu não cabia em mim de contentamento, ao apertar a mão de um dos meus mais caros companheiros. Como era natural, as confidencias não tardaram.

(1) *Le Brésil tel qu'il est*. E. Dentu, editor, 1862.

(2) Eis a lista completa desses infelizes artistas contratados pelo marquês de Marialva, então embaixador de Por-

tugal em França: A. Taunay, membro do Instituto; Augusto Taunay, seu irmão, escultor; Debret, pintor de historia; Grandjean de Montigny, arquiteto; Simon Pradier, gravador; François Ovide, professor de mecanica; François Bourepos, auxiliar de Taunay, e os dois irmãos Ferrez.

(3) "Estamos habituados até, por vergonha nossa, a instruirmo-nos pelas cabeças do estrangeiro". Censor — "A Ordem", Pernambuco, 11 de fevereiro de 1863.

(4) Sempre desconfiei que o nesso insucesso, certamente incompreensível, depois da aprovação do imperador á nossa proposta e dos cumprimentos dirigidos por d. Pedro á minha esposa, a proposito da missão de que ele a incumbira, pudesse ter outra causa. Essa causa é bem singular para não ser assinalada. Nove mezes — dia a dia — após a nossa apresentação a Sua Majestade, ainda nos achavamos em S. Cristovão. D. Pedro, que durante esse intervalo havia solicitado informações nossas a Bruxelas e a Paris, deu-nos a conhecer que essas informações tinham chegado e eram bastante satisfatorias.

— Mas, ajuntou o imperador, como se explica que não haja sinal do diploma nos registros da universidade de França?

Constatei então o numero consideravel de intrigantes e de trapaceiros de toda a sorte que a emigração europeia espalha pelas terras do imperio, causando uma desconfiança natural dos brasileiros para com os estrangeiros. Compreende-se, pois, o doloroso espanto que nos empolgou á vista dessa reflexão de d. Pedro II. O relatório incompleto, por consequencia desfavoravel a nós, do representante do imperador em Paris teria despertado duvidas aborrecidas no espirito do monarca brasileiro? Se a autenticidade do diploma fôra contestada, tambem o podia ter sido a do contrato de casamento, bem como a dos outros titulos que estabeleciam peremptoriamente a nossa honorabilidade e a nossa competencia. "Não

ha sinal de diploma nos registros da universidade de França” — eis o que ousaram escrever ao imperador d. Pedro. Ignoro a fonte onde o ministro do Brasil foi colher os informes que enviou ao seu soberano. Todavia posso afirmar que ele não se dirigiu aonde os pudesse obter exatos, precisos, officiais, em suma. Se o ministro nunca se encontra no Hotel de Ville, e se quiser ter nessa questão a consciencia limpa, não terá mais que compulsar o registro dos exames para o ano de 1839. Detendo-se na data de 14 de abril, adquirirá a prova irrecusavel de que o diploma referido nada tem de fantastico. Os sinais, para ele invisiveis até esse dia, apparecerão nitidamente a seus olhos, e ele poderá, se o julgar conveniente, retificar o primeiro relatorio que enviou a d. Pedro. Infelizmente não parece haver grande interesse nessa retificação. Falámos do imperador com uma segurança respeitosa, porquanto não será mister dissimular que nas circumstancias em que nos encontramos a nossa honra está em jogo, como a nossa fortuna. Encarreguei-me, pois, de fazer apresentar a S. M. o certificado universitario da admissão de minha mulher, bem como a copia da nota dogiosa que acompanha o seu nome.

— As suas explicações me satisfazem, disse graciosamente o imperador. O meu ministro não as procurou no Hotel de Ville. Eis a questão.

Pensavamos que haviamos ganho a partida. E ela estava perdida e bem perdida. A que ponto leva o destino dos individuos e mesmo dos imperios! *Majora a minimis*. Se é justa a minha apreciação, é porque o representante do imperador d. Pedro em Paris talvez ignore que o Brasil ainda não possui uma casa de ensino superior, e assim vimos dissiparem-se as esperanças de uma brilhante posição.

(5) Francisco Gomes da Silva, por alcunha o Chalaça, amigo e *fac-totum* do imperador d. Pedro I. (Nota do tradutor).

(6) Referimo-nos aqui particularmente a Madame Rosina Stolz, cujas vaias vingadoras de Lyon e as ainda mais energicas de Paris não modificaram a reputação de cantora eminente. Após a cena de violencia, de raiva, de lenço estçalhado a dentes, de desafio lançado á orquestra, que assinalou a representação de *Robert Bruce*, Madame Stolz, repelida pelo publico da Opera, arranjou um contrato em Lisboa e outro no Rio de Janeiro, onde chegou em abril de 1852. Aí, o que me desgosta duplamente pelos brasileiros, ella obteve ruidoso successo, do mesmo modo que uma pobre cantora de romances chamada Mlle Favrichon. E' verdade — e nada mais logico — que nesse mesmo teatro Provisorio a cabala não deixou cantar Mme Steffanone, contratada depois pelos italianos de Paris como prima-dona. Mme Stolz representou em *Semiramis*, *Romeu e Julieta*, *Barbeiro de Sevilha* e *Favorita*. Nessa ultima peça, o papel de Leonor, interpretado ás avessas, valeu-lhe uma ovação entusiastica como nunca tiveram, na cena europeia, a Pasta, a Malibran, a Falconi, a Garcia, a Cruvelli, etc., etc. O seguinte merece ser contado. Todo o mundo reteve, no quarto ato da *Favorita*, a magnifica frase musical que acompanha estas palavras:

E' o meu sonho perdido
que irradia e me embriaga.

Essa frase divina, que exprime tão bem, no momento da reconciliação suprema, o estado de uma alma purificada pelo amor, e que se sente encantada — como S. Paulo, até ao terceiro ceu, Mme Stolz desvirtuou a seu bel-prazer. Longe de a cantar com essa doçura comovida que lhe incutiu Donizetti e que Mme Borghi-Mamo traduziu admiravelmente, ella prejudicou com o grito rouco da fera, no lance furioso de paixão sensual. A terna Leonor, que a ventura domina, foi por ella transformada numia Violetta (a Traviata) arquejante sob o aguilhão de desejos insaciaveis. Pois bem, é com magoa que se verifica neste lado do Atlantico que esses

acentos brutais, essa pantomima de epileptica eletrizara um publico mais acessivel ás impressões violentas do que sensivel ás delicadezas da arte. O successo de Mme Stolz foi completo. As flores e as coroas cruzavam-se no ar antes de cair a seus pés. As mulheres, faces em fogo, seios arfantes, atiravam á cantora seus ramalhetes e seus lenços. (Por que seus lenços?). Os homens gritavam á porfia e sapateavam nos camarotes, batendo as mãos com frenesi. A italiana Seria ou Celina, que substituiu a pobre Sara nas afeições de Mme Stolz, desmaiou de emoção no fim da festa. Observamos, com desgosto, sem duvida, mas resolutamente, porque quisemos apreciar o nivel musical da alta sociedade do Rio de Janeiro, que os defeitos que na Europa causaram a queda de Mme Stolz lhe valeram, nessa circumstancia, os aplausos quiçá sinceros dos brasileiros. Nessa noite Mme Stolz pôde acreditar-se uma grande artista. Suspeito, porém, que essa manifestação extraordinaria a tenha consolado dos assobios conquistados em Paris e Lyon. O imperador d. Pedro enviou-lhe, no dia seguinte ao da representação, um colar de finas perolas, ornado de uma cruz de diamantes, do preço de 4:500\$000 (13.500.fr.). Esse fato confirma manifestamente que se pode ser um sabio notavel ou um politico profundo e não se ter, entretanto, senão uma preocupação incompleta das leis da harmonia. Ha no mundo imenses, sublimes genios — Víctor Hugo, por exemplo — que ficam insensíveis ao encanto da musica. Mme Stolz recebeu ainda de S. M. a imperatriz um bracelete de brilhantes avaliado em dois contos de réis, sejam 6 mil francos. Esse ato de real munificencia, produzindo-se em condições identicas, demonstra ainda que se pode ao mesmo tempo ser uma graciosa soberana, uma mulher amavel e distinta, e nutrir em questões de arte uma opinião bastante discutivel. E afim de que nada faltasse a essa opulenta colheita de glorias e de dádivas, as damas da cidade ofereceram-lhe uma coroa de louros dourados com

uma estrela de brilhantes ao topo, fechada atrás por um nó de diamantes que se retirava á vontade e então podia servir de broche. Valendo tudo 4:600\$000 (14 mil francos). O que prova afinal que o gesto e o sentimento não se desenvolvem nunca pelo fabrico de confeitos, o commercio de escravos e o manejamento do chicote. Não será indiferente saber como a citada cantora agradeceu a tanta generosidade. Apesar de uma promessa formal, inserta nos jornais, Mme Stolz deixou o Rio sem dar uma representação em beneficio dos Orfãos de Santa Teresa (Praia Vermelha), nem uma outra representação, igualmente prometida, em proveito da Sociedade de Beneficencia Francesa. Assim como Mlle Raquel, a embriaguez do triunfo vos fez esquecer, madame, quanto consolo se contém, nas horas sombrias da existencia, na lembrança de uma boa ação! Uma recordação desse genero acalenta e estimula a alma. Produz sobre ella o mesmo effeito que um raio de sol sobre o corpo. Não me atrevo a perguntar-vos se os contos e os diamantes que trouxestes de Portugal e do Brasil serão bastantes para vos tornar mais feliz, fazendo-vos mais rica? Foi porque Mme Stolz se recusou a pagar a sua divida de reconhecimento vindo em auxilio da Infancia e da Desgraça, que julguei dever registrar estas linhas.

(7) "Estamos habituados, pela impericia, pelo vicio dos nossos governantes, a comer, a beber, a vestir pela mão do estrangeiro". "A Ordem", Pernambuco, 11 de fevereiro de 1863

(8) Consulado é o nome da administração que registra os direitos que o Brasil impõe aos seus productos. Um decreto de 23 de março de 1858 reduzia esses direitos a dois por cento: boa, excelente medida tomada por um governo intelligente, que comprehende que o acrescimo da receita deve ser calculado, não pela elevação das tarifas, mas pela criação de novas extrações.

(9) Nhenhê, nhenhã, é o *baby* dos ingleses. Não possuímos sinonimo em trançês.

CAPITULO II

Os martires da civilização. O Corveio Geral. Trombones e Saxofones. Como um artista de talento se transforma em corretor de mercadorias.

O destino de Fruchot lembra-me uma ideia preconcebida, acariciada na America, e que me tem preocupado varias vezes depois da minha volta á Europa.

Realizar-se-ia esse projeto pela publicação de um livro tão curioso quanto instrutivo (um estudo de costumes como ainda não existe), que seria a critica nua e crua de nosso estado social, dessa civilização altiva, jatanciosa, materialista, impiedosa, que tanto nos orgulha a nós outros europeus.

Não se trata senão de contar a historia de todas as decepções, de todas as miserias, de todas as baixezas, de todas as vergonhas, de todos os crimes, que certas organizações devem fatalmente suportar, antes que o desespero as leve ao exterminio ou ás longinquas plagas do exilio.

Intitular-se-ia essa obra: *Os martires da civilização.*

Oh! se as cidades e as solidões intertropicais nos quisessem revelar as lugubres confidencias que lhes

fazem, cada dia, os proscritos voluntarios do velho mundo!

Oh! se as planicies calcinadas do deserto consentissem em trair, para nosso assombro, os segredos terriveis dessas victimas do amor, do interesse, da politica, da ambição, que lhes vêm pedir o esquecimento do passado!

Por minha parte, deparei muitas dores acerbadas, muitos sofrimentos profundos, muitas existencias desoladas, do outro lado do Oceano. Descobri muitas feridas incuraveis. Ouvei tambem lamentaveis descrições nas horas de abatimento que succedem ás de agitação, muitas vezes estereis, da vida de aventuras.

Certo, creio-me autorizado a dizê-lo: não se supõe, na Europa, o numero de infelizes que o choque das paixões e o antagonismo dos interesses atirou no meio dum concerto de maldições e soluços, sobre as margens banhadas pelo oceano Indico.

Não quero aqui falar dessa classe, de resto tão interessante, dos desherdados da fortuna, dos parias da nossa orgulhosa organização social que, depois de esforços encarniçados, mas infructiferos, expatriam-se para não morrerem á fome. Trabalhadores extremados, a quem o espectro da miséria aterroriza, vão procurar em latitudes inclementes, porém menos povoadas, o lugar que a velha Europa lhes recusa, a parte do sol a que têm direito todas as criaturas de Deus.

Para mais forte razão, não penso, reunindo muitas observações, nessas aves de rapina, cavalheiros de

industria, nesses falidos desbriados, sacerdotes do trafico imoral, em todos esses seres venenosos, em uma palavra, que a lei desacreditou e que, desesperando de fazer novas trapaças em seu país, transportam para outros ceus a sua industria suspeita.

São numerosos, sem duvida, os tarados que se aventuram ás terras intertropicais na intenção de aí explorar todas as vergonhas, todas as concupiscencias, todas as necessidades, todos os instintos, todos os preconceitos, todas as virtudes, todos os vicios.

Todavia, esses fibusteiros, que anotei no frontispicio de outro livro, não merecem figurar no novo estudo que empreendi.

Entre os velhacos e os infelizes, vulgares mas honrados, que acabam de entrar no assunto, collocase uma categoria de individuos mais nobres, mais simpaticos tambem. Trata-se de um grupo especial de lutadores vencidos, que, forçados igualmente pelas circumstancias a desertar da arena onde correu o mais puro de seu sangue, vão pedir ás regiões transatlânticas um pouco de ar e de luz. Vivedores arruinados, que o espirito rebelde e aventureiro solicita. Inteligencias inquietas, timidas e atormentadas, que um trabalho esteri. esgotou no seio da sombra e do silencio, e a quem repugna instalar-se afrontosamente, como o charlatanismo, á face do sol. Naturezas independentes, orgulhosas, misticas, embaídas em suas esperanças e revoltadas pelo constante triunfo da injustiça. Corações devastados por alguma horri-

vel traição, despedaçados pelo mais covarde, mais implacável dos egoísmos — o egoísmo fraternal, mas contudo orgulhosos demais para aceitar uma piedade injuriosa.

Todos, fugindo de uma terra madrasta, vêm procurar do outro lado dos mares o X misterioso que contém o segredo do seu destino. Pois bem. No meio dessas almas amortecidas, porém não desencorajadas, não é raro encontrarem-se individualidades notáveis. São aquelas cujos erros — ou pecados, se o quiserem — procedem duma necessidade irresistível de interrogar a vida, e as quais, avidas de conhecimentos, esgotaram de um só trago a taça de todos os embriagamentos terrestres.

As pessoas de ordem e de costumes regulares têm-nos apontado esses jovens sequiosos de emoções sempre novas e cuja curiosidade ardente os arrastava á perdição.

Somos de opinião que não se deve julgar com demasiado rigor organizações excepcionais, cujas qualidades e defeitos as levam igualmente através de caminhos extravagantes até ao termo fatal — a expiação!

E', sobretudo, neste caso que a expiação será fecunda. Têm-no demonstrado os acontecimentos de cada dia.

Acontece frequentemente, em Paris, que um filho de família, levando a vida á redea solta e jogando, ainda na vespera, o ouro pelas janelas, desaparece de repente, arrastado por um tufão invisível.

Não é mais avistado nas primeiras representações, nem nas corridas, nem nos recantos da moda. É evidente que ele já não está em Paris. Para onde foi então? Sua ultima amante ignora-o inteiramente. Seus amigos, ou antes seus companheiros de prazer, não estão melhor informados. O caso começa a agravar-se.

Seu alfaiate mesmo não sabe o que lhe aconteceu. É isso que dá á brusca desapareição do viverdor um carater inquietante.

Uns pretendem que ele fôra esconder no fundo de um principado, ou em algum canto perfumado da Italia, uma felicidade que prefere ficar incognita,

Até que enfim!

Mas, nestas circumstancias, por que desconfiar de seu alfaiate a ponto de não lhe deixar o endereço? Traja-se a gente com menos elegancia, simplesmente porque está amando? Seria grande tolice. Uma sobrecasaca de Carlsruhe e um colete de Como jamais substituiriam, a um elegante inteligente, o colete e a sobrecasaca cortados por tesouras parisienses.

Outros prenunciam coisas sinistras. O rapaz está arruinado! Fugiu, só o diabo sabe para onde.

Como, segundo as ideias correntes, não se fica eternamente amoroso, a segunda explicação prevalece. A ausencia prolongada do fugitivo é plenamente justificada por uma bancarrota sem saída.

Quem sabe então, ter-se-ia suicidado?

Talvez, o que seria cem vezes peor, se tenha feito tabelião ou professor de grego. .

Um mês depois da partida, o esquecimento completou sua obra.

O moço está bem morto para a boemia galante, de que era o oraculo e o modelo.

Esvaziaram-se alguns copos em sua lembrança

Epicharis e Mamilia desfolharam, cada um por sua vez, um ramo de flores sobre a sua mesa, e Trimalcion cantou duas coplas que se referiam a Anacreonte e Epicuro.

Como vêem, a oração funebre nada deixa a desejar.

Mas as rosas são mortalha tão leve!

Dois anos, dez anos, vinte anos depois, o fo'gazão tão alegremente enterrado ressuscita de repente, como havia desaparecido.

A fama informa á Europa que um intrepido aventureiro outrora bem conhecido nos camarins dos teatrinhos e no Jockey-Club trabalha para reconstituir o imperio dos aztecas; ou antes, que depois de ter esposado a filha do Grande-Chefe, fez-se rei, por sua vez, num arquipelago do oceano Indico.

Na mór parte, é verdade, as gazetas não se occupam mais dele, e o ex-viajante fica para sempre no fundo do tumulto que o esquecimento lhe cavou. Mas os turistas que percorrem o mundo encontram-no muitas vezes nos pincaros dos Andes ou numa garganta do Himalaia; perto da cachoeira do Zambe-

se, ou talvez no seio das solidões inexploradas da America. Aqui, comerciando, caçando, medindo terras: alem, general de um despota asiatico ou primeiro ministro de um potentado africano: por toda parte, traçando com um machado de pioneiro, com uma espada de soldado, um caminho á civilização.

As nobres, as generosas fadigas do presente, resgataram o passado e fecundaram o futuro.

E' que o homem de valor real não se entrega, quando tudo, homens e coisas, o abandona, e que dentro do fisico frivolo de viverdor bate um coração forte e valente, que, em geral, não se conhece a si mesmo.

Seja como for, o aspecto medonho da miseria que aterroriza os fracos e os covardes revelara em sua alma uma energia indomavel. Ao som do sino que anunciava a sua ruina, ele se retesou sobre as pernas e afivelou o cinturão.

Longe de perder tempo com lastimas e prantos inuteis, o gozador accitou corajosamente a luta e mergulhou na escola da adversidade.

O oceano cortou-lhe a vida ao meio, estabelecendo como que uma barreira intransponivel entre o passado e o futuro. O antigo homem não existe mais, na verdade. Então, foi na terra do exilio que a sua possante individualidade recebeu inteiramente a revelação do papel que lhe estava reservado. Desde esse instante os seus desejos, como as suas ideias e os seus sentimentos, tomaram outra direção.

A seiva exuberante que eles espalhavam negligentemente, até então, nos celeiros aridos do prazer, semeou germens desconhecidos.

Essa audacia energica, essa atividade absorvente, que não encontravam senão um alimento enganador no seio da nossa velha sociedade, desenvolveram-se nas novas condições de existencia que se lhe apresentavam. Na generosa expansão de seu amor, esses espiritos regenerados não sonham senão em fundar imperios, emancipar nações, esclarecendo-as, civilizar o deserto, tudo pela felicidade e pela gloria maxima da humanidade.

Eis como o antigo ocioso conseguiu ser o chefe de uma dinastia real, sacerdote de uma religião nova, conquistando e legislando.

Aqui ele amolda os caracteres até então indomáveis dos Araucans e recebe das tribus reunidas uma autoridade que elas recusaram constantemente aos vice-reis espanhóis e aos presidentes da republica chilena. Lá, á frente de uma tropa de audazes aventureiros como ele, combate e vence os soldados regulares do Mexico.

Na vespera de conquistar a Sonora e de se formar um reino nessa velha colonia espanhola, ele foi fuzilado como traidor e corsario.

Alhures perseguiu a realização de uma utopia bizarra, mas essencialmente humanitaria, acostumando negros escravos aos usos e costumes provençais.

Sobre as margens do rio dos Ilheus, enfim, o ex-goza-dor inspira-se em Bentham, o utilitario, em Owen, o racionalista, em Jacques Harrington, que tem por pai o chanceller Tomas Morus e por avô o divino Platão. Compõe um código engenhoso, tratando da emancipação dos escravos e da regeneração da raça negra.

Devo, porém, deter-me aqui, para não dispersar por antecipação o assunto de publicações futuras.

Os *Martires da Civilização* estão sendo anunciados. Eles aparecerão por certo. Então, respeitando escrupulosamente a verdade, poderei traçar, nas descrições dramaticas, a dolorosa historia da emigração.

Esse livro, curioso entre todos, conterà (se é que comprehendi bem o alcance filosofico da primeira á ultima pagina) uma lição severa.

Voltemos ao meu antigo camarada de Charlemagne.

No momento em que o cortejo funebre lhe havia, a ele tambem, impedido o caminho, Fruchot seguia para os Correios, onde havia, segundo lhe disseram, uma carta com o seu endereço. A febre amarela fazia-lhe um medo horrivel, e ele decidia-se a deixar momentaneamente o Rio. Daí a razão da sua pressa em ir buscar a carta, cujo conteúdo lhe devia permitir fixar a época da partida.

Tudo vinha a proposito. Perguntei-lhe se queria embarcar comigo para a Baía.

— Conto justamente dirigir-me para o norte, respondeu, porque tenho alguns negocios em S. Jorge dos Ilheus. Mas vamos antes aos Correios.

A probabilidade de ter Fruchot como companheiro de viagem agradou-me bastante.

Todo entregue ao prazer desse encontro inesperado, eu não cessava de questionar o meu antigo collega a respeito da sua posição. Ao perguntar-lhe se era feliz:

— Claro! exclamou ele. Tanto quanto possível ao homem neste mundo.

— Estás rico, então?

Fruchot sacudiu desdenhosamente os ombros.

— Muito bem, repliquei. Teus olhos incendiaram o coração de alguma mulher indolente. Afortunado mortal! És amado!

— Sim. Tenho motivo para o crer, disse Fruchot, sorrindo.

Pareceu-me que o meu amigo não era de todo isento de fatuidade.

Seu rosto, furado como um crivo e emoldurado de espesso e abundante pêlo fulvo, todo arrepiado, acabava de regozijar-se com essas palavras, que eu não pude deixar de achar improprias. Seus olhos, protegidos por sobranceiras e pestanas quasi brancas, cerraram-se um pouco sob a pressão de um pensamento feliz. Assim ele me olhou, com a cabeça inclinada para o lado esquerdo, os labios entreabertos, a mão levemente metida no bolso do colete, como um he-

roi alçado sobre um pedestal que tem piedade do popular que passa á sua frente.

Confesso que essa pose me revoltou e não pude perdoar ao “Esquilo das Ardennes” uma tal presunção.

— Mas, disse-lhe em tom gracejador, não estás tão absorvido pela tua felicidade para que não te ocupes um pouco dos miseráveis. O amor não te impede de pensar na febre amarela e...

Ele interrompeu-me com um gesto magnifico.

— Tenho medo da febre amarela. Mas não é por mim Treino por dias que me são caros. Eis por que desejo afastar-me do Rio.

Sua voz estava alterada ao proferir tais palavras. Decididamente Justino não afetava. Era verdadeiro na sua alegria orgulhosa como nos seus receios.

Ignoro se ele adivinhou a natureza da minha primeira impressão. Recomeçou, porém, em tom mais modesto, como se quisesse ser perdoado dessa superioridade que a felicidade nos traz.

— Sabes, por acaso, se já não sofri bastante na Europa? Deus devia-me uma compensação. Deu-ma enfim. Oh! E' singular a minha historia. Terás occasião de ver a minha duquesa bronzçada, a valente, a bela, a corajosa Manuela, filha do sol ardente! A proposito, ha quanto tempo habitas o Brasil? perguntou-me bruscamente.

— Ha dois anos.

— Muito bem. Os tolos preconceitos que existem aqui não conseguiram desviar tua razão nem falsificar teu julgamento. Verás então a Manuela e saberás dizer-me se algum dia beleza mais severa e mais grandiosa surgiu diante dos teus olhos.

E pôs-se a declamar estes versos portugueses: “Seus cabelos negros fazem-nos perder geralmente a ideia de que os cabelos louros possam ainda ser belos. Ela tem a cor morena do amor. Seus traços são tão suaves que a neve quereria mudar de cor, para imitá-la.”

Meus ouvidos já haviam escutado essa harmonia, porque as rimas citadas por Fruchot eram das mais emocionantes e mais poeticas deixadas por Camões (1).

Ele continuou:

— Endechas do Homero português. Eu acrescento que os seus cantos nunca foram tão doces, nem mesmo quando ele celebrava Catarina de Ataíde, causa inocente de todos os seus males.

Em vão procurava lembrar-me do nome da mulher que com tanta felicidade inspirara o poeta.

— Tu a verás, digo-te eu. E avistando-a, todas as estancias de Camões virão á tua memoria; porque todas podem ser applicadas áquella que amo. Dir-se-ia que o poeta soldado a conhecera ha trezentos anos, tal semelhança tem o seu retrato.

Chegavamos então em frente aos Correios. Entrámos. Aproveitarei a occasião para dedicar algumas linhas a este estabelecimento.

Desejaria muito dizer que o local da administração dos Correios é um monumento consideravel, e que o serviço aí se faz com a regularidade e a actividade intelligente a que estamos habituados na Europa.

A verdade obriga-me, porém, a applicar outra linguagem

O edificio dos Correios, no Rio, está longe de oferecer o aspecto grave que apresenta o da rua Jean-Jacques-Rousseau. Compõe-se simplesmente de uma sala baixa, dividida ao comprido por uma mesa, sobre a qual está empilhada, em confusão, a correspondencia trazida pelos navios de todos os pontos do globo. Contra a parede acham-se igualmente encostadas estantes grosseiras, cheias de embrulhos e de cartas. A' esquerda, lê-se em um cartaz: *Correio do Norte*. A' direita: *Correio do Sul*. Depois, ao fundo, uma pequena mesa onde se instalam o senhor director e dois empregados.

Um tapamento de madeira, com uma porta que se abre á vontade, interpõe-se ás mesas e aos visitantes. Eis, em quatro linhas, uma descrição completa do departamento dos Correios do Rio de Janeiro.

Tratemos agora da forma de serviço usada para a distribuição das cartas.

Os despachos trazidos pelas malas inglesas são colocados á parte, sobre as mesas laterais, enquanto que os papéis expedidos por outra via são lançados descuidosamente sobre a grande mesa do centro, onde não tardam a confundir-se com os demais. Os

grandes armazens comerciais recebem muito regularmente a sua correspondencia, sobretudo os que a mandam buscar por um caixeiro e os que, mais providentes ainda, têm o cuidado de a fazer endereçar ao consulado do seu país. Não acontece o mesmo com os infelizes — e são tão numerosos — cujos correspondentes europeus, por economia, confiam as suas cartas a navios mercantes. O paquete inglês exige 1 fr. 50. na partida e outro tanto na chegada, para cada pacote de um peso determinado, que ele recebe para transportar (2). Ora, tres francos ja representam dinheiro, e a maior parte das pessoas opinam pelo mais barato, isto é, empregam o auxilio dos navios de comercio.

Para os exilados dessa ultima categoria, o carteiro é quasi um mito. Não têm, pois, que estranhar se se passarem semanas e meses do dia em que a carta que esperam tão impacientemente lhes deveria ter chegado ás mãos. Que fiquem contentes por serem bem servidos, porque muitas vezes o papel, cuja remessa já lhe foi annunciada, escapou á vista do empregado. E' então um amigo que se encarrega de avisar o destinatario que um pacote, encontrado por acaso, solicita sua visita ao correio nacional.

Em caso de reclamação, eis o que se passa: o funcionario subalterno remexe açodadamente os montes de papel expostos diante dele, e de ordinario, depois de rapido exame, declara sem fundamento a reclamação.

Isto é muito simples. Descubra-se agora uma carta no meio de uma embrulhada de outras cartas de todos os formatos, de todas as grossuras, que não estão nem classificadas, nem empilhadas em ordem, e com indicações de procedencia. E' tão difficil procurar um alfinete no meio de mil outros como um nome entre todos esses nomes russos, francezes, inglezes, belgas, espanhois, portuguezes, que se misturam no meio da poeira dessa extraordinaria Cafarnaum de fraternais cotoveladas.

Compreende-se logo quanto é penoso o trabalho do empregado, e, não obstante, quão numerosas são as decepções.

Apesar do vivo desejo de termos noticias das pessoas queridas, cuja lembrança nos segue á terra do exilio, não se ousa acusar esse funcionario, se ele não nos remete a carta cuja existencia conhecemos, mas para ele invisivel.

Felizes aqueles cuja apresentação o predispõe a seu favor, e para quem se abrem as barreiras que obstruem a entrada dessa *sanctum sanctorum*.

Fruchot e eu tivemos essa sorte.

— Eis os despachos do norte. Eis os do sul. Procurem, disse-nos o digno burocrata.

Aqui se apresenta um abuso dos mais graves, que não me furto a assinalar.

Cada privilegiado consegue então o direito de investigar o montão de papeis e de sondar a sua misteriosa profundidade. Nada de verificação, nada de

vigilância nesse arido trabalho. Todas as cartas passam diante de vossos olhos e nada vos impediria de meter no bolso aquella que desejais, se tivésseis, com a consciência complacente, algum interesse em cometer uma subtração. Nenhuma garantia vos é concedida pela administração dos Correios e a desordem no serviço não poderia ir além.

Digamos bem alto: é aqui, sobretudo, que uma reforma radical se torna necessaria, e que seria mister substituir por uma organização severa o atrazado serviço portuguezs.

E os brasileiros pensam que acompanham o seculo!

Hoje, o Rio é iluminado a gás, é verdade. E' verdade tambem que se projeta um duplo caminho de ferro. As ruas, porém, continuam a ser verdadeiros precipicios; o campo da Aclamação não deixa de ser um antro de infecções, e as cartas são votadas ao abandono num local muito proprio, sem duvida, para uma venda, porém indigno de servir de sede a uma administração publica de tal importancia.

Ao cabo de uma hora e vinte minutos de pesquisa obstinada, de relógio em punho, tivemos a sorte de desenterrar o objeto de nossas investigações. A carta, vinda de São Jorge por um navio a vela, esperava ha dois meses que o destinatario a viesse reclamar! Seu conteudo era o que almejava Fruchot.

— Agora, disse ele, nada mais se opõe a que eu deixe o Rio contigo. Acompanhar-te-ei a São Jorge.

Uma vez decidido que Fruchot faria a travessia conosco, é meu dever apresenta-lo oficialmente ás pessoas que encetaram a leitura deste livro.

A historia de meu amigo divide-se necessariamente em duas partes. A primeira, envolvendo os factos que determinaram a sua partida para a America, não tem direito a figurar neste lugar. Sómente a segunda compete á minha narração.

Declaro-o, por conseguinte, para que a imaginação do leitor, justamente excitada pelas observações que me inspiraram os *Martires da Civilização*, não se perca, por sua vez. O "Esquilo das Ardennes" não pertence nem á categoria dos Reformadores, nem ao grupo dos Conquistadores. Não foi, tão pouco, talhado para brandir a espada do Pioneiro. E' uma natureza ardente, porém meiga e capaz de todos os devota-mentos; no entanto, excessivamente impressionavel e facil de se melindrar. Fruchot deve ser classificado entre os corações bravos e ternos de que falei acima, que a traição de um amigo de infancia amorteceu e que o egoismo fraternal despedaçou.

Era uma vitima da familia.

Era tambem um martir da arte.

Depois de muitas atribulações e provas corajosamente suportadas, o meu antigo camarada de Charlemagne dirigira um ultimo adeus a uma civilização impiedosa, no seio da qual não encontrava emprego ás suas raras faculdades musicais, e que o deixava morrer a fome.

Desclassificado na Europa, Fruchot obedeceu, ele também, á corrente que arrasta os espiritos inquietos e aventureiros a plagas longinquas. Havia já cinco anos que o exilado procurava no Brasil o segredo do seu destino.

Esta segunda parte da sua existencia merece ser contada. Ela apresenta contraste curioso, mostrando a civilização, na sua manifestação mais elevada — a arte, perdida no meio de uma sociedade escravocrata.

O ensinamento decorre naturalmente desse antagonismo.

Abandonando a Europa, mãe madrasta para ele, Fruchot nela deixara as suas brilhantes esperanças de artista.

Ainda bem que se resolvera renunciar á gloria, porque no Brasil, é sabido, a musica, a pintura e as letras não dão, aos que se dedicam sinceramente, nem fortuna, nem renome. Era, no entanto, necessario viver.

Fruchot resolveu dar lições de piano.

Um anuncio, que fez inserir nas duas folhas de maior circulação do Rio — o “Jornal do Comercio” e o “Mercantil”, proporcionou-lhe dois discipulos a dois mil réis. Em França isso representaria seis francos, na realidade o terço dessa cifra em um país onde o commercio atribue o mesmo valor a um bilhete de mil réis e a um de um franco.

Fruchot sabia já que no Rio o preço habitual era de cinco mil réis. Certos professores de merito mui-

to contestavel faziam-se mesmo pagar a dez, quinze e vinte mil réis. O seu orgulho revoltou-se, pois, diante do oferecimento inferior que lhe faziam.

— Eu não sou professor que faça abatimentos, observou ele secamente.

E mandou passear os dois discipulos.

Um segundo anuncio trouxe á sua casa um senhor de certa idade, que depois de muitos cumprimentos, entrou no assunto:

— O senhor, que é professor de musica e francês, deve conhecer um instrumento de invenção recente, que se chama saxofone.

— Conheço, respondeu Fruchot.

— Ah! muito bem. E' verdade que o saxofone, menos pesado e menos incomodo que o trombone, emite sons mais energicos e de melhor sonoridade?

— E' verdade.

— E que por isso as bandas militares em França o adotaram?

— Tambem é verdade.

O brasileiro, evidentemente satisfeito com as suas informações, recomeçou, com um sorriso de confiança:

— Um mestre illustre como o senhor não se incomodaria de dar lições de saxofone?

O honesto Fruchot hesitou um pouco antes de responder. Julgava-se vitima de uma mistificação. Essa predileção pelo saxofone parecia-lhe singular, quando se poderia aprender o violino ou o piano.

Em todo o caso, acabou por pensar que a escravidão autorizava os gostos mais bizarros e respondeu afirmativamente á pergunta que acabava de lhe ser dirigida, com a ideia, em todo o caso, de que o seu trabalho seria convenientemente retribuido.

— Oh! Isto não vale nada! observou, com um pigarro, o visitante. E expôs as suas condições.

Um seu genro, mestre-escola em Paratí (município da comarca de Angra dos Reis, na provincia do Rio de Janeiro), tinha necessidade de um auxiliar para a exploração da sua industria. Ele vinha então, de sua parte, propor-lhe ser seu socio. Fruchot daria lições de musica e de saxofone, enquanto o pedagogo continuaria a professar as matematicas, a gramatica, a geografia e a historia.

— A população dessa comarca, declarou o brasileiro, é boa, afavel para com os estrangeiros, sobretudo com os franceses. Mas tem pouco dinheiro. Os pais dos discipulos pagam aos mestres em generos alimenticios, tais como: feijão, farinha de mandioca, lentilhas, bananas, etc. Meu genro está longe de consumir tudo quanto recebe. Por isso cede-me o excedente, que costumo vender com as minhas proprias colheitas, mediante uma comissão minima de 6%. Assim ele realiza, no fim do anno, uma pequena renda. Os seus esforços, unidos aos deie, farão prosperar o estabelecimento e, como ele, o senhor pode contar comigo para a troca em dinheiro das mercadorias trazidas pelas familias.

Essa perspectiva de unir ao ensino do saxofone o commercio de feijão e bananas não seduziu o meu camarada. Agradeceu, porém, mas recusou peremptoriamente as generosas vantagens que lhe eram offerecidas.

O brasileiro mostrou-se muito admirado.

Na sua opinião, como, aliás, na opinião dos seus compatriotas, os francezes que desembarcam nas terras do Imperio são geralmente famintos, dispostos a fazer tudo e prontos a aceitar para viver toda a especie de condições. Com essa ideia, o sogro do pedagogo não podia senão difficilmente admitir que um francês, desembarcado de novo, recusasse propostas tão vantajosas. Não obstante, comprehendeu a evidencia dos fatos, mas não se considerou vencido, tentando tocar noutra corda.

— O senhor não é casado, presumo eu?

A um sinal de Fruchot, continuou com malicioso sorriso:

— Nesse caso, eu me permitiria fazer-lhe uma humilde apresentação. Paratí é um municipio conhecido pela doçura do seu clima e pela beleza das suas mulheres. Um francês, professor de saxofone, será aí recebido com entusiasmo, embora a sua barba e os seus cabelos não fossem da mesma côr dos de Cristo. O senhor não terá que escolher entre as moças mais diligentes e agradaveis; e dentro em breve um rico casamento seria a recompensa da sua permanencia entre nós.

Vejam até que ponto pode chegar a arte maldita da adulação!

Essa comparação entre a côr da barba de Cristo e a de Fruchot não lhes parece sublime no genero?

Evidentemente, a obsequiosidade baixa e vil não poderia ir mais longe.

Com o seu desejo ilimitado de levar agua, ou antes, farinha ao moinho do genro, o proprietario de Paratí não reparava mesmo que estava a se contradizer sobre o ponto essencial. Já que a população da comarca era pouco endinheirada (como ele o declarou espontaneamente), os herdeiros ricos deveriam naturalmente ser ráros.

Fruchot, a quem essa contradição não havia escapado, perguntou de novo se os brasileiros não se ririam dele. Esse gosto grotesco pelo saxofone intrigava-o. Afinal acabou rindo-se diante do impudente bajulador. Este perdeu um pouco de animo, mas não abandonou a partida. Mudando um pouco de tom e tomando uns ares de bonachão, embora um pouco misterioso:

— Eu quero confessar-lhe tudo, disse ele. O municipio que confina com Paratí chama-se Mangaratiba. Aí vive um tocador de trombone — um alemão heretico, de que o povo se orgulha, por servir de pretexto para humilhar as populações vizinhas. Imagine que para melhor nos insultar, os habitantes de Mangaratiba fazem seus filhos aprender trombone. Não ha dez dias, uma serenata de trombone foi oferecida

a uma moça de Mangaratiba, casada com um rapaz de Paratí. Esta serenata durou uma parte da noite. Durante muitas horas, a mocidade do municipio vizinho insultou impunemente a nossa com o barulho espalhafatoso dos seus instrumentos. O ultraje chegou-nos ao fundo da alma; porém tivemos de engulilo calados, visto não possuímos nenhum professor de musica em Paratí, apenas alguns modestos violões..

Desde que o seu anuncio appareceu, o nosso conselho municipal reuniu-se para deliberar. O subdelegado, o juiz de paz, o mestre-escola foram chamados para dar opinião. Uma resolução foi tomada por unanimidade. Um francês, professor de piano e violino, não poderia ignorar o saxofone. Por isso, mandaram-me ao Rio com plenos poderes para convence-lo a ir a Paratí. Compreenda portanto. Trata-se da honra do nosso municipio, da nossa propria honra, para não mais ficarmos expostos, sem nos podermos vingar, das excursões noturnas dos trombones de Mangaratiba.

O alemão arriará o pavilhão diante do francês, e ficará com o nariz tão comprido quanto o seu proprio instrumento, se o senhor quiser ensinar na nossa cidade. Todos os discipulos do estabelecimento do meu genro aprenderão saxofone. A mocidade do municipio seguirá o nosso exemplo patriótico.

Temos muitas moças de Paratí casadas com rapazes de Mangaratiba. No dia em que os seus discipulos estiverem em situação de fazer uma tocata, eles

irão, por sua vez, dar serenata a uma das nossas compatriotas. Então, se os trombones ousarem entrar em combate, serão facilmente abafados pelo som majestoso e formidável dos saxofones. Oh! nesse dia a população de Paratí tirará completa desforra. E a de Mangaratiba será capaz de estourar de despeito.

Eis aí o projeto que concebemos afim de responder vitoriosamente ás incessantes provocações dos nossos vizinhos. Venha conosco, e o nosso município conquistará, graças ao seu concurso, no capitulo da musica, a superioridade que já lhe compete em todas as coisas. Acrescento, com o fim de destruir os seus ultimos escrupulos, que me prometeram uma comissão de cem mil réis se eu o convencesse a se estabelecer em Paratí. Pois bem, dividiremos esta soma. Encomendaremos ainda em Paris vinte e cinco saxofones e seremos bem desastrados se a venda desses instrumentos não produzir um belo lucro. Vamos. O senhor é dos nossos, pois não? Venha ajudar-nos a fazer justiça á arrogancia do trombone heretico e á insultante piedade dos habitantes de Mangaratiba.

Tal é o grau de ridiculo a que uma tola vaidade pode atingir.

Paratí queria alcançar a todo transe um professor de saxofone, pelo motivo de Mangaratiba se orgulhar do seu tocador de trombone. Possuindo o saxofone um volume de voz mais forte, o municipio que cultivasse o instrumento votaria ao silencio, isto

é, á humilhação, o municipio adversario, reduzido a posição relativamente inferior, quanto á sonoridade.

E se os cidadãos de Mangaratiba não se pudessem conformar com a derrota, que respondessem aos saxofones com tambores, pistolas, ou mesmo canhões.

Este caso não tinha sido previsto. Ficaria para futuros acontecimentos.

Fazer estourar de despeito os moradores de Mangaratiba!

Por isso, reuniu-se o Conselho Municipal, e com ele todas as notabilidades de Paratí.

Que pensar dessas duas povoações obceçadas por uma rivalidade odiosa, em que, de um lado, cada um de seus filhos tem um trombone, enquanto, do outro, se condena impiedosamente a mocidade ao culto superior do saxofone?

Reprovar-nos-ão ter incluído este curioso episodio no nosso relato?

Propondo a divisão do premio, e tambem do lucro resultante da encomenda dos saxofones, o proprietario de Paratí imaginou ter-se elevado de posição. Viu-se, apesar disto, desiludido na sua esperança.

Apesar de novas e mais estreitas sollicitações, apoiadas nos motivos respeitaveis que conhecemos, Fruchot insistiu em ficar neutro entre Paratí e Mangaratiba.

Abusaremos em pensar que esse detalhe de costumes mereça bem um premio?

Aqui vai outro que, a meu ver, acabará de fixar no espirito do leitor a verdadeira fisionomia da população que habita o solo brasileiro. Este agora contém um ensinamento, sobretudo para os artistas serios, que poderiam ser tentados a estabelecer-se na capital do Imperio sul-americano.

O meu amigo havia sido recomendado, por um musico de Paris, a um afinador-depositario de pianos franceses. O senhor Cavaillon po-lo em relações com um italiano muito em voga, nesse momento, entre as ignorantes e vaidosas senhoras.

Esse italiano era um intrigante de primeira ordem, crivado de dividas e vicios.

— Senhor, eu serei franco, disse-lhe o sr. Panini depois de o ter ouvido ao piano e ao violino. O sr. é realmente um grande artista, e, modestia á parte, ninguem aqui, a não ser eu, maneja melhor o arco. A verdade força-me a render-lhe esta homenagem. Pois bem. Apesar desse merito incontestavel, se eu ficar sendo seu inimigo, ou se lhe recusar sequer o meu apoio, o sr. estará condenado a vegetar miseravelmente.

Depois desse preambulo impudente, que continha quasi uma ameaça, o italiano continuou:

— Meu illustre amigo, o sr. Cavaillon, lhe deve ter dito que eu mando no Rio a chuva e o bom tempo. Não tenho senão que negar os seus conhecimentos musicais, ou sómente proclamar o seu mau metodo, e logo o sr. será um homem falido, e falido

para sempre. Mas sossegue, meu caro senhor, sossegue. Não direi isso, continuou com um sorriso paternal. Ainda mais, por consideração ao meu excelente amigo Cavailon, que se interessa pelo senhor, consinto em introduzi-lo na alta sociedade, onde abiscuito todos os discipulos. Mas com uma condição.

A condição proposta era a seguinte: o italiano, que se fazia pagar quinze mil réis por lição, arranjará imediatamente para Fruchot aulas a cinco ou seis mil réis, e Fruchot dividirá a soma com ele.

O primeiro impeto do meu camarada foi de tratar o patife como ele o merecia.

Esse negocio inopinado para a exploração do seu talento revoltava-o, com razão. No entanto, a sua indignação não tardou em acalmar-se. Ele pensara que, uma vez conhecido, passaria bem sem o outro, e os seus discipulos viriam sem o intermediario italiano. Desde aí, esse não teria que tocar no fruto de seu trabalho. Fruchot, raciocinando assim, não contava com a avidez do sr. Panini.

— A condição que o senhor acaba de aceitar merece ainda algumas explicações, observou o cinico. A minha recomendação garante-lhe proximo sucesso. É, portanto, a fortuna, é a gloria que lhe dou. A gloria guarda-la-á para si, mas é justo que eu participe, de uma certa forma, e durante um tempo estipulado, da colheita dourada que o sr. vai fazer nos salões da alta roda. Por consequencia, o sr. compromete-se, por escrito, a ceder-me, durante dois anos, a metade

do seu lucro. Esta clausula é obrigatoria, quer os discipulos lhe cheguem por meu intermedio, quer por outro qualquer meio.

Tal despudor pôs Fruchot fora de si.

— Então, disse ele em voz surda, durante vinte e quatro meses, sem fazer nada, o sr. lança um imposto enorme sobre o meu trabalho de cada dia! E não se envergonharia de tocar nesse dinheiro, homem? E recebendo-o, não percebe que cometerá uma ação vergonhosa e vil?

O sr. Panini cerrou as sobrancelhas e lançou um olhar de colera. O sr. Cavaillon interveio logo, mas para attribuir todas as culpas ao meu amigo.

Era permitido especular com as lições de musica, tanto quanto com as mercadorias coloniais. Ação de legitimo commercio. A proposta do professor poderia parecer severa. Mas não era deshonestas, e o costume local autorizava-a. De resto, Fruchot estava perfeitamente apto a aceita-la ou não, sem que para isso fosse preciso insultar o sr. Panini, ao qual, como chefe da casa, pedia desculpas.

Contente com a satisfação que lhe davam, o italiano confundiu-se em protestos de dedicação ao sr. Cavaillon, não obstante ter lançado a Fruchot um olhar de odio envenenado, enquanto fazia um cumprimento até ao chão.

— Mas o sr. mesmo, disse o meu amigo, quando ficou só com o afinador-depositario, o sr. mesmo podia lançar-me entre a sua clientela. Necessariamente

não tem relações senão com as famílias de posição, e a consideração que merece pesará bem na sua recomendação.

O sr. Cavaillon pôs-se a sorrir.

— Vê-se bem que o sr. acaba de chegar da Europa e ignora completamente os hábitos da terra, observou ele. Se eu atendesse ao que o sr. me pede, seria um homem desleal e cometeria muito simplesmente a ação deshonesta de que me falou ainda agora.

O afinador explicou-lhe então que havia feito uma sociedade com o sr. Panini. Segundo os termos do contrato, tinham-se reciprocamente obrigado a forçar a compra de todos os pianos de seus discipulos no armazem de Cavaillon, e este a indicar aos seus clientes o sr. Panini como o melhor professor. Ambos estavam formalmente proibidos de se interessar por outra casa ou por outro professor de musica, sob pena, para o delinqüente, de pagar ao socio uma indenização de um conto de réis (tres mil francos).

As explicações fornecidas pelo afinador, esclarecendo com novas luzes a conduta do proprietario de Paratí e a do professor, fizeram o meu amigo apreciar melhor as condições de existencia que lhe eram impostas neste país inteiramente absorvido pelo commercio. Ele tambem compreendeu em tempo que o Brasil, país novo, que procurava encaminhar-se, não tinha senão uma só protetora, Nossa Senhora da Conceição, e um unico e verdadeiro padroeiro, Mercurio, aos quais queimava o seu mais puro incenso.

O paganismo e o catolicismo, vivendo em estreita fraternidade, á vista do crescimento da população e da conquista do conforto — eis a resultante das instituições, dos costumes, das necessidades do Imperio.

Fruchot era inteligente, porém completamente desprovido de recursos. Sómente o trabalho o faria viver.

A musica desapareceu diante do negocio. O orgulho humilhou-se em face da necessidade. Não podendo, por falta de meios, empreender um commercio qualquer, Fruchot dedicou-se á corretagem.

Um musico que se faz corretor não é mais extraordinario aqui do que um homem de letras que se transforma em fabricante de fosforos.

Agora que o leitor conhece o carater, os antecedentes e a posição do personagem com quem vamos lidar, prossigo na minha historia.

Voltando á fabrica, depois da nossa entrevista, eu não cessava de pensar no começo da confidencia amorosa de Fruchot.

Quem seria essa criatura magnifica que se apoderara do seu coração? Que queria ele provar com esses detalhes que dificultam o julgamento?

Fruchot é, sem duvida, um rapaz espirituoso. A prova é que eu o escolhi, outros tempos, para colaborar no famoso melodrama de que já dei noticias. Mas aquelle cabelo e aquella barba de um castanho desesperado (restituo a Nadar a expressão pitoresca que lhe pertence), aquelle rosto, que mais parecia uma es-

cumadeira, oferecerão atrativos bastante poderosos para inspirar uma paixão? A menos que nos tropicos se considere uma barba vermelha como precioso dote fisico, não encontro pretexto para uma predileção dessa natureza. Mas quem será capaz de explicar o capricho das mulheres?

Visto como na Russia e na Inglaterra não se encontram senão cabelos louros, os bigodes negros são sedutores. Porque, no Brasil, onde não se conhecem senão homens morenos — e que morenos, meu Deus! — as senhoras não se deixariam encantar pelos bigodes de um vermelho berrante? Essa cor atrairia pela sua extravagancia, está claro.

— Eh! eh! fiz comigo mesmo. As venezianas de Ticiano têm um cabelo de chama e as que assim são dotadas passam, com direito, por serem as mais lindas italianas.

Sem querer, eu favorecia a imaginação do meu amigo e compunha um retrato de mulher que nada se parecia com o que ele me traçara.

— Ora! murmurei enfim. Não é com os olhos, mas sim com o coração que se vê a mulher amada. E ela é sempre linda.

Entretanto, eu me aprestava.

Lison, convencida da necessidade da viagem para o norte, deixava-me partir sem manifestação de pesar.

Uma manhã, Nausier e ela acompanharam-me a bordo da sumaca "Os Dois Anjos". Uma hora depois,

levantamos a ancora e davamos as costas ao Pão de Açúcar.

Desde que perdi de vista minha mulher e meu primo, enfurnei no camarote.

Estava admirado de ainda não ter visto Fruchot. Subito, ele appareceu e apertou-me a mão.

— Aqui estou, disse-me. Deixei-te todo entregue ás tuas despedidas. Agora sou todo teu.

Eu, porém, não era nada dele.

(1) Nada é indifferente no que respeita aos honras de genio. A grande figura de Camões surgirá dentro em pouco neste estado de costumes portuguezes. Contentar-me-ei, por enquanto, em me referir aqui a uma lenda que tem ligação na origem de sua familia e que acredito não ser geralmente conhecida.

Os Camões tiraram o seu nome de um passaro, o *camão* (especie de martim-pescador), que, segundo o exemplo do *porphyrio* dos antigos, morria logo que se cometia um attentado ao pacto conjugal. Alciat (*Embl.*, 47) fala assim desse passaro:

*Porphyrio domini si incestet in uedibus axor
Despondetque animum prueque dolore perit.
Abdita in arcanis naturae est causa: sit index
Sinceræ hæc volucris casta pudicitiae.*

Durante varios seculos, cada morada da península Iberica possuia o seu *camão*. Certa dama portuguesa, atirgida na sua honra por propostas ultrajantes, recorreu ao singular processo, que devia da melhor maneira atestar a sua innocencia. Arranjou um *camão* e o instalou em sua casa. Em vez de adoecer, o passaro manteve-se em perfeita saude. O caso foi julgado. A virtude da dama esplendeu desde então com luz.

mais viva Quanto ao marido, afim de consagrar a memoria dessa prova inesquecivel, mudou seu nome para o de Camão, donde Camões.

O poeta, na peça intitulada *Carta a numa dama*, que faz parte do volume das *Redondilhas*, cita esse passaro maravilhoso, sem fazer, em todo o caso, nenhuma allusão á sua familia:

Experimentou-se algum' hora
 D' ave, que chamão Camão
 Que se da casa, onde mora,
 Vê adultera senhora,
 Morre de pura paixão.
 A dor he tão sem medida
 Que remedio lhe não val.
 Mas, oh! ditoso animal
 Que pode perder a vida,
 Quando vê tamanho mal!

Todos os letrados, mesmo aqueles que nunca leram os *Lusiadas*, sabem de cor a tocante historia de *Inez de Castro* e o episodio dramatico do *Genio das tempestades*. As poesias ligeiras de Camões são menos conhecidas. Se eu não temesse passar por blasfemo, confessaria que prefiro algumas dessas peças aos versos pomposos, retumbantes, enfaticos, que apresentam varias passagens dos *Lusiadas*. No capitulo seguinte citarei por inteiro uma dessas composições, e assim o leitor ficará em condições de falar com conhecimento de causa.

(2) A concorrência sarda teve por effeito immediato fazer baixar esse preço. Uma carta custa hoje 80 c. na partida e outro tanto na chegada.

(3) Afirmam-nos, e temos o prazer de o constatar, que o serviço dos correios passou ha pouco por importantes melhoramentos. A sua administração faz parte do orçamento de 1861-1862 com a soma de 1.560 000 francos.

CAPITULO III

*O enjôo de mar. Os senhores brancos e a negra.
Estancias de Camões. Amor de uma escrava.
Historia de uma duquesa bronzeada. A mulher
de cor. Seu papel nos tropicos.*

Conheceis essa horrivel enfermidade que aperta o estomago, desloca o coração, fustiga as entranhas sem cessar, tira o apetite, a memoria, o desejo de viver e vos arroja, desgostoso de tudo, entre as tabuas de uma cabine? Esse pavoroso suplicio, ao qual certas organizações não podem resistir, e para o qual não existe remedio, chama-se enjôo de mar. Ha pessoas que são refratarias a esse mal Fruchot pertencia a esses favoritos da sorte. Quanto a mim, não pude nunca pôr pé em uma embarcação sem que fosse logo vencido por intoleraveis sofrimentos. O jogo do navio, a calma, a tempestade, tudo me era indiferente ou antes, nada desviava as torturas que me haviam sido infligidas.

Dizem que o corpo se habitua ao balanço do navio e que bastam alguns dias de mar para que as faculdades, passageiramente perturbadas, recuperem o seu equilibrio. Varias vezes ouvi sustentar que cada um deve pagar o seu tributo, mas que, depois de uma tra-

vessia, a prova está terminada e pode-se então impunemente afrontar as ondas do oceano.

Esta asserção tem tanto fundamento quanto a que diz que o que foi atingido por bexigas fica para sempre isento de as contrair.

Na vida embarquei dez vezes. Pois bem. A decima viagem foi igual á primeira. Desde a hora em que pus o pé a bordo até ao momento de o pôr em terra, fui atacado de um mal indefinido, mas atroz. Ha naturalmente alternativas para melhor ou peor. O estomago fica sempre embrulhado e a febre não me deixa nunca.

Fruchot prestou-me valioso socorro. Nossos camarotes comunicavam-se, e a cada lamuria partida do meu o antigo camarada corria para o meu lado. No primeiro dia senti horriveis colicas: estendido na cama, fazia esforços vãos para encontrar uma boa posição, quando escutei altas vozes.

— Uma negra! Uma escrava! Ora essa! E' a maior das indecencias! Nunca se viu coisa igual, gritavam com irritação.

— A senhora não é uma escrava. E' livre como nós. E já pagou a sua passagem, está nas mesmas condições que os outros passageiros, replicou uma voz que reconheci como a de Fruchot.

O alarido ia aumentando. Sempre as palavras — negra, escrava, pretensões vergonhosas, cruzavam-se com apostrofes despreziveis, orgulhosas, altivas, lançadas pelo meu amigo.

— A senhora ficará aqui, continuou ele. E se o seu vizinho se incomoda, que vá comer em outro lugar

A palavra — cachorra — ressoou então.

Um timbre grave e doce, timbre de mulher, e uma acentuação mole, pastosa como a de um *Incroyable* do Directorio, que traía uma africana e não uma crioula, feriram meus ouvidos cheios de uma zoadada esquisita.

Eis as palavras que o enjôo não me impediu de escutar:

— Ah! ah! o sr. Pé de chumbo (1) não reccou chamar-me cachorra. Pois lhe vou ensinar o respeito que se deve ter ás pessoas do meu sexo.

O tombadilho do navio foi sacudido, de repente, por pisadas apressadas que indicavam uma luta. Depois, risadas alegres, dominadas pelo som agudo de uma clarineta. O *virtuose* tocava, num movimento de marcha, a aria do *Tambor Real*.

Essa alegria, agravando o meu sofrimento, acabava de tornar o meu estado intoleravel. Bati com força na separação de madeira para protestar contra o barulho. Fruchot apressou-se em atender ao meu chamado.

— Que pena que estejas deitado! disse, mostrando-me uma cara de regozijo. Esta cena ter-te-ia curado, com certeza.

— Sómente o repouso poderá curar-me. Faze calar todos esses tagarelas, eu te suplico, e, sobretudo, essa clarineta!

— Ah! ah! ah! Que ridículo! Queres que eu tos traga á tua presença?

— O que quero é repouso e silencio! exclamei, desesperado.

— Se soubesses...

— Não quero saber de nada. Quero paz. Fruchot, meu bom amigo Fruchot, vê se consegues que eles se calem! Esta algazarra vai acabar de me matar.

— Calma, meu amigo. Eles vão calar-se, eles vão calar-se. Ah! ah! excelente farça! Se tu pudesses ter visto, se...

— Paz! Oh! esta clarineta maldita!

Pouco depois todo o barulho tinha cessado. Os guinchos da clarineta e as risadas.

Soube mais tarde o que se passara.

Entre os passageiros havia um cabeleireiro e um portugês negociante de carne sêca. Longe do meu pensamento, eu, modesto fabricante de fosforos, fazer pouco no industrial e no artista. Direi apenas que a educação desses dois senhores deixava muito a desejar.

Esses individuos, Fruchot, uma negra livre e eu constituíamos o pessoal pagante de bordo.

Apenas saímos da baía, tocaram para o jantar. Exceto eu, cada qual acorreu ao apelo. Logo que a negra se sentou á mesa, o negociante de carne sêca e o cabeleireiro trocaram um olhar de espanto. Uma

negra ao lado de brancos! Era um fato sem exemplo nas tradições coloniais. Houve protestos contra a monstruosidade e o negociante censurou vivamente o comandante a esse respeito.

Fruchot, interessado no debate, tomou o partido da passageira bronzeada.

O negociante, indignado com a afronta feita aos senhores brancos, não guardou reservas e applicou á negra o epíteto esmagador de-cachorra.

Era o mesmo que jogar pedras.

Fruchot levantou-se com intenção de punir o insultante. A negra, que até então não abrira a bôca, fez um sinal ao meu amigo. Depois dirigiu-se ao negociante, proferindo as palavras que já repeti.

O capitão não podia esconder o seu embaraço. A preta encaminhou-se então gravemente para o negociante de carne sêca, que a esperou de pé firme. Era um homem de pequena estatura, magro, sêco, mas, como todos os colonos, enfatuados da superioridade que lhe dava, sobre as pessoas de cor, a brancura da pele.

A negra avançou para ele com intenções inequívocas. O português atirou-lhe um olhar desdenhoso que não produziu efeito.

— Vá aprender a viver com os porcos! berrou ella.

E agarrando o português, levantou-o, apesar de seus gritos, até á balaustrada.

Foi então que o tumulto se tornou ensurdecedor. Palido de medo, o português sentiu a sua audácia enfraquecer diante do perigo que o ameaçava. A sua resistencia desesperada não pudera sobrepujar o vigor da negra. Esta, grande, de compleição robusta, parecia ter nas mãos uma criança. Pendurado na popa da embarcação, o negociante humilhou-se e pediu perdão.

A negra aproximou-o da cara, como teria feito a um boneco de Nuremberg, e percorreu toda a sua mesquinha pessoa com um olhar tão calmo que o fez estremecer. Depois, colocou-o sobre o convés.

— Dê-me o braço! disse ela tranquilamente.

Não houve que hesitar. O negociante concertava o desalinho da vestimenta, enxugando as grandes gotas de suor que lhe escorriam da fronte. Esforçava-se por sorrir e, curvando o braço, ofereceu-o á sua perigosa inimiga.

A negra dignou-se aceita-lo. Dirigiu-se afinal para a mesa com Sua Senhoria, o negociante de carne sêca.

Durante a conclusão da paz, o cabeleireiro, musico como todos os seus colegas, correrá para buscar a sua clarineta afim de celebrar o vencedor. A força muscular da negra acabava de impor silencio á voz ruidosa dos preconceitos.

Então, o artista, amiegando a attitude, levou á bôca o instrumentô e seguindo o par reconciliado entou a contradansa do *Tambor Real*.

Nada faltava ao sucesso da negra. O português tomou lugar á mesa, e a partir desse momento não teve senão atenções para com a valorosa senhora.

Fruchot forneceu-me todos esses detalhes no primeiro dia em que a minha saude permitiu tomar ar no tombadilho.

A um sinal seu, Manuela aproximou-se.

— Apresento-te, disse ele, a minha duquesa bronzeada, d. Manuela do Bom Jesus.

Bastou-me contemplar um pouco a negra para me lembrar, como havia predito o corretor, das enchedas de Camões.

— E' a bela Barbara, a escrava querida do poeta, respondi-lhe.

E, sem me conter, em presença da soberba cabeça de Manuela, pus-me a recordar as primeiras estancias da emocionante elegia:

“Esta cativa que me tem cativo, pois que nela vivo, não quer mais que eu viva. Nunca vi um ramo, rosa que mais me encantasse; nunca vi flor no campo, nem estrela no ceu que pudesse rivalizar com o brilho do objeto dos meus amores. Ela tem, num rosto encantador, olhos decos, negros, languidos e, no entanto, assassinos.”

— Nela encontro o termo dos meus males, completou o corretor. E' a cativa que me tem cativo, e já que nela vivo, hem preciso viver (2). Minhas desculpas estão nesses versos, continuou ele, se é que o meu afeto precisa de desculpas. Ainda assim, eu não sa-

beria compreender como um escritor, depois de ter lido o retrato de Barbara traçado pelo poeta amoroso (refiro-me ao sr. Manuel de Faria e Sousa) houvesse suposto que Camões acabou por se envergonhar da sua indigna paixão por uma escrava, mesmo negra, tão lindamente dotada.

Manuela estava em todo o esplendor da sua mocidade. Eu dava-lhe vinte e cinco anos. Era uma criatura alta, majestosa, cujas formas esplendidas e corretas parecia terem sido modeladas em bronze. Poderia ter feito um *pendant* harmonioso com o magnifico negro que Girodet colocou no seu quadro a *Revolta do Cairo*. O seu rosto era sulcado por traços perpendiculares, como todos os de sua nação, que era a mina. Seus olhos claros e profundos refletiam ao mesmo tempo intelligencia e energia. Seu colo, seus pulsos, ornados de colares e pulseiras em ouro e coral, sua camisa bordada, seu vestido de xadrez, cheio de babados, seus cabelos vaidosamente enrolados no alto da cabeça e formando ondas nas fontes, um chale de cor espantada, jogado descuidosamente sobre os ombros, e cujas extremidades esvoaçavam atiradas para trás das espaduas, compunham, num conjunto pitoresco, uma fisionomia cheia de piedade e ao mesmo tempo grave e sedutora.

Achei-a bela, de uma beleza despreziosa, mas real. Meus cumprimentos fizeram-na sorrir.

— Eu sabia bem que Manuela te agradaria, disse Fruchot. A beleza não é motivo de convenção. Ela

está onde existe, a despeito da côr. Os portuguezes são bastante estúpidos para não serem sensíveis a esta verdade eterna. Tanto peor para eles. Quanto a mim, declaro não ter visto no Rio mulher nenhuma digna de ser comparada a Manuela. Ela é tão boa e dedicada quanto bela, e eu a amo com todas as minhas forças.

— O senhor é muito justo, observou a negra com uma entonação cheia de franqueza e dignidade, que me levaram a fazer dela o melhor conceito.

A datar desse dia, fui tratado por Fruchot e por Manuela como teria sido por um irmão e uma irmã dedicados.

Eis de um só lance a historia da negra e do meu antigo camarada de Charlemagne. Chegada aos quatorze anos, no Imperio, Manuela foi vendida a um rico proprietario de Mata-Porcos, que a entregou á sua esposa. Esta fez dela a sua mucama.

Em outro ponto, observei o espirito rebelde e o carater independente dos pretos mina. Afirmei que a sua natureza não se amoldaria bastante ás exigencias do serviço domestico. Foi preciso, então, renunciar a empregar a jovem escrava dentro de casa.

A quinta do sr. Madrinhão possuia um pomar, onde bananas, laranjas, cajás, pitangas, abacaxis, figos, etc., cresciam em abundancia. Confiaram um tabuleiro a Manuela, e todas as manhãs ela ia á cidade carregada das frutas da quinta.

O feitor fixava um preço para a perfumada mercadoria. Desde que a soma estipulada fosse regularmente entregue todas as noites, Manuela ficava livre todo tempo restante, e ainda poderia guardar para si o excedente da receita.

Em pouco, a boa aparência e a gentileza da nova quitandeira foram notadas pelos frequentadores da rua Direita. O conteúdo do tabuleiro desaparecia, como por encanto, e numerosos fregueses murmuravam palavras doces ao ouvido da preta.

Foi a partir dessa época que o seu pescoço, as suas orelhas, os seus dedos se cobriram de colares, brincos e anéis. Seria para quem mais se esforçasse de a agradar, a bela escrava.

O sr. Madrinhão, velho português avaro e caprichoso, não foi o ultimo a impressionar-se pela rapariga. Fez-lhe alguns elogios e resolveu dispor dela.

— Dê-me a liberdade, e vosneccê poderá contar com o meu reconhecimento, respondia invariavelmente Manuela, a cada tentativa do senhor.

Este achava a sua escrava bem sedutora, sem duvida; ela, porém, valia muito e a sua generosidade não estava á altura do seu amor.

Havia algum tempo, Manuela parecia preocupada. O sorriso fresco, que antes vivia tão voluntariamente em seus labios, desaparecera. Ás suas maneiras atraentes, aos seus olhares ternos e ardentes, ao mesmo tempo, com que recebia os fregueses, succedera um ar de melancolia, poderei mesmo dizer, de tris-

teza. De cocoras sobre a calçada, em frente ao tabuleiro, ela não se dignava mais conversar alegremente com as companheiras, nem requebrar-se sob os olhares embevecidos dos senhores.

Esgotava-se a mercadoria, é verdade, mas sem que ela pagasse o imposto das amabilidades e das provocações.

Às vezes, porém, a nuvem que escurecia a sua frente dissipava-se de repente. O seu olhar iluminava-se vivamente e a sua boca desalbrochava como a rosa matinal. Um homem acabava de se aproximar para comprar-lhe algumas frutas. Esse homem, que tinha o rosto furadinho como um coador, ocasionara subitamente uma mudança completa nos traços da quitandeira. As pupilas da rapariga não cessavam de passear pela abundante cabeleira dourada do estrangeiro. Sua voz retomava, ao falar-lhe, o seu timbre caricioso e doce. Oferecia-lhe as pitangas mais vermelhas, as pinhas mais apetitosas. Um encanto particular desprendia-se daquele individuo, e os seus cachos frisados, de um leuro ardente, cor de fogo — por que recuar diante da verdade? — continham para a negra um atrativo poderoso, irresistivel. Seria o efeito do contraste? Seria pela novidade, pela estranheza da côr desconhecida na Africa e mesmo no Rio?

Quem poderá jamais elucidar razoavelmente as caprichosas evoluções da paixão?

Um dia esse senhor rubicundo aproximou-se do tabuleiro de Manuela, que lhe apresentou dois figos preciosamente embrulhados em meias folhas de banana, deixando-os por seis vintens. Ela evitou confessar que já havia rejeitado por eles uma pataca.

Outro dia, um lindo pessego (são tão raros, os pessegos, no Rio!) chamou-lhe a atenção no meio dos produtos coloridos da quinta. Muitos dos que passaram, atraídos pela provocação do fruto europeu, fizeram ofertas que Manuela recusou.

— Já está vendido, respondia ela aos gulosos da Bolsa e da Alfandega.

O vermelhão passou diante dela sem parar. O seu ar distraído de trabalhador, o seu passo ligeiro, provocaram a atenção da quitandeira. Chamou-o com a maior meiguice. Ele, porém, continuou o caminho, sem atender ao chamado. Obedecendo a um sentimento invencível, Manuela pegou no pessego e precipitou-se no caminho do desdenhoso personagem. Alcançou-o justamente quando ele ia virar a pequena rua que conduz á aduana.

— Senhor, senhor, disse ela com embaraço que não era fingido. Não lhe agradaria comer este fruto do seu país?

— Um pessego! observou o estrangeiro. Oh! é fruta rara no Brasil. Obrigado. Hoje não o poderei comprar. Eu... esqueci minha carteira, terminou com hesitação.

— Não faz mal! O senhor pagará outro dia, e mesmo se quisesse dar um grande prazer á sua escrava... disse ela sem ousar concluir.

— Então?

— ...o senhor permitiria que eu o presentearasse com este pessego, balbuciou Manuela, baixando os olhos.

A tola vaidade do estrangeiro indignou-se. Não compreendendo quanta delicadeza havia no gesto da crioula, e quanto amor inconfessavel revoltou-se contra a sua ilimitada pretensão.

— Um presente! Queres fazer-me um presente? perguntou ele. Impossivel, minha negra. Aceito o teu saboroso pessego, mas, como estou sem dinheiro, receberás em troca esta joia.

E tirando do dedo um anel, entregou-o á escrava, que o recebeu com um arrebatamento cujo sentido era impenetravel.

Durante uma semana o estrangeiro passou sempre pela rua Direita, trazendo na fisionomia a expressão preocupada que tinha no dia da troca do pessego pelo anel. E não se dignou parar junto da quitandieira para comprar frutas.

A tristeza de Manuela aumentava, e as companheiras, que haviam adivinhado o seu segredo, zombavam dela impiedosamente.

— Então, o senhor "Corado" (3) desdenha os frutos perfumados e os olhares provocadores da bela Manuela? rosnavam as outras com perfida alegria.

Uma manhã, antes de sair da chacara, a jovem escrava fez uma *toilette* mais cuidada que habitualmente. Coberta de ouros, colares, pulseiras e anéis, parecia um soberbo relicario. Um chale encarnado foi atirado descuidadamente sobre os ombros. Finos chinelos cobriam as extremidades dos pés e um esplendoroso turbante de seda envolvia-lhe a cabeça. Com as suas ideias de vaidade africana, e, enfim, para que as suas graças tivessem maior realce, ella pegou numa caixinha chinesa, de formato exótico, dessas que se vendiam no Rio, e escondeu-a no seio.

Esse objeto, cujo consumo é consideravel na America do Sul pelas mulheres de côr, continha almiscar. Assim preparada e perfumada, Manuela encaminhou-se para a cidade, recebendo, sem se emocionar, numerosos cumprimentos pelo caminho. Ao entrar na rua Direita, dirigiu-se logo para o angulo da Igreja dos Militares.

Este lugar oferece alguma analogia com um quarteirão de Roma antiga, todo entregue aos livreiros, e especialmente aos negociantes de *sagila* e que, por isto, se chamava *Sagilaria*.

Os *sagilas*, como se sabe, eram pequenas figuras, camaféus, *periates*, como diziam os gregos, com que as pessoas se presenteavam durante a festa dos *Sagilarios*.

Negras e negros, instalados ao ar livre, encostados á igreja, vendem, com permissão das autoridades, as esquisitas mercadorias que se compoem unicamen-

te de figuras de cera, crescentes de cornalina e figas de madeira, grosseiramente esculpidas. Alguns ajuntam a este commercio medalhas bentas e imagens representando a cena do Desagravo. Esta palavra, consagrada pela tradição, lembra uma lenda colhida na propria igreja dos Militares.

Segundo essa lenda, um artista português retocava as pinturas de um enorme Cristo suspenso na parede de uma capela. Num estupido acesso de raiva, o artista distraiu-se a ponto de esbofetear o Homem-Deus. A sua impiedade foi punida ali mesmo, pois o Cristo, despregando-se da parede, caiu sobre ele, esmagando-o.

Todos esses objetos, tão diversos no entanto, são destinados a exconjurar o "mau-olhado" ou encanto.

Esse sitio poderia chamar-se justamente "mercado de amuletos".

E' curioso ver-se, desde pela manhã, a affluencia dos fregueses em volta das lojas.

As amas de leite aí são as mais numerosas; e adquirem um arsenal miraculoso que penduram ao pescoço e ao da criança que amamentam.

As moças supersticiosas e as orgulhosas senhoras não trepidam em vir fazer provisão de armas sobrenaturais contra os feiticeiros que poderão encontrar no caminho.

Manuela, escusa dizer, estava já amplamente provida desses apetrechos duvidosos. Em todo caso, receando que os talismãs que trazia consigo já tivessem

perdido, com o tempo, as suas virtudes, decidira substituí-los por outros que ainda não tivessem servido.

Será possível encontrar-se ignorancia mais candida?

Manuela pensava que, estando encouraçada de novo, repeliria com mais efficacia as influencias maleficas que pretendiam perturbar suas intenções.

Desdenhando afinal os *periates*, que até então respeitara, jogou-os num riacho, onde um moleque os foi apanhar. Comprou então duas figas magicas, tres crescentes de diferentes dimensões, outras tantas medalhas bentas e de uma pintura rudimentar, que parecia representar Nossa Senhora da Conceição, a padroeira mais festejada do Imperio. Uma vez esses objectos enfiados no mesmo cordão e pendurados de qualquer forma ao pescoço, a miina fez curta, mas fervorosa oração sobre os degraus da igreja. Em seguida, voltou ao seu lugar habitual, onde foi acolhida pe'os cochichos e olhares invejosos das companheiras.

Depositando o tabuleiro sobre a calçada, Manuela acocorou-se e fumou silenciosamente o seu cachimbo.

Em pouco tempo, os fregueses a haviam aliviado dos figos e das laranjas, enchendo-a de cumprimentos e elogios aos quais a negra, visivelmente preocupada, não respondia senão por um sorriso distraído.

Aquele para quem, sem duvida, ela se tinha preparado com extraordinaria elegancia, saiu, perto das tres horas, pela rua do Rosario e atravessou a rua.

Manuela segurava então, na mão esquerda, o feixe dos amuletos. Avistando o moço, agitava diante de si aquele arsenal formidável, mas tendo o cuidado previo de inclinar para o chão a extremidade das figas de madeira e as pontas de cornalina. Segundo as suas ideias supersticiosas, a mina estabelecia assim entre ambos uma corrente de simpatia que forçaria o senhor a se aproximar.

Uma das quitandeiras compreendeu a manobra, seguindo a direção do olhar de Manuela.

— Veja, veja! disse á sua vizinha mais proxima, Manuela está cavando um *sulco magico* (4). Ora apesar de tão engenhosas precauções, apesar da escrupulosa execução dos sinais e das manobras prescritas pela Cabala, o homem seguiu o seu caminho sem ao menos virar a cabeça para o lado de Manuela. Esta suspirou desoladamente e deixou cair os braços, com desanimo, ao longo do corpo. Uma estrepitosa risada arrancou-a dos seus tristes pensamentos. Observou então a expressão triunfal dos olhos das outras quitandeiras. Suas irmãs de escravidão zombavam de seu desapontamento. Bem longe de compartilhar de seu desespero, aproveitavam-no para dar á goela.

Infelizmente é essa a regra.

E as apostrofes maliciosas, e as pilherias crucis cruzavam-se no ar.

— Ah! Meu Deus! que desgraça! tanta despesa de vestuario perdida!

— O senhor Corado tem o mau gosto de ficar insensível ás amabilidades da linda preta mina!

— Manuela comprou os seus feitiços na loja de um judeu, por isso eles não podem produzir efeito.

— As medalhas não foram bentas, como deviam.

— Apesto que ela esqueceu de acender uma vela de cera em honra a Nossa Senhora da Conceição. Aí está por que Nossa Senhora não concordou com seus amores.

Manuela estremeceu a estas palavras, que lhe recordavam, com efeito, um dos mais graves esquecimentos, nas circumstancias em que ella se achava. Levantou-se logo, e, depois de encarar acintosamente as quitandeiras, encaminhou-se de novo para a igreja dos Militares.

E já não foi uma vela modesta, mas tres grandes cirios de um cruzado, que ella acendeu diante do altar da celeste padroeira do Imperio. Ainda mais, antes de entrar no recinto sagrado, mergulhou por varias vezes, medalhas e crescentes, na pia de agua benta.

Então sim, Manuela julgou-se satisfeita. Coração aliviado, cabeça em pé, ella volta a sentar-se na calçada.

Ora, essa homenagem não serviu, sem duvida, para conciliar a negra com as boas graças de Nossa Senhora da Conceição, nem para restituir aos talismãs a virtude poderosa. Somos obrigados a confirma-lo, visto como, apesar de uma segunda tentativa para cavar o *sulco magico*, o sr. Corado, voltando ás cinco

horas, sempre silencioso e distraído, dirigiu-se para a rua do Ouvidor sem ter lançado um olhar sequer a Manuela.

A mina tomou então uma resolução suprema.

Insensível ás caçoadas estupidas das companheiras, colocou o seu tabuleiro vazio sobre o turbante de sêda e seguiu o estrangeiro. Este entrou em uma loja de novidades. A quitandeira sentou-se á porta de uma casa e esperou. As janelas estavam abertas. De seu lugar, Manuela podia distinguir as pessoas que iam e vinham da loja. Viu o rapaz aproximar-se da empregada e depois de algumas palavras trocadas com ella, penetrar no interior da loja e afinal apparecer á janela do primeiro andar com o dono da casa.

Nessa occasião o dia declinava consideravelmente. Acendiam-se as luzes.

Manuela esperou pacientemente cerca de uma hora. Em vão, a sua attitude melancolica e a sua rica vestimenta atraíam as cortesias dos senhores moços que circulavam na rua. Manuela não dava ouvidos ás propostas amorosas que elles lhe faziam, e ia passando

O seio agitado, a descoberto de qualquer veu enciumado, as duas mãos cruzadas sobre os joelhos, a cabeça languidamente inclinada para um ombro, o olhar obstinado, fixo para a janela que lhe ficava á frente, ella estava cega e surda a todos os ruidos e movimentos da rua. Dormirava-a um pensamento firme, absorvente, soberano.

Afinal, o estrangeiro saiu da loja. Manuela correu-lhe ao encalço e atingiu-o sob as luzes da rua dos Latociros. Atravessando-se insolentemente á frente dele, olhos ardentes, peito arqueado, mãos nas ancas, de forma que a luz do lampeão refletisse em cheio no seu corpo:

— Senhor, disse-lhe com voz vibrante, amo-o. Quer amar-me tambem?

Certo, essa maneira audaciosa de oferecer o seu coração não se parece absolutamente ás praticas desavergonhadas, diria mesmo revoltantes, se elas não inspirassem desprezo pelas pobres criaturas que todas as noites arrastam vestidos de sêda sobre o asfalto dos nossos *boulevards*. Essa manifestação atrevida, mas involuntaria de um amor contido por muito tempo, nada tem de baixo nem de abjeto. Nada que possa lembrar as provocações das meretrizes da Europa. Ninguém ensinou ás lindas filhas da Africa a vencer as paixões e reprimir as inclinações naturais. O pudor, sentimento divino, que o cristianismo revelou á mulher, é desconhecido entre elas. Não existem, a seu ver, convenções, nem usos estabelecidos. Ignoram os asperos gozos da imolação, as harmonias superiores do dever. A seus olhos, o amor é a luz verdadeira, o unico principio vivificador que não precisa de formulas calculadas por antecipação, nem de cerimoniaes convencionadas para se impor. E', porque é. E obedecer-se áquele de quem o amor promana é render-se-lhe piedosa homenagem.

Havia, portanto, uma soberba franqueza, uma candura tocante na resolução de Manuela.

A lei que consagra amores de amantes e amores legítimos não foi feita para escravos. As instituições e os preconceitos proíbem a estes uma afeição honrosa e lealmente repartida com outros, e com os semelhantes. Fora de sua esfera, os laços que eles formam nada têm de respeitáveis. Ainda mais, para eles confundem-se todas as noções — as mais vulgares — do bem e do mal. A conduta dos senhores, a seu respeito, os exemplos abomináveis, que se produzem diariamente a seus olhos, são causas infalíveis de embrutecimento e desmoralisação.

Ora, uma cativa que possui um sentimento profundo e que é levada por força irresistível, não hesita em despir a sua alma. Desprende-se por esse motivo da atmosfera corrompida que a envolve. Divaga triunfalmente nas regiões puras, luminosas, etereas da paixão.

A beleza de Manuela, enquanto ella posava assim diante daquele homem sem embaraço nem vergonha, revestiu-se de um caracter majestoso, dominador, que instantaneamente produzia resultado. O estrangeiro foi logo subjugado pela expressão nobre, altiva, simples ao mesmo tempo, da sua fisionomia.

Envolveu a negra num olhar reconhecido e respondeu com emoção:

— Mereces ser amada. Obrigado. Aceito a oferta do teu coração.

A sinceridade e a espontaneidade desse amor africano acabavam de apagar de seus olhos o que sua explosão podia ter de brutal, para não lhe deixar senão um perfume embriagador de inocência primitiva. A grosseria aparente do ato desaparecia diante da grandeza, do sentimento que o inspirava.

E assim deveria ser.

O belo, isto é, a verdade absoluta, não saberia ser impura. Seja qual for a forma para manifestar-se, encerra sempre uma sedução soberana que se impõe logicamente aos corações retos.

Para o artista, deixa a esttua de ser pura por estar nua? A folha de parreira não foi inventada senão para as colegiais e os velhos libertinos, ou melhor, se o preferem, para as inteligências incompletas e as imaginações depravadas.

Embora pareça insolito ao leitor o procedimento de Manuela, a negra não será, entretanto, para ele, nem vil nem desprezível. Estamos no Brasil, é preciso não esquecer. Os que conhecem o lugar onde se movimentam os meus personagens compreenderão a parte que cabe á influencia que a escravidão exerce sobre eles.

Uma vez referidas essas ideias, posso continuar a minha narrativa.

A partir desse dia, Fruchot (é dele que se trata) não teve mais senão um pensamento: arrancar Manuela daquela triste situação. Fruchot não possuia a cabeça de Antinous.

No entanto, na Europa ele havia inspirado uma séria paixão, que depois de ter resistido á miseria extinguiu-se com a morte.

Trouxera então para America desgostos de toda a sorte. Com o tempo, a sua tristeza transformou-se numa doce melancolia, que se modificou por sua vez, sob a influencia de um sol ardente e das novas solicitações de uma alma generosa e expansiva.

Um dia Justino sentiu ainda necessidade de amar, de amar com pureza e sinceridade. Suas tentativas, porém, não tiveram exito. Sua barba cor de fogo e seu rosto esburacado valeram-lhe um desdém que o magoou profundamente.

Apesar da elegancia do seu porte e da elevação da sua intelligencia, apesar da encantadora vivacidade do seu olhar e a terna expressão do seu sorriso, a to'a vaidade impeliu-o para o ultimo plano. Desprezado pela sua pobreza, achincalhado pela cor dos cabelos, Fruchot, o excelente Fruchot, tornava-se misantropo e ceptico.

Aconteceu-lhe mais de uma vez declarar com Lucius, transformado em burro: "E' bem verdade: o homem não vence, quando nascido sob má estrella".

Pode-se imaginar então a revolução que se passou nele ao sentir-se amado, e amado com ardor.

Tem-se dito com razão que nunca houve incenso que fosse impuro.

Manuela era negra. Ainda mais, escrava. Mas Manuela, em uma só palavra, acabava de o fazer se-

melhante aos outros homens. Como direi? Pedindo-lhe o seu amor, ella tratava-o como o mais belo, o mais valente. Mostrava-lhe a consciencia do seu merito, dava-lhe confiança em si proprio, sem a qual não pode haver successo no mundo.

Então, o seu reconhecimento exaltou-se, e elle encheu o coração ardente da quitandeira dos tesouros de ternura afundados no seu coração, havia tantos anos.

Sua felicidade, entretanto, estava longe de ser completa. Se o coração de Manuela era seu, sua pessoa era propriedade de outrem. Era preciso, portanto, quebrar os ferros da escrava dedicada e mante-la na altura do seu amor. Como ficou dito, o artista fizera-se corretor.

Fruchot ganhava honradamente a sua vida, mas não pretendia juntar dinheiro. O estado modesto de sua fortuna não lhe permitia comprar Manuela. Quanto á negra, feliz pelo acolhimento do amante, entregava-se á alegria do presente sem pensar no futuro. Amava e era amada. Que mais poderia desejar?

Um dia Fruchot dirigiu-se ao teatro e pediu para falar ao director. Durante a noite uma ideia atravessou-lhe o cerebro. Ficou uma hora com o empresario. Ao sair do teatro, mostrava uma expressão radiante.

Oito dias depois dessa visita, os jornais da localidade dirigiram um apelo aos sentimentos generosos do publico:

“Uma escrava, jovem e bela (isto excita sempre a simpatia) recomenda-se aos illustrissimos senhores da côrte. Uma representação acaba de ser organizada, cujo producto será destinado á sua libertação. Trata-se de uma boa obra, com todos os atractivos de uma noite de prazer. Ninguem se excusará a concorrer para essa festa, cujo fim é tão evidentemente cristão. A interessante criatura e os nobres padrinhos que a protegem contam, portanto, com o apoio da alta sociedade do Rio para obter a sua liberdade”.

O cartaz do teatro trazia em letras grandes, vermelhas:

REPRESENTAÇÃO EXTRAORDINARIA
EM BENEFICIO DE UMA RAPARIGA JOVEM,
BELA E INFELIZ.
O PRODUTO DA FESTA SERA' DESTINADO
A PAGAR A SUA LIBERDADE.
FIDALGOS, MOÇAS, SENHORAS, RESPONDEI
AO NOSSO APELO COMO SÃO VICENTE DE
PAULO: “VINDE PARTIR AS CADEIAS DA
ES CRAVA”.

A ideia teve amplo successo.

Tudo quanto a capital do Imperio contava de eminente adquiriu bilhetes.

A sala ficou repleta e a receita ultrapassou as esperanças dos interessados. No dia seguinte, uma cena estranha passou-se na chacara de Mata-Porcos.

O sr. Madrinhão presidia, cachimbo á boca, ao carregamento do tabuleiro de Manuela, quando tres individuos appareceram á entrada da propriedade.

Reconhecendo aquelle que amava, Manuela foi ao seu encontro.

— Pede ao teu senhor que te venda, disse-lhe Fruchot a meia voz.

Sem esperar outra explicação, a negra dirigiu-se ao amo e fez-lhe o pedido.

— Mas eu não te quero vender, replicou o sr. Madrinhão. Fazes bem o teu serviço. Estou contente contigo. Per que me queres deixar?

Nisto, os tres individuos aproximaram-se do dono da habitação.

— Senhor, disse Fruchot, a sua negra Manuela deseja ser vendida. Queira fixar o preço da sua liberdade. Aqui estamos para lho pagar.

Tratarei adiante dos tres modos de libertação dos negros. Por hoje basta dizer que um senhor não pode, sob nenhum pretexto, rejeitar o pedido do escravo que queira ser vendido ou que deseje por si só libertar-se, pagando a importancia que o proprietario exija.

O sr. Madrinhão apresentou ainda algumas objecções. Mas o tabelião, que acompanhava Fruchot, e o director do teatro lembraram-lhe, muito a proposito, o artigo da lei. Era mister executa-lo. O preço fixado em um conto e trezentos mil réis (perto de 4.000

frs.) foi logo pago, e o auto do resgate immediatamente lavrado.

Sabendo que acabava de embolsar a receita da representação da vespera em benefício da rapariga, o sr. Madrinhão não pôde dissimular a sua surpresa e o seu descontentamento.

— Mas então, a rapariga era a Manuela? exclamou ele.

— Era a Manuela!

— E eu que comprei um camarote para minha mulher e minha filha! disse o senhor com um gesto de despeito. Tolo que fui! Contribuí, sem cuerer, para a sua liberdade.

— O senhor já recobrou o preço do camarote na soma que lhe chegou ás mãos, continuou Fruchot. Ontem o senhor cometeu uma boa ação; agora conclue um bom negocio. Não se arrependa.

Não me esforçarei em narrar a alegria da quitandeira. Ha coisas que se perdem nas descrições.

Manuela correu para junto da dona da casa e pediu-lhe a benção. Despediu-se igualmente do senhor e saiu da quinta, levando as felicitações de todos os companheiros de cativeiro.

O sr. Madrinhão seguiu-a com os olhos até ao fim do caminho, sem poder conter um suspiro de pena.

— Ela é bem bonita, com efeito, murmurou ele.

Manuela entrou livre em casa de Fruchot. No dia seguinte, o jornal exprimia, em termos dignos e

sinceros, os sentimentos de gratidão da escrava resgatada a todas as pessoas que haviam assistido á representação.

Esta historia occupou as conversações da cidade durante alguns dias. Cessaram de falar no caso, afinal. Mas o interesse geral continuou voltado para a jovem quitandeira. Sua dedicação inalteravel por Fruchot valeu-lhe muitas simpatias, não somente no meio francês, mas sobretudo entre os que se sacrificavam mais obstinadamente aos preconceitos. Essa afeição correspondida, entre um branco e uma negra, recomendava-se por uma tal sinceridade, por tanta lealdade e segurança, que acabaram por absolver Fruchot da sua escolha.

— Ela o faz feliz! Ele fez bem, diziam.

O meu amigo entrou desde então nas condições ordinarias da vida das colonias, onde as ligações desse genero são comuns entre os brancos. Foi acceto a viver com a sua negra, tanto quanto os que vivem com as filhas de Cabo Verde ou dos Açores.

O corretor acabava recentemente de dar á quitandeira uma prova de amor a que ella não podia deixar de se mostrar sensível.

Já esta asserção, não o ignoro, de que um branco possa seriamente unir-se a uma preta, não seria acolhida na Europa, senão com extrema reserva, tanto parece ella paradoxal. Como então o leitor admitiria que Fruchot, pobre e intelligente como era, podendo

contrair um casamento rico, recusasse casar com uma branca para ser fiel a essa filha da Africa?

Nada, porém, mais verdadeiro, nem mais facil de explicar.

Este fato sugere uma questão complexa.

Pondo de parte a preferencia exclusiva, ha nisso, com uma questão fisiologica, uma questão de raça, de pele, se me é permitido exprimir brutalmente o pensamento claro, que merece ser observada com algum desenvolvimento

E' o que vou fazer agora.

Depois da sua alforria, Manuela não carregou mais o tabuleiro á cabeça. Renunciou ás *toilettes* provocantes que deixavam a descoberto as generosas proporções do seu corpo. Os seus olhos, sempre orgulhosos, perderam a arrogancia. O amor revelara-lhe o pudor.

Satisfeita da sua sorte, ella occupava-se do interior da casa e empregava todo o seu tempo em tornar a vida suave e facil a Fruchot. O corretor, por sua vez, redobrava o ardor no trabalho. Manuela, legitima preta mina que era, apreciava as joias e os enfeites. Fruchot, que lhe conhecia este gosto, gastava uma atividade prodigiosa, encaminhava cada dia um novo negocio, e gozava, com um mês de antecedencia, a ideia de proporcionar uma encantadora surpresa á sua amante.

A abundancia e a alegria, que é o complemento natural da primeira, envolviam o novo lar, quando a febre amarela invadiu a capital do Imperio.

Manuela tremeu pelos dias de Fruchot. Este tinha pavor por Manuela. O corretor lembrou-se então de um amigo que tinha na provincia da Baía. Era rico fazendeiro para quem ele havia feito compras importantes no Rio, e que o convidara por varias vezes para caçar em sua companhia.

Outro motivo determinava-o a dirigir-se para lá.

O pai de Manuela, vendido em Pernambuco ao mesmo tempo que a filha, tinha pertencido successivamente a diferentes senhores. Sob a insistencia de Fruchot, o fazendeiro decidiu seguir o rasto do velho. Foi bem sucedido nas suas indagações; e a carta que o corretor tinha ido procurar ao Correio no dia do nosso encontro dizia-lhe que o Antonio fazia agora parte do rebanho do sr. Miguel Pedregulho, cuja morada ficava situada a meio dia de S. Jorge. Um honrado negociante desta cidade, chamado Macedo, deveria facilitar os meios de transporte para a casa do proprietario do negro. De volta dessa expedição, ele forneceria ainda uma embarcação para o conduzir á casa de outro brasileiro, seu amigo, o sr. Pedro Clemente da Serra. Seguro dessas informações, Fruchot não hesitou mais em responder ao convite do fazendeiro. A vida de Manuela exposta, minha partida para S. Jorge, sua paixão pela caça, o desejo de juntar o pai á filha e a estagnação dos trabalhos, tudo o compelia a embarcar, comigo na sumaca "Os Dois Anjos".

Tais são os detalhes que me deu Fruchot, uma tarde em que ele, deitado no tombadilho, cabeça apoiada

da sobre os joelhos da negra, provocava as minhas confidencias em troca das dele. O correter ria muito ao saber que o seu colaborador nos *Amores da rainha Joana* tinha a bordo um carregamento de fosforos. Pouco durou, contudo, esse momento de alegria. Conhecendo a fundo o commercio das colonias, Fruchot encarou a coisa como devia ser, isto é, pelo lado serio.

— Conheces Nausier? perguntei-lhe.

— Não, não o conheço, mas faço dele um alto conceito por causa da fabrica de fosforos. Se vocês pudessem acambarcar toda a concorrência no Rio e no estrangeiro, a fortuna estaria a bom caminho.

— Isso ja está feito.

— Bravo! Não resta agora a vocês senão monopolizar a industria e fazer todo o Imperio tributario da sua marca.

— Em parte, tambem ja está feito, respondi. O sul já é nosso e vou agora instalar depositos em Vitoria, S. Jorge e Baía. No proximo ano, passarei o equador, se for preciso, levarei os nossos produtos alem de Pernambuco, afim de ficarmos decididamente os unicos donos do mercado brasileiro, desde o Amazonas até o Rio da Prata.

— Teu primo me parece um homem apreciavel, observou ele. Compreendeu que não pode existir uma pequena industria na ausencia de concorrentes. Dar as mil e cem leguas de costa do Imperio como desenvolvimento ao seu commercio de fosforos não

é mais que uma prova de genio. Com alguns anos desse regime, a fortuna de vocês estará feita.

Chegou a hora de examinar com cuidado o papel confiado á mulher de côr nas latitudes intertropicais.

Já disse em outro lugar (e creio peremptoriamente te-lo estabelecido) que as brancas, nas colonias, são fisicamente inferiores ás crioulas, principalmente ás negras minas.

Ainda hoje, não tenho em vista senão a beleza das formas. Mas bem entendido, cada vez que eu falar da negra, é sempre a negra mina. Por pouco que se possua o sentimento da verdade, o homem que habita a zona 'equatorial' não pode recusar a sua admiração por essas soberbas criaturas, cujo porte está cheio dessa majestade radiosa que o elogio attribue ás rainhas, e a poesia ás deusas.

Incessu patuit Dea, disse Virgilio.

No meio do quadro esplendido que um sol ardente e uma vegetação luxuriante compõem nos campos tropicais, a branca perde todas as vantagens que desfruta na Europa. Sua beleza delicada esvai-se em ondas de luz. Seu talhe diminue diante da criação; ela parece, enfim, mesquinha, miuda, miseravel, angustiada.

Os raios brilhantes que caem do ceu e se espalham sobre a sua face bronzeada fazem melhor realçar, ao contrario, a rica organização da negra.

Suas formas, projetadas no fundo que lhes convem, realçam orgulhosamente em suas linhas opulentas e corretas. O sol, que queima a branca, dá ás suas carnes reflexos que rebrilham e comunicam ás suas pupilas uma chama que penetra até ás profundezas mais intimas do seu ser.

Não falo aqui da mulata, que deve todos os seus sucessos a uma afetação atrevida, mas cujo rosto terroso absorve, sem se iluminar, a luz celeste. Por mais esmerada que ela seja na sua *toilette*, por mais engenhosos que sejam os cuidados em que envolve a sua delicada pessoa, a mulata ferirá sempre a vista pela apparencia de um asseio cúvidoso. Por maiores que sejam as seduções do seu sorriso, pensa-se, mesmo sem querer, na lama diluida. Mesmo quando se lhe paga o tributo das homenagens.

Não se dá isto com a filha da Africa.

A côr pura da sua pele, quando ella é de um preto absoluto, como as pessoas da raça mina, lembra a côr profunda do marmore de *Portor*, esse marmore preto, com veias de fogo; além disso, a solidez dos attributos, a amplitude opulenta do torso, o farto desenvolvimento do peito, atestam, num modelo perfeito, uma força vital harmoniosa com a exuberante vegetação do equador, que faz sonhar com o amor insaciavel dos imortais.

Se as regiões intertropicais fossem occupadas por um povo de artistas, a beleza lhes conferiria naturalmente uma autoridade soberana e, então, os papéis

seriam invertidos: a escrava seria a branca, a negra ficaria nominativamente sendo rainha, como ela o é de fato, enquanto espera que se lhe restituam os seus antigos templos de Sidon e de Tyro.

Astarté era bronzeada, senão tão negra como a rainha de Sabá.

Neste particular o paganismo participava da opinião dos hebreus, cujos livros sagrados proclamam a triunfante beleza de Sulamita, isto é, a negra.

O imperador Heliogabalo, casando a estatua de Venus siria com a pedra negra conica, representando o deus Elagabal, que ele fizera trazer, a primeira de Cartago, e o segundo de Emeso, imitava o grande rei Salomão, sacrificando ao amor africano.

Por sua vez, o cristianismo seguiu a dupla tradição judia e pagã. Consagrou o esplendor e a correção incomparavel das formas, erguendo altares á Virgem negra.

Logo, desde a mais remota antiguidade, o simbolo da beleza plastica e da paixão sensual encarnou-se na mulher de côr.

E' neste ponto de vista que, apesar do mais estúpido dos preconceitos, essa é ainda hoje apreciada nas colonias, e mesmo nos lugares onde reina a escravidão.

Nessa sociedade, essencialmente dominada pela pompa e pela forma, a negra, e com ela a mulata, preenchem o papel que reivindicam, no nosso meio, a comediantes e a *lorette*.

A ação daquelas é menos prejudicial, aliás, porque elas só absorvem o corpo, sem exercer influencia no moral.

No estado de costumes coloniais, a alma escapa á mulher de côr; ao passo que a cortesã branca se apodera da alma por processos engenhosos.

Não obstante, em certos casos, existe reconhecimento no intimo do afeto que predigaliza a primeira. O seu orgulho está lisonjeado, ao mesmo tempo que o seu coração foi tocado da preferencia de que ella é o objeto.

Os transportes da segunda não são senão uma mentira estudada. Ella explora sem poder os maus instintos, assim como as tendencias generosas da natureza humana, pelo engodo de uma felicidade que não saberia proporcionar.

Nada é natural, por conseguinte, nada é verdadeiro na existencia da hetaira europeia.

Longe de desabrochar ao ar livre e de adquirir, como a mulher de côr, novo frescor aos beijos do sol, ella receia, para os seus fracos atractivos, a luz do dia, e vive constantemente numa atmosfera ficticia, saturada de todos os perfumes capitosos que o ouro pode comprar. Sempre representando, envolve-se de uma graça conquistadora e conhece todas as vantagens que uma vaidade pouco escrupulosa pode tirar da moda, exagerando-a.

Fria, desdenhosa, avida de triumphos, ella vingase do desprezo das mulheres virtuosas, esmagando-as

com o luxo turbulento dos seus trajés. O seu orgulho consiste em fazer despertar desejos, provocar a admiração da multidão, já que não pode incutir respeito. O seu constante e unico objetivo é agradar sem se deixar prender.

Assim, infeliz da natureza ardente, curiosa, indolente. que se aventura ao antro dourado onde a comediante estabelece o seu imperio! Desgraçada dela, sobretudo, se uma habil sedução a retiver!

Todas as noites são de festa no seu camarim, porque o prazer é o unico deus que aí se adora, e este deus frivolo receia a claridade pura do ceu.

O esplendor dos diamantes e dos candelabros, os perfumes penetrantes que trescalam dos ramalhetes e das caçoilas, os reflexos estonteantes dos gorgorões e veludos, e depois, a alegria louca dos convivas, as propostas radiantes que acompanham o retinir das taças, os vapores de vinhos finissimos que sobem á cabeça, e, mais ainda, o tilintar do ouro no tapete verde, os acordes dos violinos, as cabeleiras perfumadas, caindo em ondas sobre os colos nus das lindas peccadoras, os olhares languidos ou audazes, os sorrisos provocantes, as atrevidas confidencias — todo este cenario da vida material causa por fim um fatal estonteamento nos caracteres, mesmo nos mais retos e bem intencionados.

O habito da desordem sufoca os instinctos nobres, paralisa as atitudes generosas.

Enquanto o corpo se enerva, a alma enfraquece na convivencia das cortesãs, e, pouco a pouco, á força

de assistir ás bacanaes do gozo, ella deixa-se invadir pela duvida e pelo desencantamento.

A comunidade em amor — alguem o contestará? — produz fatalmente frutos venenosos.

Essa partilha vergonhosa, seja imposta ou aceita com resignação, perturba o corpo e o espirito, enquanto aguarda a corrupção do sentimento.

Nas horas inquietas, a sereia pode bem murmurar, entre dois suspiros, á vitima que ella acaba de co-roar de rosas, que sómente ella é amada. A sereia preferiu muitas vezes estas palavras. Repeti-lo-á muitas vezes ainda. E esta profanação, erigida em sistema, que a começo irrita o cumplice, e em seguida alimenta ciúmes furiosos no seio de paradoxos incriveis, acaba por lhe fazer perder em absoluto o respeito a si mesmo.

A obra abominavel está então completa.

Adeus, doces e vaidosas crenças da infancia!

Adeus, inefaveis, radoras illusões da mocidade!

Adeus, piedosa e vivificante lembrança da mãe devotada e do avô severo:

E' que o homem que frequentou os salões impuros chega a zombar de tudo quanto é santo e sagrado. Não crê mais senão no delirio dos sentidos, nos prazeres do luxo e da vaidade, nas harmonias inferiores da arte materialista. O seu coração torna-se incapaz de uma aspiração valorosa e elevada, depois que elle pratica as aridas tecrias proclamadas em plena orgia.

Os prazeres austeros da familia são-lhe igualmente interditos, e como a sua alma não saberia regozijar-se ao calor benfazejo de um amor profundo e sincero, nunca mais experimentará senão uma necessidade imoderada de emoções violentas, amargas, impetuosas que sómente poderá satisfazer o commercio das cortesãs. Aí está a sua punição, e bem merecida.

Aí se asfixiarão os sentimentos, como flores nascidas num funeiro.

Aquele que vive em uma atmosfera corrompida deve acabar por se corromper. Tal é a lei. Salvo raras exceções, qualquer retorno á sã moral torra-se impossivel para ele. Arrastará até ao fim dos seus dias o pesado fardo do cepticismo. Desprezando, desprezado, não conhecendo da mulher senão os seus disfarces e as mentiras, ignorando a dedicação, o sacrificio, o dever, isto é, a felicidade.

Pode, porém, chegar o dia em que esse homem, que afogou no delirio o sentimento da sua degradação, desperte bruscamente do pesado sono que mantinha todas as suas faculdades entorpecidas. Esse dia será aquele em que a sua juventude se tenha esvaecido, não deixando após si mais que rugas e miserias.

Passa-se então, no camarim da cortesã, uma cena horrivel.

Depois de lhe ter usurpado o coração, as illusões e a fortuna, Belcolor pretende ainda roubar-lhe o nome.

A infamia ou o abandono, tal é o dilema que ela impõe á sua vítima.

Esta entregara, com o seu patrimonio, toda a sua alma á perfida criatura.

A pobreza no trabalho a apavora, falta-lhe a energia necessaria para dissolver laços vergonhosos. Um rompimento, concebido nessas condições, será a sua morte.

Ao suicidio prefere a ignominia.

E' que o vicio (é triste constata-lo) possui uma força de atração a que certas naturezas não se podem esquivar.

E um nome recebido sem macula, que pertence a uma familia honesta, distinta, illustre, muitas vezes, e a consideração pessoal, a gloria, a honra, tudo é sacrificado pela paixão insensata que inspira a cortesã.

E' falso que a *Dama das Camélias* tenha morrido do peito. Sua molestia foi uma farça pela qual um Artur se deixou prender. Então, entrincheirada pelo casamento, ela imagina que a consagração legal produziu a reabilitação, suprimindo radicalmente o passado.

A *Dama das Camélias* calunia a sociedade.

Vivendo sem remorsos no meio do luxo mal adquirido, ela não repara, nem nos murmurios misteriosos, nem nos sorrisos zombeteiros que acolhem a sua presença, nem no rubor que tingem as faces do esposo.

Diante desse desdem vingador da moral publica, o infeliz comprehende que a sua quêda é irremediavel.

Ele não elevou a cortesã até á sua pessoa, fazendo-a condessa ou baronesa. Ela sim, rebaixou até a ele a sua vergonha, e esta é indelevel.

O remorso, então, completa a sua obra, que muitas vezes os espirituosos acham facil.

A mulher de côr está longe de ser tão perigosa. O seu commercio não atinge absolutamente a independencia do espirito e não compromete em nada a honra (já não digo a felicidade) das familias.

Não é o seu coração que se deseja conquistar, porém as suas formas incomparaveis. Não existe para ella uma troca de ideias ou de sentimentos. Se, ás vezes, a sua pessoa inspira ciumes, nunca será por causa dos seus desejos nem dos seus pensamentos. O homem a quem a sua beleza seduziu não tem senão um intuito: a posse; e assim como elle não procura nella mais do que uma satisfação fisica, não se empenha nessa ligação nenhuma parte do seu moral.

O orgulho, aliás, é a sua melhor defesa: nunca um branco se casaria com uma mestiça.

Eis por que a paixão ardente que arrasta o collo para a mulher de côr jannaiz produz os desastrosos efeitos que ocasiona forçosamente o interesse pela cortesã branca.

Citem-me alguma obra consideravel que tenha sido inspirada pela beleza venal!

Pelo contrario, não me seria difficil nomear aqui personagens illustres, desde Salomão até o ultimo sultão, que nada perderam do seu valor proprio por frequentar mulheres bronzeadas.

Homens de estado, guerreiros heroicos, poetas, todos provaram igualmente o acepipe do amor africano.

As mais harmoniosas estancias de Camões (sem mesmo excetuar os versos dos *Lusiadas*) são ainda as que ele compôs aos pés de Barbara, e que já recordá-mos atrás.

Somos forçados a reconhecê-lo: essas criaturas (que é precise não confundir com as "moças das flores e dos perfumes") (5) são encantos poderosos para triunfar do odiOSO preconceito da côr, e poder curvar, com os braços cheios de cadeias — no país de escravos — a fronte altiva de senhores implacaveis.

Esse fato incontestavel bastaria por si só para afirmar a soberania do prestigio que a beleza encerra.

Com effeito, o senhor, que se gaba de não ter senão sangue-branco nas veias, paga a sua divida á sociedade, desposando uma branca; mas, logo que um herdeiro lhe nasce, ele abandona a mulher da sua raça por uma rapariga de côr.

Assinalaremos daqui a pouco as consequencias deploraveis que esse commercio, autorizado pelos costumes coloniais, produz no seio da familia.

Por hoje, limitar-nos-emos a constatar o arrebatamento que inspiram as mulatas e sobretudo as ne-

gras minas. Quantas senhoras orgulhosas e ternas, a principio indifferentes á attenção do marido pelas suas escravas, depois feridas no seu orgulho e no seu amor pela prorrogação desta preferencia, tentaram atrair para si aquelle que humildes raparigas ousaram disputar! Meneios vaidosos, prantos, orações, explosões de raiva, todos os meios foram empregados em vão.

A odiosa rival foi chicoteada, esfarrapada, mutilada (6), envenenada mesmo, em certos casos. O senhor escolhera então outro idolo, mas, como o precedente, este fôra tambem talhado em marmore preto. Então, a esposa legitima, esmagada pela vergonha, resigna-se a sustar uma competição onde todas as vantagens estão do lado da escrava.

Veremos em breve quão funesto foi para a segurança do lar o exemplo do chefe da familia.

Essa predileção, que parecerá certamente extravagante ás pessoas que nunca viveram nas colonias, não se explica unicamente pela superioridade fisica das mulheres de côr.

Isso resulta de uma outra causa, ainda mais essencialmente fisica, e que se refere a emanações particulares que exalam os poros dessas belas criaturas.

Antes de tudo, o esplendor das suas linhas atrai-nos, e a gente se sente ferida pelas flamas ardentes que lançam as suas pupilas.

O orgulho inutilmente tenta opor-se. Apesar dos vivos protestos do sangue-azul, fica-se definitivamente seduzido, quando elas marcham com um movimen-

to intermitente das ancas, cheios de misteriosas confidencias, que nos conduzem á perturbação dos sentidos.

A atração nos domina; é necessario ceder.

E' então que a influencia desse odor *sui generis* age profundamente no adorador da forma.

Um contacto passageiro produz, de ordinario, o aborrecimento. Se o delirio se prolonga, a sorte do branco estará para sempre fixada: não lhe será mais permitido renunciar á frequencia das mulheres bronzeadas; ainda mais, desdenhará de queimar incenso aos pés das palidas nativas.

Como acabamos de declarar, ele poderá mudar de favorita, mas se conservará sempre fiel ao culto da côr.

Sem dar a esta enunciação todo o desenvolvimento que ella comporta, cremos dever lembrar aqui um axioma portuguez que encerra (para o leitor que quiser seriamente interrogar) a explicação natural do phenomeno de que se trata.

Eis o texto da sentença: "Aquele que sentiu duas vezes o cheiro acre, mas embriagador da catanga da negra, achará, desde então, muito desexabido o cheiro que exhala a pele da mulher branca".

O que quer dizer que um paladar habituado ás especiarias não mais se poderá privar delas, e que os pratos desprovidos de condimentos energicos não terão sabor algum.

Sem querer rebaixar as mulheres de côr ao nivel das sacerdotisas do antigo continente, não será licito notar que essas produzem, fisicamente, efeitos analogos sobre o seu meio?

As pomadas e essencias de que as comediantes fazem uso diario impregnam suas carnes e suas vestimentas de um cheiro particular, que inunda a atmosfera em que elas vivem. Esse cheiro, repugnante a principio, e que a paixão unicamente poderá impor ás naturezas nervosas e débéis, acaba, depois de uma frequencia habitual, por ser necessario e indispensavel. Completa a harmonia terrivel, que contem o amor atormentado, despotico, corrosivo da cortesã. As capitosas emanações do almiscar correspondem ás emoções violentas que se sentem perto dela. Urnas atordoam o cerebro, ao passo que as outras torturam o coração, subjugando-o.

Pois bem. Ha homens que são atraídos pelos perfumes suspeitos que exhalam tudo o que se refere á cortesã. Sómente os enfeites, as essencias, os pós achem em seus órgãos já saciados, e quanto mais uma mulher está coberta de perfumes e pinturas, mais eles a procuram.

Isto (que ninguem se iluda) é a prova de uma dupla depravação.

A mentira no amor corresponde á falsidade na pele. Da mesma forma que a corrupção dos sentimentos traz, como consequencia forçada, a decomposição do ar vital.

Aí está por que a catinga é menos perniciosa que o cheiro produzido pela *maquillage* (perdoar-me-ão) o emprego desta palavra consagrada para caracterizar o sistema de caiadura usado por essas mulheres).

O primeiro cheiro é franco e leal, porque é natural; o segundo é fictício, habitua á hipocrisia, e logicamente, depois de ter pervertido o gosto, conduz á decadencia do ser moral.

Não se poderia comparar melhor o amor africano do que á tunica do Centauro.

A embriaguez, que invade o corpo, consome-o lentamente: porém, repetimo-lo de proposito, ele não tem ação sobre a alma imortal.

Isto é verdadeiro, sobretudo para o colono, que despreza a mulher de côr, pela qual, no entanto, sacrificara sua esposa legitima, e que se consola da perda do seu idolo pela adaptação de um novo idolo igualmente de bronze.

Os europeus que habitam os tropicos vivem em outras condições, em relação a essas magnificas criaturas. Professam tambem uma admiração sincera pelas suas formas esculpturais.

Ás vezes, é verdade que se deixam seduzir pela indolencia graciosa e pela provocante vaidade da mulata; mas, ordinariamente manifestam seu entusiasmo pela negra, na qual as proporções vantajosas do corpo, os tons quentes da pele, a paixão grave, concentrada no olhar, dão a toda a sua pessoa um carater de

grandeza, de força e de beleza soberana, que falta absolutamente á mulata e á branca.

Como eles não são acessíveis ao preconceito da côr, não recceiam afirmar publicamente a preferencia que dão ás mulheres bronzeadas sobre as naturais do país.

Na Baía, onde os suditos dessa nação maometana são em grande maioria entre os irmãos de servidão, as negras minas monopolizam quasi exclusivamente os traficantes estrangeiros.

As soberbas e irasciveis senhoras inutilmente estigmatizam os europeus por causa dos seus gostos depravados. E' o despeito que assim fala. Os colonos fazem tacitamente causa comum com os europeus e, em summa, essas ligações, altamente confessadas, não desconsideram mais os que as praticam do que, em Paris, a proteção audaciosa que se dá a uma comediantte ou á filha de um porteiro transformada em concubina.

Pode-se mesmo declarar que esse commercio com mulheres de côr é um habito vulgar entre os residentes estrangeiros.

Estes, estabelecendo-se em terra americana, conservarão, com algumas excepções, a ideia de regresso ao país onde nasceram.

E' por isso, sistematicamente, depois de maduras reflexões, que eles só contraem nas colonias laços fa-
ceis de desatar.

Em todo o caso, no meio das homenagens que eles rendem ao esplendor corporal, não imitam a forma ultrajante e o desdém grosseiro que os nativos proclamam em relação aos objetos de entretenimento passional.

Verifiquemos ainda uma vez.

O homem das zonas equatoriais, sensível á beleza física, porém dominado pelo preconceito da pele, não vê nas mulheres de côr senão um magnífico instrumento de prazer, que excita ao mesmo tempo os seus desejos e o seu desprezo.

O europeu, ao contrario, cuja apreciação é sadia, eleva por generosos meios a pobre paria que se associa momentaneamente ao seu destino. Ele não se julga quites com ela, enchendo-a de joias: paga-lhe ainda em proporção a felicidade que lhe deve.

Ela, por seu lado, habituada até então ás humilhações e aos insultos, comove-se com tal conduta. Testemunha ao seu protetor um apego profundo, onde o reconhecimento figura em maior parte. O seu moral resente-se assim das suas novas condições de existencia. O abatimento em que mergulhava desaparece sob a influencia de um sentimento simpatico. A mulher é então revelada na negra. O amor deu uma alma á escrava.

Feita a sua fortuna, em atenção a si mesmo, o negociante recompensa generosamente a criatura que viveu a seu lado durante tantos anos. Não lhe faculta rendimentos, sem duvida, porém entrega-lhe uma so-

ma sufficiente para emprender um pequeno negocio, se ella quizer trabalhar.

Vã providencia de uma criatura que interrogou com terror o futuro!

Habitualmente, a mulata, quando ainda não passou a idade de agradar, gasta loucamente o dinheiro das despedidas, e volta á vida indolente que lhe proporciona um novo protetor.

Se se trata de uma negra escrava que o novo dono escolhera, elle a emancipa antes de partir, e deixa-lhe, com alguns fundos, a liberdade de dispor do seu coração.

A filha da Africa conserva por mais tempo a lembrança das horas afortunadas em que o amor a fizera semelhante ao branco. Não obstante, acaba sempre por desposar um homem da sua côr, um mulato, algumas vezes, que o seu modesto peculio seduziu.

Mais de um europeu, entretanto, reconheçamo-lo, esquece de comprar o filho nascido desse commercio que segue naturalmente a mesma sorte da mãe, se esta continua escrava.

Outros, embaldos por estupidos preconceitos, envergonhar-se-iam de conduzir para a Europa o seu descendente de côr. Preparam silenciosamente a sua partida, esforçando-se por amortecer inquietudes legitimas. E uma noite, abandonam sem remorsos a companheira dedicada do exilio e o pequeno mestiço que tantas vezes acalentaram nos braços.

Mas esses ingratos nem sempre conseguem enganar a ternura sombria dessas amantes, dessas mães.

Às vezes, a ligação, em lugar de se desfazer banalmente pelo abandono ou pelo desgosto, é violentamente cortada pelo ciúme e o desespero. E' que o amor, já o dissemos, levantou a escrava da sua abjeção, deu-lhe uma alma, uma alma que não mais separa os direitos dos deveres, e que se revolta furiosamente contra a deslealdade e a mentira. A vingança vela, enquanto é urdida á traição.

Já o traficante fez o seu pecúlio. Já o seu caderno de notas está bem marcado de transações entabuladas com a Europa. Ao chegar o proximo paquete, ele deixará furtivamente a terra estrangeira e voltará para a sua patria afim de desfrutar a fortuna laboriosamente conquistada.

E' então que a morte o surpreende em meio dos preparativos que ele julgava ignorados. Expia logo a odiosa baixeza que concebera longamente, e estava em vespéras de executar.

Por seu turno, o que consegue pôr os pés a bordo de um navio felicita-se por estar ao abrigo da desforra da sua Ariadne de ebano.

O fogo que devora as suas entranhas não tardará a provar-lhe que a filha da Africa tomou a serio as suas juras de eterno amor e os seus deveres de paternidade. A criança continuará escrava, seja... mas o branco será, mesmo sem o querer, fic' á negra, pois o

veneno que circula nas suas veias é daqueles que não perdoam.

Tal é o papel que desempenha nas colonias a mulher de côr.

A irresistivel atração que arrasta para ela o crioulo e o europeu tem dupla causa: as suas formas sedutoras e o cheiro das suas axilas.

O homem, habituado á atmosfera que o envolve, está condenado a viver nela eternamente.

Isto é tão verdade que a maior parte dos traficantes — uma vez feita a fortuna — levam com eles para a Europa uma ou mesmo mais mulheres bronzeadas.

Conheci um francês (tinha apenas uns quarenta anos e possuia dois milhões) que voltou da America com uma negra mina que alforriara.

Sancha era bela entre as mais belas de suas irmãs, e ainda mais, dedicava ao seu protetor um reconhecimento apaixonado. Pois bem, em Paris, ella viu-se esquecida e reconheceu que cada dia lhe arrebatava um pouco do seu imperio.

O francês, antes tão vivamente apaixonado, não lhe testemunhava ainda frieza, propriamente; mas a negra não interessava mais á sua felicidade, e elle vivia imerso em uma tristeza cujos motivos lhe eram desconhecidos.

Uma noite, a mina, enciumada, não se conteve mais.

— Então Sancha perdeu o afeto do senhor? perguntou ella. E o brilho da sua pele escura ficou menos

sedutor que a palidez das mulheres brancas? — Por que motivo?

O francês tentou em vão acalmar a negra. Muitas cenas se sucederam.

Uma manhã, no entanto, a alegria voltou á casa. Os criados faziam as malas, e a mina dirigia os preparativos de partida.

Eu fôra levar minhas despedidas ao antigo negociante.

— Uma negra desterrada na Europa, confessou-me elle, vive como uma branca nos tropicos. No nosso clima de brumas as suas carnes amolecem e perdem o cheiro que nos embriaga. Trocam-se tambem os reflexos fascinantes que a luz equatorial lhes dá por tons obscuros, inexpressivos, que lembram a côr lodosa da mulata. O bem-estar desaparece na Europa para essas excellentes criaturas. Ás filhas do sol é necessario uma cerôa de luz. Eis por que volto para a America. O quadro está em meu poder. Vou procurar a moldura, que lhe dará valor.

Esse jovem milionario era simplesmente um discipulo de Rafael e de Ticiano. Adorava a linha como Ingres e a côr como Delacroix. Sua apreciação intelligente das leis da perspectiva estabeleceu manifestamente que o senso artistico era tão fortemente acentuado nele quanto o genio dos negocios.

Agora que este estudo está findo, compreende-se melhor o apego exclusivo do corretor por Manuela.

Fruchot tinha provado a maçã do amor africano, e a caçinga o embriagava.

Ter-lhe-ia sido facil, como muitos outros senhores, casar com a branca que o seu cabelo ruivo seduzisse, e ainda, o dote embolsado, abandonar a mulher legitima para retomar Manuela.

Mas Fruchot, embora corretor, conservava os seus elevados sentimentos de artista. A ideia de semelhante infamia não podia passar pela sua cabeça.

Eis por que o meu antigo condiscipulo, feliz com a sua duquesa bronzeada (como ele gostava de a chamar), recusou o casamento que lhe haviam proposto. Na verdade, Manuela não era indigna desse sacrificio. Quanto mais a conheciamos, mais apreciavamos essa natureza docil que ainda não tivera tempo de ser corrompida pelo cativoiro.

Era, sobretudo, para essa que o amor abria largos horizontes.

A dedicação da preta fôra sem limites, como o seu reconhecimento; e a sua alma, fecundada pela felicidade, atingira sem esforço os cimos luminosos que existiam na alma do corretor. Doce, afavel na sua inajestade natural, Manuela cercava constantemente Fruchot de cortesias e cuidados deliciosos.

Assim, durante as refeições, a mina não tocava em um prato antes dele, e cada vez que bebia, inclinava a cabeça para o seu lado com um movimento cheio de graça e de deferencia.

Quanto a mim, Manuela conquistara a minha simpatia.

Fruchot, a quem comuniquei as minhas impressões, declarou-me que em casa ela nunca consentiu em sentar-se á mesa com ele. Servia-lhe com uma amabilidade respeitosa e não jantava senão depois de le ter acabado. Manuela não podia esquecer que Fruchot era um senhor branco, e que, pela côr, ella era inferior.

A preta ignorava ainda, tão dedicada, tão sincera na sua afeição, que o amor aproxima as distancias e constitue a perfeita igualdade. Sem igualdade não ha amor, nem amizade. Se não fosse o abuso detestavel que ella fazia do almiscar, como aliás, todas as suas parceiras, eu teria julgado aquella negra a mais perfeita das criaturas.

Pensei, mais de uma vez, olhando-a, na sedutora Barbara.

“Que sua graça encantadora fazia della a soberana de quem era escrava.”

Deixem-me agora dizer duas palavras sobre o nosso modo de viver a bordo da sumaca. Isto me vai proporcionar occasião de reproduzir a dupla face dos costumes brasileiros.

(1) Os brasileiros chamam assim aos portuguezes, que, por sua vez, os apelidam *Pé de cabra*. *Cabra* designa tambem o produto de um mulato com uma negra. Contem ainda uma allusão ironica á côr terrosa dos nativos. Dito neste sentido, equivale ao nome de mulato.

(2) Esta peça, que se encontra no volume das *Redondilhas*, pareceu-me ser, tanto pelo sentimento delicado que dela exhala como pela harmonia da forma, a flor mais bela e mais perfumada do livro.

(3) Na bôca dos negros, corado não significa envergonhado, o que é sempre tomado em mau sentido. Quer dizer avermelhado, cheio de côr.

(4) A gente do povo e os escravos, que não se jactam de aticismo, trocam sulco por *surco*. O primeiro significa a marca deixada na terra pela charrua, o segundo diz-se da esteira do navio. A frase da quitandeira foi esta: "Manuela está cavando um *surco* magico". O que não é correto, mas todo o mundo comprehende.

(5) V. *Le Brésil tel qu'il est* (do mesmo autor).

(6) Mostraram-me uma mulata a quem uma senhora, enciumada, cortara duas falanges da mão.

CAPITULO IV

Potidez brasileira. Superstição dos senhores. O lenço do capitão Vermelho. Os lenços de Fruchot. A seita dos sebastianistas. São Jorge dos Ilheus. Um drama conjugal. O sertão e a floresta. Os capitães-do-mato.

Nosso comandante, o sr. Sebastião Pedro Vermelho, é um homem alto, anguloso, seco, com uma cara que, a despeito do seu nome, parece uma lamina de navalha. A sua arrogancia não se pode comparar senão á sua suscetibilidade, que é excessiva. Junte-se a isso o mais profundo desprezo por certas medidas higienicas elementares, mesmo em nossos campos.

Destarte, o sr. Vermelho nunca pôde compreender o papel dos lenços na sociedade moderna. Ligado á tradição adamica, está convencido de que a natureza previu a necessidade especial do nariz, e os lenços que saem das fabricas de Manchester, Mulhouse e Lyon são destinados apenas á limpeza dos dedos.

Mas, apresso-me em reconhecer que esta opinião não é unicamente sua, e que a responsabilidade não deve caber por inteiro ao nosso digno comandante.

Não é raro, com effeito, encontrar nas cidades, mesmo no Rio de Janeiro, senhores enluvados, de sa-

patos de verniz, que interrompem uma conversação seria para entregar-se a uma pratica que não ousou descrever. Em seguida, retomam o fio da palestra, como se tivessem cometido um ato natural e na forma comumente usada.

Citaram-me um fato destes, passado com um rico negociante que estava perseguindo, com suas homenagens, uma gentil vendedora francesa. Uma tarde, conversavam ambos animadamente. Depois de uma frase das mais ternas, o negociante vira a cabeça e zás! nem precisou do lenço, nem de nada. A vendedora ficou uns instantes perplexa. Depois, dando uma risada, contentou-se em dizer ao seu admirador:

— Aprenda, senhor, que ao se fazer a corte a uma francesa nunca se deve esquecer o lenço.

E bateu-lhe com a porta na cara.

Já que se conhece o capitão Vermelho, continuo

A comida é detestavel a bordo dos navios de commercio brasileiros, para os franceses, bem entendido. Consome-se nesses navios uma quantidade extraordinaria de bacalhau, como nas embarcações belgas e holandesas. Mas o prato fundamental é representado por enorme feijoada, que se compõe invariavelmente de carne seca e feijão preto muito feculento. Esse prato nacional não seria precisamente mau, se o toucinho que serve para sua preparação fosse de boa qualidade.

No Rio de Janeiro comi uma feijoada feita com lombo de porco de Minas Gerais, nada desprezível.

Infelizmente os capitães mercantes conhecem pouco da *Fisiologia do gosto*, por isso ainda não puderam penetrar as sabias doutrinas de Brillat-Savarin.

O toucinho que se gasta a bordo é geralmente o que dá á feijoada um gosto detestavel. De mais, o pão aí é raro, quasi sempre substituído (com vantagem, pensam eles) pela farinha de mandioca, que cada um amassa á vontade entre os dedos, ou vai espalhando no seu prato. Um galheteiro cheio de pimentas malaguetas — condimento indispensavel nos tropicos — acaricia agradavelmente umas gargantas forradas de zinco. Sem malaguetas, um brasileiro não saberia fazer uma boa refeição.

O chá de mate é servido abundantemente nos navios mercantes. Quanto ao vinho, ignora-se geralmente o seu uso. Felizmente Fruchot, que conhecia os habitos de bordo, tinha-se precavido contra essa lacuna: embarcara conosco vinte e cinco garrafas de vinho do Porto, que nos prestaram grande auxilio.

Se soubessemos, porém, ele e eu, que a alimentação deixaria tanto a desejar, o que não aconteceu com o negociante e com o cabeleireiro, que se serviam diariamente de banquetes que pareciam novas nupcias de Gamache, teríamos respeitado a feijoada, prato coibido, que desaparecia logo, voltando quasi sempre vazio para a cozinha. O que servia de guloseima aos dois outros passageiros não era para nós senão um entretenimento á nossa fome. Nunca bebemos café tão amargo como nessa viagem, porém o açúcar

e a cachaça eram-nos servidos á vontade. Podíamos, portanto, graças á liberalidade pouco prejudicial do comandante, consumir tantos *groggs* quantos quisessemos, o que nos permitia economizar o vinho.

Os brasileiros levavam vida alegre a bordo da sumaca, e ainda mais, todos os dias, á sobremesa, faziam um exercicio que lhes era muito agradável, enquanto para as nossas ideias não tinha graça nenhuma.

O leitor tem agora diante de si uma pessoa embaraçadissima para explicar uma coisa, mas que, em todo o caso, se fará comprehender.

A aparição do café era o sinal de uma explosão de "suspiros surdos" ou barulhentos, sempre repugnantes para os que recebiam na cara os gases nauseabundos que os acompanhavam. A primeira vez que me sentei á mesa, consegui dominar o meu nojo, esperando que a minha attitude e a de Fruchot fossem aperecidas pelos passageiros.

Mas qual! No dia seguinte a mesma manobra recommçou. Cá por mim, não estava disposto a conceder-lhes certos privilegios de que gozava Tartufo em casa de Orgon, do que dão testemunho os versos de Dorinc:

*Les bons morceaux de tout, il faut qu'on
les lui cède,*

*Et s'il vient a "roter", il lui dit: "Dieu
vous aide!"*

Ora essa! Pois está aí o nome declarado. Mas o culpado é Molière.

Prometi a Fruchot chamar á ordem esses campeões da glutoneria. E no dia seguinte cumpri a promessa.

O negociante de carne sêca foi o primeiro a começar o bombardeio. “Suspirando”, inclinou-se gravemente, como num cumprimento, para o lado do capitão. Este respondeu-lhe no mesmo tom, curvando-se por sua vez, como se retribuísse uma gentileza.

Imaginem um homem dizendo a outro:

— Senhor, tenho a honra de o servir.

E o outro respondendo no mesmo tom:

— Senhor, aqui estou ás suas ordens.

Tal era o sentido da manobra que acabavam de fazer.

A nossa paciencia tinha sido posta á prova, e era tempo de acabar com essa troca bizarra de cortesias ininterruptas.

Perguntei ao homem da carne sêca, com os rodeios que merecia um executante dessa força, se ele era vitima de alguma molestia do estomago, ou se a emissão desses “suspiros” eram o resultado dum costume portuguez.

O negociante ficou muito admirado com a pergunta e repetiu-a ao cabeleireiro, que traduziu o meu pensamento dando á metáfora a explicação que convinha. O outro virou-se para o meu lado e elucidou:

— Cada “suspiro”, como disse aqui o senhor, é um ato de agradecimento ao capitão pelo excelente jantar que acaba de nos proporcionar. Não se “suspira” assim sem se ter provado de uma boa refeição. Ora, somos tão delicados em Portugal como no Brasil, ajuntou ele muito serio. Creiam-me.

Tanto sangue frio me desconcertou um pouco. Mas continuei:

— Somos menos delicados em França, concordo; por isso fazemos nossos cumprimentos de outra forma. Ainda mais, aquele que tivesse coragem de “suspirar” assim na cara do outro, no meu país seria logo expulso, como um malcriado, do seio da sociedade.

— Cada terra com o seu uso, observou filosoficamente o português.

— O senhor deixar-me-ia muito grato, se renunciasse a este habito, pelo menos, se esperasse para o praticar o momento em que nos afastassemos da mesa. Na nossa ausencia, então, o senhor poderia agradecer, como quisesse, ao nosso digno comandante.

— Costume da terra, senhor! Costume da terra, repetiu o negociante.

— Pois eu lhe agradecería infinitamente, se o senhor desistisse desse costume durante o jantar, insisti.

— Impossivel, senhor. Impossivel! A feijoada é boa demais para que deixassemos de agradecer ao nosso comandante.

O homem falava com convicção. A seriedade perfeita que ele mantinha afastava qualquer ideia de

insulto mistificado. Assim mesmo, perdi por um instante a paciência.

— Diabos me levem! gritei, se não achar um meio de

Não me deixaram acabar a frase.

— Que disse o senhor? Que disse o senhor? gritaram ao mesmo tempo o negociante e o cabeleireiro, fazendo o sinal da cruz.

— Como? Que disse eu? Que o diabo me leve se

— Jesus! Basta, senhor! Basta! tornaram eles, persignando-se de novo e atirando-me olhares de terror.

O cabeleireiro, que já era agitado, mexia-se para todos os lados, virando-se a cada passo, como se temesse alguma agressão.

— Eles têm medo de ver o diabo que invocaste, disse-me Fruchot em voz baixa.

— Ah! vocês preferem então que eu diga: que o diabo os leve, se eu não arranjar meios de...

Foi ainda peor. De amarelo que estava o negociante, tornou-se côr de terra.

— Por Deus, senhor! Não fale assim, murmurou. Pelo amor de Deus! Suplico-lhe, repetiu, juntando as mãos.

O cabeleireiro continuava a dar giros grotescos, esperando a cada momento sentir o mau espirito apertar-lhe os rins ou escanchar-se-lhe sobre os ombros.

O capitão empalidecera e não dizia uma só palavra.

O terror do sr. Vermelho e dos outros passageiros era engraçadíssimo, na realidade. Resolvi então tirar proveito daquela superstição.

— O senhor não quer que eu diga...

— Não! Não! responderam em uníssono.

— Pois bem. Não desejarei mais que o...

Novos gestos de pavor.

— Que... o... que esse individuo os carregue. Ufa! Quanta precaução foi preciso tomar para exprimir o meu pensamento!

— Obrigado, senhor, obrigado.

— Mas sob uma condição.

— Aceitamos, senhor.

— Os senhores renunciarão a seus "suspiros" inconvenientes, senão chamarei para aqui o personagem que bem conhecem.

— Perfeitamente, senhor.

— A cada "suspiro" eu os mandarei ao...

— Não suspiraremos mais, senhor!

— Então aceitam o compromisso?

— Aceitamos, senhor. Oh! Jesus! Jesus! repetiram varias vezes em diferentes tons.

Feito o contrato, fomos fumar um charuto á proa do navio.

Rimo-nos muito do meu estratagema.

— Obtiveste um successo magnifico, graças á estúpida ignorancia desses grosseirões, disse * Fruchot.

Por minha parte, proponho-me a dar uma lição ao capitão pela maneira por que faz uso dos lenços. Traduzirei em bom francês, para esse marinheiro economico, um capitulo da *Civilidade pueril e honesta*. A mina está carregada. Explodirá em S. Jorge. Prometto-te que o casmurro não se zangará.

Este fato lembra-me outro sempre inspirado pela superstição, isto é, a ignorancia, e que me parece explicar sufficientemente a pouca pressa que têm os brasileiros em instalar em seu país os caminhos de ferro. Caminhos de ferro? Para que? Para um povo que entretém relações constantes com o céu? Por Deus, é verdade o que vou contar. Cada casa brasileira possui, não se admirem, um correio que funciona segundo o desejo dos locatarios e que liga a terra á morada das almas venturosas.

Não vá imaginar o leitor que é preciso ser *medium* para manter tal correspondencia, nem tão pouco que os espiritos sejam ou não os seus estafetas.

Mediums! Espiritos! Ora essa!

Os senhores, principalmente as senhoras, vão achar coisa melhor. Eis a prova:

Uma noite, entrando em uma das poucas residencias que no Brasil acolhem os estrangeiros, fui recebido pela dona da casa com um sorriso aflitivo. Em lugar do execravel cheiro de alfazema queimada que geralmente impregna o ambiente, aspirei primeiro, com surpresa, um perfume composto de mirra e incenso, como o que exhalam os templos sagrados.

Dois dias antes, o lar estivera em festa. Fizeram musica depois do jantar, e á noite dansaram. Cecilia, filha da dona da casa, comunicava, então, aos convidados a alegria da sua alma. E' que aquelle que o seu coração escolhera — Paulino — repetira-lhe pela millesima vez que a amava apaixonadamente e declarara-lhe que no dia seguinte seu pai viria tomar, com o de Cecilia, as ultimas providencias para o casamento.

O ar triste da mãe — ou talvez o perfume do incenso — fez-me pressentir alguma catastrophe recente.

Perguntei por Cecilia.

— Cecilia está desesperada, respondeu a senhora. Acaba de se fechar no quarto para escrever á sua padroeira celeste.

— Como? Que padroeira? perguntei inocentemente.

A mãe lançou-me um olhar admirado.

— Minha filha chama-se Cecilia, observou ella. Sua padroeira é, por consequente, Santa Cecilia. Não sente o senhor um cheiro de incenso?

— Perfeitamente, mas... a senhora diz que sua filha está escrevendo a Santa Cecilia? continuei, pensando haver entendido mal.

— Sem duvida. Escreve-lhe uma carta que chegará ás suas mãos antes da ceia.

Eu estava de pouco na terra brasileira. As palavras da senhora eram para mim um enigma indecifrável. Afinal ella teve pena da minha ignorancia e

explicou-me o motivo que a provocara e como se effectuava essa correspondencia com uma habitante do ceu.

Cecilia e Paulino amavam-se e essa união era coisa resolvida entre as duas familias. Uma questão de dinheiro appareceu á ultima hora para destruir projectos longamente acarinhados. O pai de Cecilia tinha prometido dar á filha um dote de cem contos de réis (trezentos mil francos). Um grande prejuizo que soffera o seu negocio forçava-o a reduzir essa soma a oitenta e cinco contos. A differença era mais ou menos de quarenta e cinco mil francos. O pai do moço, deputado pelo Espirito Santo, homem orgulhoso e avaro, não concordou com o abatimento. Sem consideração pelos soffrimentos de Paulino, retirou a palavra.

As sessões haviam terminado, e o deputado não tinha prolongado a sua estada no Rio de Janeiro, senão por causa da união projectada pelas duas familias. Na vespera, depois das ultimas explicações, elle expôs a Paulino a sua resolução de voltar no dia seguinte para a sua provincia.

Essa partida brusca, pensava elle, cortaria toda a veicidade, toda a tentativa de aproximação. A separação era cruel, é verdade; mas a ausencia e a distancia produziriam effeitos mais energicos. Nessa mesma noite, pois, o pai e o filho deveriam deixar o Rio.

A desolação, comprehendese, invadia a casa ha vinte e quatro horas. Cecilia passara a noite em claro e a manhã inteira estivera á janela, por detrás dos

postigos, pensando sempre na volta de Pauline. Este, vigiado, sem duvida, não apparecera. Então a moçaolveu a ultima esperança para a sua padroeira celeste.

Escreveu-lhe afim de lhe suplicar proteçãõ aos seus amores. Sómente Santa Cecilia poderia comover o coração do deputado, impedir-lhe a partida e restituir-lhe aquele sem o qual não poderia mais viver.

Esta confidencia intrigou-me tanto quanto excitou a minha simpatia pelos dois amorosos.

A senhora chegou ao maximo da sua bondade, introduzindo-me em um comodo que precedia o quarto da filha. Uma janella interior dava para este. Pude, então, assistir, sem ser visto, a uma cena curiosa e nova para um europeu.

Um altar tinha sido erigido sobre uma mesa, ornamentado de flores naturais e de cirios acesos. Queimavam-se incenso e mirra, e uma fumaça cheirosa evolava-se pelo aposento.

Ajoelhada diante do altar, Cecilia escrevia.

Pouco depois, levantou a cabeça, pegou entre os dedos a folha ainda umida sobre a qual acabava de expandir sua alma. Aproximou o papel da chama da vela. Depois da consumação, recolheu as cinzas em um pires encarnado.

— Agora ela vai enviar a carta á padroeira, murmurou a senhora aos meus ouvidos.

Chegou então o momento de ver funcionar o cor-reio celestial. Abri bem os olhos e esperei em silencio.

A viração começara. Cecilia, cobrindo o pires com uma das mãos e sustendo-o com a outra, com religioso respeito, aproximou-se da janela. Aí ajoelhou-se de novo; depois, soprando, atirou para o espaço as cinzas que o recipiente continha.

De mãos postas, seguia com o olhar inquieto as particulas negras que a brisa carregava pelos ares.

Pouco depois, nada mais se via.

A carta dirigia-se ao ceu.

A moça fez uma ultima oração e, ao levantar-se, o seu rosto radioso testemunhava a confiança que nutria no successo da sua petição.

Que deverei acrescentar a esta narrativa?

Nessa noite, á mesma hora em que o deputado e seu filho deveriam estar a caminho do Espirito Santo, um negro introduziu na sala dois senhores, sendo que o mais moço se atirou aos pés de Cecilia.

O velho avaro deixara-se enternecer, e dois meses depois Paulino casava-se com aquella a quem amava.

Cecilia é hoje a mais feliz das mulheres. Mas está persuadida de que o seu requerimento chegara ao destino, e que, portanto, se ella é hoje a esposa de Paulino, deve-o á intervenção da sua padroeira.

Eis por que, repitamo-lo, ha no Brasil tão pouca pressa em construir-se vias ferreas. Para que approximar distancias em terra, quando se está em comunicação frequente com as estrelas, e quando se pode, á vontade, fazer partir um expresso para o ceu?

O mar, entretanto, estava calmo.

“Os Dois Anjos” não era grande veleiro. Mas, que importa? Corria calmamente cinco ou seis milhas por hora, em tempo ordinario, ás vezes menos ainda; nunca, porém, excedia essa marcha. No fim de seis dias, dobravamos o Cabo Frio, atingindo Vitoria, a capital do Espirito Santo.

Não falarei aqui do singular encontro que tive nessa cidade, nem da colonia de negros escravos que um capitão marselhês acomodava aos usos provençais, por meio da *bouillabaisse* (1).

Este curioso episodio de viagem é o assunto de um volume que aparecerá proximaemente.

Depois de um descanso de quatro dias, a embarcação pôs-se ao largo.

Apesar de todo o meu interesse em prender a atenção do leitor, não posso, entretanto, descrever uma tempestade que se esqueceu de aparecer, nem os terribes perigos que deveriamos ter corrido.

Semelhante a uma matrona que vai fazer suas provisões ao mercado, a sumaca “Os Dois Anjos” sulcava calmamente as ondas sem desconfiar da impaciencia dos passageiros.

Depois da primeira cena que descrevi, o negociante de carne sêca não mais deixou de respeitar a negra, pelo vigor do seu gesto. Cumprimentava-a longamente pela manhã, quando aparecia ao tombadilho, e não desdenhava os cigarros que ela lhe oferecia.

O cabeleireiro, por sua vez, tornando-se sociavel, vivo, alegre, como convem a um Figaro autentico, não sabia o que inventar para agradar a Manuela.

Era ele quem ia buscar fogo, quando a preta queria fumar. Consequira que ella se dignasse deixar que elle lhe penteasse os cabelos, e afim de testemunhar-lhe a resolução que tomara de nos ser agradável, renunciara ferir-nos os ouvidos com a sua clarineta. Todas as noites pegava do violão e cantava com graça modinhas capazes de satisfazer ao paulista mais exigente. Creio mesmo que a esplendida beleza de Manuela tinha alcançado, aparte os preconceitos, produzir effeito no sensível cabeleireiro; a menos, no entanto, que não se attribua a uma delicada gentileza a escolha de certo romance que elle repetia frequentemente aos pés da mina.

Esse romance falava de amor, não é preciso dizer. Mas o mote, tirado das *Redondilhas* de Camões, continha uma confissão directa á qual a voz emocionante e a intenção expressiva do musico davam um encanto todo particular. Lembrava o mote, numa aria terna e languida, o costume lidio e o ardor impaciente e incontido do moço, e a frieza soberba da dama a quem dirigia as suas lamurias.

Menina formosa e crua,
Bem sei eu
Quem deixará de ser seu,
Se vós quisereis ser sua.

O que justificava até certo ponto a minha suposição acerca da sinceridade amorosa do cabeleireiro era o jogo proposital da sua fisionomia, ao substituir a palavra — senhora — que se referia á idade de Manuela, pela palavra — menina — empregada pelo poeta no quarteto citado (2).

E' inútil repetir que a convenção concluída entre os dois illustrissimos senhores foi sempre fielmente cumprida.

Nunca mais o negociante de carne sêca e o cabeleireiro se arriscaram, depois de enorme feicada, a agradecer ao capitão á moda portuguesa. Todos os dias, porém, ficavam bem uma meia hora em seus camarotes. Quando reapareciam no tombadilho, os seus olhares procuravam o meu para se assegurarem de que durante essa curta ausencia nenhum motivo de aborrecimento havia contra eles.

Tambem o personagem que lhes fazia medo não tinha sequer mostrado a ponta dos seus chifres, e mais nenhum acidente interrompeu a boa marcha da viagem.

Uma manhã, enquanto tomavamos chá, um movimento desusado fez sentir-se a bordo. Disseram-nos que S. Jorge estava á vista. A começo não avistámos senão uma massa opaca de neblina; mas á medida que a sumaca se aproximava da costa, a paisagem clareava, a verdura e os tetos destacavam-se do veu azulado que formavam os vapores do Rio da Cachoeira e do Patipe. Distinguimos afinal a colina de

Santo Antonio, que contornava a cidade. Duas horas depois entravamos na baía e dispunhamo-nos a descer á terra.

— Não é preciso dizer que me vais acompanhar á casa do Macedo, còservou Fruchot, e depois á fazenda onde está o pai de Manuela.

— Perdão, respondi. Antes de tudo os meus negocios. Irei contigo de boa vontade á casa do sr. Miguel Pedregulho. Não esqueças, em todo o caso, que, a serviço da casa Nausiers & Comp., venho a S. Jorge para estabelecer um negocio de fosforos. Vou, por conseguinte, occupar-me da colocação da minha mercaderia.

— Que negociante feroz! disse o corretor. De resto, concordo. Pretendo mesmo ajudar-te com a minha experiencia. Deixa estar. Em menos de uma hora terás cumprido o teu mandato.

— Vamos, respondi.

— Espera, disse Fruchot. Prometi dar uma lição de "civilidade pueril e honesta" ao capitão. Chegou a hora. Atenção.

Ao ver sua bagagem na embarcação, o divertido corretor, com um embrulhinho na mão, aproximou-se do comandante. Abordou-o com todos os sinais do mais profundo respeito.

— Capitão, proferiu lentamente, queira aceitar esta modesta lembrança, como fraco testemunho do reconhecimento que me inspiraram as suas boas maneiras para conosco.

E deu-lhe o pequeno embruiho.

O sr. Vermelho começara a sorrir, mas vendo o conteúdo do pacote, enrugou a fronte e contraiu os sobrolhos.

— São seis lenços da fabrica de Lyon, a primeira da Europa depois da de Lisboa, ajuntou Fruchot, com enfase.

O capitão não sabia se se devia ou não zangar.

— Mas, não preciso de lenços, graças a Deus! Tenho uma duzia e meia na mala.

Fruchot continuou com o mesmo sangue frio:

— Eles lhe servirão, como até agora, para enxugar os dedos, capitão. Enquanto que estes o senhor reservará exclusivamente para o nariz.

E cumprimentando-o, deixou o capitão estatico e de pernas paralisadas como a estatua de Let.

O negociante de carne sêca e o cabeleireiro esperavam-nos no barco. Acomodaram-se todos para dar lugar á temivel Manuela.

Ao chegarmos á terra, confundiram-se em zumbaias e oferecimentos de prestimos.

— Agora, meus senhores, poderão “suspirar” á vontade, disse eu, retribuindo-lhes os cumprimentos.

O portugûes retirou-se, cumprimentando sempre. Quanto ao cabeleireiro, deu na verdade um suspiro profundo, suspiro de apaixonado, acompanhado de um olhar de magoa.

Não me enganara. Figaro falara por si proprio ao repetir o mote das *Redondilhas*. Sómente a indi-

ferença de Manuela reteve nos lábios do brasileiro a confissão dos seus tormentos. Então, o artista seguiu seu companheiro, mas deixando o coração preso pelos longos e sedosos fios dos cílios da negra mina.

Alguns indivíduos, na maioria escravos, esperavam no cais. Entre os curiosos, notámos um velho que nos olhava fixamente, enquanto o cabeleireiro nos enchia de amabilidades. Essa insistencia continuou, mesmo depois da retirada dos passageiros. O velho examinava-nos tão minuciosamente como se fossemos uns trapaceiros e trouxéssemos conosco mercadorias de contrabando.

— Será, por acaso, que este fidalgo também precise de lenços? observou o corretor.

Ao pedirmos a um negro que nos conduzisse á residencia do sr. Macedo, o ancião aproximou-se, e depois de nos cumprimentar gentilmente despachou o escravo com ar soberbo.

— Meus senhores, disse então, visto chegarem da côrte, poderão informar-me se o “Pretinho do Japão” deu noticias aos “Crentes do Brasil”?

— O Pretinho! Os crentes’ repetimos com ingenuidade.

A verdade é que nada compreendíamos. O personagem encarou-nos com olhar desconfiado, como para certificar-se se a nossa innocencia era ou não natural.

— Sou o capitão-mór do rei de Santa Leonarda, continuou misteriosamente.

— Santa Leonarda?! repetimos.

Edificado, sem duvida, pelo nosso ar de boa fé, o velho espigou-se todo. Dignou-se fazer-nos com a mão um sinal protetor e, sem mais, empurrou-nos para o meio da rua.

Pensámos que se tratasse de um desequilibrado. O negro, vendo-o afastar-se, dirigiu-se a nós.

— E' sua excellencia o capitão mór da cidade dos Ilheus, avisou com um sorriso de piedade.

— Isto? uma excellencia? disse Fruchot. Toma-lo-ia antes pelo substituto do marquês d'Argent-Court, que arranja frascos de essencias suspeitas para os elegantes de cafés-concertos.

A residencia do sr. Macedo não foi difficil de encontrar. A especialidade desse homem era o commercio de cabos e amarras, que se extraem dos filamentos linhosos do coco de piassava. Mas o ambicioso negociante matava dois coelhos de uma só cajadada. Vendia ainda carne sêca, objetos de barro, miudezas de armarinho e conservas europeias.

Antes de penetrar na sua moradia, o corretor parou em uma venda e pediu um calice de cachaça. Tirou um charuto do bolso e um fosforo de uma caixa sobre o balcão.

Olhei-o com espanto.

— Aqui estão uns bons fosforos! disse ele. De onde vêm?

— Da Baía, respondeu o vendeiro.

— E quanto lhe custam?

— Dois mil seiscentos e quarenta réis a grossa, ou duzentos e vinte réis a dúzia de caixas.

Compreendi então a manobra do meu amigo. Pagou a bebida, na qual não tocara, mas que o nosso cicerone enguliu conscienciosamente, e continuámos o caminho.

— Temos agora uma base, disse Fruchot. Um ponto de partida para as nossas operações, já que conhecemos o preço do mercado.

O preto separou-se de nós á entrada da casa do sr. Macedo.

Um homem gordo, baixo, mais barrigudo que o comum dos portuguezes, estava á porta, com uma ponta de cigarro presa atrás da orelha, segundo o costume, um palito á bôca, as mãos nos bolsos, esperando com gravidade a freguesia. Ao perceber que nos dirigiamos para ele, os labios se lhe entreabriram e afastou-se para nos dar passagem.

Perguntámos pelo sr. Macedo.

— Qual deles? replicou o negociante. Macedo sómente, ou Macedo de Barcelos de Contas?

— A minha carta não indica senão o nome de Macedo, observou Justino.

— E' que somos dois Macedos em S. Jorge, respondeu o portugûês. Como ao meu commercio, sendo mais amplo do que o do meu homonimo, essa semelhança de nome causava grande prejuizo, então avisei ao respeitavel publico, pelos jornais de que agora

em diante me chamarei Macedo de Barcelos de Contas. Talvez seja mesmo eu quem o sr. procura.

Tal é, com effeito, o uso em Portugal e no Brasil. Os nomes não variam, como em nosso país. A semelhança causa muitas vezes enganos lastimaveis e *qui-pro-quos* engraçadissimos. Quando se conhecem os Soares, os Pinto, os Silva, os Guimarães, os Serra, os Pacheco, e os Cabral, conhece-se todo o Imperio. Para se distinguirem os individuos, é necessario inverter os nomes, mistura-los, pro'onga-los de cem modos diferentes. Um chama-se, por exemplo, Soares Pinto, outro Pinto da Serra; este Guimarães ou Silva; aquelle Guimarães da Silva, ou Pacheco Guimarães, e assim por diante. O metodo é facil. Dirige-se uma nota aos jornais do lugar, na qual se declara assinar, d'ora em diante, Cabral da Serra em vez de Cabral sómente; e todas as formalidades estão preenchidas e o "respeitavel publico" não tem nada a dizer dessa transformação, nem tão pouco o ministro da justiça.

Se a semelliança dos nomes faz nascer confusões, os inconvenientes resultantes desse estado de coisas são mais graves ainda.

Nem sempre é facil acompanhar, nos atos civis, as modificações feitas em nomes patronimicos. O nome do filho já é diferente do do pai. Se a terceira geração se dispõe ainda a alterar o seu, a filiação torna-se difficil, para não dizer impossivel de estabelecer. Essa liberdade ilimitada, tomada por cada um de se chamar como quiser, engendra forçosamente, em

certos casos, uma quantidade de embaraços para a família. E' verdade que dessa forma todos os cidadãos são nobres, quando o querem, o que é uma compensação. Exemplo, o negociante de S. Jorge. Afim de evitar a confusão, ele ajuntou ao seu nome mais dois com a particula, enobrecendo-se duplamente.

— De parte de quem vem o senhor? perguntou.

— De parte do sr. Pedro Clemente da Serra.

A estas palavras o portugûes inclinou-se até o chão.

— E' a mim que procura. E' a mim mesmo, continuou, tirando com respeito o chapéu de palha imundo que lhe servia de carapuça. Oh! é uma pessoa muito digna o sr. Serra! Tenho a honra de ser fornecedor da sua casa. Sejam bem-vindos, meus senhores, e saibam que esta casa está ás suas ordens.

Fruchot disse-lhe o que pretendiamos dele, isto é, meios de ir á fazenda do sr. Miguel Pedregulho.

— Dar-lhes-ei o que quiserem, uma canoa e guias. Mas os senhores não partirão senão amanhã, penso eu... Vão descansar uma noite em S. Jorge?

Justino, sobretudo Manuela, desejavam pôr-se imediatamente a caminho. Mas um olhar que deitei ao meu amigo lembrou-lhe logo as nossas combinações.

— Temos uns negociozinhos para terminar antes de deixar a cidade, disse ele. Creio, em verdade, não podermos partir senão amanhã.

A esta palavra — negociozinhos, a cobiça do negociante excitou-se.

— Sim, temos uma partida de fosforos para deixar aqui, continuou Fruchot, e ser-lhe-ei grato se me indicar uma loja que queira aceitar o deposito.

— Talvez pudessemos chegar a um acôrdo, anotou o português. Qual é o seu preço?

— O preço corrente no Rio é de duzentos e oitenta réis a duzia, sejam tres mil e trezentos e sessenta a grossa.

— Os seus fosforos foram então mergulhaços no ouro do Rio Doce? perguntou ele ironicamente, A Baía manda-nos fosforos de qualidade superior e pagamos meia pataca a duzia, sejam mil novecentos e vinte e tres a grossa, ajuntou desafortadamente o negociante, que ignorava as nossas instruções.

Eu trazia sempre amostras comigo. Apresentei uma caixa ao português. Meus palitos inflamaram-se ao primeiro contacto.

— Oh! oh! fosforos inalteraveis! Superiores! murmurou. Não são maus, com efeito. Mas a sua pretensão é descabida. Dei-lhe o meu preço, como o senhor me deu o seu. Faça uma concessão, e verei se poderei tratar consigo.

— Nosso ultimo preço será de duzentos e quarenta réis. Veja se lhe convém.

— Até que enfim, aí está um meio de diminuir as dificuldades. O sr: já deu um passo, eu darei outro, por minha vez. Ofereço-lhe dois tostões ou cú-

zentos réis a duzia, ou sejam ainda, dois mil e quatrocentos a grossa.

Fruchot fez-me um sinal que compreendi perfeitamente.

— Peguemos, pareceu-me dizer.

E, com efeito, o seu habito de negocios não o havia enganado.

— Pois bem, já que o senhor não quer a nossa mercadoria, vamos offerece-la em outra parte, disse elle

E fingiu afastar-se.

— Um momento, senhor, voltou o portuguez. Esses franceses não têm nenhuma paciencia, é verdade! Quantas grossas têm os senhores em caixa?

— Quatrocentas grossas fechadas em quatro caixas, respondi.

— E isso é toda a partida? Toda?

— E' tudo o que quero deixar em S. Jorge.

— Pois bem Não falemos mais nisso. Dou duzentos e vinte réis a duzia, e fico com as suas quatro caixas.

Feito o negocio, larguei as minhas quatrocentas grossas por um conto e cincoenta e seis mil réis.

E' necessario prevenir o leitor contra o efeito que poderia produzir a extensão formidavel desses numeros. A arimetica da peninsula iberica, naturalizada na America do Sul, é cheia de fanfarronices. Gosta de engrossar a voz como o *Capitan* da comedia. Cilha bem sob vestuarios pomposos e pensa valer mui-

to, porque ocupa muito lugar. Será preciso perdoar-lhe as pretensões a majestade. Com ares de princesa de teatro, é boa menina no fundo, e por menos que se viva em sua intimidade, mostrará logo o segredo dos seus grandes ares.

Tem raça latina, não esqueçamos. Eis por que alimenta uma tendencia involuntaria pelo numero, pela ostentação e pelo aparato.

O sistema de nomes que não têm fim foi aplicado ás cifras. Estas, mesmo para as somas mais vulgares, desdobram soberbamente as suas linhas, como a impor o respeito.

A verdade é que se fica um momento perplexo. Mas depois de ter esfregado os olhos, a gente não tarda a se convencer de que as cifras não representam, com a sua imensidade exagerada, senão um valor ridiculo, a ponto de chegar um conto e cincoenta e seis mil réis a representar 3.168 francos da nossa moeda.

Mas vejam como a arimetica portuguesa tem boa apparencia sobre o papel:

110568000 réis

Não nos parece ouvir um barulho atordoador de milhões? São milhões, com effeito, mas milhões de réis, e é preciso vinte réis para fazer um vintem.

O sistema monetario adotado num país revela algumas vezes a chave do carater do povo que o habita. Ora, sabemos como o brasileiro é vaidoso.

Eu acabava, portanto, de vender muito simplesmente minha mercadoria por 3.168 frs.

A entrega devia ser no dia seguinte.

— O plano está dado, disse-me Fruchot ao sair. Tens o teu deposito e o ganho obtido é honesto. Ainda mais, não tens comissão a pagar, ajuntou alegremente.

No Brasil, a primeira pessoa que nos aperta a mão não deixa de pronunciar a formula sacramental: "Minha casa está ás suas ordens". Isto se diz sempre. Mas todos sabem o que valem essas palavras. Oferece-se tudo, com a condição de que nada será aceito.

Nem Fruchot nem eu conheciamos os costumes locais. Tomamos então informações sobre uma casa-de-pasto para fazer a nossa refeição.

Ainda estavamos á mesa, quando um negro enviado do sr. Macedo veio prevenir-nos de que uma pessoa nos esperava em casa do negociante.

— E' sua excelencia o capitão-mór, ajuntou o escravo, com o mesmo sorriso ironico que viramos nos labios do nosso cicerone.

— Que quererá de nós esse personagem grotesco?

— Decididamente toma-nos por contrabandistas, disse Fruchot.

Ao sair da casa-de-pasto, seguimos o caminho que conduz á loja. Chegados aos fundos, avistamos o velho, que nos tinha, aliás, deixado tão cavalheirescamente na vespera.

Toda a sua arrogancia se desfizera. Veio ao nosso encontro e fez-nos um cumprimento profundo, desculpendo-se de ignorar a missão de confiança que trouxeramos. Antes que caíssemos em nós da admiração que ele nos tinha causado com as suas palavras, pediu-nos noticias de Sua Majestade o rei d. Sebastião, e pôs-se inteiramente ás nessas ordens.

A que rei d. Sebastião se referia ele? Ao que morrera ha trezentos anos, depois da batalha de Alcacer-Kibir?

Interrogamos com o olhar o sr. Macedo, que nos respondeu com outro olhar.

Dirigindo-se ao velho, o negociante disse:

— Os senhores precisam, antes do mais, apresentar documentos. Trouxeram os seus papeis?

O velho puxou do bolso um maço, do qual tres envelopes foram sucessivamente retirados. Pegou em um pergaminho amarellecido pelo tempo, no qual havia varios carimbos com as armas de Portugal. Outro carimbo, representando duas cabeças de mou-ras, cobertas por turbantes, completavam o aspecto exterior desses documentos.

Furchot recebeu o pergaminho, e lemos o que ele continha.

Era uma comissão de capitão-mór, concedida ao illustrissimo senhor Pedro Pacheco de Carvalho, em nome de Sua Majestade Fidelissima d. Sebastião.

Compreendemos logo que o sr. Carvalho era victima de alguma mistificação atrevida. O pergaminho

trazia a data de 1817. Imaginem o nosso embaraço. Não sabíamos como tratar de um assunto tão escabroso sem faltar ao respeito devido á idade do suposto capitão-mór.

Este estudava na nossa fisionomia o efeito que não podia deixar de ter causado o tal papel. Firmando-se bem nas pernas, orgulhoso, uma das mãos passadas no colete, a cabeça inclinada a tres quartos — pose de grande official da Coroa, ajuntou:

— Vejam, está tudo em regra. Falta-me dizer-lhes que o numero de crentes já aumentou consideravelmente na provincia. Esperamos impacientemente as ordens de Sua Majestade. Agora que a minha identidade está provada, dignar-se-ão comunicar-me as suas instruções, para que eu tome as minhas providencias.

Que lamentavel *qui-pro-quo!*

O sr. Carvalho tomava-nos por emissario do rei extinto. Apesar de reiteradas as nossas negativas, ele insistiu por noticias de seu senhor, declarando que a nossa reserva dessa manhã já se tornava injuriosa. O velho emocionava-se ao falar, enquanto o negociante empregava todos os esforços para se conservar serio. Não era facil, compreende-se, sair dessa alhada. Afinal, a suscetibilidade do sr. Carvalho merecia consideração. Ele voltava ao assunto com tanta insistencia, dava-nos excellencia com tanta sinceridade, estava tão convencido de que eramos os confidentes

do batalhador de Alcacer-Kibir, que nos foi preciso aferrarmo-nos á sua opinião, para o não melindrar.

Fruchot pôs-se então em campo.

E inventou uma historia fantastica sobre o rei d. Sebastião.

Eramos os enviados desse principe para julgar das disposições dos suditos da America. A fé infelizmente não era tão viva em toda a parte, e a propaganda tinha cessado ha algum tempo, abafada pela incredulidade do seculo. O momento de um protesto solene ainda não tinha chegado. E acrescentou que o nome do fiel Pedro Pacheco de Carvalho voltara muita vez á conversa que mantinhamos com Sua Magestade. Os seus serviços continuavam sempre a ser apreciados e uma magnifica recompensa lhe estava reservada para o dia da Restauração.

Esta declaração trouxe a serenidade á fisionomia do velho.

— Confio na promessa de Sua Graciosa Magestade de me dar em casamento sua filha a infanta Felipa (que Deus guarde), respondeu o capitão-mór, inclinando-se até ao solo. E esperarei, apesar da minha impaciencia, que a boa vontade do rei venha procurar-me em minha humilde choupana. Minha fortuna, meu sangue, minha vida ser-lhe-ão entregues para sempre. Cabe-lhe dispor deles conforme o seu desejo.

Era tempo de dar fim a essa comedia, porque a fina linguagem do velho já me comovia. Toda a

convicção é respeitável, desde que seja sincera. Aquelle homem, pronto a sacrificar-se por um príncipe morto ha tres seculos, mas sempre vivo na sua lembrança, desafiava com excessiva coragem o cepticismo da nossa epoca, para não excitar a minha simpatia. A despeito das minhas ideias, eu estava emocionado diante dessa crença, que nada podia abalar.

O capitão-mór retirou-se enfim, encantado da nossa recepção, e pedindo-nos a honra de uma visita.

Uma explicação torna-se agora indispensavel.

Todos conhecem a expedição infeliz que o jovem rei de Portugal d. Sebastião empreendeu no decimo sexto seculo, na dupla intenção de outorgar a coroa a um rei musulmano e conquistar proselitos para a religião cristã. Depois da hatalla de Alcacer-Kibir, esse príncipe cavalheiresco pereceu na passagem do rio Macassin, a 4 de agosto de 1578, um ano justo antes de Camões morrer no hospital, em uma cama desprovida de roupas!

Pois bem. Quem pensaria que esse acontecimento, apreciado por historiadores serios, sobretudo por Jeronimo Mendonça, encontrou, e encontra ainda hoje, numerosos incredulos nas duas bandas do Atlantico? Não. O jovem monarca não está morto. Passou simplesmente ao estado de mito. Como o rei Artur, vive errante pelo mundo, ou talvez se tenha retirado para um sitio ignorado, onde os seus inimigos jamais o descobrirão. Graças ao dom da immortalidade que lhe facultam suas virtudes, aguarda em

paz o momento marcado pelos decretos divinos para vir, de um surto, reivindicar os seus direitos á herança de seus pais.

Esse mito é perfeitamente aceito pelos espiritos ignorantes e fanaticos, e tambem por certas naturezas civilizadas.

Haverá raciocinio, em se tratando de fé?

A Crença popular foi explorada por aventureiros pouco escrupulosos. Não aconteceu o mesmo, no tempo de Luiz XVII? Tres homens apareceram então, dizendo-se igualmente d. Sebastião, e, entre eles, um genovês cujas declarações (referindo-se a circumstancias apenas conhecidas pelo monarca e por alguns intimos) tinham um carater apavorante de verdadeiro. A opinião publica foi abalada. Mas os espanhois, que afastaram os milagres nocivos aos seus interesses, trataram o genovês de impostor e enviaram Sua Magestade á prisão, onde veio a falecer.

A verdade é que sempre a superstição popular acreditou na lenda de que o rei d. Sebastião está vivo e bem vivo.

Os jesuitas ainda bordaram fantasias sobre este tema, já passavelmente assombroso. Segundo eles, Deus confiou o principe aos cuidados de um jovem eremita, que deve velar por ele até que, obedecendo ás ordens do alto, d. Sebastião possa de novo subir ao trono dos seus antepassados.

A historia era romanesca demais para não seguir seu curso. Depois disso, os oraculos falaram. Predições

espalharam-se, ambigüas, obscuras, dizendo, por consequencia, tudo quanto se quer que elas digam, como as Centurias de Nostradamus. As revelações que produziram mais effeito foram as de um profeta anão, designado pelo nome de "Pretinho do Japão". Foram tambem as da irmã Leonarda, religiosa do Porto, que annunciava a proxima vinda do monarca.

Segundo o dr. Walsh, todos os personagens que prestaram algum grande serviço a Portugal foram tão considerados por seus contemporaneos como o foi d. Sebastião. D. João IV, que reconquistou o seu reino ao espanhol, teve essa honra, como mais tarde o marquês de Pombal. Em 1830, o rei, tres vezes centenário, ressurgia nos traços da infanta d. Teresã.

A seita sebastianista aumentou sem cessar tanto na Europa como na America. A crença dos seus fieis é tão viva em relação a d. Sebastião quanto a dos judeus em relação ao Messias. Citam-se adeptos cuja convicção cega deu lugar ás aventuras mais extravagantes.

O sr. Ferdinand Denis registra a aposta de um coronel Sousa Menelas com Mourão Telo. O coronel comprometia-se a pagar dez contos de réis, se, ao cabo de dez anos, d. Sebastião não tivesse apparecido.

Todo o mundo no Rio conhece o negociante da rua Direita que, remetendo os seus artigos aos fregueses, lhes dava a faculdade de os não pagar, se não no dia da chegada do rei.

Não sei se o coronel cumpriu a combinação no fim do decennio. Afirmam-se porém, e acredita-se sem difi-

culdade, que o negociante foi dentro em pouco forçado, por causa disso, a mudar o sistema de operações.

Já que fui levado a tratar dos sebastianistas, direi que eles não têm nem organização particular, nem um traço de ligação. O seu numero eleva-se a alguns milhares, tanto na Europa como na America, embora ao ouvi-los a gente deva conta-los por centenas de milhares. Segundo eles proprios, existem crentes tambem em França, na Espanha, na Italia, e no dia do seu aparecimento d. Sebastião apoiar-se-á em um exercito formidavel composto de contingentes de todos os povos catholicos.

Isso explicava como a nossa nacionalidade, aos olhos do sr. Carvalho, não nos impedia de servir á causa de um principe portuguez.

Embora sejam impiedosamente ridicularizados pelos seus patricios, os sebastianistas, aparte a sua mania, são pessoas laboriosas e inofensivas. Vivem ha tres seculos á espera do feliz acontecimento annunciado pelos oraculos. Em geral, recordam, pela sua honestidade e pela austeridade de costumes, os Quakers e os frades moravios.

O leitor conhece agora o velho capitão-mór de S. Jorge. Tinha-mos apresentado como emissarios do rei fantastico, e o credulo ancião viera até nós para testemunhar a sua fidelidade á causa que pensava ser-nos comum.

O sr. Carvalho fôra vitima, na sua juventude, de uma mistificação não menos grave, que influiu no

seu destino, sempre que se tratava do príncipe cuja certidão de obito está registrada na historia ha dois seculos.

Filho de um sebastianista, Pedro, então com vinte anos e pouco, sustentava a mesma crença do pai, o que não impedia de ser sensível aos atractivos da jovem Marciana.

Esta era procurada por um rico negociante chamado Afonso da Silva: mas o seu toração já se havia manifestado a favor de Pedro Carvalho. A união dos dois namorados foi afinal interrompida.

O negociante recorreu, pois, a um ardil — e que ardil, santo Deus! — para desalojar o rival preferido.

Um dia, Pedro recebeu um aviso misterioso. Recomendava-lhe que estivesse no dia seguinte, á noite, ás nove horas, nas proximidades do mar. Teria de seguir um personagem mascarado que, passando á sua frente, pronunciasse o nome de Sebastião.

Pedro era valente. Afinal a sua fé não lhe permitia hesitar em tal circumstancia.

A' hora marcada apresentou-se.

Um individuo envolto numa capa, chapeu desabado sobre os olhos, foi ao seu encontro. Ao aproximar-se dele, parou e murmurou o nome do rei. Pedro nada mais perguntou. Tomou uma canoa com o desconhecido e deixou-se conduzir.

Ao cabo de certo tempo, que lhe pareceu bastante longo, pois não haviam trocado uma palavra, a canoa aproximou-se de terra. Dois cavaleiros, igualmente

mascarados, esperavam na praia, tendo cada um um cavalo pela redea. Pedro, a um sinal do guia, saltou para a sela e os quatro cavalos partiram juntos para o lado do poente.

Todas essas precauções excitavam a imaginação do nosso fervoroso sebastianista. O seu coração batia, sentindo o fim glorioso que lhe deixavam antever. Depois de uma hora de caminho através dos campos, chegaram a uma habitação escondida na mata.

O chefe gritou: Alto! e todos pularam em terra.

Aproximando-se então de Pedro, o chefe disse em voz baixa que ainda havia tempo de recuar, e que fizesse as suas ultimas reflexões antes de transpor o sitio. Ajuntou ainda que a menor indiscreção nesse assunto seria punida com a morte.

— Minha vida pertence ao santo rei d. Sebastião. Entremos! respondeu resolutamente Carvalho.

Em uma sala luxuosamente ornamentada, encontravam-se tres homens, cujo aspecto não podia deixar de produzir grande impressão sobre um espirito já prevenido. Um deles occupava uma especie de estrado, coberto de rico tapete. Os dois outros estavam sentados sobre almofadas, a seus pés, como que para conservar a distancia que os separava dos seus companheiros. Todos tres tinham as pernas cruzadas á moda mussulmana, e traziam um costume oriental. Observava-se uma lanterna luminosa no turbante do primeiro, enquanto que o individuo sen-

tado á sua direita estava vestido de uma tunica de eremita. Dir-se-ia um religioso do Libano.

A lenda punha-se em ação.

Todos tres, aliás, estavam mascarados.

O chefe do grupo dirigiu-se para o estrado e inclinou-se profundamente diante do personagem que o occupava. Declinou em seguida os nomes e sobrenomes do jovem Carvalho. Depois conduziu Pedro á presença do mesmo homem. E manteve-se atrás do estrado, com a espada desembainhada na mão.

O cenario, já se vê, nada deixava a desejar. As palavras de consagração foram então pronunciadas.

— És crente?

— Creio, como na ressurreição da carne e na divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo, na existencia não interrompida de nosso legitimo rei c. Sebastião de Portugal e no seu proximo regresso ao meio dos seus fieis.

Os tres mascarados fizeram com a cabeça um signal de assentimento. Em seguida, o eremita tomou a palavra.

Uma importante comunicação ia ser feita ao moço. Conheciam-se os laços hereditarios da familia Carvalho para com o valoroso soldado de Alcacer-Kibir.

Pedro seguia dignamente os exemplos dos seus antepassados. Fôra tambem escolhido, graças á sua fé robusta, para ser depositario, na capitania dos Ilheus, das vontades do augusto martir. O dia da

Restauração, impientemente esperado, aproxima-se. Os crentes deveriam estar prontos para rodear seu príncipe, salvo por Deus, afim de conduzir a humanidade ao seu glorioso destino. Contavam com Pedro para manter o zelo dos aderentes, e pedia-se-lhe que jurasse executar sem hesitação as instruções que lhe seriam confiadas no momento de empreender a ação.

O ardente jovem imaginava estar em presença de d. Sebastião em pessoa. Pôs uma das mãos sobre o coração e fez com voz firme, apesar da emoção, o juramento que se lhe exigia.

O eremita continuou:

— Os crentes estão cercados de espiões, tanto na Europa como na America, porque os ímpios, escarnecendo dos que têm fé, duvidam do exito de uma causa que Deus protege visivelmente. E' necessario não desprezar nenhuma precaução para escapar á vigilância incessante dos inimigos do legitimo rei. E' o que explica o misterio da presente reunião. Ninguém no país deve duvidar que interesses tão grandes sejam tratados neste recanto isolado do Imperio, e que tão altos personagens trilhem hoje o solo brasileiro.

— Este segredo morrerá comigo, respondeu Pedro, com misteriosa exaltação.

— Satisfeita dos nobres sentimentos do herdeiro dos Carvalhos, disse o eremita, Sua Majestade reserve-lhe uma dupla recompensa.

Depois de ter pronunciado estas palavras, dirigiram-se ao fundo da sala, enquanto, a um sinal do personagem da pluma, o homem que estava sentado á direita abriu uma caixinha de acajú incrustada de ouro. Tirou dela um pergaminho com as armas pessoais de d. Sebastião, que são de sable com um leão de prata encimado por duas cabeças de mouros.

Era uma comissão de capitão-mór, que seria valida no dia em que d. Sebastião subisse de novo ao trono.

O moço desmanchava-se em protestos de dedicação, quando o personagem que occupava o estrado, por sua vez, tomou a palavra.

— Pedro, disse em tom solene, você goza de alta estima entre nós. Afim de que se aproxime ainda mais da nossa real pessoa, destinamos para sua esposa nossa filha, a muito amada infanta Aureliana Luiza Anastacia Inez Felipa.

O eremita reapareceu então, trazendo uma mulher velada, que se aproximou, e por ordem do rei levantou o veu.

Nunca uma criatura tão maravilhosamente linda apparecera a Pedro, mesmo nos seus mais esplendidos sonhos. O jovem teve um atordoamento e fechou os olhos. Durante alguns segundos deixou de ter consciencia sobre o que se passava em volta de si. Pesadas gotas de suor escorriam-lhe da fronte. Suas pernas enfraqueciam, e pareceu-lhe que o seu coração parara. O choque foi rapido, porém violento. Voltando

a si, quis precipitar-se aos pés da celeste aparição. Mas, mulher, eremita, homens mascarados tinham desaparecido. Não escutou senão uma voz, que do fundo do aposento exclamava:

— Não esqueça, exmo. sr. capitão-mór, que está noivo da infanta Aureliana Luiza Anastacia Inez Felipa.

Por um momento, Pedro pensou ser vítima de um sonho. A visão se havia dissipado e o seu cerebro estava cheio de ruidos estranhos. Mas o pergaminho que estava em seu poder estabelecia manifestamente a realidade da cena.

Perturbado, entusiasmado, encantado, retomou o caminho da cidade. A canoa levou-o á mesma margem donde embarcara, com as mesmas precauções misteriosas.

Pode-se adivinhar o resultado dessa aventura. Por mais estúpida que fosse a brincadeira, logrou pleno successo. A ambição expulsou o amor do coração de Pedro. O noivo da infanta não podia mais casar com a bela Marciana. O enlace projetado foi desfeito, mas a moça acabou por se consolar. Assim, tornou-se a esposa do sr. Silva, o impudente mistificador.

Desde aí, embora sob o peso dos anos, Carvalho não desfalecia ante a sua fé. O velho capitão-mór estava sempre persuadido de que falara ao rei d. Sebastião e, como ha vinte anos, está pronto a responder ao primeiro apelo de seu legitimo rei. Com a idade, em todo o caso, a sua ideia fixa tomou proporções as-

sustadoras. O velho não pode mais ficar em casa. Todos os dias sai para o cais, afim de ser o primeiro a cumprimentar S. M. e a sua real noiva. A frota libertadora não aparecendo nunca, ele examina atentamente todos os estrangeiros que desembarcam, persuadido de que virão emissarios disfarçados afim de lhe explicarem a causa desse longo atraso. Por uma falsa indicação, tomara um corretor e um fabricante de fosforos pelos embaixadores que espera ha perto de trinta anos.

Risum teneatis! Os sebastianistas crêem ainda hoje, em pleno decimo nono seculo, na existencia de um principe que morreu no fim do decimo sexto. Tudo é possível. A fé nada tem que se mistura com a razão humana. Experimentem encaminhar os judeus e converter os derviches desviados. Pois que d. Sebastião existe, poderá ter secretamente desembarcado no Brasil. Que representam vinte anos, ou mesmo cincoenta, para um homeni que não envelheceu em tres seculos? Ele aparecerá de repente para executar a obra de Deus.

Isto não se discute, comenta-se apenas.

Quando se parte do absurdo chega-se logicamente, fatalmente . . . ao absurdo.

Reprovámos ao sr. Macedo o seu procedimento para com um compatriota, assim como o papel que ele nos fez representar nessas circumstancias. O negociante protestou; afirmou não haver falado ao se-

bastianista e, se errou, foi sómente por não lhe ter tirado da cabeça a ideia que tinha para conosco.

O autor desta farça era uma especie de fantasma da cidade, e imaginou que nos havia de divertir á custa do monomaniaco.

Soube depois que esse homem de mau gosto não era outro senão o capitão da "Dois Anjos", que tinha querido, aproveitando-se de um velho inofensivo, tentar dar a Fruchot o troco da sua peça.

— Eis-nos, portanto, elevados á dignidade de embaixadores do rei d. Sebastião, disse Fruchot, quando o negociante nos contou a historia do noivado do capitão-mór com a infanta dona Felipa. Toma nota deste fato. Agora quer sua excellencia dar comigo uma volta pela cidade?

S. Jorge não acompanhou (tanto se nos dá) a marcha crescente das grandes capitais do Imperio, tais como Baía, Pernambuco e S. Paulo. As casas aí são baixas, mal alinhadas, as ruas esreitas e sujas. O seu aspecto, dos mais tristes, está longe de lembrar a cidade florescente do seculo XVII, do tempo em que os holandeses, estabelecidos na Baía, a arrancaram ao dominio portugûes. Nada de mais encantador, em todo o caso, que a situação dessa terra, no meio de um vale aprazivel, no fundo da baía formada pelo rio dos Ilheus.

Construida em 1540, S. Jorge atingiu em pouco tempo alto grau de esplendor. Capital da provincia dos Ilheus (hoje inteiramente absorvida pelas provin-

cias limitrofes de Baía e Espírito Santo), que formava antigamente uma das doze capitánias criadas por d. João III, rivalizava, pela riqueza do seu territorio e a importancia do seu commercio, com a comarca de Porto Seguro, que o rio Pardo separava. Os jesuitas exerciam então uma util influencia sobre a população dessas zonas. Os costumes amenizaram-se. A atividade desenvolvera-se sem interrupção e todos partilhavam do relativo bem-estar, tanto os índios convertidos como os audazes aventureiros que a Europa e as ilhas oceanicas enviaram para esse ponto do Brasil.

Um vasto estabelecimento dominava as pitorescas habitações do vale. Era a morada dos discipulos de Loyola. Era d'ahi que partia o impulso inteligente que, fecundando esse país magnifico, o impelia a um destino feliz.

Embora sincera, a minha admiração pelos jesuitas não deixa de ter reservas. Completarei meu pensamento.

Nada direi das missões do Paraguai. E' fato consumado, que a historia já registou. Mas não posso deixar sem menção os quarenta e quatro anos de trabalho inaudito, de jornadas incessantes através das florestas, do padre José de Anchieta, apelidado — o apostolo do Brasil.

Não poderei, tão pouco, esquecer o inalteravel devotamento do padre Nobrega, para arranear aos seus costumes barbaros as tribus errantes da costa oriental.

Os maravilhosos resultados obtidos por esses dois homens bastariam, por si só, para mostrar o quinhão de gloria e de beleza que cabe aos jesuitas na obra divina da civilização.

Outros corajosos missionarios percorreram igualmente as solidões e os descampados, as clareiras e as florestas, levando consigo o pão da alma e o pão do corpo.

Durante duzentos anos, os santos padres governaram os indios do Brasil. Durante dois seculos, a sorte dessas hordas selvagens foi consideravelmente melhorada. As aldeias surgiam como por encanto. Os indigenas abandonavam as matas e vinham receber a lei dos missionarios. Em lugar de sangrentos sacrificios de guerras sem treguas, de festas embrutecedoras, onde homens e mulheres "hebiã como lansquenetes", segundo a expressão de Léry, em lugar da existencia miseravel que eles levavam, encontravam junto dos jesuitas vida monotona, mas suave e facil. Seus vigorosos membros submetiam-se ao trabalho. Executavam, ás vezes, empreendimentos relativamente consideraveis e de utilidade geral, como o canal da provincia do Espírito Santo, o unico que até 1837 existia no Brasil (3). Foram os indigenas que cavaram esse canal, sob a direção dos missionarios. Foram eles tambem que fundaram a cidade de Olivença, no começo do seculo XVIII.

A tutela dos jesuitas foi benfazeja, ninguem o contestará, e os sucessos que coroaram os seus esfor-

ços testemunham a superioridade da sua administração. Eles eram amados pelo bem que faziam. Destarte, a expulsão da missão de S. Pedro dos Índios, fundada em 1630, levantou viva opposição entre os numerosos proselitos.

Mas, se os jesuitas são bons iniciadores para os homens ingenuos, faltava muito para que o seu governo satisfizesse a todas as condições biológicas que reclamam as populações já de posse de certo adiantamento. A emancipação, ou antes, a primeira educação, eis o que os torna excelentes. Traçam um caminho. Lançam as sementes nos espiritos. Mas não sabem fazer produzir todos os frutos. Um limite é imposto á sua ação, e este limite eles não podem ou não querem ultrapassar. Uma vez fundadas as aldeias, os índios, murmurando orações, desbravando o solo, são forçados a estacar, porque o seu fim foi colimado. Pouco lhes importam os novos destinos da humanidade. O progresso incessante não faz parte do seu programa. A lei do trabalho está detida no seu desenvolvimento continuo pelas colunas de Hercules da impassibilidade.

Confesso que o presente é magnifico em relação ao passado. Mas nada haverá para a frente?

De acôrdo, que a roda que eles fazem girar regularmente pelos seus neofitos é leve e branda. Mas é sempre a mesma roda, esmagando sempre a mesma areia fina. A inercia é permanente e systematica. O repouso é relativo. Em outros termos, a inatividade

ou a petrificação, isto é, o desprezo da ciência, a negação do futuro.

A administração dos jesuitas, inteligente e útil a principio, torna-se, em se prolongando, uma maquina impiedosa de compressão.

Olivença acabava de ser fundada pelos indios batizados, e a vizinhança da cidade favorecia a prosperidade crescente de S. Jorge. Os campos cobriam-se de plantações de mandioca, bananeiras, cafeeiros, arroz, abacaxi e milho. Estes productos afluíam á cidade, que os trocava por productos de outras provincias ou por mercadorias estrangeiras. As relações commerciaes tomavam cada dia um desenvolvimento maior, e novos colonos acorriam sem cessar para esse ponto privilegiado do territorio.

Tal resultado — justo é reconhecer — devia-se á perseverança dos jesuitas; chegados a esse limite, porém, a sua ação deveria extinguir-se, sob pena de tornar-se perigosa, e mesmo fatal, para a florescente cidade.

O espirito de dominação, que distingue esses religiosos, mostra-se então em toda a sua ingenuidade aparente. Enquanto eles reinavam em Olivença e nas aldeias circunvizinhas, os que habitavam S. Jorge quizeram tambem subjugar os colonos e impor-se á administração local.

A segurança de que gozava a industria agricola era obra deles, sem duvida; mas o preço que os jesuitas reclamavam ultrapassava a soma dos esforços des-

pendidos e dos sucessos alcançados. Eles visavam, no íntimo, aniquilar a autoridade civil, invadir todos os departamentos, substituir enfim, em tudo e por tudo, os agentes do governo.

As pretensões dos jesuitas, a sua intolerância mesquinha e ridícula, vivamente feriram os colonos. O descontentamento crescia sensivelmente, agravado pela devastação dos aimorés. Estes selvagens, que descendiam dos tapuias, eram de tal forma ferozes que foram considerados barbaros no seu proprio meio. Se se der credito a um velho autor portugûês, houve prisioneiros aimorés que preferiram morrer de fome em Porto Seguro a reconhecer a lei do vencedor. A tribo dos tupiniquins foi por eles aniquilada. Livres dos seus inimigos, assaltaram as propriedades portuguezas, deixando atrás de si a ruina e a morte. O terror que inspiravam despovoava os engenhos. O autor citado não hesita em afirmar que por espaço de vinte e cinco anos esses indios massacraram mais de trezentos colonos e tres mil escravos nas capitánias de Ilheus e Porto Seguro.

Os conflitos incessantes com os jesuitas e as depredações dos aimorés deram golpe de morte a S. Jorge. Desde 1685, a antiga cidade estava em decadencia e a guerra com os holandeses não contribuiu pouco para impedir o seu movimento ascensional. Foi então que se criou o decreto de expulsão dos missionarios — o começo da ruina de S. Jorge.

Os neofitos, acostumados á direção dos jesuitas, curvaram-se difficilmente á autoridade civil. Uns, mais sinceros em sua conversão, juntaram-se aos civilizados, porém a maioria abandonou as aldeias, embrenhou-se nas florestas para retomar a sua vida aventureira. Foram tantos os novos inimigos que era mister combater-los e repeli-los sem cessar. Desde o começo do ultimo seculo, S. Jorge não mais conseguiu recuperar a sua importancia. Os indios da região foram destruidos ou submetidos, salvo algumas tribus isoladas que ainda percorrem as florestas do interior. Mas a antiga capital perdeu o lugar que occupava outrora. Hoje não é mais que uma pequena cidade — e das mais modestas — da provincia da Baía. A erva cresce nas suas ruas desertas. O grande edificio construido pelos jesuitas serve de collegio, e em varios pontos as paredes escalavradas, cheias de fendas, oferecem um triste aspecto. Os trabalhos militares executados pelos holandeses, durante o curto periodo do seu dominio, subsistem ainda. Atestam, pela sua solidez, a importancia que os vencedores davam á posse deste ponto do litoral, tão perto da Baía. O intenso movimento commercial, que datava de 1540, epoca da fundação da cidade, desapareceu quasi por completo. Sómente o porto oferece alguma animação. O campo em torno não apresenta mais a esplendida paisagem das antigas culturas. Procurar-se-ão, debalde, os numerosos engenhos que o occupavam. Toda a industria açucareira da região parece ter-se concentra-

do no Reconcavo. Não se encontram tão pouco as colonias agricolas aí estabelecidas pelo governo em certas zonas privilegiadas do Imperio, como Santo Amaro, na provincia de S. Paulo, S. Pedro d'Alcantara, Piedade, Santa Isabel, na provincia de Santa Catharina, e a mais importante do Brasil, S. Leopoldo, fundada em 1825, na provincia de S. Pedro do Sul, que conta hoje, a julgar pelos relatorios officiaes, mais de onze mil habitantes.

A provincia da Baía não possui senão duas colonias insignificantes: Rio de Contas e Leopoldina. A primeira reúne 41 habitantes. A segunda, estabelecida nas margens do rio Peruípe, conta apenas a metade. No entanto, o decreto de 1.º de novembro de 1859 que manda fundar, nessa provincia, um instituto agricola, é destinado, se não me engano, a dar novo impulso á cultura. E' o complemento de uma vasta combinação economica industrial, já em parte realizada na antiga capital do Imperio (4).

Todavia, até hoje a Baía centralizou intra-muros as forças ativas da provincia, monopolizando todos os favores do governo. Tambem os capitais particulares procederam como os dinheiros do Estado: descuidaram-se de fundar grandes estabelecimentos no territorio banhado pelo rio dos Ilheus.

Aguardemos o instituto agricola.

Sobrios em excesso, lerdos, preguiçosos, os indigenas não têm nenhuma idéa do conforto das grandes cidades, ou o desdenham, o que dá no mesmo.

A farinha de mandioca, caranguejos, formigas fritas, feijões, peixes, carne sêca, raramente carne verde, bastam-lhes para viver. Um teto para se abrigar — e que teto! — na maioria das vezes uma esteira ou uma rede para o repouso, fumo, alguns vintens para comprar foguetes, eis do que carecem para serem felizes. Sem desejos nem necessidades, vegetam em abominavel indolencia, num *farniente* crônico, empregando os seus dias a dormir e a fumar, e as suas noites a arranhar a viola. Podem ser vistos unicamente aos domingos, quando vão á igreja.

Não ha senão os portuguezes e os colonos estrangeiros que se occupam da exploração agricola e de negocios. Graças a eles, o porto e certos quarteirões têm vida. Vivendas encantadoras coroam os cimos de Santo Antonio e recordam a fisionomia risonha das encostas de Olinda, em Pernambuco. Essas habitações, de uma arquitetura moderna, contrastam com as casas desgraçadas da cidade, que são baixas, na maioria de um unico andar. Algumas não têm mesmo senão um andar terreo. Outras dispõem de uma varanda de grades, como antigamente, cujos modelos podem ser vistos, muito bem conservados, na rua da Misericordia do Rio de Janeiro.

Em suma, S. Jorge, como Aix e Avignon, não tem de notavel senão o seu passado.

O senhor Macedo de Barcelos de Contas ia sair em busca de uma canoa, quando chegámos. Por desejo de Fruchot, a canoa transformou-se em mulas, is-

to é, em lugar de tomar o caminho fluvial, o meu amigo preferiu caminhar por terra firme. O audacioso caçador possuía um fuzil de dois canos, que recebera de Paris, pouco tempo antes, e estava impaciente por experimentá-lo. As ordens foram dadas nesse sentido.

No dia seguinte, antes do amanhecer, já a nossa caravana estava pronta. Compunha-se de quatro mulas, uma para cada um de nós e uma para as provisões. Contávamos com cinco ou seis horas para alcançar a fazenda do sr. Pedregulho. Antes, porém, de nos deixar, o sr. Macedo preveniu-nos que as leguas brasileiras eram de um comprimento pouco comum, e provavelmente, se fizéssemos uma sesta durante a hora de maior calor, não chegaríamos antes do fim do dia. Compreendi então a necessidade de um quarto animal e a natureza da carga que lhe fôra confiada.

Dois escravos vinham conosco, um dos quais, Lazaro, nos foi designado como um guia inteligente. O seu olhar, com efeito, era vivo e a sua cara, dividida ao meio pelo sulco que assinala particularmente os negros monhambalas, tinha um ar de orgulho que contrastava com os andrajos que cobriam o seu corpo.

Manuela atormentava os escravos, tal a pressa que tinha de partir. Fruchot e eu, cada qual com o seu fuzil passado em bandoleira, montámos nas nossas mulas.

— Boa viagem, disse-nos o sr. Macedo. E peçam a Nossa Senhora da Vitoria (5) para afastar do caminho o bandido Gregorio.

Manuella, esporeando o animal, forçou-nos a segui-la, no momento em que eu ia pedir ao negociante a explicação dessas palavras. Em desespero de causa, dirigi-me a Lazaro.

— Gregorio, respondeu o negro, não é um homem perigoso e não merece o qualificativo que o sr. Macedo acaba de lhe dar. Matou o seu senhor, é verdade, mas por ordem de sua senhora.

— Que estás dizendo, Lazaro? Um assassinio inspirado pelo ciúme, então?

— Inspirado pela vingança, replicou o negro. A mulher mandou matar o marido para vingar a morte do amante, e Gregorio fugiu para o mato afim de não ser enforcado.

A meu pedido, Lazaro, que não queria outra coisa senão tagarelar, relatou-nos o seguinte episodio dos costumes brasileiros.

A uma legua de S. Jorge, na direcção de Olivença, está situada uma deliciosa quinta pertencente a um antigo negreiro, chamado Manuel Rebentão. Este individuo, de baixa classe, mas possuidor de enorme fortuna, pediu em casamento uma moça nobre e modesta da Baía. Brigida era jovem e o sr. Manuel já velho. Ela era bela e ele feio. Ainda mais, o seu coração de 19 anos tinha desabrochado diante dos olhares encantados de um fidalgo por nome Agostinho

dos Ladeiros. Como era sabido, porém, que o negreiro possuía centenas de contos de réis, foi ele o preferido e Brigida tornou-se sua esposa. Mas os modos brutais do marido aumentavam, dia a dia, com o arrependimento da sensível criatura, ao mesmo tempo que feriam o seu orgulho. Em breve, Brigida não pôde esconder ao grosseirão, de cujo nome era portadora, os sentimentos que ele lhe inspirava, e então os seus ciúmes não tiveram limites.

O sr. Agostinho possuía uma fazenda pouco distante da quinta do seu feliz rival. Depois do casamento de Brigida, deixou definitivamente a Baía e veio estabelecer-se na sua propriedade.

O ex-negreiro desfrutava então todos os prazeres da sua vaidade. Afim de excitar a inveja, dava festas esplêndidas, para as quais convidava as pessoas de mais destaque na cidade e nos arredores.

Agostinho fez-lhe uma visita.

Crendo desafiar melhor o antigo adorador de Brigida, o sr. Rebentão convidou-o para as suas festas cortêsmente, na aparência. Mas na realidade, fazia-o vigiar com todas as cautelas. Por sua vez, Agostinho afetava uma alegria que não existia no seu coração. Porque ele também queria dar uma lição ao homem que lhe havia usurpado o objeto das suas primeiras afeições.

Um ano decorrera desde o casamento do negreiro, e a antipatia de Brigida por ele parecia ter-se atenuado. Se ela o odiava ainda, pelo menos conseguira

esconder-lhe essa aversão. Demais, a sua melancolia havia desaparecido, e ela tomava alegremente parte nos divertimentos que o sr. Rebentão oferecia aos seus intimos.

Ele imaginava que a orgulhosa Brigida tinha abandonado definitivamente as recordações do passado, em face do desdém do sr. Agostinho, e que as suas saudades tinham adormecido no seio do luxo em que a envolvia.

Fez vir novas *toilettes* de Paris. Encomendou uma equipagem na Inglaterra; e afim de dissimular as suas rugas e a vulgaridade dos seus modos, deu a Brigida todas as satisfações de amor-próprio que o dinheiro pode proporcionar. A garridice da moça mantinha sempre os seus ciúmes acesos. Mas Agostinho não era a causa. O ex-negreiro contava também com a dedicação que julgava ter conquistado á mucama da esposa. Como as informações desta eram favoraveis a Brigida, ele persuadiu-se de que a sua generosidade extravagante tinha enfim tocado a alma humana da sua bela companheira.

Certa manhã, annunciaram-lhe que um piano Erard, adquirido no Rio de Janeiro, acabava de chegar a S. Jorge. Partiu logo com oito negros, que se deviam revesar no caminho para trazer o instrumento até a casa.

Na volta, o sr. Rebentão encontrou um escravo de sua mulher. Era o Gregorio, que trazia na mão um grande ramo. Interrogado pelo seu senhor, Gre-

gorio respondeu que a senhora o tinha mandado dar um recado ao sr. Agostinho dos Ladeiros, e que este, por sua vez, acabava de remeter o ramo e uma musica, que lhe mostrou. O escravo devia entregar essas coisas e transmitir os cumprimentos do sr. Agostinho á sra. d. Brigida.

Não sei o que se passou pela cabeça do antigo negro. Examinou curiosamente as flores que compunham o ramo e acabou por guarda-lo, assim como á musica, ordenando a Gregorio que substituísse um dos negros que sustentavam o piano. Esporeou o cavallo e chegou á quinta antes dos escravos. Sem nada dizer, dirigiu-se á casa de uma velha negra chamada Luzia, e mostrando o ramo intimou-a a explicar-lhe o sentido misterioso do que se passava. Por mais inculto que fosse o milionario, não ignorava que as flores sabem falar, e que a escolha da especie, assim como a ordem em que estão arrumadas, compõem a linguagem cuja chave os amantes possuem. Um presentimento dizia-lhe que isso era um *selam* dirigido á sua mulher, e ele ansiava por penetrar no segredo.

Luzia virou e revirou o ramo entre as mãos. Era, á primeira vista, uma profusão de rosas, de jasmims, de craves e de geranios, reunidos ao acaso e falando varios idiomas.

A negra sacudiu a cabeça, depois de interrogar as flores. Uma amendoa caiu a seus pés. Apanhou-a e viu que estava furadã de lado a lado. Avistando um espinho colocado no centro do ramo, meteu a

amendoa pelo buraco inferior. A adaptação foi perfeita. Luzia sorriu: tinha encontrado a chave do enigma. Contou e examinou então, uma por uma, as flores que se juntavam em volta do espinho.

— Então, achou? perguntou o senhor.

— Meu amo, respondeu a preta, este *selam* está claro como o dia. O espinho e o jacinto, que exprimem a dor, têm um sentido mais preciso do lado deste galho de alecrim, que quer dizer — amor fiel, e desta amendoa amarga, que significa amor violento. E', portanto, um coração infeliz que fala, mas infeliz pela ausencia, como indica este galho de limoeiro. Isto é tão verdade que descubro aqui uma folha de ananaz entre uma malva dourada e um cravo almirante. A folha de ananaz lembra as horas de felicidade devidas ao amor, como o cravo o afirma, enquanto que o amante supplica á sua bela, enviando-lhe a malva, ter piedade dos seus tormentos e conceder-lhe nova entrevista. A resposta é pedida de uma maneira insistente por este botão de cravo branco. Eis, senhor, o *selam* decifrado.

O antigo negreiro, recompensando a velha escrava, ameaçou-a dos mais severos castigos, se ella traísse o motivo da sua visita. Foi, em seguida, para junto da esposa, a quem entregou, sorrindo, a musica e o ramo.

Deixando o negro no caminho, com o piano (explicou elle), tinha tomado a frente afim de levar elle

mesmo, antecipando de uma meia hora, o que ella havia pedido ao sr. Agostinho.

Brigida agradeceu ao esposo, sem desconfiar que elle possuísse o segredo do seu coração.

No dia seguinte, o sr. Rebentão devia voltar á cidade para fazer pessoalmente alguns convites. Tratava-se, sob o pretexto de um grande jantar, de exhibir á admiração dos amigos o bello móvel de Erard que acabavam de receber. Partiu a cavallo. Chegando proximo ao caminho que conduz á fazenda de Agostinho, desceu e amarrou o animal. Passou-se uma hora. Aí avistou a mucama de Brigida, que vinha ao seu encontro. A escrava deu um grito de pavor, reconhecendo o patrão, e levou involuntariamente a mão ao seio. O sr. Rebentão agarrou-a pelo braço e fella cair a seus pés.

— Cachorra! gritou. Enganaste-me até hoje e mereces morrer.

A mucama, transida de medo, supplicou-lhe que a deixasse com vida. E contou-lhe tudo, porque era, com effeito, a confidente da senhora.

O *selam* tinha sido perfeitamente interpretado por Luzia. A tristeza de Brigida desaparecera para sempre desde o dia em que o seu coração e o de Agostinho se comprehenderam. Desde muitos meses, Agostinho era seu amante. Viam-se á noite, e era ella mesma, a mucama, quem servia de alcoviteira.

O sr. Rebentão não proferiu uma só palavra em todo o tempo que durou a confissão da escrava. Ape-

sar da idade, devorado por uma paixão incessante, conservava sobre si mesmo um dominio soberano.

— Agora, disse ele por fim, a senhora manda-te levar uma carta ao sr. Agostinho? Dá-me esta carta.

A mucama obedeceu.

Se lhe fosse preciso uma ultima certeza da infidelidade de sua mulher, esta ele a tinha, plena, inteira, esmagadora.

Emocionada pelas lamurias do fidalgo, Brigida esforçava-se por consola-lo. Falou-lhe do jantar que deveria haver dentro de poucos dias. Depois do jantar, os convivas embarcariam para uma pesca com fachos. Mas ele, Agostinho, não deveria esperar este momento para se afastar. Quanto a ela, uma indisposição subita lhe serviria de pretexto para ficar em casa. Ambos livres então, poriam em prova, sob a proteção da mucama, o ciúme do velho esposo.

Depois da leitura, o sr. Rebentão teve um momento a cabeça entre as mãos e, apertando-a com força, sorriu sinistramente.

Dirigiu-se á mucama.

— Cachorra! Já te disse ainda agora. Mereces a morte por me teres traído, quando eu tinha fé no teu devotamento. Morrerás debaixo do chicote...

A mucama arrastava-se aos seus pés, pedindo perdão.

O senhor continuou:

— Morrerás debaixo do chicote, a menos que prometas, sob juramento, executar rigorosamente as ordens que te vou dar.

A escrava juntou as duas mãos e jurou o que lhe fôra pedido. Ficou combinado que ela entregaria a Agostinho o bilhete que lhe era destinado. De volta, daria conta da sua missão á senhora, como se nada se tivesse passado de extraordinario, e o encontro ficaria ignorado por todos. Se o sr. Agostinho não comparecesse ao jantar, desgraçada dela, porque esta ausencia lhe seria imputada como crime, e então se faria a justiça.

— E' preciso que ele tome lugar entre os meus convidados e responda ao apelo da senhora. Sob esta condição, perdoar-te-ci, declarou o antigo negreiro.

A mucama, comprehende-se, jurou de novo fazer tudo que o senhor exigia.

No dia da festa, e antes da chegada dos amigos, Brigida estudava ao piano o trecho que lhe havia enviado Agostinho. Era o dueto do *Éclair*:

*Près d'une belle,
Être fidèle...
Ne servir qu'elle,
C'est un bonheur.*

que ela devia cantar com Agostinho.

Nisso, o marido entra nas pontas dos pés. Vi-rando-se, Brigida percebe que ele batia o compasso com as mãos.

— Admiravel! Divino! exclamava ele. Mas não quero interrompe-la! Retiro-me, ajuntou, beijando os ombros alvos da esposa.

E saiu cantarolando:

*Près d'une be... e... e... elle,
Être fidè... è... è... èle...
Ne servir qu'e... e... e... elle,
C'est un bonheur.*

As coisas passaram-se tal como desejava o marido enganado.

O jantar estava excelente. O piano foi julgado magnifico, e o dueto do *Éclair* obteve as honras de um *bis*.

A esperança de mais tarde se encontrarem a sós dava uma expressão radiosa á fisionomia de Agostinho e de Brigida. Durante a refeição, o moço havia falado de uma indisposição de sua mãe, que não lhe permitiria juntar-se aos pescadores. Um quarto de hora depois de ter cantado o dueto, despediu-se do casal Rebentão.

A sociedade espalhou-se pelo terraço, cada cavalheiro dando o braço a uma dama. O galante negreiro tomara o de sua esposa, que não cessava de cercar de amabilidades.

— O ar da noite está humido, disse ele. E' preciso que te cubras. E foi ele mesmo quem, recebendo o chale das mãos da nuçama, o jogou sobre os ombros de Brigida.

O mar estava como um espelho e as aguas chegavam até junto ao terraço, beijando-o amorosamente. Os barcos e as canoas, com as lanternas acesas, balançavam-se molemente sobre as vagas, esperando os

bons momentos que iam proporcionar aos senhores. A lua, essa lua dos tropicos, que entontece a quem ouça olha-la fixamente, errava sobre a paisagem a sua luz viva, com reflexos dourados sobre o oceano. Uma brisa fresca, que vinha do sul, semeava no espaço os perfumes penetrantes que roubara aos laranjais vizinhos.

Era uma dessas noites calmas, embalsamadas, harmoniosas, que dispoem a alma para as mais doces e intimas efusões.

O velho negreiro inclinou-se para Brigida.

— Nunca te vi tão bela, disse com ternura. Estou quasi arrependido de ter inventado esta partida de pesca. Se eu tivesse coragem, mandaria embora todos esses importunos para poder gozar melhor, a sós contigo, esta noite magnifica. Mas como o teu coração bate! acrescentou, sorrindo. Serão as minhas palavras que precipitam o seu movimento?

Brigida estremeceu como se o ar da noite tivesse gelado os seus membros.

— Tenho frio, respondeu ella, e a cabeça em fogo. Você deve estar presente mas, se o permite, recolher-me-ei aos meus aposentos.

Não acabara de pronunciar estas palavras, quando um grito, seguido de cem outros, estrugiram no espaço. Um cavallo, que acabava de atravessar o patio, aproximava-se celeremente do terraço. Desenfreado, arrastava o seu cavaleiro, prolongando-se na corrida fogaosa com a muralha de pedra que sustentava

as barrancas. Chispava pelas narinas e nitria, enraivecido.

— Agostinho! gritou Brigida, lançando-se para ele.

O marido tomou um ar alegre.

— Acalme-se, senhora. E' um divertimento arabe que Agostinho quer proporcionar á nossa companhia. Chama-se a isso uma *fantasia*.

A estas palavras, um frio mortal percorreu as veias de Brigida e a sua cabeça encheu-se de zumbidos estranhos.

— Mande alguém socorre-lo, senhor! bradou ela.

— Mas se eu lhe estou dizendo que isto é uma *fantasia*, respondeu o velho negreiro.

O patio ocupado pelos convivas era elevado de dois metros acima do terreiro percorrido pelo cavallo. Apesar disso, as senhoras, assustadas, se tinham precipitado para o interior da casa. Sómente Brigida ficara. O perigo que Agostinho corria immobilizara-a. Sentia necessidade de partilhar daqueles terrores e daquelas angustias.

Os escravos da casa seguiam o animal, dando gritos, o que ainda lhe aumentava o frenesi. Como se um inimigo invisivel o atacasse impiedosamente, elle saltava com furor, depois retomava o seu curso fantastico para o lado do terraço. Afinal chegou a alguns metros do lugar onde se achavam as pessoas. Pôde-se então aperceber Agostinho, palido, de olhar acceso, que se agarrava com toda a força ás crinas. Os escla-

vos seguiam-no sempre com os seus clamores. O sofrimento do cavalo devia ser cruel, porque os seus olhos ensanguentados saltavam das orbitas, e das suas narinas infladas saía fogo. Dir-se-ia um dos cavalos do Apocalipse. Era horrível de se ver! Dando então um relincho selvagem, o animal juntou as quatro patas e arrojou-se de uma só vez por cima da muralha que cercava a praia.

O nome de Brigida ressoou no espaço, ao mesmo tempo que o barulho da queda chegou aos ouvidos de todos.

A senhora Rebentão teria caído para trás, se o esposo não a segurasse. Levaram-na desfalecida para o quarto. Eis o que acabara de se passar:

Depois que o sr. Agostinho se despediu, pediu o cavalo, que um negro logo lhe trouxe. O negro estava fumando. Em sinal de respeito, tirou o charuto da bôca, enquanto o senhor moço montava o animal. Em seguida, aproximou-lhe o charuto traiçoeiramente da narina esquerda, onde appareceu uma luz fraca, acompanhada de ligeiras fagulhas. O escravo acabava de acender um pedaço de isca, introduzida na narina do animal. Compreendem-se logo o desespero do cavalo, a sua corrida desordenada, os seus desvios fantasticos, e enfim o salto terrível que ele acabava de dar.

A vingança do sr. Rebentão estava completa.

O corpo de Agostinho, que a vaga ia levando, foi apanhado pelos negros de uma canoa e transporta-

do para a quinta. Os membros estavam dilacerados e a cabeça apresentava um ferimento horrível. O jovem fidalgo respirava ainda, mas o seu estado era desesperador. Duas horas depois falecia.

Os convidados voltaram á cidade.

Ao abrir os olhos, Brigida percebeu o marido ao pé dela. Estremeceu, afastou-se com revolta.

— A *fantasia* acabou, disse o negreiro, ironico.

— Agostinho! Onde está Agostinho? perguntou Brigida, incapaz de fingir por mais tempo.

— Agostinho faltará á entrevista, senhora, respondeu friamente o sr. Rebenção.

A brasileira pulou como uma mola.

O esposo mostrou-lhe então o *selam* que ela havia colocado num vaso sobre a comoda.

— Senhora, disse ele, as flores são indiscretas. Foram elas que me disseram que Agostinho era seu amante. Então, matei-o.

Brigida deu um grito sufocado.

— Seu amor trouxe-lhe a morte, não o esqueça, continuou, com voz surda, o velho negreiro.

Mas a mulher não o podia ouvir. Depois do grito que acabara de dar, tornou a cair como que fulminada, sobre a poltrona.

Um mês depois desta cena, encontrámos Brigida em casa de um parente, que habitava em S. Jorge. Havia escrito para a Baía, queixando-se de sevicias graves causadas pelo marido. Seu pai correu logo. A' vista do pulso da filha, que trazia a marca brutal,

o fidalgo, sem se importar com os milhões do genro, recusou-se a ouvi-lo e levou Brigida.

— Amanhã, senhor, faremos o pedido de separação, disse o pai, transpondo a porta do sr. Rebentão.

— Que será eterna, ajuntou em tom lugubre a mulher do negreiro.

Uma mucama e dois escravos que lhe pertenciam seguiram-na para fora da morada conjugal. Brigida levou ao partir as flores sêcas do *sclam* que lhe enviara Agostinho.

Alguns dias passaram-se. O processo já havia começado. O fidalgo encaminhou-se para o porto, onde se achava um navio de partida para a Baía. Aí tomou passagem para si e para a filha, que esperaria em sua casa o fim do processo intentado contra o marido. A velha tia saíra de cadeirinha, para fazer uma visita. Brigida ficou na casa. Chamou seus dois escravos Gregorio e João.

— Querem ser livres? perguntou ela.

Adivinha-se a resposta dos negros.

— O sr. Rebentão ultrajou-me profundamente, continuou ela. Quero vingar-me dele. Vocês vão mata-lo no meio dos seus escravos. Mas que ele saiba, antes de expirar, que fui eu a autora do atentado.

João e Gregorio partiram.

O negreiro ia montar a cavallo, quando ambos penetraram na quinta.

Era a hora de jantar. Os escravos, reunidos á sombra das bananeiras, faziam a sua refeição.

Gregorio e seu companheiro dirigiram-se ao sr. Rebentão. João apresentou-lhe um papel em forma de carta. Apenas o fazendeiro levantou a mão para segura-lo, Gregorio enterrou-lhe uma faca no peito. João lançou-se por sua vez sobre o assassino de Agostinho. Os escravos da quinta, testemunhas do crime, deram muitos gritos, mas não fizeram nenhuma tentativa para defender seu amo.

— Foi a mandado de d. Brigida, murmuraram os assassinos ao seu ouvido.

Jogando longe as facas, saíram da quinta sem que ninguém os detivesse, e voltaram tranquilamente para S. Jorge (6).

— Ele está bem morto? perguntou Brigida logo que os viu.

— Recebeu quatorze facadas, respondeu Gregorio.

— Deu o ultimo suspiro perto de nós, ajuntou João.

— Vocês estão livres! volveu a senhora.

Mas o ruido deste audacioso assassinio chegara a S. Jorge. Agentes da policia foram logo enviados para prender os dois escravos. João cansou de repetir que tinha obedecido ás ordens da senhora, que estava livre, e não tinham o direito de o prender. Amarraram-lhe as mãos. Gregorio opôs uma resistencia desesperada. Matou um dos agentes, feriu dois outros gravemente, e afinal conseguiu, saltando pela janela, fugir para o mato.

Eis o resumo da narração de Lazaro.

Perdida pela paixão, uma mulher ainda jovem não hesitou em ordenar um homicídio. Para vingar a morte do cúmplice de seu erro, ela acabava de assassinar o marido.

A escravidão — a negação da justiça e da humanidade — acarreta as mais graves perturbações ao meio onde exerce sua influencia. Se embrutece os oprimidos, de outro lado, proclamando a superioridade da força sobre o direito, oblitera o senso moral dos opressores e os entrega a paixões desenfreadas. Com o seu cortejo de prazeres grosseiros, conduz fatalmente ao culto da materia, e enfim ao cepticismo. Daí, a corrupção dos costumes, o desbarato dos laços sociais, o desprezo da lei e de Deus. Os senhores aviltam os escravos. Estes vingam-se, inoculando os seus vícios nos senhores. Instituição anti-cristã, engendra, com efeito, uma lepra corrosiva que roi o fundo do coração dos povos do novo mundo, destroi o germe dos fortes e os seus nobres pensamentos, e os torna incapazes de uma generosa iniciativa em favor da obra fecunda da regeneração.

A escravidão barra ao progresso o caminho do futuro.

Que requinte na vingança do antigo negreiro! Mas, também, que cinismo o dessa mulher que, em pleno dia, á vista de todos, enviara dois escravos á casa de seu marido com o fim de o matar.

O crime de Gregorio e João é o da ignorancia.

O crime da senhora, mil vezes mais odioso, é o da paixão brutal, de um egoísmo feroz e de uma conciente imoralidade.

— Como os senhores vêem, disse Lazaro ao terminar, Gregorio não é um bandido como disse o sr. Macedo. Ele matou, é verdade, mas para obedecer á senhora que lhe prometera a alforria. No entanto, se ele for preso, passar-lhe-ão a corda no pescoço, ao passo que a senhora . . .

O narrador temia terminar.

— A senhora será também enforcada, rematei.

Lazaro abanou tristemente a cabeça.

— Não ha escravos no país dos senhores, continuou ele. Logo se vê pelas suas palavras. Que é um escravo? Um bruto, um cachorro, como nos chamam! Ora, o testemunho de um cachorro não é aceito pela justiça. João já acusou a senhora; Gregorio, se for preso, acusará por sua vez. Mas a senhora é uma branca. Todas as afirmações dos negros não poderão prevalecer contra as suas negações. Não ha, ao certo, senão a morte do sr. Rebentão causada pelo Gregorio e pelo João. Enforcarão os dois escravos e a justiça estará feita, ajuntou, contendo a raiva.

Eis a ideia que fazem os negros da imparcialidade dos senhores. Mostrarei muito breve o ensinamento que o processo forneceu.

Durante esse relato as sombras que escureciam a paisagem desapareceram. Alguns coleopteros voavam ainda no ar, mas sem deixar nenhum traço luminoso.

Os passaros começavam as suas canções, e já a cigarra dos tropicos, esse horrivel inseto junto do qual as cigarras de Marselha e Napoles têm uma garganta harmoniosa, soltava no espaço o seu grito estridente, que irrita os nervos mais calmes

A noite se tinha dissipado subitamente.

Nestas latitudes, a alvorada e o crepusculo não existem. O dia aparece de repente e o sol, nascendo bruscamente no horizonte, inunda logo os campos de uma torrente de luz.

Por mim, não aprecio essa invasão brutal de claridade. Identifico-me com as meias tintas que o decorrer do dia espalha sobre os objetos e experimento um grande prazer em seguir as mutações lentas da paisagem, á aproximação da aurora.

Sonha-se então deliciosamente sob os veus transparentes que envolvem a criação. Essa obscuridade progressiva, tal como a luz, que vai aumentando a pouco e pouco, favorece o divagar do pensamento. A alma adormece, e desperta gradativamente. Fica-se preparado para as viagens romanescas, e mil visões fantasticas povoam o espirito sonolento.

Essas horas propicias ao recolhimento amoroso, ás meditações poeticas, não existem nas zonas tropicais. Aí o dia e a noite se dividem igualmente e a natureza toma os ares domesticos de uma cascira holandesa.

Mais viril do que na Europa, em todo o caso, ella ignora a grande arte dos arranjos e das transições

que pertencem exclusivamente á mulher. Resgata pela força e pela magnificencia o que lhe falta em delicadeza e doçura. Impõe em seus quadros um esplendor, uma exuberancia de vida, que a gente não se esquivia de admirar, sem duvida, mas que afinal acaba por fatigar a vista e o espirito.

Imaginem uma burguesa de formas opulentas, rosto redondo e corado, cujo peito resplende num desabrochamento generoso de saude florescente. Um sangue quente tinge as suas carnes. A seiva transborda. Pois tal desdobramento de forças vitais me parece uma insolencia de mau gosto.

Não seria ridiculo que um banqueiro usasse colares de moedas de ouro e se coroasse de bilhetes do banco?

A camponesa maciça é menos sedutora, com certeza, que a palida e magra criatura dos nossos salões, cuja beleza representa a distincção unida á graça.

A luxuriante natureza dos tropicos prefiro as linhas menos acentuadas, mais graciosas, porém, das nossas companheiras. Da mesma forma que ás *toilettes* gritantes das mulheres meridionais prefiro as vestimentas sobrias, elegantes, vaidosas na sua simplicidade, das nossas debeis parisienses.

Deve-se, no entanto, perdoar a esta terra a sua maravilhosa vegetação, porque ella é louca e desordenada em seus adornos. Os seus *defeitos*, que um gramatico poderia chamar *vicios*, compõem, a meu ver, o seu mais bello ornamento. Sem os jogos imprevis-

tos dos caprichos, a paisagem falaria certamente á alma, mas nada diria á imaginação. Seria a monotonia na magnificencia.

Não acham que uma fita mal amarrada, que parece voar ao acaso, uma flor mal colocada, sem regra, mas não sem gosto, produzem ás vezes um efeito mais atraente que um diadema de brilhantes dispostos segundo os principios classicos? A mistura harmoniosa das linhas e das cores nada rouba á grandiosidade do quadro. Essa aparente incorreção é antes um traço de mestre, uma divina inspiração da fantasia, companheira risonha do poeta. A desordem é a fantasia, e a fantasia é a arte, ao passo que o metodo não é senão a ciencia. A fantasia é a garridice, é a graça, que tanto amamos.

Graças a essas encantadoras inspirações, devemos perdoar á natureza tropical as suas qualidades excessivamente belas, isto é, a grandeza exagerada das suas linhas e os tons estonteantes das suas cores.

Tais eram as minhas reflexões ao vir o sol, de subito, derramando sobre o campo uma imensa claridade.

Magnificas perspectivas revelaram-se inopinadamente como cenarios de teatro.

Sobre as nossas cabeças, um ceu azul claro, irritante quasi, por causa da sua uniformidade. A' esquerda um mar espelhado, cuja voz surda chegava até nós. Em segundo plano dois navios, bordejando ao longo da costa, cujas velas pareciam feitas de te-

cido de ouro, graças aos raios obliquos do sol. A' direita e á nossa frente, vastos campos de algodoeiros e cafeeiros. Além, no horizonte, depois de uma linha cinza que desenhava o sertão, distinguia-se, através de um vapor luminoso, uma massa azulada, profunda, misteriosa — a floresta.

De vez em quando, uma parede branca, crivada de janelas verdes, sorria-nos meio oculta numa cortina de verdura. Era uma fazenda. Viam-se os negros ocupados na colheita do algodão, sob as vistas do feitor, que se reconhecia pelo chapéu pontudo com abas largas, mas, sobretudo, por causa do chicote que trazia á mão.

O canto dos escravos chegava aos nossos ouvidos.

Apressámos o passo das mulas indolentes, afim de atingir, antes da calmaria, o abrigo das arvores.

A' proporção que avançavamos para o suéste, as palmeiras mostravam-se mais numerosas, e entre elas uma especie chamada *coco de piassaba*, que representa vantajosamente a principal industria da região.

O terreno, em certas zonas, pareceu-me merecer a atenção de um naturalista. Ha abundancia de sulfato de ferro. Descobri igualmente rochas chistosas, que accusam a presença de depositos de carvão de pedra. Pesquisas inteligentes, ordenadas pelo governo, facilitariam a exploração de numerosas jazidas desse mineral, que traria novas riquezas ao commercio brasileiro.

O sol começava a dardejear impiedosamente sobre as nossas cabeças. Nem por isso deixávamos de avançar com coragem, seguindo os rastros de Manuela, que se mantinha constantemente á frente da coluna. A excelente criatura, que o pensamento do pai absorvia, virava-se de quando em quando, para nos enviar um gracioso sorriso. Quando nos via enxugar o rosto, buscava no fundo do seu coração alguma palavra consoladora, pedia-nos pelas chagas de Cristo que não esmorecessemos, ajuntando, com a voz emocionada, que seríamos recompensados das nossas fadigas pelo testemunho da gratidão do velho escravo e de sua filha.

Alcançámos enfim o limite das terras cultivadas. Entrámos no sertão, que cortámos obliquamente para ferir o angulo da floresta.

O sertão é a parte do país abandonada pela agricultura. Certas provincias, como Goiaz, Mato Grosso e Maranhão, possuem um sertão cuja extensão é mais consideravel do que a de muitos países europeus. Por essas regiões inexploradas erram bandos ferozes de selvagens, que se mantêm até hoje rebeldes ás conquistas da civilização.

Os leitores conhecem, pelos relatos yankees, o aspecto desolador dessas grandes planicies cobertas de ervas altas, que atingem em certos pontos o peito de um cavaleiro. A salva agreste (*artemisia tridentata*) forma, de tempos em tempos, um matagal espesso, do qual os caçadores só se aproximam com muita pre-

caução, porque é nele que se escondem ordinariamente os reptis perigosos que infestam o deserto. Os canaviais, quando sopra a viração, ondulam e curvam-se harmoniosamente. Esse movimento, que lembra o da onda calma, não deixa de ter encanto. Infelizmente as torrentes de fogo que caem incessantemente de um ceu abrasado secam as ervas e dão á planície uma côr amarelada, que fatiga o olhar. E' verdade que de pouco se precisa para restituir o esplendor a essa vegetação. Algumas gotas de chuva bastam para transformar o quadro e dar-lhe uma fisionomia nova, que repousa e alegra o olhar.

A imensidade, qualquer que seja o seu aspecto, provoca a imaginação. Sente-se grande emoção sobre o oceano, no deserto de areias da Arabia, nos sertões, nos pampas e nos prados da America. O horizonte sem limites fala do infinito, exalta os desejos do homem, encaminha-lhe as aspirações para as esferas etereas, mostrando-lhe o curto espaço que ocupa sobre a terra. Por que então os homens das solidões não são melhores do que os da cidade? E' que o deserto tem uma linguagem que é preciso saber compreender. As necessidades dos selvagens são urgentes. A sua existencia está cheia de cuidados directos, vulgares, que exigem a sua conservação e a de sua familia. A sua intelligencia está muito absorvida pela luta brutal que ele deve sustentar cada dia, e a sua alma, presa ao solo por laços rudimentares, não se pode então elevar até á admiração. O sentimento da

natureza é privilegio dos espiritos cultivados, que não se preocupam com necessidades materiais da vida.

A' nossa frente despontava a floresta.

O trote rude do meu animal, assim como o calor, tinham-me alquebrado. Apeei, e então pude respirar mais á vontade.

Como todas as fazendas dos arredores são estabelecidas á margem do rio dos Ilheus, e como o transporte dos generos e mercadorias se pratica ordinariamente por meio de barcos, não se fez ainda sentir a necessidade de abrir caminhos sob aquelas abobadas sombrias. O machado do negro já abriu grandes clareiras, sem duvida. Mas os temiveis espinhos dos *pitahayas* (cactus), dos agaves (especie de aloes), das acacias, que nos ameaçam sem cessar, e o vigoroso entrelaçamento dos galhos e cipós, produzem em muitos lugares uma barreira quasi sempre intransponivel. O sol não pode atravessar essa espessura, onde o dia difficilmente penetra. O calor no sertão é de sufocar. Ao transpor-se o limite da floresta, fica-se envolto numa atmosfera pesada, humida, que impregna nosso ser.

O corretor tambem havia saltado em terra. O fuzil queimava-lhe as mãos. Tomou á frente com Manuella e internou-se por um corte da mata. O escravo João, um cabinda de raça, conduzia os animais. Eu e o monhambala virámos á esquerda, mas não perdiamos de vista o João e os animais.

O negro e as mulas serviam de traço de união entre nós e o corretor.

O encontro seria em uma encruzilhada situada no meio do atalho seguido por João, e que se chamava *trilho dos fetos*, por causa das samambaias que lhe servem de obstaculo.

Embora muito aproximados da clareira do bosque, descortinámos um numero prodigioso de passaros de penugem brilhante: a *cotinga* azul ou *crejoa*, a *agami*, a *cotinga* vermelho-escura, o *ouantou* ou *picanço* de crista encarnada e o *teitei*, metade amarelo-louro e metade azul-marinho. O *teitei*, tambem chamado *guaranté-engera*, é, como o passaro da Virginia, um dos cantores mais notaveis das florestas brasileiras. Matei dois papagaios — um sabiasica e uma maitaca, — que Lazaro começou a depenar.

Vimos igualmente uma multidão de pequenos macacos *saguís* (*simia jacchus*), que fazem as delicias das moças brasileiras. Vivos, alegres, graciosos, esses animaizinhos saltavam sobre as nossas cabeças e faziam mil voltas e reviravoltas, que muito nos entretinham. Alguns, pendurados pela cauda enroscada em um galho, balançavam-se bem perto de nós e pareciam provocar-nos.

O sagui, menor do que o *uistiti*, é bastante raro nas regiões meridionais. E' mais frequentemente encontrado nas provincias da Baía e Pernambuco. Daí vêm para o Rio de Janeiro. Os saguis são modelos de amor conjugal. Não andam senão aos pares, e se

se chega a pegar um deles facilmente se apanhará o outro. Vi mais de uma vez um macho deixar-se morrer de tristeza, depois da morte da femêa. Ela é digna dessa dedicação, porque, longe do seu companheiro, definha, pouco a pouco, até morrer.

Ha, em todo o caso, exemplos de insensibilidade entre esses quadrumanos, como se nota entre os homens.

Eu tinha levado para a Europa um casal de saguis, dos mariquinhas ou saguis encarnados. E' inutil informar que a imundicie desses animais iguala a sua graça. Fui forçado, por esse motivo, a me desfazer dos dois prisioneiros. Dei a femêa a uma senhora, que estava doida por ela, e o pobre bicho, não podendo suportar a separação, morreu de desespero ao cabo de quinze dias. *Senhor*, era o nome do macho, ficou triste durante uma semana, parecendo afinal consolado. Atualmente os seus saltos e a sua petulante alegria fazem a felicidade de Nadar, a quem o dei. Começou a engordar, o desnaturado, de uma forma exagerada, e tornou-se guloso como um banqueiro aposentado.

O ingrato *Senhor* esqueceu inteiramente aquella que morreu por seu amor. Esta historia não é edificante, hein sei, nem a contei senão para mostrar que os saguis degeneram tambem, abandonando o país do sol. Logo que chegam á Europa, são dominados pelo frio e tornam-se presa facil do cepticismo.

Desviei-me, pois, sem querer, do caminho combinado.

Agora eu avançava com precaução para o lado de uma moita de mangueiras, onde reparei que havia uma certa agitação. Lazaro seguia-me, armado de um chifarote, faca de caça ou facão perfeitamente afiado.

Uma cabeça parecida com a do aguti apareceu de repente. Avistando-me, o animal correu para o mato.

Já lhe tinha apontado o meu fuzil, mas no momento em que ia atirar um grito do monhambala desviou-me a atenção, fazendo-me errar o alvo. O aguti ganhou um atalho espesso sem ser atingido. Aproximei-me de Lazaro.

Este apontava-me alguma coisa por trás das arvores. Reconheci João, ajoelhado no atalho, a gesticular com vivacidade.

Os animais estavam parados atrás dele.

Comecei por carregar o meu fuzil. Depois Lazaro e eu corremos para o cabinda.

A pantomima do escravo não havia terminado e ouviamos agora uns sons roucos — orações ou imprecações, não sei bem, que ele arrancava do fundo do peito. Não estávamos mais do que a uma dezena de metros do cabinda, e não distinguíamos nada á nossa frente, senão um grosso cabo amarelo e preto, que impedia o caminho. Avançámos ainda, eu com o dedo no gatilho, Lazaro com o facão em punho.

O monhambala parou bruscamente.

— Uma jiboia! gritou apavorado.

Era, com efeito, uma jiboia, ou *boa constrictor*, diante da qual João estava ajoelhado. O monstro não fazia nenhum movimento. Apenas um ligeiro piscar de palpebras indicava que ele não estava nem morto nem adormecido.

O cabinda, supersticioso, adorava nesse monstro o deus dos reptis, o receado Panga (7). Não ousava dar um passo avante, mas supplicava a Panga de se esconder debaixo das arvores, para que os pés dos animais não esmagassem o seu corpo divino.

A imobilidade da jiboia e uma respiração bem visivel a meio do corpo fizeram-me comprehender a causa da sua indiferença.

Ela se havia alimentado á farta, e sob a ação penosa da digestão era incapaz de mover-se.

Apesar do instintivo horror que me inspiram os reptis, tomei logo uma deliberação. Um dos canos do fuzil estava carregado de chumbo grosso. Aproximando-me do disforme animal, eu ia abate-lo á queima-roupa.

Nisto, o cabinda dirige-se para mim, supplica-me de mãos postas que não atirasse, a menos que não quisesse lutar com toda a familia da serpente.

Essa eventualidade, comprehende-se, não teria influenciado nas minhas intenções, se Lazaro não interviesse, por sua vez. Era por um motivo mais serio que o monhambala me dissuadia de fazer fogo.

— O chumbo, observava judiciosamente, pode escorregar sómente sobre as pedras ou não atingir a jiboia, senão o bastante para arranca-la do seu entorpecimento. Em qualquer dos casos, sobretudo no segundo, a colera do reptil seria terrivel e talvez mortal para nós.

O raciocinio de Lazaro era bastante aceitavel.

— No entanto, observei, não poderemos deixar João ajoelhado até o fim da digestão do animal, diante da encarnação de Panga.

— Que isso não seja a duvida, respondeu o monhambala. Eu me encarrego de precipitar a digestão do deus dos cabindas, e tambem de desimpedir o caminho, para que as mulas possam passar.

E puxando o seu facão acercou-se, por sua vez, da jiboia.

Fiquei no meu lugar, com o fuzil no ombro, dedo no gatilho, em posição de poder fulminar o monstro, se, despertado pelo sofrimento, tentasse qualquer movimento aggressivo.

Esta precaução devia ser inutil.

João achou asado ameaçar o camarada com a vingança de Panga. Lazaro levantou o braço, e de um só golpe dividiu a serpente em duas.

Ao mesmo tempo que o sangue jorrava de um duplo ferimento, os dois pedaços agitavam-se furiosamente e se arrastaram, em seguida, um para o outro, como que para se colar. Nessas convulsões, um deles expeliu um animal meio digerido, que me pareceu

pertencer á especie felina. Era, se não me engano, um gato mourisco (*felix yaguarundi*)

A jiboia media de quatro a cinco metros de comprimento.

O terror que se estampou na fisionomia de João é indescritivel. Contrastava com o ar conquistador e mesmo um tanto fanfarrão do monhambala.

Lazaro encarou desdenhosamente o cabinda.

— Graças a mim, disse ele, esta maldita fera nunca mais fará mal a ninguem. Quanto a seus irmãos, aqui está quem os obrigará a conter-se, se ousarem atacar-nos, ajuntou, exibindo o facão.

Tinhamos retomado o caminho. Mas sempre, depois de ter dado dois ou tres passos, João se virava, estremecendo. O negro embrutecido imaginava levar na bagagem todos os parentes da jiboia. Na sua imaginação, cada tronco de arvore guardava um reptil pronto a se atirar em cima dele.

Lazaro, na verdade, abusava de mais da sua facil victoria, zombando sem piedade de seu camarada. Agora cantarolava ao seu ouvido uma canção que acabara de improvisar, cujo estribilho dizia que Panga, tão temido dos cabindas, não afrontava nem os brancos, nem os valentes monhambalas.

João, ferido em sua crença e em seu amor-prprio, não proferiu mais palavra. Mas o olhar sinistro com que envolveu Lazaro mostrou a este que uma raiva pessoal acabava de se ajuntar á rivalidade hos-

til que já dividia as duas nações, cabinda e monhiambala.

A vingança de João não podia esperar muito tempo.

Nossa pequena caravana seguia a sua marcha, quando uma dupla detonação nos alarmou.

Será um chamado? Fruchot e Manuela correrão algum perigo? Algum jaguar, alguma cascavel terá atacado os caçadores? Talvez Gregorio ronde estas paragens, ou alguma luta se tenha travado com o assassino do sr. Rebentão.

Montei na minha mula, que chicoteei com energia, depois de ter ordenado aos negros que me seguissem com presteza.

Logo gritos e urros chegaram aos nossos ouvidos. A floresta pareceu repleta de uma agitação extraordinária. O rumor aproximava-se cada vez mais. Reparámos nas arvores um movimento que pouco depois compreendemos. Varias centenas de acrobatas peludos corriam entre os galhos: estavam em presença de um verdadeiro exercito de macacos.

Armei o meu fuzil.

Ao aproximarem-se de nós, os quadrumanos dispersaram-se pelo arvoredo, que se curvava sobre nossas cabeças. Alguns mais audaciosos pareciam querer nos tolher a passagem. Houve mesmo um, desaforado, que se instalou na bifurcação de um cacauero e nos olhou fixamente, fazendo-nos caretas as mais comicas. Seus olhos brilhavam como carbunculos, e os

seus labios, que se chocavam furiosamente, deixavam ver dupla linha de dentes ameaçadores. Dansando sobre as pernas traseiras, apoiando as dianteiras sobre um galho, parecia pronto para atirar-se sobre aquele de nós que passasse ao seu alcance. No meio dessas contorsões, um tiro de fuzil partiu, depois um segundo, e o macaco caiu a nossos pés. Um imenso clamor retumbou então. A folhagem agitou-se, como se uma tempestade houvesse desabado, e o exercito de quadrumanos, saltando de galho em galho, de arvore em arvore, não tardou em desaparecer nas profundezas da floresta.

Este episodio distraiu-nos. Ternei a carregar o fuzil para o caso de novo ataque, e continuámos alegremente o nosso caminho. Meia hora depois deste encontro, vimos o corretor e João, que nos esperavam ao pé das samambaias.

A' medida que nos aproximavamos da fazenda do sr. Miguel Pedregulho, a impaciente Manuela ia ficando mais esperta. A mina atormentava os dois negros, enquanto eles descarregavam as provisões. Se acreditássemos nela, depois de termos comido alguma coisa, ter-nos-íamos posto de novo a caminho.

— Acham pouco, senhores, ficarmos livres uma hora antes? Pensem tambem que já faz mais de dez anos que não vejo meu pai e que venho liberta-lo!

O motivo era bem louvavel para que pudéssemos despreza-lo.

Enquanto João, sempre taciturno, tomava conta da canja dos dois papagaios que eu matara e de uma garça branca abatida por Fruchot, Lazaro suspendeu as nossas redes nas ramadas dos fetos. Não é preciso dizer que este vegetal, tenra planta europeia, transforma-se nestas latitudes em uma arvore respeitavel de quarenta a cincoenta pés de altura.

Fumavamos um charuto, preguiçosamente estendidos nos nossos leitos aereos, quando um barulho surdo, parecido com um tropel de cavalos, chegou até nós. O cabinda levantou a cabeça e estremeceu. Imaginou, sem duvida, ouvir a marcha do exercito dos reptis que, enviados por Panga, avançavam para vingar a morte da jiboia. Lazaro deu alguns passos á frente. Curvou-se logo para nós, murmurando:

— Os capitães! Os capitães!

Dois cavaleiros, vindos do nordéste, dirigiam-se, de fato, para o nosso lado. Enquanto se aproximavam, distinguimos junto a eles tres prisioneiros acorrentados, sendo dois negros.

— Gregorio! E' o Gregorio! gritou Lazaro, consternado.

Os cavaleiros atingiram então o bosque dos fetos, onde tinhamos estabelecido o nosso domicilio provisório.

O aspecto deles não inspirava confiança, como pode o leitor imaginar. As roupas lembravam aquelas dos bandidos que figuram invariavelmente nos melodra-

mas dos *boulevards*. Eram, em todo o caso, mais pitorescas.

Compunham-se de umas calças, ou antes calções de linho, que ficavam acima dos joelhos, uma camisa de lã com punhos direitos e uma especie de paño grosseiro, meio ponche, meio manto, jogado sobre as espaldas com certa graça. O chapéu de abas largas cobria-lhes a cabeça, e a falta de gravata deixava entrever um pescoço nervoso e curto como o de um touro dos pampas. Um deles tinha a perna inteiramente nua, nenhum calçado nos pés, armados de esporas, uma das quais mostrava uma roseta aguda ensanguentada. O outro trazia longas botas que subiam até ás coxas e se uniam ao calção. Era a unica differença que existia no vestuario desses dois homens. Tinham ambos cintos guarnecidos de pistolas e punhais, e cada um segurava um fuzil do feitio de um bacamarte, que dava o que pensar.

Esses dois personagens eram mulatos na flor da idade. Tamanho medio, mas vigorosamente talhados. Mostravam a cabeça alta, como convem ás pessoas que conhecem o seu proprio valor e professam por si mesmas uma profunda estima. O olhar petulante, a pose altaneira e soberba, tinham um tanto de fidalgo e um tanto de soldado. Bigodes tesos e espessos, sombreando o labio superior, eram afagados com o ar de conquistadores, enquanto Lazaro, amarelo de medo, se encostava a mim, repetindo em todos os tons:

— Gregorio! Eles prenderam Gregorio!

Os recenvindos, de apparencia rebarbativa, pertenciam a uma milicia instituida no Brasil no começo do seculo passado e definitivamente organizada em 1822. Datam, porém, deste ano os regulamentos que determinam as funções e especificam a remuneração a que esses servidores têm direito. São os capitães-do-mato. O capitão-do-mato é sempre um homem de côr, mas livre. Deve ser forte, audacioso, resistente á fadiga, desprezando o perigo para estar sempre pronto a exercer as missões dificeis que lhe são confiadas. Essa milicia, criada em uma epoca em que se recrava uma revolta dos negros de Minas Gerais, era temida dos escravos pardos, que ela perseguia sem cessar por toda a parte. Cada captura era paga á razão de 156 francos, que os capitães-do-mato dividiam entre si.

O Rio de Janeiro tem os seus infantés, encarregados especialmente de dar caça aos negros foragidos, e que formam um corpo numeroso pertencente á policia local. A provincia substitue os pedestres por capitães-do-mato.

Os dois individuos, que me haviam feito recordar os bandidos dos melodramas e das operas comicas, eram dois policias brasileiros.

Seguiam-n'os tres prisioneiros, trazendo as mãos ligadas por cordas.

Um deles era um homem alto, tendo, como Lazaro, a cara marcada de cicatrizes. Por vestimenta, uma camisa rasgada, deixando ver sobre o peito fios de sangue. Havia sangue tambem no ombro esquer-

do e nas pernas, indício, sem duvida, de luta encarniçada entre ele e os capitães.

O outro, moleque de uns dez anos, mostrava uma fisionomia de teimoso e desleixado ao mesmo tempo. Era mulato, como os capitães.

O terceiro, enfim, velho de barbas brancas, tinha um aspecto disforme, embora mantivesse a cabeça erguida como quem tem o habito do mando.

Era evidentemente um pele-vermelha.

Reconhecendo a sua nacionalidade, graças a certas marcas características, senti um arrepio de terror.

Esse velho era um índio botocudo, e os botocudos, eu não o ignorava, não renunciaram á antropofagia, como veremos mais adiante.

Digamos sem rebuços que o negro acorrentado era, com efeito, o facinora Gregorio, de quem Lazaro me havia falado tantas vezes.

Os capitães saudaram-nos cortêsmente; mas lançaram um olhar desdenhoso a Manuela e aos dois escravos. Perguntaram se lhes podíamos fazer o favor de fornecer um charuto. Enquanto Fruchot lhes estendia a caixa, Lazaro precipitara-se aos pés do prisioneiro, dando-lhe todas as provas de profundo respeito.

Um dos capitães viu-o, ameaçou-o com a coronha da espingarda.

— Pedes a benção a um assassino! Burro! gritou ele, colerico.

— Gregorio era um chefe temido antes de ser escravo, respondeu Lazaro. E' sempre o capitão dos monhambalas.

— Ele não é senão um terrivel celerado! replicou o outro.

Gregorio lançou um olhar de odio ao mulato e contentou-se em responder:

— A branca ordenou e Gregorio feriu. Um escravo deve obedecer.

— Mentos! Mentos! Cachorro! gritou o capitão, Foi por tua propria conta que assassinaste o sr. Manuel Rebentão.

Gregorio não repeliu o insulto, porém disse baixo algumas palavras a Lazaro, mostrando as pernas machucadas e os pés retalhados.

Os policias, depois de acender os charutos e de beber cada um um copo de cachaça, deram o sinal de partida.

Lazaro aproximou-se de nós.

— Gregorio está ferido e o sofrimento impede de dar um passo a mais. Ele supplica aos senhores que lhe permitam uns instantes de repouso. A piedade obrigava-nos a atender a este pedido. Mas os capitães declararam-se com muita pressa de chegar á casa do dono do moleque. Em consequencia, repetiram a ordem de se pôrem a caminho.

Gregorio estava atado de mais para poder deitar-se no chão. Estacou e segurou o cavallo do policia que o conduzia. Este deu-lhe varias pancadas

com a coronha da carabina. O escravo fechou os olhos e deixou-se arrastar.

— Morto ou vivo, irás conosco para a fazenda do sr. Miguel Pedregulho! gritou o capitão, metendo as esporas no cavalo.

O policia brasileiro era, sem o saber, da mesma opinião do duque Ulric de Wurtemberg, a proposito da inferioridade nativa do sertanejo.

“O camponês, dizia o duque, não é senão um burro de carga que, caído sob o peso do fardo, torna a se levantar á custa de algumas chicotadas que se lhe applicam ás costas.”

Poderemos aceitar que esta doutrina infame tenha doado, a seu digno filho, graças á revolução de Sy, pelo estúpido preconceito de nascimento, o não menos estúpido preconceito da côr?

Pois bem! Isso não passa de pura verdade!

Evidentemente o escravo, a quem não chamam senão de burro e de cachorro, ocupa um lugar bem inferior ao do camponês na classificação dos animais vertebrados. Ora, a ciencia não protestaria, se houvesse para o burro negro dos escravocratas, mesmo quando ferido, as atenções que o feudalismo recusava ao asno branco do duque Ulric.

Isso é horrivel; mas enfim, admitindo-se a escravatura, é logico.

A despeito da logica e da ciencia, não ficámos revoltados com o ato do violento capitão, porque era evidente para nós que Gregorio não podia mais andar.

Implorámos de novo a piedade dos mulatos; mas estes insistiram em sustentar que o assassino (não o chamavam senão assim) estava com muito má vontade. No entanto, á minha observação que iríamos também á casa do sr. Pedregulho, os capitães fizeram um conchavo. Consentiram em fazer alto e tomar parte na nossa refeição. Depois do jantar, deveríamos dirigir-nos todos para o mesmo lugar.

Feito isso, os laços de Gregorio foram cuidadosamente examinados. Em seguida, a extremidade da corda que lhe amarrava as mãos foi solidamente presa a uma arvore. O escravo deixou-se cair por terra.

O pele-vermelha tinha igualmente as mãos atadas ás costas.

Sua idade avançada, o orgulho que lhe brilhava nos olhos, fizeram com que eu me interessasse por ele, apesar da fealdade do seu rosto. A curiosidade em mim sufocava o medo. Antes, porém, de ceder ao meu desejo, aproximei-me dos mulatos, que se ocupavam em tirar os freios dos cavalos, e lhes fiz algumas perguntas.

— Este incredulo, respondeu-me um deles, é mais conhecido do que nós nestas paragens. Tem o apelido de tio Barrigudo ou “advogado vermelho”, porque advoga sempre em favor da independencia das tribus, e em materia de religião faz mesmo frente aos padres.

Entre nós ha, neste caso, um pouco de inveja do Estado, visto o indio ser um *paie* (padre adivinho) de nomeada nas florestas.

A sua tribo foi inteiramente destruída ha quatro anos, por causa das suas crueldades praticadas ás margens do S. Francisco. A idade salvou o tio Barbigudo, que foi internado na aldeia Barra do Salgado, onde ja existiam reunidos 120 ou 130 botocudos.

Oh! os velhacos peles-vermelhas!

Em lugar de escutar as instruções dos padres, e de viver como bons cristãos, podem acreditar que eles só desejam voltar ás solidões do sertão.

E dizer-se que esses brutos receberam o batismo! Sim, senhores, batizaram-se esses comedores de carne humana; e nem por isso ficaram menos pagãos do que antes. A prova é que não se podem acostumar á existencia dos civilizados, e não conseguem acabar com as velhas superstições.

Quatro dentre eles conseguiram abandonar a aldeia e necessariamente devem ter tomado o caminho da Lagoa. E' sempre para esses lados que se dirigem os botocudos, quando conseguem escapar á vigilancia.

Os senhores ignoram sem duvida esta particularidade: a Lagoa, situada acima do Patipe, servia de ponto de reunião para os botocudos. Lugar bem escolhido, porque a caça era abundante. Eu mesmo não matei aí poucos patos, tijés, cabiais e galinhas sultanas. Ainda hoje, embora as tribus estejam dispersas, é para elas o Lago Sagrado.

Ás suas margens, excusado é dizer, realizam-se os sacrificios sangrentos e os horriveis festins desses canibais.

Visto termos de fazer juntos uma boa caminhada, contar-vos-ei a lenda botocuda da mãe-dagua, cuja cena se passa na Lagoa.

Ora, quatro desses maus cristãos fugiram e, segundo os seus habitos, levaram um fuzil que haviam arrancado a um dos guardas.

Felizmente, quando a fuga foi conhecida, já batíamos o sertão ha muitos dias atrás de Gregorio.

Atingimos os botocudos, que fizeram fogo sobre nós. O engraçado que atirou não era maneta nem míope, porque a sua bala furou o meu chapéu, como se pode verificar.

A resposta, porém, foi terrível.

Dois dos quatro peles-vermelhas tombaram pelas nossas balas.

O terceiro, dotado de uma agilidade extraordinaria, conseguiu escapar.

Por desgraça, foi o que atirou sobre nós, e não mais encontrámos nem o fuzil, nem as munições que ele carregara, com certeza, da aldeia.

Agora que conhece o manejo das armas de fogo, esse indio ficará sendo um adversario perigoso.

Espero, entanto, que nos veremos breve ao alcance do fuzil, e então conversaremos.

Quanto ao "advogado-vermelho", tentou abalar durante a luta. Mas não pôde ir muito longe. Graças á fraqueza das suas pernas, alcançamo-lo depois de pequeno percurso.

Vamos entrega-lo ás autoridades de S. Jorge, que farão dele o que quizerem. Mas juro que o velho feiticciro não verá jamais o lago Sagrado, pelo menos enquanto Santa Maria e o illustrissimo senhor Francisco Valcoreal mantiverem a campanha.

— No que toca ao botocado que nos estragou a cortesia, encarrego-me de o levar a S. Jorge, contanto que o meu nobre amigo o sr. Santa Maria faça parte da expedição, replicou o segundo policia.

— Com o senhor afrontarei uma tribu de peles-vermelhas, declarou Santa Maria, inclinando-se profundamente.

— Com Vossa Senhoria ao meu lado, desafiarei os botocudos do país, afirmou Valcoreal, que ainda agravava o exagero do mulato.

Deixei que os dois rasgassem sedas á vontade, ao mesmo tempo que cuidavam dos seus cavalos.

Enquanto nos arrumavam as provisões no gramado, aproximei-me do pele-vermelha.

(1) Sopa de peixe, na Provença.

(2) Não sendo tão populares, em Portugal e no Brasil, como os versos de Tasso entre os gondoleiros de Veneza, os versos de Camões (refiro-me ás poesias ligeiras) são, de certo modo, conhecidos das classes inferiores.

Foi, pois, com espanto que ouvi um dia ressoar num telheiro uma das estrofes compostas para a escrava Barbara. Era um feitor que declamava. Barbosa, como tive a prova, ignorava a origem da elegia, não sabia mais que uma estancia, a segunda, que tanto pode ser dirigida a uma branca como

a uma preta, e que ele escutara não se lembrava onde. Por isso ficou extremamente surpreso quando lhe recitei a peça inteira, afirmando que esses versos admiráveis tinham sido inspirados por uma escrava.

O feitor era absolutamente inculto. O que não o privava de assegurar que Camões era o maior poeta do mundo. Poderia sustentar ainda, com mais forte razão, que era o unico poeta verdadeiramente digno desse nome que Portugal produziu, a despeito das cento e cincoenta ilustrações exumadas da poeira do *Cancioneiro* pelo alemão Bellermann, e das trezentas que depois dele foram descobertas pelo sr. Carvalho, antigo professor da Universidade de Coimbra.

Ousarei colocar, todavia, logo depois de Camões, o bravo e aventureiro autor do poema *Viriato*, Garcia de Mascarenhas.

Antes do seculo XV e até o seculo XVI, Portugal contou um numero infinito de versificadores e varios escritores de real merito. Esse pequeno reino atravessava então um periodo glorioso, durante o qual as letras e as armas expandiam sobre ele a mais intensa luz. Mas depois dos *Lusiadas*, á exceção de *Viriato*, nenhuma obra consideravel logrou mais o antigo esplendor da lingua portuguesa.

Camões morreu em 1579 e Garcia Mascarenhas em 1656. Ha, portanto, mais de dois seculos que dura essa letargia litteraria. Têm-se duvidas se algum dia cessará.

Hoje, o Brasil e Portugal poderão citar á vontade, e ás centenas, fabricantes de sonetos, cuja ambição se limita a arriscar, como num jogo, alguns bilhetes de mil réis, explorando nascimentos, casamentos e enterros. Essas poesias lembram muito P. Corneille, no momento da dedicatória de *Cinna*, com uma diferença notavel, em todo o caso, tanto para a remuneração, quanto para o valor da obra. Em summa, essas peças em verso não são outra coisa senão as *Epistolas á Montoron*.

O mais afamado dos fabricantes de estrofes (o Vate Maranhense, como ele se classifica modestamente) solicitava ha alguns anos o lugar de porteiro do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro. Falo a serio. Sob o pretexto de que seu irmão Apolo se tinha resignado a viver guardando os rebanhos de Admeto, para amassar o barro de Laomedonte, a musa indigente do Vate Maranhense requeria o privilegio de pendurar a sua lira junto ao caneco da taverneira do Arsenal. A conquista do cordão administrativo era o seu sonho dourado. Ora, esse desejo não se realizou. Recusada nas suas pretensões, aliás bem modestas, a pobre musa teve de transferir a sua fabrica de rimas não para as salas desertas da Academia de Belas-Artes, porém para o celeiro de um negociante de charutas. O vate acabava afinal de encontrar um abrigo. Pelo aluguel, o seu generoso e delicado Meeenas não lhe pedia senão dois sonetos por ano — um na vespera e outro no dia do seu natalicio. Será permitido lastimar que tal moeda lirica não terba circulação junto aos capitalistas europeus?

Queira o leitor reportar-se aos belos dias do *Mercurio de França*. Os ramalhetes a Chloris e as sensaborias sentimentais, enxertadas outrora nessa publicação, dar-nos-ão a medida do genio poetico dos portuguezes do seculo XIX.

Ha ainda mais: esse genio porta-se para com a literatura franceza com menos decoro que a industria belga para com as nossas livrarias. Falsifica-se descaradamente, sob pretexto de imitação. Assim, existe atualmente ás margens do Tejo, como no Imperio sul-americano, uma pleiade de rimadores elegiacos, procedente da escola soporifera de Lamartine, que disputa, com os negociantes de epitamios, os favores do publico.

A Canções e a Mascarenhas, poderosamente inspirados pela beleza da mulher e pelo amor da patria, succederam os pallidos adoradores de uma Eivira fantastica. Destarte, não mais

que Portugal, o Brasil não teria nenhum nome serio a opor a Byron, Vitor Hugo, Schiller, Alfredo de Musset e mesmo a Casimir Delavigne.

Devo declarar que o autor dos *Lusiadas* caiu consideravelmente no conceito de mestre Barboza e dos moços do te-lheiro, por pretender immortalizar a escrava Barbara.

Infelizmente Camões!

Não basta que os seus contemporaneos o tivessem deixado morrer num hospital. Foi preciso ainda que, tres se-culos depois da sua morte, o tolo preconceito da côr ultra-jasse a sua musa altiva e generosa!

Tambem, para que se lembrou ele de amar uma "ca-chorra", e sobretudo, de cantar a felicidade que lhe devia?

(3) Desde alguns anos, o governo impulsiona vigorosamente, auxiliado por capitais particulares, numerosos e importantes trabalhos de canalização. Citarei, como mais notaveis: o canal Puassú, destinado a ligar o porto de Canavieiras ao rio Jequitinhonha, apenas navegavel uma parte do ano; o canal recentemente entregue ao commercio, que comunica os rios Pomonga e Japarutuba, na provincia de Sergipe; o canal de Arapapaí, no Maranhão; o canal de Una e o dos Itaumas, no Espirito Santo, que deverá unir o rio S. Domingos ao rio S. Mateus, até hoje fechados á navegação a vapor, bem como o rio Doce, o maior da provincia.

(4) Essa combinação é representada pelos seguintes estabelecimentos:

Sucursal do Banco do Brasil.

Banco da Baía (autorizado pelo decreto de 3 de abril 1858), capital 4 mil contos, ou 120 milhões de francos.

Caixa Commercial (decreto de 26 abril 1856), fundo social de 2500 contos.

Reserva Mercantil (decreto de 8 dezembro 1859), capital realizado 4.065:741\$781.

Caixa Economica, fundada em 17 março 1860. Capital realizado 3.867:156\$584.

Caixa de Economias, autorizada a 3 março 1860. Capital realizado 1.713:533\$593.

Sociedade Comercio e Caixa União, em vespuras de se constituir com os capitais de 8.084:354\$363 e 1.172:271\$848 respectivamente.

(5) Padrocira de S. Jorge dos Ilheus.

(6) Não se parece verdadeiramente a uma pagina da correspondencia de Plinio e Tacito?

"Largius Macedo, vir proetorius, a servis suis passus est... Superbus alioqui dominus et saevus. Lavabatur in villa Farmiana; repente cum servi circumstant. Alius fauces invadit, alius os verberat, alius pectus et ventrem atque etiam (foedum dictum) verenda contundit.

Concubinoe cum ululatu et clamore concurrunt."

Como se vê, os processos da escravatura não variaram desde os romanos. Tal como Largius Macedo, o sr. Rebenção caiu, em pleno dia, na sua propria casa, entre a algazarra dos escravos, pouco dispostos a livra-lo dos golpes assassinos.

(7) *Panga* é adorado no Congo por certas tribus africanas, sob a forma de um bastão curvo pintado de ocre avermelhado, sustentando uma cabeça disforme. Transforma-se muitas vezes em serpente e delega os seus poderes aos seus sacerdotes.

Nas Antilhas esta superstição tem o nome de *vaudoux* (dansa de negros).

O ex-imperador do Haiti, Faustino 1.º, era um dos mais fervorosos adoradores da "cobra sagrada."

Consultar sobre o culto de *Panga* e a organização sacerdotal o meu livro intitulado *Les nègres charmeurs*.

CAPITULO V

Um pele-vermelha. Homens de côr: o que são e o que serão.

Acabei de dizer que o indio era extraordinario.

Julga-lo-á o leitor.

Tio Barrigudo, assim chamado por causa do nome de uma arvore que desempenha papel importante na economia domestica do seu país, é um velho sêco e anguloso. Sua pele, encolhida como pergaminho, não conservou a côr moreno-avermelhado particular á sua raça. A tonalidade desapareceu com os anos. Foi substituida pelo tom amarelado. — amarelo sujo — que se nota nos mamelucos e em certas crioulas de origem suspeita.

Os ossos salientes do rosto, o nariz achatado, as pernas longas e magras, os olhos divergentes, não deixam nenhuma duvida quanto á raça a que pertence.

O que oferece de horrivel essa fisionomia é a ausencia de pestanas e sobrancelhas. E tambem o comprimento exagerado das orelhas, cujos lobulos dilatados apresentam um orificio redondo. E, sobretudo, um labio dividido em dois, que excede ás medidas

e desce até a meio do queixo, deixando a descoberto o maxilar vazio e descarnado.

O orificio circular das orelhas provem do uso constante de pedaços de madeira secados a fogo, que compõem uma parte dos ornamentos dos guerreiros.

O rasgão do labio inferior tem uma causa analoga. O batoque, apesar da extrema elasticidade da fibra muscular, acaba, com o tempo, rompendo as carnes com o seu peso. Juntam-nas, então, e cosem-nas com um cipó.

Seja porque a operação não tivesse sido feita, ou porque não fosse bem sucedida, o duplo labio do paic pende flacido, mole, sobre o queixo.

Apesar de já haver muitos anos que o rio Barrigudo renunciou ao adorno bizarro usado nas tribus selvagens, e que torna tão horrivel a cabeça do botocudo bravo, as marcas do batoque subsistem ainda.

Assim, essas orelhas que tocam quasi os ombros, como as de um cão de caça, essa bôca desdentada e pendente, dão uma expressão repugnante á cara do velho chefe. Sómente a sua attitude é respeitavel, altiva mesmo, apesar das cordas que ligam suas mãos. Os olhos, aos quais nem a idade, nem o infortunio conseguiram roubar uma vivacidade austera, refletem um orgulho desdenhoso que é, a despeito de palavras, como o supremo desafio lançado ao vencedor pelo vencido.

Sou contra os historiadores que dotaram os botocudos de uma estúpida indolencia e de uma apatia

embrutecedora, que exclue todo o trabalho do pensamento. O individuo que eu tinha diante de mim era vivo, bem vivo de corpo e espirito. A seguir, ele me daria a prova de que a sua alma transbordava de energicos sentimentos de amor e de odio.

A principio, o indio encerra-se em desdenhoso silencio. Por certa consideração chamei-o de tio, perguntando-lhe se os quatro anos passados entre os brancos não lhe tinham diminuido as saudades da vida independente, mas difficil, que se vive nos matos.

O velho mediu-me soberbamente sem responder. O seu olhar, em todo o caso, dizia-me tudo o que a bôca silenciava.

Conhecendo a paixão dos indios pelos licores fortes, ofereci-lhe um copo de cachaça. Foi excelente inspiração.

Tio Barrigudo, indicando-me com os olhos as mãos presas, fez-me comprehender que aceitaria de bom grado o meu oferecimento, se lhe fosse possível.

Sob a minha responsabilidade pessoal, obtive dos capitães que as cordas fossem desatadas, enquanto durasse o nosso colloquio.

— Que o senhor francês, em todo o caso, tenha cuidado, observou em ar de troça um dos mulatos. Ainda restam dois dentes a este velho canibal, e já faz quatro anos que esses dois dentes não mordem carne de cristão.

Achei a pilheria de muito mau gosto. Em todo o caso, dei liberdade aos membros de tio Barrigudo.

Este mostrou-se profundamente surpreso com a minha ação. Agradeceu-me em português, declarando que, pelo meu procedimento, ainda mais que pelo meu gesto, ele adivinhava que eu pertencia a uma nação diferente da de seus inimigos.

Antes de levar o copo á bôca, o botocudo espalhou no chão algumas gotas do liquido. Queria isso dizer que essa libação se dirigia em primeiro lugar a Taru, o criador de todos os seres, e em seguida ás divindades inferiores que habitam as florestas.

Sorveu então alguns goles de cachaça; depois, apontando para Gregorio, estendido ao pé de uma árvore, pediu-me que lhe levasse o resto da bebida.

Essa delicadeza surpreendeu-me bastante, porque eu não ignorava que os pele-vermelhas levam ainda mais longe que os mulatos o desprezo e a aversão pelos negros.

Aparentemente o paicé leu o meu pensamento. Tanto assim que replicou:

— Gregorio é um miseravel escravo, sem duvida. Mas é prisioneiro como eu, e os mestiços deixaram-no quasi morto. Taru é um deus terrivel, porém justo, e o deus dos brancos ordena socorrer os que sofrem.

Um antropofago, praticando a caridade! Coisa estranha e quasi incrível, não acham?

Gregorio acabou de esvaziar o copo ajudado por mim. Virou-se com dificuldade para o botocudo.

— Gregorio agradece a seu tio indio, murmurou com voz fraca. Se Gregorio um dia vier a ser li-

vre, o tio pode contar com o devotamento absoluto de Gregorio.

O paié não respondeu e o escravo caiu de novo no gramado.

Esse ato humanitario, executado em comum, teve como consequencia a supressão de qualquer preambulo ocioso e colocou a conversação em seu verdadeiro terreno — o da confiança.

Depois de lastimar que o tio Barrigudo tivesse caído nas mãos dos capitães-do-mato, ajuntei que eu o julgava dotado de bastante coração e intelligencia para que um dia se reconciliasse com a civilização.

Esta palavra fez-o estremecer.

O seu amor feroz pela liberdade explodiu logo nesta exclamação que ele proferiu com um ronco surdo do peito:

— Ah! a civilização! Tenho-a encontrado mais de una vez em meu caminho. Os brancos trazem-na no canhão e nos fuzis e a lançam voluntariamente no deserto, acompanhando a mentira, a espoliação e o homicidio.

Todo o orgulho, toda a raiva que pode conter a alma de um indio reçumava nessas palavras.

Naturalmente pretendi rehabilitar aos seus olhos a raça branca, mostrando o magnifico papel de iniciação que ella occupa no mundo.

O bem-estar que se goza nas cidades e que se ignora nas florestas é uma das suas conquistas pelo trabalho. A liberdade mesmo, essa liberdade que

ele tanto lastima, sem bem a compreender, é por assim dizer um fruto da civilização. Em suma, os brancos, que os pele-vermelhas consideram erradamente como inimigos implacáveis, não são senão valentes soldados da humanidade.

O velho paié escutava-me atentamente, sem protestar contra a minha argumentação, senão por um sorriso ironico, que lhe apontava sempre sobre o labio rasgado.

O fim da minha ultima frase fe-lo novamente explodir, e um clarão selvagem illuminou-lhe as pupilas.

— Conheço essa palavra, disse com azedume. Os paiés da aldeia repetiram-na vinte vezes por dia, durante os quatro anos que me tiveram em seu poder. Os paiés da aldeia fazem belos discursos, porém os atos dos civilizados desmentem as suas palavras.

Animando-se, á proporção que falava, continuou:

— E' por humanidade que os brancos invadem os nossos sertões e arrancam por violencia a herança de nossos pais? E' ainda por humanidade que eles nos repelem para o fundo das florestas e nos massacram, se tentamos defender os nossos territorios, a nossa caça, as nossas familias, a nossa independencia secular? E' enfim por humanidade, sempre por humanidade, que eles acorrentam os sobreviventes — pobres velhos como eu — que levam como cativos? Oh! juro por Taru, criador do mundo, como a vossa civilização, que tenho horror á humanidade!

Terminava, quando um rugido terrível ressoou nas profundezas da mata.

Tio Barrigudo parou e prestou atenção.

Duas vezes ainda o ronco se fez ouvir.

Por acaso, nesse momento, eu tinha os olhos fixos em Gregorio. Vi o escravo voltar-se para o nosso lado, e pareceu-me que o paié e ele trocavam um olhar de intelligencia.

Os capitães estavam ainda occupados com os seus cavalos e não se incomodaram por tão pouco.

O corretor, caçador exímio, agarrou o seu fuzil.

— Eis um jaguar, ao qual vou dar o meu cartão de visitas.

— Cuidado! observou o capitão Santa Maria. Pode muito bem ser que o pretendido jaguar não seja outro senão o botocudo fugitivo, que envia um signal ao tio Barrigudo. Vocês não conhecem como nós todas as armadilhas desses pagãos. Se estou certo, não o percam de vista. Um botocudo é mais perigoso que um jaguar, sobretudo, quando conhece o manejo das armas de fogo.

— Quanto a nós, não tiraremos os olhos de cima do velho feiticeiro, declarou o segundo capitão. Se ele se mexer... eu me encarrego de o mandar logo para os vales ditosos onde o grande Taru reúne os guerreiros depois da morte, ajuntou o mulato, cujo contacto com os indios o fizera conhecer as suas superstições.

As palavras dos dois soldados deram-me o que pensar, porque explicavam, até certo ponto, o oferecimento da cachaça ao escravo ferido e a troca de olhares que me pareceu ter havido entre tio Barrigudo e Gregorio. O que acabava de dar a essas palavras um sentido preciso foi uma expressão de inquietude que eu vinha de surpreender nos olhos do botocudo, no momento em que o meu amigo se encaminhava para a floresta.

No entanto...

A ideia de uma combinação entre um indio e **um** negro era absurda demais para ser admissivel.

Vejamos. Supondo que esses dois homens, que se desconheciam na vespera, estejam agora unidos por um mesmo sentimento de rancor, supondo ainda que, por uma extravagancia, eles tenham conseguido fazer uma combinação, como e onde acabaria a conspiração de um velho e de um moribundo acorrentado?

Ainda mais, a intervenção do botocudo armado que guardava o mato, como poderia realizar a esperança dos dois prisioneiros?

O indio dará o seu tiro, admitamos; matará um dos capitães. E depois?

Sem contar Manuela, que assim mesmo sabe manejar um fuzil melhor do que qualquer de nós, pondo de parte os escravos, seríamos ainda tres homens em face de um agressor.

O botocudo encontraria tres canos assestados contra o seu peito. Seria abatido antes de attingir o centro do nosso acampamento.

Decididamente os capitães abusam. A menos que eles tenham querido meter medo a Fruchot, nada achei de suspeito na minha imaginação.

O rosto de tio Barrigudo conservava a expressão calma e soberba, depois das ameaças dos soldados.

— Já ouviu falar dos mulatos, esses vergonhosos produtos que os brancos obtêm das suas escravas negras? perguntou ele. Pois bem, aí está tambem a humanidade desses demonios! Para eles, a vida de um pele-vermelha, como chamam aos indios, por despeito, tem menos valor que a de um animal selvagem. O guerreiro que não pode ser corrompido pela civilização necessita ser abatido sem piedade.

Tal observação, da bôca de um botocudo, muito me surpreendeu.

— Mas, repliquei, tua nação professa, segundo me dizes, um grande respeito pela vida humana. No entanto, cada dia que passa nos traz a noticia de um novo atentado, acompanhado de incendio, executado pelos botocudos bravios. Fazendas saqueadas, plantações devastadas, homens assaltados e torturados, mulheres e crianças estranguladas. Eis o que são as façanhas vulgares dos descendentes dos aimorés. Para não falar senão da tribu a que pertences, não foi por causa da longa serie de horrores por ela praticados que os brancos e os mestiços a dizimaram?

O paié lançou-me um olhar colérico.

— Isso é verdade, disse ele. Mas a quem cabe a responsabilidade dessa situação? Aos brancos, que depois de terem invadido os nossos territorios de caça, atiram-nos á sua frente, como uma vara de porcos, ou a nós, que nos defendemos contra tão insolentes e crueis opressores? O primeiro sangue quem o derramou? Os brancos. A guerra existe, pois, entre nós ha muitos seculos. E o de que nos accusam, como sendo crime, não é outra coisa senão legitima represalia.

Que pensam desta logica do botocudo?

Quanto a mim, não esperava, confesso, encontrar nas florestas do novo mundo um argumentador dessa força.

Convenhamos que o “advogado vermelho” merecia bem o seu nome.

Havia uma outra questão que eu ansiava por tratar, sem ter ainda ousado aborda-la. O momento pareceu-me propicio. Decidi-me aproveitá-lo.

— Pois hem! admito, respondi, que as tribus não cessaram de estar em guerra com os brancos desde a era da conquista. Visto rejeitardes todos os progressos da civilização, é evidente que a civilização é vossa inimiga. Ella vos despoja e vos despojará cada vez mais; porém, fa-lo-á em obediencia a direitos superiores aos vossos. A propriedade sem exploração constitue um privilegio odioso, um abuso detestavel. Deixa de ser um direito sagrado. E' uma injustiça. Fiel á sua missão, a civilização semeia as terras que

tira de vós, mas que deixariéis incultas. Troca os produtos do solo e da sua industria pelas riquezas dos outros países. Quanto mais ela afugenta as tribus para o sertão, mais dilata o circulo da sua actividade benéfica. Impotente para vos atrair ao seu seio e achando em vós resistencia tenaz, cega, encarniçada, e'a vos cerca incessantemente e vos mata sem piedade. Mas, ao menos, a civilização, completando a sua obra, não bebe o vosso sangue, nem come os vossos cadáveres. Que consideração se poderia ter para com selvagens que, refugando o trabalho e oprimidos pela fome, assassinaam os seus semelhantes para come-los em seguida?

Esperei com inquieta curiosidade a resposta de tio Barrigudo.

Pareceu-me ver nele um certo embaraço, uma certa vergonha.

Depois de curto silencio, o indio levantou a cabeça.

— Comprehendo o teu pensamento, disse. Na aldeia tambem os paiés e os senhores accusam-nos de comer a carne dos inimigos. Mas, responde-me francamente. Que é preferivel a um valente soldado: ter por sepultura as entranhas de um guerreiro ou o ventre dos urubús e dos jaguares?

Um calefrio percorreu-me os membros, a esta pergunta. Instintivamente virei-me, afim de me assegurar se os capitães-do-mata estavam sempre ali, perto de mim.

— Explica-te melhor, retruquei.

— Aqui está: depois de um encontro com os brancos e os botocudos, que honras pensarás que teus irmãos rendem aos despojos dos seus inimigos? Abandonam-n'os na floresta, onde os cadáveres se tornam presas dos animais selvagens. Tal sorte deve ter sido a dos meus companheiros de fuga, abatidos ontem pelos mestiços. Pedi que os enterrassem. Responderam-me que seria privar de seu quinhão as onças das redondezas. Foi a civilização quem falou assim a um selvagem. Pois bem. Dize-me agora: qual o mais barbaro, o índio que dá as suas entranhas para tumulto dos seus inimigos, ou o civilizado que entrega o guerreiro caído pelos seus golpes á voracidade dos guarás e dos urubús?

A estas palavras, o horror e a indignação confundiram-se na minha alma. Pareceu-me que se alongavam os dois ultimos dentes do botocudo, e a sua fisionomia ficara mais horrorosa que dantes. Inteiramente entregue á impressão que sentia, dei um passo para trás.

— Então, exclamei, confessas que as tribus ainda não renunciaram totalmente a esse costume execrando?

O paié tomou o ar majestoso que já descrevi.

— Não confesso nada, disse ele, senão que os nossos antepassados, os aimorés, sacrificavam os seus prisioneiros e nutriam-se da sua carne. A tradição dessas festas sangrentas foi mesmo perpetuada até nós.

Mas os tempos mudaram. Hoje os botocudos matam para se defender. A caça e a guerra dão-lhe amplamente os meios de subsistencia. E' unicamente como desculpa ás atrocidades cometidas para com as nossas tribus que os brancos os accusam de devorar seus inimigos. E' permitido destruir as onças e os guarás; mas os canibais não serão mais perigosos ainda que os animais selvagens? E' em favor desta covarde calunia que a CIVILIZAÇÃO faz, por HUMANIDADE, a caça ao homem e despoeva o sertão, rematou ele com mordaz ironia.

Depois desta declaração, um peso enorme caiu do meu peito e os meus pulmões, contraídos, dilataram-se.

O paié procuraria dissimular o verdadeiro estado de coisas, ou a sua indignação era sincera, quando livrava as tribus da terrivel accusação de que eram victimas?

A fisionomia disforme de tio Barrigudo harmonizava-se então, é verdade, com as suas primeiras palavras, com os vibrantes protestos que acabava de formular. Mas, por outro lado, a raiva que ele nutria contra a civilização, e que mostrava sem rebuços, fazia-me acreditar na sua franqueza.

Um carater dessa tempera não se poderia rebaixar até á mentira. Afrontando o vencedor, não procuraria apieda-lo.

Assim fazem os guerreiros em meio dos supplicios e em presença das hordas que lhes rasgam as carnes.

Sob a influencia desta ideia, esqueci-me de que a astucia e a coragem são os caracteristicos da natureza indigena.

O proprio tio Barrigudo encarregava-se de me recordar.

Recomeçou com dobrada energia:

— Que o meu filho branco guarde estas palavras do paié botocudo. Nunca existirá uma aliança entre os opressores e os oprimidos. Entre as nações indigenas, ha umas que foram aniquiladas até o ultimo varão, outras submeteram-se, e outras ainda estão dominadas pelo terror. Nós outros, fomos particularmente perseguidos, sitiados, massacrados, porque somos mais valentes e a independencia nos é mais cara do que a vida.

O nosso odio não pode nem crescer nem se extinguir. Enquanto houver um botocudo de pé, esse botocudo marchará pelo caminho da guerra. Os brancos e os mulatos possuem armas de fogo que lhes facultam quasi sempre a vitoria. Mas os pele-vermelhas receberam do Criador dos seres a astucia e a paciencia. Depois, Taru é um deus terrivel, mas justo, e Taru é o deus dos botocudos.

Que se tem dito da estupidez radical, irreprimivel desses indios? E' como o idiotismo, ou a inferioridade absoluta da raça negra.

Consultem, a este respeito, M. Du Chailly e o dr. David Livingstone.

A linguagem de tio Barrigudo provava que a natureza não tratara os botocudos como filhos desherdados. Mostrava superabundantemente que os adoradores de Taru não são tão desprovidos de intelligencia como pretendem inculcar certos tratados e certas referencias do governo brasileiro.

O paié era um dos principais personagens da nação. Possuia ainda mais a experiencia da idade e uma estada de quatro anos na aldeia Barra do Saigado, o que não havia, sem duvida, contribuido pouco para o desenvolvimento das suas faculdades. Tudo isso é verdade. A natureza dotara-o generosamente; pondo de parte as suas prevenções sistematicas, era um espirito são e vigoroso.

Representaria uma exceção?

Pode ser, mas então esse conceito terá de ser justificado.

Soube mais tarde que todos os esforços tinham sido envidados na aldeia para apanhar o velho chefe, na convicção de que um tal auxiliar agiria poderosamente no carater feroz dos seus companheiros. Entretanto, todas as antecipações, todas as predições tinham fracassado contra a logica racional do "advogado-vermelho".

Dizia ele:

— Recusamos o bem-estar que nos ofereceis. A vossa civilização opressiva preferimos a existencia livre das florestas. O trabalho das cidades não foi fei-

to para nós. Não se aprisiona nem o jaguar, nem o tucano. A caça ao ar livre, a contemplação das solidões imensas, o amor no fundo do deserto, os combates com as nações inimigas, as festas religiosas de iniciação dos guerreiros, os divertimentos á margem do Lago Sagrado, e mesmo os sacrificios no territorio dos antepassados — eis o que Taru nos deu e o que os brancos nos arrebataram. Restituí-nos todos os bens que nos pertencem, e viveremos á nossa vontade, como viveis á vossa. Se não, desconfiai. Porque os botocudos errantes, dispersados, perseguidos como feras ou vigiados como animais de tropa, serão sempre, e por toda a parte, implacaveis inimigos dos brancos e dos mestiços.

Tal era a resposta invariavel do paié a todas as proposições que lhe eram dirigidas pelos padres e pelas mais altas autoridades da aldeia.

Tio Barrigudo afirmava, em todas as circumstancias, e até nos detalhes os mais pueris, os mais simples, se o quiserem, a sua raiva contra a civilização.

Destarte, nunca se pôde obter dele que renunciasse ao tratamento por tu, usado na vida selvagem. Assim ele tratava o mundo — o padre, o diretor da aldeia, o soldado e o escravo. Persistia em empregar a linguagem imaginada pelas tribus, chamando os brancos — caras-palidas e os mulatos — caras-escuras. Os padres-barbadinhos (capuchinhos) não eram para eles senão paiés, como os feiticeiros botocudos.

Em resumo (eu acabava de ter a prova), o velho chefe tinha-se obstinado desde a sua internação em não fazer concessão alguma, mesmo por formalidade, áqueles que ele considerava covardes e impiedosos agressores.

A volta de Fruchot e o chamado de Manuela interromperam minha conversa com tio Barrigudo.

O corretor tinha perdido as pegadas do jaguar. Mas declarou haver notado vestígios frescos de pés nus, perto do acampamento.

Os dois capitães deram uma descarga com os seus fuzis e as suas pistolas, afim de assegurar se as caçuletas tinham conservado a escorva.

Valcoreal bateu na coronha da sua arma.

— Isto é para o botocudo, se foi esse o vagabundo que nos fez o sinal, disse, em voz alta.

— E isto para o velho pagão, se tentar fugir, ajuntou Santa Maria, imitando o gesto do companheiro.

Minhas simpatias tinham sido conquistadas por tio Barrigudo, apesar da sua extrema fealdade, por causa da franqueza do seu carater. O indio não era, afinal de contas, senão um prisioneiro político, social, se o preferem, e a sua fuga da aldeia, tão natural na sua situação, não provaria indignidade. Ao meu ver, tratava-se de um insurreto da civilização — um insurreto vencido, que atingira o limite de idade. Sob este duplo titulo, era credor de certas atenções.

Por consequencia, resolvi convidá-lo a tomar parte na nossa mesa, fazendo o possível por ser o seu responsável perante os capitães.

Com grande surpresa minha, essa proposta foi cabalmente recusada.

Quem havia de dizer? O orgulho do índia cresceu, á ideia de sentar-se ao lado dos mulatos.

— Fui o primeiro na minha tribo, declarou com altivez. Na aldeia, bebi e comi com os paíes brancos. Mas nunca, nunca me degradarei a ponto de aceitar a companhia dos filhos de uma negra. Os mulatos podem amarrar os membros do chefe botocudo, porém não a sua vontade. Aos brancos, o meu odio. Aos mulatos, o meu desprezo.

O preconceito de classe e de côr tinha tambem, ao que se vê, penetrado no sertão.

Afastei-me com pena do orgulhoso velho, prometendo a mim mesmo provocar novas confidencias sobre os costumes das tribus.

Obtive, contudo, que tio Barrigudo conservasse as mãos livres. A unica precaução que foi tomada consistiu em enrolar em volta de uma arvore a ponta da corda que prendia o seu corpo.

Evitei, compreende-se, de contar aos mulatos a recusa que eu acabava de sofrer, devido a eles. De resto, não seria preciso, porque uma nova cena, em que os desdenhados passavam, por sua vez, a ser desdenhosos, mostrava-me logo, sob novo aspecto, aque-

la sociedade extraordinariamente superficial, arrogante e vaidosa.

O ultraje feito a Manuela, a bordo da sumaca "Os Dois Anjos", iniciou o leitor nas sombrias susceptibilidades dos senhores brasileiros.

Lá, não o esqueçamos, eram os brancos que rejeitavam a negra, como indigna da sua nobre companhia.

O pele-vermelha, por seu lado, acabava de esquivar-se, no seu orgulho selvagem, a reconhecer os mulatos como seus semelhantes.

Examinemos a posição em que os costumes e a constituição brasileira colocam essa raça irrequieta, energica, ambiciosa, nascida numa terra que fatalmente um dia lhe deverá pertencer.

Se é verdade (como o afirma audaciosamente a doutrina de Monrœ) que a America seja exclusivamente propriedade dos americanos, toda a região deste continente, abrangida pelos dois tropicos, voltará logicamente á posse dos homens de côr.

Ao passo que o clima exerce continuamente os seus maleficios entre brancos e pretos, os mulatos e os mestiços aumentam dia a dia. A epoca não está longe, em seguida á supressão radical do trafico dos negros, em que eles terão desaparecido completamente das terras do Imperio. Os mestiços serão, daí em diante, em proporção enorme em face da população branca.

Esta deverá renunciar ás suas pretensões insensatas e á supremacia opressiva e desprezivel. Se resistir, será fatalmente aniquilada.

Quem sabe se no dia seguinte ao da vitória o preconceito da côr não se voltará contra os brancos, como aconteceu na republica negra dos Palmares?

Os mulatos e os mestiços, transformados em nação homogenea e compacta, proclamarão, por sua vez, a doutrina de Monrôc, e cuidarão da sua propaganda. Uma vez sós, quem ousará contesta-los? Serão os senhores legitimos. Seus titulos de propriedade já não se acham estampados nos seus rostos da côr da terra?

Notemos, de passagem, que o despotismo brutal dos brancos, introduzido até no amor, terá assegurado o successo da reivindicção dos homens de côr.

Os exaltados senhores esquecem, com effeito, que cada contacto com as negras e com as indias produzirá um inimigo implacavel, que se levantará cedo ou tarde contra a sua ascendencia branca.

Serão assim vingadas as inumeras vitimas da cupidez desmedida dos espanhois e dos portugueses (2).

Os indios sitiados e enforcados por Cortez, Cabral e seus descendentes, os africanos chicoteados, aviltados e embrutecidos, revivem nos mestiços, que, por sua vez, não aspiram senão regularizar definitivamente as suas contas com os opressores.

O primeiro ato deste drama sangrento passou-se em S. Domingos, no fim do ultimo seculo e no começo deste. O papel principal foi desempenhado por Dessalines.

O segundo prepara-se a esta hora nos estados da antiga União Americana.

O terceiro, que conterà o desfecho da peça, terá por teatro o Imperio brasileiro.

Enquanto isso, um ultimo choque, e igualmente fatal, produzir-se-á, em seguida, entre duas grandes facções da familia humana.

Imediatamente depois do seu triunfo definitivo, os mulatos brasileiros se afoitarão em concluir uma aliança ofensiva e defensiva com seus irmãos, os numerosos mestiços das diversas republicas espanholas, unidos por uma comunhão de crenças, de odios e de idiomas.

Será então realizada a ideia defendida por Bolivar, no congresso anfictionico de Tacubaia.

A America meridional e a America central formam uma importante confederação, senão uma imensa republica, como desejaria o heroi colombiano. Tal é o resultado logico da conquista do poder pelos homens de côr.

O estabelecimento de duas grandes nações independentes, entre os estados que compunham, ha tempos, a União-Americana, aproximaria o momento da explosão annunciada, ao mesmo tempo que ampliaria o circulo da sua ação pelo congraçamento radical dos mestiços do sul com os mestiços da Virginia e da Louisiana.

Compreende-se: por força das circumstancias, a raça anglo-saxonia, tão viva, tão invasora e tão ener-

gica, encontrar-se-á diante de nova raça latina formidavelmente organizada. O protestantismo, expansivo como a liberdade, chocar-se-á de novo com o catolicismo inergulhado na fé ardente que ocasiona o sucesso, e pela transfusão de um sangue jovem e generoso.

Essas duas raças e essas duas religiões combaterão, uma contra a outra, em nome do direito e da justiça, pelo dominio do novo continente.

Debaixo de que bandeira se colocará a vitoria?

O futuro o dirá.

Acabamos de constatar os efeitos. Agora vamos mostrar as causas, expondo o papel apagado, humilhante, vergonhoso, que se impõe aos homens de côr, no Imperio sul-americano.

O preconceito do nascimento, que foi tão poderoso entre nós até a revolução de 89, não representaria senão imperfeitamente o antagonismo que separa as populações nos países em que reina a escravatura.

O preconceito da pele estabelece duas categorias de individuos bem distintas, duas nações reunidas em uma só nação.

Reparem que não me refiro aqui a essa raça infortunada — verdadeiro rebanho humano — cuja opressão é autorizada por uma legislação anti-cristã.

Trata-se, em falar de cativos, de filhos da mesma terra, cidadãos do mesmo estado, pessoas que têm os mesmos direitos, segundo a Constituição, e que a lei trata com absoluta igualdade, salvo raras exceções.

Em uma obra publicada, ha alguns anos, sobre o Brasil, o autor, escritor de merito, sem refutação, mas que se engana, a meu ver (ele mesmo o reconhece logo ás primeiras paginas do livro), por tratar de um povo com o qual não conviveu, de um país que nunca viu — pretende que a escravidão é muito suave no Imperio. Ajunta ainda que em nenhum outro país talvez o preconceito da côr tenha menos influencia.

Eis um talvez muito bem empregado.

O preconceito da côr não tendo influencia no Brasil!

Encontra-se esse preconceito a cada passo. Confirma-se em todas as circumstancias, na rua, nos salões, á mesa de familia, e até na igreja, onde a côr mais ou menos carregada da epiderme estabelece entre os fics uma barreira intransponivel. Mas ele não apparece sómente em germe. Estabelece-se arrogantemente, cnicamente, na Constituição do Imperio. É mantido pelo artigo da lei fundamental que recusa formalmente os direitos eletivos ao homem alforriado. Este, isto é, o mestiço, revolta-se por ter de nomear um representante, embora a lei lhe conceda o titulo de cidadão, titulo irrisorio, convenhamos, em um Estado que se baseia no sufragio universal.

Enquanto o individuo possuidor de uma renda anual de 300 francos pode influir diretamente, pelo seu voto, na gestão dos trabalhos publicos, o alforriado é expulso das eleições do primeiro grau, mesmo que tenha

o dobro da soma exigida. Seja milionario. Tenha o genio politico de Toussaint-Louverture, a ciencia medica do dr. Meyrelles, a valentia do chefe negro Henrique Dias e a intrepidez fabulosa do mulato Fernandes Calabar, o heroi legendario de Pontal, ser-lhe-á recusado assentar-se entre os eleitores provinciais e solicitar um mandato de deputado.

Não lhe parece esta interdição bastante iniqua, bastante significativa?

O codigo negro brasileiro, cujas disposições foram tiradas, na maior parte, da legislação romana, mostra-se, neste particular, mais opressivo que a propria legislação. É menos imparcial que o codigo de certas tribus da Africa equatorial, que fazem o commercio dos escravos.

Em Roma, com efeito, os alforriados latinos-junianos gozavam de plenos direitos civis, como os outros cidadãos. Entre os negros de Cabo Lopez, a criança nascida de mãe escrava desfruta absolutamente todos os direitos possuidos pelo pai.

Os oroungous, os shekianis e os bakalais não estão mais perto da justiça e da verdade que os brasileiros, que impoem ao filho da escrava a condição da mãe?

Se as leis do Imperio declarassem livre, pelo facto unico do nascimento, o produto do branco e da escrava, ver-se-iam menos senhores a procurar jovens escravas com o fim de aumentar o seu capital. Não se assistiria, sobretudo, ao repugnante espetaculo de um pai entregar a sua descendencia ao chicote do feitor,

ou vender esses descendentes como cabeças inúteis ou nocivas do seu rebanho humano.

O filho reconhecido como igual ao pai, é o que seria justo e equitativo.

Infelizmente não se dá esse caso, e o filho da escrava, mesmo emancipado, ressentido-se, toda a vida, da sua origem vergonhosa.

Este odioso preconceito, que o trabalho de d. Pedro I consagrou, criou raízes profundas na raça.

Perguntem ao mendigo dos Açores ou ao sertanejo do Rio Grande, assim como ao fabricante de cigarros do Rio de Janeiro, ou mesmo ao cigano, se não desprezam soberanamente o mestiço?

A linha de divisão está marcada no Brasil. Tão identificada neste país, quanto em Richmond e em Nova-Orléans. Desejaria não precisar ajuntar: quanto em Washington.

A lei reconhece a aptidão dos homens de cor para preencher os empregos do governo.

Nos mais altos cargos encontram-se mulatos, é verdade. Mas a lei e o preconceito são dois poderes bem distintos, que é preciso não confundir.

A Constituição proclamou a igualdade dos cidadãos. O preconceito, mais forte que a Constituição, eleva uma barreira insuperável — até hoje pelo menos — entre os indivíduos que se diferenciam pela tonalidade da pele.

Dão-se dragonas, condecorações, títulos aos homens mestiços. Mas ninguém faz liga com eles.

Quando se viu uma branca casar com um mulato?

Aquela que ousasse afrontar tão audaciosamente os usos e os costumes do seu país seria repellido, no mesmo instante, por todas as pessoas da raça pura. Seria desprezada, apontada a dedo, excluída sem dó da sociedade em que ela figurava, em outros tempos, como ornamento e orgulho.

O preconceito é vivo no Brasil. Estou autorizado a sustenta-lo, apesar da asserção lançada por Mr. Charles Raybaud, de que o Brasil se mantém em toda a sua energia selvagem.

O mais pobre trabalhador não trocaria a côr de seu rosto, se fosse branco, pela de um mestiço, mesmo que essa troca lhe desse um milhão de lucro. Ele é o "ilustrissimo senhor", tanto quanto o advogado, o deputado e o negociante, e, apesar das suas privações, sente-se igual a todos.

O mulato mais opulento (e existem entre eles alguns que possuem fortunas principescas) é seu inferior. Ele o sabe, e o fará lembrar na ocasião propicia.

Por mais miseravel que seja, é sempre alimentado pela convicção de que faz parte da aristocracia do país, a unica que ele conhece, a unica que ele aprecia — a aristocracia da pele.

A lei faz generais, barões, deputados, comendadores, de homens de côr. Mas o preconceito os declara indignos da aliança com as familias brancas. Casam-se entre si. Encontram-se em festas publicas, solenidades nacionais, entre os medicos do imperador.

Alguns fazem parte do Senado. Mas não galgam, senão difficilmente, as soleiras das casas particulares. O brasileiro, que nutre a pretensão de descender dos companheiros de Cabral e de Mem de Sá, e que se gaba de ter nas veias sangue portuguez, não os deixará sentar-se á sua mesa.

O preconceito reina e comanda no mundo official.

Um alto funcionario, ministro do Imperio, se e quizerem, receberá em sua casa um mestiço carregado de condecorações. Convida-lo-á a jantar, e uma noite de baile, ordenará a sua mulher que vença a sua repugnancia e danse com ele. Mas nunca, jamais — fosse o mestiço tão rico quanto todos os Rotschild reunidos — o alto funcionario lhe cederia a mão da filha.

Esta tirania ferez do preconceito mostra um lado ridiculo, quando se atende ao numero excessivamente limitado de brasileiros que conservam, puro de qualquer mistura, o sangue dos primeiros colonizadores. Esse numero não ultrapassa certamente a setima parte de uma população que está avaliada aproximadamente em sete a oito milhões. Notemos que ha provincias como as de S. Paulo e Minas Gerais, em que os habitantes provêm, em grande parte, do cruzamento dos antigos conquistadores com as raças autoctones.

Como nenhum recenseamento serio ainda foi feito, somos obrigados a estabelecer uma relação approximada entre a população livre e a população escrava.

Segundo alguns economistas, esta proporção é de mais da metade em favor dos escravos. Explicam aqueles, pelo receio de revelar a esses a sua superioridade numerica, a obscuridade misteriosa que o governo faz pairar sobre a estatistica.

Agora que analisámos o gosto dos senhores pela catinga, o leitor poderá apreciar, por sua vez, o numero de mulatos que cada ano poem no mundo dois milhões de negras. E' preciso levar em conta os produtos dos brancos, dos mestiços e dos negros, com as mulheres indigenas, as mulatas e as mestiças.

Resulta deste calculo que poucos brasileiros não terão nas veias uma porção de sangue negro ou caboclo.

Esta hipotese é categoricamente demonstrada pelas mil tonalidades de pele que se notam no país. Toda a escala de tons e semi-tons, que separam o branco puro do negro retinto, é representada por essa população multicolor. Vermelho-palido, azeitona, tostado, terroso, amarelado, livido, cinzento-sujo, tais são as tintas diversas, cujo conjunto compõe a fisionomia do povo brasileiro. Ainda é mister acrescentar a essa variedade de especies outras sub-divisões de cores que são: *mamelucos*, *cholos*, *curibocas* (os *somboloros* dos espanhois) e enfim os *sacalaguas* (3).

Fazemos, pois, uma grande concessão aos brasileiros, admitindo que, em uma população livre de quatro milhões, um milhão de individuos tenha con-

servado, na sua pureza, o sangue dos antepassados. Apressemos-nos em declarar que neste milhão comprehendem-se os europeus residentes no país. E ajuntemos ainda que cada dia este diminue, e é facil prever que em proximo futuro não restará um brasileiro que não tenha pouco ou muito do sangue dos antigos escravos.

Hoje o mulato e o mestiço estão em proporção de tres para quatro.

Eis o que torna grotesco o orgulho desmedido desses brancos duvidosos, e o seu desprezo soberano pelas tonalidades um pouco mais carregadas que a sua.

Ainda mais: o preconceito da côr, que interveem sempre nas relações da sociedade, domina as afeições mais naturais e perturba friamente, sistematicamente, a harmonia do lar domestico.

Escravas ou emancipadas, as moças de côr estão contaminadas do vicio original, e este vicio transmitem-no á sua progenitura.

Assim, não é raro ver-se uma familia cujos membros apresentam tres, quatro nuanças de pele diferentes. O cruzamento das raças — acabamos de o constatar — fornece produtos diversos, que se afastam ou se aproximam do branco, mas nunca se confundem com ele. Um senhor terá uma filha branca, uma outra mestiça e um filho mulato. A primeira de uma união legitima; a segunda, produto de uma india, e o terceiro, enfim, de uma escrava, porém legitimado.

A lei, já o dissemos, confere os mesmos direitos a essas tres criaturas, que têm um autor comam. Mas o preconceito coloca-as, umas em relação ás outras, em um estado de inferioridade ou superioridade permanente e imoral. Ora, se a igualdade dos filhos entre si é a base fundamental da familia, como poderá essa familia existir em semelhantes condições?

E' inutil ajuntar que a dona da casa, a esposa legitima, não experimenta mais que afastamento e aversão por esses produtos de uniões extra-conjugais, que vêm prejudicar a parte dos seus filhos legitimos.

Começa o leitor a perceber o quadro sombrio que representa realmente, através de uma apparencia harmoniosa, a casa brasileira.

Crescite et multiplicamini, disse o Evangelho. E a sociedade brasileira obedece com fervor ao preceito do Evangelho, invocando Nossa Senhora da Conceição.

Dentro em breve, daremos a essa questão — a mais importante das que temos tratado — todo o desenvolvimento que merece.

O leitor ficará admirado: o preconceito que divide os cidadãos vive do mesmo modo no seio das familias. O mestiço será fatalmente votado ao isolamento entre os seus. Seu pai, que o reconheceu no fogo da paixão, não hesitará nunca em sacrificá-lo á progenitura branca. Quanto aos seus irmãos, não se cansam de afasta-lo como intruso. Ele traz no seu rosto o estigma indelevel do paria, tão deshonroso,

segundo os costumes coloniais, como o ferrete da bastardia.

A despeito da lei que proclama a igualdade entre os filhos reconhecidos do mesmo pai, o mestiço não conta senão inimigos no lar domestico. E' assim condenado pela côr da sua pele a não encontrar afetos senão entre os homens da sua raça.

Que horrivel existencia a sua!

Os brancos desprezam-no e ele os odeia. E' odiado tambem pelos negros, que são por sua vez menos-cabados pelo mestiço, porque este é tambem vitima do mesmo estúpido preconceito.

A raça mulata — nunca será demais repetir — accumula todos os vicios e todas as qualidades de seus fatores. E' altiva, energica, inteligente, ambiciosa como seu pai branco; velhaca, ardente, cautelosa, vingativa como sua mãe preta. Ajuntem-se-lhe ainda as imensas riquezas que adquire. Cada dia, já o dissemos, o amor pela catinga arrasta um novo soldado para suas linhas formidaveis, e cada dia tambem a sua audacia cresce com o numero dos seus associados e a importancia do seu capital.

O mestiço ainda não tem voz ativa no Brasil. Conhece a sua força, e no meio das incessantes humilhações que lhe são infligidas não abdicou nenhum dos seus direitos.

Sabe que será o senhor, em um futuro proximo, e espera, roendo o seu freio, que possa enfim falar alto e impor a sua poderosa vontade.

A reivindicação será sangrenta, se a legislação e os costumes não entrarem em acordo.

Falei demasiado sobre o assunto.

Recordarei sómente que uma sociedade assira constituída gera no seu seio terriveis elementos de dissolução, e tambem que a doutrina de Monröe parece mais temivel proclamada pelos homens de côr do que pelos oradores de Washington.

Assim, retomo a minha narrativa.

(1) Barriguda, genero de bombaceas, tambem chamada — arvore da lã. — N. do t.

(2) Contam-se por milhões os indios massacrados por essas duas nações catolicas. Segundo o padre Vieira, sómente os portuguezes fizeram morrer, de 1615 a 1652, em trinta e sete anos, dois milhões de indigenas. Mais de cincoenta mil pessoas por ano!

Quando a humanidade fizer as suas contas, quantos milhões de vitimas serão computados ao debito espanhol?

(3) O *mameluco* é um mestiço nascido de um branco com uma india e vice-versa. O filho do mestiço e da india chama-se *cholo*. O *curiboca* é o produto do indio com uma negra, e enfim o cruzamento da mulata com o *curiboca* dá o *sacalagua*.

CAPITULO VI

Uma ficção legal. O guarda-comida de um antropofago. Astucia infernal dos botocudos.

As provisões estavam estendidas sobre a relva. Sentamo-nos em volta, dispostos a cumprir convenientemente o nosso dever.

Os capitães, escusa dizer, não tinham abandonado os seus fuzis, que continuavam a tira-colo, prontos para qualquer acontecimento. E ainda mais, cada um dos deles havia metido na cintura duas pistolas e um punhal.

O nosso arsenal não era tão importante: compunha-se de tres fuzis, que collocamos ao nosso lado.

Os cavalos e as mulas pastavam á direita e á esquerda, tendo de permeio os tres prisioneiros.

O leitor já deve ter apanhado o aspecto geral do nosso acampamento.

Fruchot acabava de servir Manuela, quando os capitães-do-mato, depois de trocarem um olhar, levantaram-se ao mesmo tempo.

— Senhores, disse Santa Maria com voz firme, ignorais os nossos costumes. Não queremos admitir que tivésseis a intenção de nos fazer uma afronta.

Todavia, devemos declarar-vos que não nos é possível consentir que uma escrava se sente em nossa companhia.

— Penso da mesma maneira que o meu illustre amigo, declarou o capitão Valcoreal.

Ficamos por momento perplexos diante desta audaciosa pretensão.

— Vamos! Teremos a repetição da cena da sumaca? observou o corretor, com os sobrolhos franzidos.

Manuela interrogou Justino com um olhar, para saber como agir.

— Fica em teu lugar! ordenou o meu amigo.

Dirigindo-se aos mulatos disse secamente.

— Esta senhora não é uma escrava. E' livre como os senhores e eu proprio. Visto eu admiti-la em minha mesa, os senhores tambem o poderão fazer. Se isto lhes repugna, não lhes será difficil continuar o seu caminho, e se não ficarem satisfeitos, tanto melhor. Agora reflitam e comecemos a refeição.

Os capitães recuaram um pouco, entenderam-se em voz baixa. Seus olhos brilhavam. Enquanto Santa Maria falava, Valcoreal segurava o cabo das pistolas.

A influencia detestavel do preconceito poderia ter sido causa, nesse momento, de um conflito sangrento entre nós. Desejoso de o evitar, aproximei-me dos brasileiros.

— Senhores, disse-lhes eu, permitam-me uma simples observação. O meu amigo declarou-lhes que a sua companheira não é uma escrava. Confirmo, com a minha palavra, o que assegura o meu amigo, se for necessario.

— Seja, replicou Valcoreal. Mas é uma negra, e seriamos uns depravados, se a aceitassemos no nosso meio.

Decidi-me então a atacar francamente a questão sem pensar no que pudesse advir.

— Vossas senhorias têm uma certa quantidade de sangue azul nas veias, é incontestavel, enquanto Manuela do Bom Jesus não tem uma só gota. Meu amigo e eu, porém, somos brancos puros, sem nenhuma mistura, do que não poderão discordar. Ha, por conseguinte, a mesma distancia entre os senhores e nós que entre os senhores e Manuela. Ora, já que nós, brancos da Europa, não hesitamos em aceitar mulatos como convivas, penso que esses mesmos mulatos, por sua vez, poderão bem, sem se rebaixar, consentir que uma negra se sente ao seu lado.

Meu argumento não teria replica na Europa. Mas no Brasil o resultado foi inteiramente diverso.

— O senhor insulta-nos! gritou Valcoreal.

Santa Maria postou-se entre mim e o seu camarada.

— Se o senhor não ignorasse os nossos habitos e costumes, declarou, saberia que não somos mulatos.

Esta ousadia fez-me emudecer.

— Temos a honra de ser capitães-do-mato. Por conseguinte, não podemos ser mulatos, vociferou, por sua vez, Valcoreal, com insolente arrogancia.

Esse protesto dos capitães, por mais estranho que pareça ao leitor, tinha sua razão de ser em uma ficção legal, que desmente formalmente a fisiologia.

No Brasil são as funções que determinam a côr da pele. Pelo fato de conceder o Estado um emprego a um individuo, fica este semelhante a um branco, seja qual for a côr da sua pele.

E' sob a guarda desta ficção que os salões dos altos funcionarios abrem as suas portas a um mestiço pertencente a qualquer das diversas administrações. Será necessario repetir? A condescendencia do mundo official não é imitada pelas demais classes da sociedade. Para esta, um mulato, seja ou não millionario e carregado de condecorações, não tem, por isso, menos sangue de negro nas veias.

Aliás, ja o constatámos, um ministro que tolera que sua mulher danse com um senador mestiço, não o aceitaria, no entanto, para genro.

Henri Koster cita, a esse respeito, uma anedota bem característica.

Um europeu perguntava a um homem de côr se o novo capitão-mór era mulato.

— Foi mulato, mas já não o é, respondeu. Um capitão-mór é sempre branco de puro sangue.

Era um mestiço que assim se referia a um outro mestiço, convem não esquecer.

Eu já não me recordava da anedota de Henri Koster, porém a replica dos capitães ma trouxeram á mente. Resolvi então tirar todo o partido possível da ficção legal. Eu não ignorava, tão pouco, ter tão poderosos auxiliares nas gargantas secas e nos estomagos esfaimados dos mulatos.

Regra geral: um capitão-do-mato está sempre sequioso por se sentar a uma mesa bem servida. Tratava-se apenas de conciliar a vaidade com a fome e a sêde. O que não me pareceu difficil de conseguir.

Afetando uma resignação triste, disse-lhes que bem comprehendia agora a sua determinação, e que na verdade elles não poderiam accitar o amavel convite da senhora d. Manuella do Bom Jesus.

— O convite? repetiram os mulatos, empalidecendo.

— Sem duvida. E' a ella que pertencem as provisões de bôca e as garrafas de vinho do Porto arrumadas no gramado. Nossa boa amiga lastimará certamente que tão illustres senhores estejam impedidos, por questões de preconceito, de ser seus convidados.

Os capitães pareceram-me bastante desapontados, porque, de fato, elles estavam mais ou menos na situação de Esaú, quando trocou o direito de primogenitura por um prato de lentilhas.

— A senhora é, pois, tão rica quanto linda, disse Santa Maria, o primeiro que mordeu a isca que lhes fôra atirada.

Esse estava provavelmente com mais fome que o companheiro.

Até então, ele como Valcoreal, ao referir-se a Manuela, só a chamavam de escrava ou negra. Eilos agora a trata-la de senhora, e ainda mais, já não recciam render homenagem ao seu formoso corpo.

— Certamente, respondi. D. Manuela é muito rica. Seu pai, o sr. João Vicente do Bom Jesus, é official do guarda-roupa de S. M. d. Pedro II, ajuntei com seriedade imperturbavel.

Esta mentira ser-me-á perdoada pelo leitor. Não causou prejuizo a ninguem, e impediu, segundo todas as probabilidades, um derramamento de sangue.

— Official? Seu pai é official! gritaram em unissono os dois mulatos.

Acertei a pontaria e continuei:

— Official do guarda-roupa imperial, sim, senhores. E' um dos primeiros cargos da coroa. Na Europa, este emprego só pode ser occupado por principes de sangue.

Os capitães confundiam-se. Nesse momento, deploravam certamente o conflito de que foram a causa, e não desejavam nada de melhor do que beber o vinho de uma dama de tão boa familia.

Penalizou-me o seu embaraço.

— A proposito, disse eu com felicidade, um official de S. M. o imperador entrou, embora negro, para a classe dos brancos, brancos autenticos, imaginem!

— Sem duvida! Sem duvida! responderam os mulatos ao mesmo tempo.

— Pois bem, sejamos logicos. Um branco dessa ordem não pode ter uma filha negra, o que seria inverossimil. D. Manuela, apesar da côr de sua pele, é branca como seu pai e, á vista disto, nada impede que vossas senhorias se sentem á sua mesa.

O estomago dos capitães, está visto, aceitou esse acordo com reconhecimento.

E a paz restabeleceu-se entre nós.

Os mulatos ainda tinham que se desculpar pela sua retirada injuriosa. Cumularam Manuela de honorarias, pedindo que os desculpasse não terem sabido mais cedo da sua illustre linhagem.

Algumas palavras acertadas fizeram com que Fruchot e a negra ficassem ao corrente da minha innocente mistificação.

— Falei de vossas senhorias ao meu amigo, o official do guarda-roupa imperial, e prometo-lhes, de antemão, a sua poderosa influencia junto ao imperador, disse o corretor com um gesto magnifico.

Manuela suspirou. Pensava nas verdadeiras condições de seu pai. Mas um olhar de Fruchot bastou para a fazer cair em si.

Fruchot ria-se a bom rir. Para lhe agradar, a mina aceitou corajosamente o papel que lhe fôra imposto.

Ao cabo de um instante, cada um de nós havia recuperado o seu bom humor.

Os capitães banquetevam-se á vontade. O vinho do Porto, que Manuela lhes servia generosamente, amenizou por tal forma a natureza feroz desses policias, que pudemos tirar proveito do momento em favor dos prisioneiros.

— Nada poderemos recusar á filha do illustrissimo sr. João Vicente do Bom Jesus, official do guarda-roupa de S. M. d. Pedro II, respondiam eles a cada pedido nosso. Obtivemos assim que Lazaro pudesse lavar os ferimentos do chefe monhambala, e lhe desse, assim como ao velho paicé, algum alimento.

Tão enternecidos ficaram com a cachaça, que não se opuseram nem mesmo que pusessemos um charuto na bôca de Gregorio.

— Vamos! Que fumem o seu charuto, já que assim desejam os amigos de S. Ex. a senhora do Bom Jesus, declarou Francisco Valcoreal, inclinándose diante da negra.

— Ou bem se é cristão, ou bem se o não é, observou, por sua vez, o sr. Carlos Santa Maria. O assassino não deixará de ser enforcado por ter fumado um charuto ou bebido um copo de vinho.

Puseram-se, então, a contar-nos as proezas da manhã.

Havia uma semana que os dois capitães percorriam o sertão e a floresta atrás de Gregorio. Mas faltavam meios de descobrir as pegadas do assassino do sr. Rebentão.

Foi então que os avisaram da fuga de quatro botocudos da aldeia Barra do Salgado, e do roubo que eles cometeram de um fuzil e munições de guerra.

Desistindo, por momentos, de ganhar a recompensa prometida a quem prendesse Gregorio, os mulatos organizaram uma emboscada no caminho da Lagoa.

Estavam convencidos de que os indios seguiriam nesta direção e que, portanto, os surpreenderiam sem demora. O calculo, baseado em uma das principais superstições dos botocudos, era excelente.

Dois dias depois, capitães e indios encontraram-se, e o velho paié caía nas mãos dos inimigos.

Esses acontecimentos passaram-se na noite anterior.

Essa madrugada, os capitães conduziam o prisioneiro para S. Jorge, quando, ao encontrar o moleque Fidelis, se orientaram no rastro de Gregorio. Esse moleque tinha avistado o homem da nação dos monhambalas, o que era facil de reconhecer pelo esquisito rosario que divide em duas a face desses negros. O medo apoderou-se do mulatinho, que depois de vagar tres dias encontrou afinal o caminho da fazenda. Foi quando caiu em poder dos capitães. Estes propuseram-lhe que os guiasse até onde estava o assassino. Penetrando no sertão, observaram um preto, que fugiu ao pressenti-los. Tentava ganhar o mato, onde mais facilmente poderia escapar aos ini-

migos. Os capitães não lhe deram tempo. Enquanto um deles se apressava em amarrar as pernas do paicé com a mesma corda que já ligava as mãos, o outro galopou no cavalo para impedir a passagem do africano.

O preto era Gregorio, que parecia ter asas nos pés. Adivinhando a intenção dos mulatos, redobrou de esforços e atingiu as primeiras arvores. Foi então que um tiro alcançou sua espadua, sem o abater, no entanto. O sangue do ferimento serviu de pista contra o assassino. Os mulatos puderam então alcançá-lo antes que se enfurnasse nas matas. Gregorio, vendo-se cercado, e compreendendo que toda a fuga lhe seria baldada, guiou-se apenas pelo seu desespero. Virou-se para trás, fazendo frente aos seus agressores, armado apenas de um pau. A luta durou um quarto de hora. Ferido no ombro, e depois no peito, a seguir na coxa, Gregorio, extenuado pela perda de sangue, resolveu entregar-se.

Segundo os capitães, Gregorio agravava o crime, acusando a senhora Brigida.

Essa versão de uma ordem dada aos escravos pela vingativa senhora, e propagada pelos negros, não passava de calúnia.

— Como se estes cachorros tivessem necessidade de ser provocados para praticar um assassinio, observou o capitão Santa Maria. Aliás, de que lhes servirá esse meio de defesa, se a senhora garantir, por seu lado, que não odiava o marido e que Gregorio é um

impostor? O testemunho de um escravo não pesa nada diante da declaração de um senhor branco.

Lazaro olhou-me de certo modo, parecendo dizer-me, indignado: E então? Que lhe disse eu?

Respondi ao capitão compreender perfeitamente que a palavra de um escravo não valesse absolutamente a de um branco, mas que, no caso, não era um escravo e sim quatro, cinco, dez escravos, que viriam declarar o que sabiam: a mucama, a decifradora do ramalhete, aquele que meteu a isca nas ventas do cavallo do sr. Agostinho dos Ladeiros, todos esses seriam ouvidos. Facilmente ficaria provado que d. Brigida tinha motivos para odiar seu marido. O que ela queria era vingar-se do assassino de seu amante.

A réplica do capitão Santa Maria merece ser anotada.

— Se um negro meteu uma isca no focinho do cavallo do sr. Agostinho, é que esse negro, perverso como os demais, tinha um interesse pessoal em mata-lo. Assim como Gregorio não obedeceu senão ao seu instinto, ferindo o sr. Rebentão. A mucama, a velha feiticeira, e mais cinco escravas, se quiserem, todas confirmarão o que diz Gregorio. Um escravo é zero diante da lei e dez zeros não chegarão nunca a fazer uma cifra.

Claro e peremptorio. Um branco é infalivel, e quando, por acaso, comete um crime, é o escravo o culpado. É a este que deverá caber a responsabilidade. Resta saber se essa doutrina absurda será aceita pelos mem-

bros do tribunal, e se não aparecerá uma voz corajosa e autorizada para atribuir a cada um a devida responsabilidade.

Tomei a resolução de seguir atentamente os debates que se iam romper diante do instrumento de tão implacavel vingança.

O desprezo soberbo de Santa Maria, que revoltará com justiça as almas honestas, não é, entanto, senão a consequencia forçada por preconceitos gerados pela escravatura, porque esta instituição abominavel — não será demais insistir sobre este ponto — explica logicamente os maiores absurdos e as mais odiosas injustiças. A opinião presunçosa, emitida de boa fé por um capitão brutal, foi consagrada por um ato parlamentar, num povo que em todos os tempos se mostrou o mais concio da sua liberdade e o que mais alto proclamou a igualdade dos homens em seu seio.

Em uma passagem do excelente trabalho de Y. Y. Weis, intitulado *Das Colonias*, lê-se, com efeito, esta frase, que tem aqui a sua applicação:

O governador da Jamaica propôs á assembleia colonial uma lei, declarando os negros capazes de testemunhar em justiça, mas sómente para um pequeno numero de casos determinados com todo o rigor. Essa proposta foi rejeitada por 34 votos contra um.

Trinta e quatro votos em trinta e cinco!

O mulato Santa Maria não fazia senão partilhar da opinião constitucional dos ingleses da Jamaica, a proposito da indignidade radical dos negros, quando

afirmava que os zeros não chegariam nunca a formar uma cifra.

Se Valcoreal agisse orgulhosamente, segundo o sistema do duque Ulrich de Wurtemberg, o seu camarada poder-se-ia ter acobertado por uma autoridade mais elevada que a dos crioulos da Jamaica.

Refiro-me á doutrina exposta por um imperador do Oriente, Arcadius, e por seu irmão Honorius, imperador do Ocidente, para o caso em que o escravo acusasse o seu senhor.

Brevemente se apresentará ocasião de citar os escritos desses dois imperadores.

Santa Maria bradava ainda contra a perversidade da raça africana, sem pensar que ele tinha tambem sua porção de sangue negro nas veias, quando um asobio agudo, mas modulado com arte, ressoou no bosque por detrás dos prisioneiros, e á esquerda do acampamento.

O capitão Santa Maria parou repentinamente e franziu os sobrolhos.

— Lá está um suruquá, irritado com o calor, ou amoroso, por cantar á hora da sésta, observou o outro mulato despreocupadamente.

Santa Maria sacudiu a cabeça.

— As onças, lembrou ele, não levantam a voz se não á noite e ordinariamente os suruquás, assim como os outros passaros, não escolhem o meio-dia para os seus amores.

— Que pensa o senhor? perguntou Francisco Valcoreal.

— Ora, respondeu o companheiro, os indios possuem uma garganta flexivel e são excelentes imitadores de animais ferozes, assim como do canto particular de cada passaro. Já que marcas frescas de pés descalços foram notadas na floresta, tenho minhas razões para supor que o assobio que acaba de ressoar poderá bem ser, como o uivo de ainda agora, um sinal feito para o “advogado vermelho” pelo indio botocudo que fugiu.

Estas palavras suscitaram-me os receios que eu já havia experimentado ao conversar com o tio Barrigudo. Mas o ar indifferente do paié e as pilherias do segundo mulato restabeleceram a minha confiança.

— O botocudo não está só e não pode dar mais de um tiro de cada vez, disse o mulato. Como supor que viesse atacar quatro homens bem armados, quando fugiu de dois sómente?

Santa Maria aceitou a observação. Contudo, por prudencia, foi averiguar o estado dos prisioneiros. Voltou em seguida. Gregorio continuava amarrado pela cintura, com as mãos bem atadas para as costas, o bastante para paralisar todos os seus movimentos, ainda mesmo que as suas feridas o tivessem condenado a completa immobilidade.

O paié inspirava ainda menos receio. Sua idade avançada e a corda que o retinha ao tronco da palmeira garantiam a impossibilidade de uma intervenção perigosa.

Santa Maria desculpou-se gentilmente com Manuela.

A recompensa unida á dupla captura do chefe botocudo e do assassino era por demais sedutora para que os pobres capitães-óo-mato arriscassem perdê-la por sua propria culpa. Uma vez todas as precauções tomadas, as onças e os suruquás poderiam associar á vontade. Nenhum rumor perturbaria, até á hora da partida, a alegria dos circunstantes.

Tínhamos adquirido uma Dubelloi em casa do sr. Macedo.

Enquanto Manuela preparava o café, os capitães perguntaram-me se eu estava satisfeito com a conversa de tio Barrigudo e qual a minha opinião sobre ele.

Contei-lhes a nossa palestra.

O odio do indio contra uma civilização que lhes tira toda a liberdade, a ele e aos seus semelhantes, excitou o humor fanfarrão dos mulatos. Mas a sua indignação, a proposito dos gestos execráveis que se lhes attribuiam, foi taxada de hipocrisia pelos brasileiros.

— Os botocudos descendem dos aimorés, e os filhos são bem dignos dos pais, observou Francisco Valcoreal. A carne humana é sempre um petisco para esses selvagens. Se os illustrissimos senhores, e se sua exa. d. Manuela do Bom Jesus mo permitem, contar-lhes-ei uma historia que não deixará mais nenhuma duvida a esse respeito. Trata-se de fatos que se passaram, não no fundo do sertão, ha duzentos ou tre-

zentos anos, porém em um territorio habitado, quasi ás portas da cidade e no começo do seculo.

— O meu valoroso amigo refere-se aos acontecimentos da fazenda das Tres Virgens? perguntou o capitão Santa Maria.

— Exatamente.

— Pois bem, que o meu invencivel amigo narre a lugubre historia. Por minha vez, e para reconhecer, segundo os meus recursos, a honra que nos fazem S. Exa. d. Manuela e os seus nobres companheiros, contarei depois a lenda da Lagoa.

Então o valoroso e invencivel Valcoreal tomou a palavra.

— Ha mais ou menos quarenta anos, a fazenda das Tres Virgens era habitada por numerosa familia composta de pai, mãe, avós, dois rapazes e tres moças. A beleza destas era proclamada desde S. Salvador até o Espirito Santo. Por isso, inumeros pretendentes suspiravam por elas, sem sequer chegarem a emocionar seus corações. A mais moça decidiu-se afinal a aceitar um esposo. Um rapaz de S. Jorge conseguiu conquistar o seu amor e o casamento foi resolvido entre os avós. Na epoca fixada para a realização do ato, o rapaz e toda a sua familia foram para a casa da noiva. Encontraram, porém, o fazendeiro e todos os seus na mais profunda desolação. Desde a vespera a moça havia desaparecido. Renuncio a descrever o desespero do moço apaixonado.

Bateram os matos, organizaram mesmo uma excursão á floresta, porque corria o boato da aparição de botocudos pelas vizinhanças. Todavia, não se encontrou nenhum selvagem, e foi preciso que se resignassem a chorar a perda da donzela, sem saber o fim que teria levado. Ela acabava de completar dezesseis anos. Passaram-se varios meses. Por sua vez, a filha mais velha do fazendeiro apaixonou-se pelo herdeiro de um rico senhor de engenho das proximidades. Uma tarde, a moça e o seu futuro esposo passeavam não longe de casa. A' hora do jantar, os irmãos da moça, vendo que eles não apareciam, foram ao lugar que os dois amorosos costumavam buscar para se entreter mais á vontade. Horrroso espectáculo apresentou-se aos seus olhos. Um cadaver ensanguentado jazia ao pé de uma arvore. Era o filho do senhor de engenho. Quanto á jovem, os seus irmãos não mais a encontraram. Em vão envidaram todos os esforços para salvar a vida do rapaz. Uma flecha lhe tinha varado o coração. Expirou sem dar uma palavra. Em vão, tambem, pediram socorro a todos os caçadores das redondezas, e um bando de "soldados da conquista" (indios civilizados) embarafustou pelo mato a dentro. Os selvagens tinham desaparecido como que por encanto, sem deixar traços de sua passagem.

Quando se deu o rapto da filha mais moça, o fazendeiro desconfiou de algum inimigo de sua familia como capaz de ser o autor do crime. A flecha de

ponta eliptica (ouagické comm), que atravessava o corpo do seu futuro genro, não deixava duvidas quanto á mão que a tinha enviado. O senhor havia incorrido, sem o saber, na ira dos botocudos, e estes indios ferozes vingavam-se no objeto da sua ternura. Desconfiando desse duplo atentado, o fazendeiro lançou mão de um ardil, empregando contra os botocudos o mesmo estratagemma de que eles proprios se servem para não serem apanhados. Fez cavar uns alçapões em volta da casa, colocou forquilhas em varios lugares e exerceu uma vigilancia ininterrupta. Baldados todos os esforços. A ultima das tres irmãs desapareceu igualmente, sem que fosse votado nenhum sinal de presença dos botocudos. Os desgraçados e inconsolaveis pais quasi morreram de desgosto. Um dos irmãos partiu para S. Jorge, enquanto o outro se dirigia para a feitoria dos tupiniquins, nas bandas de Olivença. Uma formidavel expedição organizou-se, de dois lados ao mesmo tempo, e abrangendo o espaço comprehendido entre o rio Jequitinhonha e o rio das Contas descrevendo um triangulo, cuja extremidade tocava as fronteiras de Minas Gerais. O receio da falta de viveres obrigou as expedições a regressar, depois de uma batida de quinze dias. O desaparecimento dos selvagens parecia um misterio. Não se encontrou um sequer.

Acharam-se, entretanto, traços de um de seus acampamentos, no meio da mata. Ossos meio roídos, galhos meios queimados, uma cabeleira pendurada

em uma arvore, indicavam que os botocudos, temerosos de uma descoberta, fugiram precipitadamente.

Um dos filhos do fazendeiro, depois de ter atentamente examinado a cabeleira esquecida, pensou reconhecer nela a côr alourada dos cabelos de sua irmã. Apoderou-se desse despejo querido, e com odio no coração quis continuar sózinho a perseguição aos indios. Tiveram muito trabalho para o fazer compreender a insensatez do projeto. Deixou-se levar afinal e continuou a retirada com os seus companheiros.

O insucesso dessa expedição e a ideia da sorte que os botocudos haviam infligido ás suas filhas acabrunharam o pai e arrastaram a mãe ao tumulo.

A fazenda foi abandonada.

Sómente dois anos depois deste acontecimento é que se veio a conhecer o destino das tres moças.

Um bando de botocudos deixou-se surpreender pelos "soldados da conquista". Os selvagens que conseguiram atingir a tempo o interior da floresta tombaram ao chumbo dos brasileiros. Fizeram-se seis prisioneiros, que revelaram o abominavel atentado.

A cabeleira encontrada e os ossos que estavam por terra pertenciam realmente á infeliz moça que a expedição procurava. Desvendou-se igualmente o fim das outras duas irmãs. A explicação dos indios era apavorante.

Seu chefe, guerreiro bravo e paíé temido, querendo dar mais solenidade ao ato da Iniciação, decidiu que ella seria seguida de uma grande festa. Os

caçadores tomaram seus arcos e espalharam-se pela floresta. Ele mesmo partiu com quatro índios. Ausentou-se por varios dias. Ao regressar ao acampamento, trouxe consigo uma brasileira de beleza rara. Era a mais moça das tres irmãs. Depois da iniciação dos guerreiros, a vitima foi conduzida ao sacrificador, que não se deixou emocionar nem por suas lagrimas, nem pelos seus encantos, tão pouco pelos seus rogos.

O horrendo festim começou e prolongou-se até á madrugada.

A jovem acabou por ser devorada.

Nova festa se preparava. O chefe afastou-se uma segunda vez e repetiu-se a mesma cena sangrenta.

Felicitado pelos companheiros, graças á escolha das suas vitimas, o chefe não hesitou em declarar que tinha um "guarda-comida hem fornecido" na extremidade da floresta, e que lhes reservava para a proxima ocasião uma surpresa ainda melhor.

Manteve a sua palavra e a terceira moça teve a mesma sorte.

E' esta a historia da fazenda das Tres Virgens.

Perguntámos ao sr. Valcoreal como foi vingada a morte das filhas do fazendeiro.

— Um dos prisioneiros, disse ele, denunciado como tendo cooperado no triplice rapto, foi fuzilado. Os cinco outros, embora tivessem tomado parte no festim, foram mandados para uma aldeia, onde ficaram sob rigorosa vigilancia. Acabaram, entretanto,

por enganar os guardas, mataram dois e embarafustaram-se pela mata, onde escaparam a todas as perseguições.

Eu estremecia ainda, considerando o tio Barrigudo que, molemente estendido sobre a relva, parecia gozar de tranquilo repouso causado por completa despreocupação. Essa atitude contrastava com a ferocidade nativa que os brasileiros atribuem á nação botocuda. Os fatos, porém, contados por Valco-real eram recentes e mais de um velho em S. Jorge poderia afiançar a sua autenticidade.

A' vista disso, que importancia se deveria ligar aos protestos indignados do velho paié?

Perguntei aos mulatos se já se tinha livrado completamente a região desses medonhos antropofagos.

Declararam que os capitães-do-mato tinham completado a obra dos "soldados da conquista". Naturalmente nem todos os botocudos haviam morrido, visto ainda se contarem mais de cem internados na aldeia de Barra do Salgado, e outros misturados aos indios mongoiés, na aldeia de S. Antonio da Cruz. Afirmaram, porém, que os bandos errantes dos fundos sertões não iriam alem do rio S. Francisco e que os "caçadores de cristãos" evitavam ultrapassar os limites da região que ele e seu camarada estavam incumbidos de percorrer.

Esta resposta não me tranquilizou.

O espectro sangrento das tres virgens da fazenda, surgindo sempre no meu pensamento, trazia-me singular alucinação.

O murmurio da brisa tangendo as folhas das arvores lembrava-me o canto triumphal dos guerreiros ao voltar da abominavel expedição. O resfolegar ruminante das mulas soava a meus ouvidos como dentes que roessem ossos. Parecia-me ouvir ainda os gemidos das tres irmãs, e pensei mesmo ver a vegetação agitar-se por detrás de tio Barrigudo, como esmagada por um corpo que escapulia, misteriosamente.

Essa visão era menos fantastica do que se pode imaginar. Vou dar-lhes a prova.

Santa Maria, fiel á sua promessa, dava começo á lenda da Lagoa. Apenas tinha esboçado o assunto, quando Valcoreal se levantou repentinamente.

— Demonio! exclamou em voz surda.

E exaltando-se consigo mesmo, dirigiu-se para o lado das mulas.

Imaginem a nossa surpresa, percebendo uma massa negra erguer-se aos pés dos animais, e Gregorio e o mulato abraçarem-se com furor.

O assassino, até então moribundo e amarrado, tinha as mãos livres, e apesar de todo o sangue que perdera dispunha de um vigor extraordinario.

Lazaro, pensei logo, não tinha empregado, ao lavar as feridas dos prisioneiros, toda a cachaça que lhe deram para esse fim. O resto da bebida, tomada em forte dose, restituira toda a energia ao chefe monhambala e lhe inspirara a ideia de reconquistar a liberdade. O' excesso de atenção que provocaram entre nós as historias dos capitães tinham facultado

certamente ao escravo a esperança de iludir a vigilância dos inimigos. A vizinhança dos animais, enfim, fornecia-lhe meios de realizar o seu projeto.

Eis o que conclui de tudo isso.

Mas a corda que prendia as suas mãos ás costas e o retinha pelo meio do corpo unido a uma arvore, a corda que o capitão Santa Maria acabara de examinar cuidadosamente, como teria podido o negro corta-la ou desfazer o nó?

A resposta não se fez esperar.

A luta, no entanto, apresentava-se com um caracter feroz e inaudito.

Francisco Valcoreal já tinha um pedaço da bochecha arrancado, quando seu camarada correu a socorre-lo.

Gregorio, seguro pela garganta, encostou uma das mãos ao tronco dum oiti com a intenção de se apoiar um pouco. O punhal de Santa Maria atravessou logo a mão do negro e a fixou de encontro á arvore.

Era horrivel o espetaculo.

Precipitei-me para os combatentes, protestando em nome do espirito de humanidade. Mas as minhas palavras nem foram ouvidas. Mulatos e negro não se davam treguas.

A voz do corretor e de Manuela, de entonação imperiosa, chamou-me para junto deles. Outra cena desse drama da escravidão passava-se atrás de mim, enquanto eu intervinha a favor de Gregorio.

Depois do golpe de punhal do capitão Carlos, um rugido respondeu ao assassino. Lazaro acabava de agarrar o facão. Voava em socorro do seu antigo chefe, quando João, por detrás, o abraçou impedindo-lhe os movimentos.

João não tinha esquecido a morte da jibcia, e o estribilho da canção improvisada por Lazaro ressoava ainda em seus ouvidos. Por conseguinte, o cabinda não podia deixar escapar a ocasião que se lhe apresentava de socorrer os brancos, desferrando também um ressentimento pessoal.

— Não é o Panga, é o cabinda que se medirá agora com o monhambala, exclamou ele, agarrando Lazaro e paralisando todos os seus golpes.

Lazaro espumava e desviava-se como um demónio, jurando que ele e o seu chefe venceriam todos os mulatos e negros reunidos e que, já que a senhora Rebentão não seria punida, também Gregorio, que não fez mais que lhe obedecer, não merecia castigo algum.

O corretor e Manucla, que se tinham aproximado comigo, dos capitães-do-mato, compreenderam o perigo e pegaram, cada qual, em seu fuzil. Foi então que um apelo me foi dirigido.

A negra tinha uma atitude destemida e os seus olhos um brilho estranho, enquanto o cano de sua arma se assestava para os dois negros.

— Os miseráveis já se entenderam, disse Fruchot. Mas encarrego-me deste aqui. Olá, ch! gritava ele. Larga o teu facão ou te parto a cabeça.

O monhambala retesou-se todo e com um esforço violento conseguiu arrancar-se um tanto das mãos de João. Mas este o apertou de novo com os braços como uma tenaz.

— Largue-o! gritou o corretor, cuja colera crescia. Meter-lhe-ei uma bala na cabeça.

Aproximei-me dos escravos, que continuavam atacadados, e consegui que Lazaro me entregasse a sua arma.

— Tu me pagarás isso na primeira ocasião, murmurou ele a João, quando este lhe deixara os membros em liberdade.

A luta dos capitães e do assassino terminara também. As pernas amarradas e as duas mãos presas ás costas tornaram-no completamente inerte. Mas o capitão Francisco estava desesperado. O sangue corria-lhe em abundancia da bochecha rasgada, e mais ainda, tinha no pescoço ferimentos profundos, feitos pelas unhas dos escravos.

As pistolas escorregaram-lhe da cinta. Ele apanhou-as e precipitou-se com intenções evidentes de justiça sumaria, sobre o monhambala imóvel.

A extremidade do cano, apenas apoiada no ouvido do negro, deu-me tempo de soltar um grito de espanto.

— Mas é um assassino, um assassino e um caluniador! disse-me Carlos Santa Maria.

— Deixe ás leis o castigo, supliquei, segurando o braço do mulato.

— Mas a lei não me tornará a dar o pedaço de carne que o cachorro me tirou! bradou o capitão Francisco, rangendo os dentes.

Novo assobio, desta vez cheio de modulações fantasistas, retinindo a alguns passos de nós, interrompeu a nossa discussão.

Virando-nos, percebemos que os dois cavalos dos capitães estavam montados por dois homens, que caminhavam pacatamente pelo atalho que corta a floresta.

Num dos cavaleiros reconheci, com extrema surpresa, o tio Barrigudo. O outro era o mesmo boto-cudo que a rapidez das pernas do paié tinha salvo na vespera dos tiros e das cordas dos capitães-do-mato.

— Aqui ha obra do diabo, gritou um dos mulatos.

— O velho chefe está livre, e esses pavorosos canibais nos provocam, furtando-nos os cavalos, ajuntou o companheiro, com voz tremula de colera e inconsciente terror.

De fato, o assobio continuava cada vez mais nítido em seus trinados e vocalizações, que o eco repetia com fidelidade, causando ciúmes á Pati.

— A cavalo, a cavalo, ordenou o ardoroso Valcoreal.

As mulas ruminavam deitadas na selva. Em vão, na sua impaciencia brutal, os capitães davam-lhes tremendos pontapés nas ancas. Os pobres animais não se mexiam da posição em que estavam.

Debaixo do teto sombrio formado pelas arvores e pelos cipós entrelaçados, mal penetrava a claridade do dia. Os mulatos, cuja raiva cegava, não distinguiram nada que lhes pudesse explicar a immobilidade e a respiração ofegante das mulas. Querendo, por qualquer preço, perseguir os fugitivos, puxaram uma delas pela cauda, e a fizeram levantar. O animal não teve remedio senão obedecer, porém logo que se viu sem apoio caiu pesadamente, salpicando de lama vermelha os capitães.

Estes examinaram então o solo que pisavam e certificaram-se de que patinavam em cima de lama e de sangue. A horrivel verdade não tardou em se tornar notoria. A mula não podia se ter em pé, porque lhe haviam cortado o jarrete esquerdo da perna traseira. Os outros tres animais, inspecionados, foram achados nas mesmas condições.

Não tentarei descrever os gestos ameaçadores dos mulatos, nem repetir as blasfemias e imprecacões que lhes saíam da bôca.

Nada deveria ficar obscuro para nós na fuga que aparecia aos nossos olhos. Apanhei as cordas que amarraram os pulsos de Gregorio e o corpo de tio Barrigudo: ambas tinham sido cortadas de um só golpe por mão vigorosa.

O autor desta audaciosa operação não nos deixou a menor duvida sobre a sua identidade. Cessando, de repente, de imitar as suruquás, ele deu tres rugidos no mesmo diapasão, com que avisara a prin-

cipio o velho paié. Não se podia insultar mais afrontosamente os inimigos. Mas também, este ultimo ultraje levou ao auge a raiva dos capitães.

Esquecendo o assassino, precipitaram-se então, de armas engatilhadas, no rastilho dos dois indios.

Palmas reboaram ao meu lado. Era Fruchot, seduzido pela brilhante audacia do guerreiro botocado, que não pudera conter as manifestações do seu entusiasmo.

— Bravos, bravos! ó filhos do deserto! dizia ele, batendo com as mãos. Aí está uma bela partida! Muito bela partida! O mais completo dos planos! Meus votos são para, você, combatente incomparavel, e também para o seu digno amigo.

O corretor dera mais uma prova de que havia libertado inteiramente as antigas ideias. O delirio primitivo percorria-o de quando em quando. Enfim, continuava com a sua alma de artista.

Felizmente os capitães já não o ouviam mais.

A corrida impetuosa que empreenderam não produzira, na verdade, nenhum resultado.

A voz do botocado retiniu claramente e os cavalos fustigados com violencia desapareceram através das arvores.

Os mulatos descarregaram os seus fuzis contra eles. Era o unico protesto que poderiam lançar. Voltaram então para o acampamento de cabeças baixas, o ar sinistro e enfurecido.

— O negro pagará por todos! rosnou Valcoreal, dirigindo-se a Gregorio.

Essas palavras indicavam vivamente que uma resolução fatal fôra tomada entre os capitães. Intercedi segunda vez, com Fruchot e Manuela.

— Este celerado está incapaz de dar um passo, observou Valcoreal, e nós não o podemos transportar nos animais. O unico meio de nos livrarmos dele é mandarmos-lo para o outro mundo. Uma bala fará justiça ao assassino.

E foi armando a pistoia.

Não podíamos, no entanto, consentir que se liquidasse um homem desse modo, fosse embora criminoso.

Falámos aos capitães.

— Os senhores não comprehendem o que sofrem pessoas que têm coração por se verem mistificadas, escarnecidas, roubadas e maltratadas, acima de tudo, bradou Valcoreal, levando a mão á bochecha ferida.

— O escravo e os botocudos estavam combinados, disse o outro mulato.

— Concordamos com as suas opiniões. Reflitam, porém. Matando este desgraçado, os senhores não terão mais direito á bela recompensa que receberão, se o entregarem vivo.

— Mas, ao menos, estaremos vingados, replicou Valcoreal, com voz surda.

Manuela, a um sinal do corretor, tomou a palavra. O prestigio de que havíamos cercado a mina foi-nos, nesse momento, um poderoso auxilio. Santa Maria

concordava, certamente, com os sentimentos de seu camarada. Apesar disso, a idéia de perder a soma prometida pareceu-me causar-lhe certa impressão, e ainda mais, ele queria fazer jús á proteção da filha do official do guarda-roupa imperial. O interesse serviu de defesa á causa da humanidade, e, neste sentido, Santa Maria dirigiu algumas palavras a Francisco.

Este, mais arrebatado e dominado pela raiva, rejeitou a principio qualquer solicitação. A vida humana não vale nada nos tropicos. Que importancia teria, portanto, a de um escravo homicida, aos olhos de um individuo habituado ás emoções das lutas quotidianas, e cujo sangue corria sempre das suas carnes dilaceradas? Quando ele viu, entretanto, que estavam dispostos a impedir a execução de Gregorio, começou a abrandar os impetos.

— Mas, como transportaremos este bandido até á fazenda do sr. Pedregulho?

Respondemos-lhe que isso nos competia e que o moribundo seria transportado ás costas de dois escravos.

O vingativo capitão hesitou um instante. Depois, a um ultimo pedido de Manuela, collocou novamente a pistola na cinta.

Eis como um mentira inofensiva, após haver impedido entre nós um conflito sangrento, logrou salvar uma vida.

Manuela, dona de casa previdente, tinha levado, porventura, um pequeno frasco de um liquido amarello com cheiro de terebintina. Era sassafraz. A madeira desta arvore, que a medicina europeia emprega sómente como diuretico e sudorifico, possui outra propriedade bem conhecida dos negros e dos indios. A essencia do sassafraz e o pé que se obtem da casca moída são secativos. Por meio de um ou de outro, estanca-se immediatamente o sangue.

A mina servia-se desse expediente para curar a mão de Gregorio. Lavou ainda, com bastante pericia, o rosto de Valcoreal com o tal liquido amarello.

Fizeram um jirau, com galhos cruzados, servindo de teto, e aí depositaram o assassino.

Felizmente as selas tinham sido suspensas de uma arvore, enquanto os cavalos pastavam. Os ladrões botocudos não as puderam carregar. Uma delas serviu de travesseiro a Gregorio; a outra foi colocada nas costas do Fidelis.

Antes de nos pormos a caminho, o sentimento de humanidade nos obrigava a dar fim ao sofrimento das quatro mulas. Estavam elas completamente imprestaveis, e iam abandoná-las onde haviam caído. Uma bala na cabeça de cada uma deu-lhes a morte rapida.

O sinal de partida foi dado.

João e Lazaro, reconciliados no momento, abriram a marcha. Seguia-se o moleque, amarrado pela cin-

tura ao braço do taciturno Valcoreal. Fruchot, Manuela e eu iamós atrás. Todos, é inútil repetir, traziamos armas em punho, prontos para receber os índios, se o seu capricho tentasse impedir o nosso caminho, o que não era provavel.

Enquanto os capitães caminhavam silenciosamente, Fruchot e eu nos entretinhamos com a tática de perfido ardil e fria intrepidez, empregada pelos botocudos e o chefe monhambala, nessas circumstancias.

A oferta da cachaça feita pelo velho paié a Gregorio, e as palavras de agradecimento deste, teriam em rigor bastado para estabelecer um acôrdo entre os índios e o negro.

Depois da captura de Gregorio, os dois prisioneiros tinham podido entender-se, mesmo diante dos mulatos. Nestas conjunturas perigosas, uma palavra, um gesto, um olhar, valem por longos discursos.

Tio Barrigudo tinha conseguido comunicar ao escravo a sua esperança de ser socorrido pelo botocudo fugitivo, e o escravo, por sua vez, devia as suas instruções a Lazaro, enquanto este lavava as feridas de seu chefe.

Os sinais enviados por ele, com rugidos e assobios, imitando as vozes do jaguar e do suruquá, tinham sido explicados a Gregorio por tio Barrigudo, que lhe recomendou estivesse de guarda, porque o libertador se aproximava.

O feroz monhambala não ignorava ser senão um auxiliar sacrificado por antecipação, e que o seu papel consistia em concentrar toda a atenção, afim de facilitar a fuga dos indios.

Provavelmente o guerreiro botocudo, arrastando-se sobre o ventre e escorregando, como uma serpente, no meio da verdura, tinha antes se aproximado das mulas, fazendo-lhes a horrivel mutilação dos jarretes. Este ato barbaro, desapercibido por Gregorio, bem entendido, era uma das primeiras condições do successo. Feitas estas premissas, é facil reconstituir a cena do drama selvagem de que fomos testemunhas estupidas e espectadores estupefatos.

Gregorio, por felicidade, desembaraçado das cordas, dirige-se para as mulas que devem, segundo ele pensa, afasta-lo de seus inimigos. A caciaça que beba, a perspectiva do degolamento, o amor da liberdade, dão-lhe, por instantes, a força que lhe é necessaria. Mas, descoberto pelos capitães, e que não podia deixar de acontecer, luta contra eles, enquanto Lazaro inventa em seu favor uma util distração.

Os mulatos e os negros na armadilha, os brancos distraídos naturalmente pelo duplo conflito travado em dois pontos diferentes, eis a situação preparada pelo guerreiro botocudo.

A ocasião apresenta-se.

O indio astuto arrasta-se até o tio Barrigudo e corta a corda amarrada em volta do corpo do velho. Escorregam os dois até os cavalos. Uma vez montados, estão certos de que toda a perseguição se torna impossivel, devido ao estado em que se acham as mulas.

A ultima cena já é conhecida.

E dizer-se que essa arrojada combinação foi concebida no cerebro de um cesses selvagens que acreditamos completamente embrutecidos!

Dizer-se que esse plano foi executado em pleno dia, diante de cinco canos de espingardas, por um unico individuo, e ainda que este individuo, tão desprezado, conseguiu passar, iludir, em primeiro logar, dois negros interessados em desconfiar de um indio, depois, dois policias rancorosos, que traziam abertos olhos e ouvidos, e enfim, dois brancos, tornados, por força de circunstancias, os aliados dos policias!

Eis o que difficilmente admitirão os que ignoram a vida nas florestas, e tambem os que, dando fé aos documentos brasileiros, consideram até hoje os botocudos como pertencentes a uma raça inferior, mesmo entre os indios.

Seria tudo isso uma exceção? Custa a crer.

Ainda mais, de agora em diante, tenho fundamento para sustentar que os adoradores de Taru, o deus terrivel, mas justo (formula consagrada pelos

botocudos) são, sem duvida, mais indomaveis, mais crueis que os tupinambás, os puris, os minderecús, os guaicurús, os muras mesmo, se o quizerem; e que receberam da natureza soma igual de intelligencia á dos outros povos vermelhos.

Fruchot, como artista, admirava o genio (expressão sua) empregado para o exito de um ardil tão complicado, fosse o autor desse plano um temivel canibal ou um guerreiro da nação dos Fans, quando Santa Maria se voltou para nós, mostrando-nos as muralhas brancas de uma habitação.

— Lá está a fazenda das Tres Virgens, disse o mulato.

Acabavamos de sair da floresta e deparavamos grandes plantações de café e de cana que se apresentavam á nossa frente.

A horrivel lembrança que se ligava á fazenda das Tres Virgens reviveu a colera concentrada do capitão Valcoreal.

— Não está tudo acabado entre nós e os dois botocudos, vociferou ele, cerrando o punho. Com certeza jrão á lagoa adorar a Mãe d'agua. Iremos tambem e, se nos encontrarmos, juro pelas chagas de Cristo que os traremos a S. Jorge mortos ou vivos.

Estas palavras fizeram-me recordar a lenda que Santa Maria começara a contar no momento da luta entre Valcoreal e Gregorio. O capitão, porém, não me pareceu disposto a recommear a narração. Nem eu, tão pouco, lhe pedi que cumprisse a promessa.

Tive ocasião, de volta da Baía, de visitar a lagoa. Foi no proprio lugar em que se passaram os acontecimentos a que se refere a lenda. Estou, pois, no ponto de abandonar os mulatos ao seu silencio para que a curiosidade do leitor, já tão aguçada, seja satisfeita.

Como nenhum outro incidente perturbou o termo da nossa viagem, julgo o momento favoravel para tomar a palavra em lugar do capitão Santa Maria.

CAPITULO VII

A lenda da mãe-dagua. O cafuné. A educação das crianças. Origem divina da escravatura.

E' curioso encontrarem-se no fundo das matas virgens da America as superstições da Grecia pagã e as dos gauleses, nossos antepassados.

Genios das aguas e dos bosques, os Janchons dos botocudos e os Ouiaoupias dos tupicambás — essas duas grandes nações que personificavam as raças tupi e tamoio, que abrangiam antigamente toda a America do Sul — não representarão os seus homens os deuses inferiores que presidiam os rios e as brenhas: faunos, satiros, naiades e hamadriades da mitologia? Geropari não será o arremedo do deus Pan? Não se cuidará talvez da sereia de Uíisses, que tivesse atravessado o oceano para ir habitar um lago do Brasil, a Lagoa, o lago sagrado dos botocudos, tanto quanto para os druidas era sagrado o lago de Toulouse, e o que Strabon chama o lago dos Dois Corvos?

Quando, depois de se ter subido o rio Patipe, se pode contemplar o magnifico espetaculo que oferecem as proximidades da Lagoa, comprehende-se o entusiasmo dos botocudos por esse recanto de delicias,

A Lagoa deveria, por força, servir de asilo a alguma graciosa divindade.

Acaba-se de atingir as ultimas arvores da floresta. O horizonte clareia de repente, e penetra-se em um vale verdejante, rodeado a léste e ao sul por altos bosques que se alongam cobertos de reflexos azulados. Encontram-se aí, em abundancia, minas de ouro e diamantes, frequentemente visitadas nos seculos XVII e XVIII pelos bandeirantes paulistas. Á medida que se avança, as linhas esbatidas nos flancos das montanhas destacam-se do nevoeiro que deixara apenas entrever a sua sombra, e desdobram-se em generosas proporções. O panorama adquire, a cada instante, tons mais vigorosos e mais brilhantes. A paisagem mostra-se enfim em toda a sua majestade serena.

Grandes arvores cobertas de flores de um vermelho vivo, com penachos verdes, destacavam-se no azul claro do ceu. A planicie era cheia de luz e de harmonia. Passaros de cores variadas: o caraúna negro, o galo da campina branco, com asas castanhas e cabeça vermelha, a patativa amarela, coroada de negro, o cotinga azul, o tangará tricolor, que saltam de galho em galho, descantando seus amores. Depois, no centro do vale, essa grande toalha d'agua branca, fulgida, espe'lhante sob os raios do sol. Tudo isso, e a floresta, que apresenta para as bandas do oriente as suas profundezas misteriosas, e o rio Patipe, que se desenrola ao norte como uma faixa prateada, formam um quadro cheio de uma graça ingenua e de uma

beleza esplendida, que não se póde contempfar sem emoção religiosa. E' que, na verdade, um sopro poderoso, fecundo e divino circula através da paisagem. Assim, em presença dessa seiva luxuriante, dessa vida a transbordar de cada coisa — arvores, rio, lago, ceu, ar — o coração desabrocha como a propria criação; com ele a alma se funde e o espirito se identifica. Experimenta-se, então, ao mesmo tempo, um sentimento de adoração respeitosa e um pouco do orgulho filosofico que Lucano empresta ao velho Catão nesses versos sublimes:

*Est ne Dei sedes nisi terra, et pontus et aer,
Et coelum et virtus? Superos quid quaerimus*
[ultra?
Jupiter est quodcumque vides, quodcumque
[moveris?

Eis o quadro.

Colocai agora, sob a abobada profunda que formam os galhos gigantescos de um *lecythis ollaria*, um velho guerreiro botocudo, fumando melancolicamente o seu cachimbo, e uma jovem india de alongados olhos mongolicos.

O guerreiro (um paié temido, apelidado pelos portuguezes de Grão-Taru, por causa do nome que se applica ao senhor da criação na teogonia dos botocudos) é um velho alto e magro, cujo aspecto demonstra quatorze ou quinze lustros.

O Grão-Taru é um semi-civilizado por ter recebido o batismo. Isto explica a razão da sua pele ver-

melha, do seu nariz achatado, dos seus olhos obliquos e dos seus labios ainda com as marcas do batoque, não formarem uma fisionomia feroz, repugnante como a do botocudo, por exemplo.

Seu olhar é suave.

Todavia, quando o indio a falar se entusiasma, descobre-se no brilho das suas pupilas um resto dessa chama sombria que não é senão o reflexo da vida de aventuras que se leva no fundo das solidões. O retrato do Grão-Taru não ficaria completo se eu deixasse de assinalar, com as suas calças de algodão listrado de azul, o boné de fibra de palmeira que lhe orna a cabeça (1). Um colar de pequeninos cilindros de bambú novo, terminado por uma cruz de madeira, envolve o pescoço do velho, caindo sobre o seu peito nu.

Enquanto fuma o seu cachimbo, o Grão-Taru confecciona chapéus de palha de urucuri, e de quando em quando lança um olhar convidativo a uma garrafa de cachaça, por meio da qual o brasileiro Evangelista, meu companheiro de caça, espera obriga-lo a falar.

A seu lado está Taru-Niom (Sol-Encoberto), sua nora. Esta fabrica caixas, cestas, cestinhas de diferentes formas, com a fibra do taquarassú e pequenas folhas de carnauba, palmeira que dá cera. Uma criança nua rola na grama a seus pés.

Taru-Niom, apesar dos seus olhos mongolicos, da proeminencia dos ossos da face, dos cabelos cortados em volta da testa, possui uma fisionomia austera, seria, aclarada, entretanto, por pupilas limpidas e man-

sas, cujos raios, quando nos atingem, dão a impressão de carícias. Nada mais gracioso e mais original do que a sua cabeleira. Imaginem uma família de insetos, enfiados em pequenas hastes flexíveis, ligadas, formando uma coroa, coroa essa que Taru-Niom colocou á cabeça.

Nunca diadema de perolas ou diamantes, nunca flores brilhantes e matizadas produziram efeito mais maravilhoso que essa grinalda de pequenas borboletas. As cores vivas do *leilus* casadas ás pontinhas amarelas dos gorgulhos e ás tonalidades mais claras do nestor, envolvem de uma auréola de purpura e de ouro a fronte da india vaidosa. A menos que se consiga fazer uma faixa real com o arco-iris ou uma coroa de estrelas, não vejo combinação que possa rivalizar com a elegante e esplendorosa guarnição imaginada por aquela filha das selvas.

Um colar de coral circula o seu pescoço.

A despeito dos seus cabelos aparados, da sua saia de algodão esburacada, dos farrapos de pano que substituem as vestes indispensáveis, a india das borboletas é encantadora.

A vinte passos de nós está o lago, onde distinguimos uma criatura que brinca com as aguas. E' o Pequeno-Taru, esposo da jovem selvagem. Ás vezes, deitado de costas, o Pequeno-Taru parece imóvel. Deixa-se baloiçar pelas vagas, como essas conchas que se encontram frequentemente nos tropicos, entregues ás

caprichosas ondulações do oceano. Outras vezes, corta a agua de lado, a cabeça servindo de proa, o braço colado ao corpo. Depois, escora a onda com a cabeça. Suspenso pela vaga até o alto, desaparece de repente, por alguns segundos, no vale profundo que a propria onda cavou. O indio emprega nesses exercicios nauticos uma graça e um vigor que atraem a admiração. Um deus marinho não estaria tão á vontade no meio do lago.

Colocado no meio dessas belezas primitivas e dessa graça selvagem, o leitor compreenderá melhor a narrativa do Grão-Taru, cuja palavra se fez enfim ouvir, por efeito da cachaça, como nos havia prometido o sr. Evangelista. É um quadro colorido da existencia aventureira dos botocudos e uma pintura fiel das suas superstições. Transmito ao leitor essa lenda, com as reflexões que ela inspira, sem esperar, no entanto, reproduzir as passagens ingenuas e as imagens poeticas com que o velho paié ornava o seu relato.

O lago, que se desdobrava á nossa frente, comunicava antigamente com o oceano e tinha as aguas salgadas. Possuia então uma ilha risonha e perfumada, que servia para encontros de prazer, depois das fadigas da guerra e da caça, ás diferentes tribus de botocudos, que desde o S. Mateus erravam pela costa oriental.

Hoje essa ilha não existe mais. Juntou-se á margem, formando um prolongamento de terra coberto de plantas e de flores, que entra pelo lago.

Uma tocante tradição dos botocudos, conservada entre os antepassados da tribo, explica do seguinte modo o desaparecimento da ilha e a sua adherencia actual á terra firme.

A expedição dos guerreiros contra as tribus hostis dos mucunis, dos panhamés e dos capochos tinha sido das mais felizes. Realizou-se uma grande caçada de magnificos resultados.

Corpos de veados, de guaribas, de tamanduás, de cuguardos, de jaguares, estavam amontoados em uma piroga com galinhas sultanas, pacas, socós, lagartos e larvas repugnantes. Via-se mesmo, entre as victimas destinadas ao festim, um jacaré de grandes dimensões, arpoado pelos pescadores da tribo. Porque tudo o que tem vida é destinado ao apetite voraz dos botocudos.

A ilha produz em abundancia a amendoa dos *lecythis*, muito apreciada pelos selvagens (embora este fruto oleoso produza, segundo dizem, a horrivel doença chamada elephantiasis), a issara, a vagem do ingá, o palmito e o delicioso tuberculo conhecido pelo nome de cará do mato.

O festim tem de ser alegre, porque as provisões abundam e os guerreiros não têm a deplorar senão a perda de pequeno numero de seus companheiros.

A piroga abandona a margem, levando, com os animais mortos, Cacimurú, o chefe dos botocudos, as suas sete esposas, sua filha Miranha, Macaé, o amante de Miranha, Jojuam e Bebji, pai e irmão de Macaé, Taíra, mulher de Bebji, e Pejarú, o mais sabio dos

adivinhos, que empunha o maracá sagrado, repleto de grãos de aouai.

Outras pirogas seguem a primeira. Os que não conseguem mais lugar atiram-se ousadamente ás aguas, segurando, com uma das mãos acima da cabeça, o arco e a flexa, e com a outra mão e os pés nadam para o lugar da reunião, onde não tardam a chegar.

A tribu inteira affue á ilha. Acende-se o fogo com o auxilio de folhas secas e assa-se a caça em carvões crepitantes.

Entretanto, o jogo começa.

Uma pele de *unau* (2), cheia de musgo, forma um balão que se atira com força para o alto, e que não deve mais cair em terra, enquanto duram os divertimentos. A sua queda importará na terminação deles. Infeliz do guerreiro distraído que não responda ao impulso da bola com a vivacidade necessaria: as vaias e as zombarias dos companheiros o punirão pela sua distração e pela falta de habilidade.

O jogo do pau, em que os tapuias se exercitavam a correr, até completo esgotamento das forças, foi substituído entre os botocudos pelo da bola, menos fatigante e muito mais divertido.

Doze raparigas, dirigidas pela bela Miranha, designam tres rapazes, escolhidos entre os mais robustos, e os desafiam para a luta nautica. E' preciso dizer que Macaé está entre eles.

Os tres botocudos atiram-se ao lago e fendem as aguas com rapidez, perseguidos pelo bando de moças.

Fazem evoluções de toda sorte — ora avançam, ora recuam, em gritos, dando extrema expansão e agilidade aos seus membros. Tão habéis quanto eles, as índias fazem-lhes uma caça animada e os cercam de perto. De repente, eles dão uma contra-volta e avançam sobre as moças. Estabelece-se a confusão, diante da qual cada um procura empurrar a cabeça do vizinho para mergulha-la nagua. Macacé sai vitorioso, por cinco vezes, entre as índias, mas Miranha aproxima-se traiçoeiramente e passa o braço robusto ao redor do pescoço do amante. Macacé desaparece. Ao voltar á superfície, percebe que a fisionomia de Miranha, tão risonha até então, transformara-se em tristeza.

— Que tens? perguntou ele inquietamente.

A india, segurando o lobulo da orelha, mostrou-lhe que perdera o humá branco que o ornava.

— Rolou para o lago! murmurou ela.

Macacé mergulha com intrepidez. Os lutadores aceitam tacitamente uma tregua e se deitam de costas, para repousar. Passam-se dois minutos, e o corajoso nadador não aparece. O coração de Miranha bate apressadamente. A india acusa-se de ter posto o seu amante em perigo, só para achar o seu enfeite nas profundezas do lago. Afinal, uma cabeça sai das aguas. E' Macacé. Traz no batoque, pendurado do labio inferior, a placa cilíndrica cuja perda a sua amante lamentara, e oferece-lha, sorrindo. Miranha estende a mão, porém surpreende-se ao ver que aquele não era o humá que perdera. Em lugar da argola comum,

a que Macaé apresenta é feita de um metal brilhante. Figuras bizarras cobrem-lhe as superfícies dos dois lados.

O grupo folgazão ia recommençar as suas caprichosas evoluções, quando um sinal, vindo da margem, anuncia a hora do festim.

Todos saltam da agua e se aglomeram junto aos dois amantes, para admirar a preciosa joia trazida por Macaé do fundo do lago.

— Escutai, disse o indio. Minha mão remexia na areia para procurar o humá de Miranha, quando uma voz harmoniosa chegou aos meus ouvidos. Notei então, diante de mim, uma mulher admiravelmente bella, que me disse: “Reparei hoje em ti, pela manhã, na piroga do chefe, e desejei que me amasses. Aí tens o batoque de Miranha. Leva-o. Mas não esqueças que, depois do festim, tens de me acompanhar ao palacio.”

Esta declaração põe lagrimas nos olhos da virgem. Macaé procura consola-la, jurando que o seu coração lhe pertence e não amará a mais ninguem.

— Esta noite nos uniremos, disse ao terminar. E nenhum poder me impedirá de dormir sobre o teu seio.

A tribu foi logo sabedora da singular aventura, e os comentarios seguiram a sua marcha, como é facil de imaginar.

— E’ a mãe-d’agua. declarou gravemente Pejarú, o chefe dos paiés.

A crença nas sereias, que cultuavam antigamente as nações politeistas, e que vive ainda entre os colonos das provincias de Ilheus e Porto Seguro, era perfeitamente accita pelos botocudos. Tinha-lhes sido transmitida pelos aimorés, de quem descendem, assim como pelos mucunis. Sua fé robusta era mantida por lendas ás vezes terriveis, ás vezes risonhas, mas sempre amorosas.

Os paiés procuraram primeiro retirar da sua teogonia essa divindade aquatica, que desafiava, do fundo do oceano, a autoridade suprema de Taru, o Criador de todos os seres. Apesar do poder dos paiés, a crença não enfraqueceu. Os adivinhos fizeram vista curta. Sem receio de um desmentido, reconheceram a existencia desse genio feminino, considerando apenas que ele fazia parte dos espiritos inferiores, dos demônios subalternos chamados Janchons, que habitam as florestas e obedecem ao Grão-Taru.

Pode-se bem imaginar a impressão produzida pela narração de Macaé nesses espiritos supersticiosos. Os guerreiros invejam a sorte do companheiro que conseguiu sensibilizar o coração da mãe-dagua. Cada qual queria estar no seu lugar. As mulheres e as virgens lamentam a sorte de Miranha em altas vozes, mas, intimamente, todas elas experimentam uma sensação de prazer malicioso, diante da dor que a oprime, tal como fariam as civilizadas.

Cacimurú, chefe dos botocudos, curva a sua soberba fronte e olha com ar ameaçador para Jojuiam e

Bebji, que recebem com satisfação os cumprimentos de seus companheiros.

Enquanto isso, as viandas se preparam e o festim começa.

Como seria interessante o quadro formado pelas fisionomias e pela ornamentação dos convivas! Aquelas horríveis argolas enganchadas nas orelhas e nos lábios inferiores, dentre as quais, segundo o príncipe de Neuwied, algumas têm quatro polegadas e pouco de diametro e a espessura de meia polegada. As cabeças raspadas, com exceção de um monte de cabelos que fica no alto. Os olhos sem sobrancelhas, e as palpebras sem pestanas. Os membros pintados de negro, em alguns, e noutros pintados de vermelho, mas todos raídos de desenhos bizarros. Depois, esses longos mantos de pele de tamanduá que arrastam pelo chão, e braceletes de penas de ará, e a penugem brilhante, tirada do pescoço do tucano, que orna as índias. Tudo isso formaria uma pintura singular, que sem ser graciosa não deixaria de produzir grande efeito.

Não resisto á tentação de consagrar algumas linhas á *toilette* de Cacimurú. Esse chefe botocudo passou duas horas entre as mãos das mulheres. Seu rosto, pintado de vermelho com a pasta que se extrai da pelicula do urucú, é dividido em quatro por uma linha cruzada, traçada com o suco do genipapeiro. Esses traços, já desfigurados pelos batoques, tornam-se mais ferozes ainda por causa da cara horrenda do indio. Um diadema refulgente envolve-lhe a cabeça. Compõe-se

de varias penas arrancadas da cauda do japú, coladas aos cabelos com um pouco de cera. Esse diadema ou *jakerá-iunni-oka*, que não é usado senão nas ocasiões solenes, acaba de completar a fisionomia grotesca e horrenda dum chefe botocudo.

A' medida que as iguarias desaparecem, a preocupação dos convivas vai diminuindo. Quando a primeira fome é satisfeita, a conversa anima-se e torna-se afinal ruidosa, porque versa sobre as proezas dos guerreiros durante a expedição conduzida com tanta felicidade contra os inimigos da tribu. Os oradores succedem-se. Cada qual fala por sua vez dos grandes feitos que cometeram, do numero de mulheres e moças que acabaram de privar dos esposos e dos pais, entre os capochos, os mucunis e os panhamés. Gabam-se de ter praticado atrocidades apavorantes nas aldeias que lhes caem sob o seu poder, e se prometem renovar esses atos pavorosos ao próximo encontro.

As indias, como dignas companheiras dos valentes botocudos, aplaudem á porfia. As virgens, cheias de entusiasmo patriótico, fazem as suas escolhas entre os jovens guerreiros.

Macaé toma então a palavra:

— No ataque da aldeia dos panhamés, notei de pé, diante de uma barraca, tres guerreiros. Eram o pai e seus dois filhos. Tomei logo do meu *ouagické-comm* e a minha flecha guerreira feriu o pai em pleno peito. Ei-lo por terra. Os filhos armam seus arcos. Duas flechas vêm enterrar-se no tronco do enorme *cupiiba*

que me serve de trincheira. Lanço segunda flecha. O mais velho dos dois irmãos é atingido no coração. Já ia visar o mais moço, quando o nosso temido chefe, o grande Cacimurú, se precipita para a frente e força a palissada, atrás da qual estão abrigados os nossos inimigos. Sigo-o ligeiro. Num salto, alcanço a barraca onde o guerreiro panhamé se colocara em defesa de sua família. Levanto o braço e o meu *curatú* (machado de nefrite) faz-lhe saltar o crânio. Entro na barraca, onde retumbam urros e gritos de lamentação. Cinco crianças são enforcadas. Tres mulheres, uma idosa e duas jovens e belas, são as esposas e a mãe dos dois irmãos. Abato-as igualmente. Falta um velho, acocorado num canto, que mantém um arco e procura com as mãos debeis ajustar a flecha na corda de tucum. Na minha furia, imolo-o sem piedade. Com esse completo doze panhamés que não mais irão colher o mel perfumado das florestas, e que caíram sob os meus golpes. Hoje, saciado do sangue dessa carnificina, não aspiro senão repousar a minha cabeça no seio da bela Miranha, e aí dormir acalentado pelos seus braços carinhosos.

Falou assim o guerreiro botocado.

Todos felicitaram Macacé. As mulheres lançaram-lhe as flores dos seus sorrisos, e Miranha, com o coração deliciosamente comovido, enrubesceu de prazer.

Nesse momento, ouve-se o som de uma voz melodiosa. Trazidas por uma brisa ligeira, estas palavras chegam até ao lugar do festim:

— Macaé! Macaé! E' chegada a tua hora. Não mais pertences a Miranha. Sou eu a tua noiva. Vem gozar perto da mãe-dagua a felicidade reservada aos imortais.

Esta voz, de efeito poderoso, amenizou logo as carrancudas fisionomias dos botocudos. Sómente Miranha ficara insensível á harmonia espalhada no espaço. Em vez de experimentar o prazer de todas as pessoas da tribo, ela sente um frio mortal no coração e agarra-se instintivamente ao seu amante. O grande Cacimurú curva novamente a fronte e sabe resistir á emoção geral.

Quanto a Macaé, o encanto daquela voz o invadira inteiramente. Um sorriso esboçado para Miranha paralisa-se, num momento, em seus labios. Depois, como atraído por um imã invisível, deixa o seu lugar e lança-se para a frente. Miranha tinha passado os seus braços em volta do pescoço de Macaé. Um movimento brusco atira-a de encontro ás companheiras. O robusto Cacimurú precipita-se sobre ele e o agarra pelo meio do corpo. Dotado, nesse momento, de força sobrehumana, Macaé desenleia-se facilmente desse laço. Faz rolar o chefe, com o diadema para um lado e o Augusto corpo para o outro, aos pés de sua filha. Assim desembaraçado, segue o caminho do som misterioso que acaba de surgir diante dele, e atinge a beira dagua.

Recomeça a voz:

— Macaé! tu me pertences. A mim, Macaé! Radiante, fascinado, subjugado por aquele som, Macaé mergulha no lago e desaparece.

Não obstante, o pai de Miranha, um momento atordoado pela queda, levanta-se e quer continuar a perseguir o infiel. Os guerreiros explicam-lhe então o que se havia passado. Cacimurú aproxima-se do velho Jojuiam, depois de ter agarrado, pelas duvidas, a sua esplendida *jaquerá-iunni-oka*.

— Jojuiam, disse ele, colocando-se em atitude de provocação, um grande ultraje acaba de ser feito ao chefe dos botocudos.

— Eu sei, respondeu simplesmente o velho.

— Seduzido pelo encanto harmonioso da mãe-da-gua, Macaé abandonou a sua noiva, e Miranha deverá esta noite, por causa da fuga de teu filho, dormir sozinha na cabana do pai.

— Eu sei, repetiu o velho.

— Pois bem, considerando eu, Cacimurú, chefe dos botocudos, que o procedimento de Macaé constitue grave ofensa, exijo uma reparação pelas armas, segundo o costume dos aimorés, nossos ilustres antepassados.

— Terás a reparação, concordou Jojuiam.

O chefe aproximou-se da filha, que acabava de voltar a si, e que pedia em prantos que lhe restituissem o belo Macaé, seu esposo.

O sabio Pejarú aproxima-se de Miranha e tenta consolá-la.

— Minha filha, disse ele, acredita-me. Em lugar de te entregares assim ao desespero, pede ao Criador dos seres que venha em teu socorro. Não ignoras que na minha juventude fiquei, por cinco invernos, prisioneiro dos guaicurús. Longe de me abandonar covardemente ao destino, tive confiança em Taru, e Taru salvou-me. Foi ele, o deus terrível mas justo, quem facilitou a minha fuga através da mata, e me trouxe novamente são e salvo a uma tribo de botocudos.

E como a virgem não cessasse de chorar, o paié continuou:

— Escuta, filha, o apólogo que guardei durante o meu cativeiro:

“Um cavaleiro guaicurú, atravessando o sertão, sentiu-se chamar por uma voz suplicante. Voltou-se para o lado donde ela partira e avistou uma cascavel, que se retorcia no centro de um círculo de fogo.

— Pelo amor de Deus, tira-me daqui e salva-me a vida, implorou o reptil.

O cavaleiro deixou-se emocionar, estendeu sua comprida lança, a cujo extremo a cascavel se enroscou, e trouxe-a até junto a si. Como o fogo tivesse queimado a serpente em varios pontos, o moço friccionou-lhe as feridas com graxa de nandú e curou-as. A cascavel envolve então o corpo de seu salvador e enrosca-se no seu pescoço. O cavaleiro pensa que são demonstrações de reconhecimento, e logo fica desiludido, sentindo-se enforcar pelo flexível animal.

— Que fazes? Solta-me, solta-me! Tu me enforças, murmurou com voz abafada.

— Quero mesmo enforçar-te, respondeu a casavel.

E os seus anéis apertaram-no com mais força.

— Desgraçada! Então é esta a recompensa do serviço que te prestei, salvando-te a vida? balbuciou ainda o cavaleiro.

Como se estas queixas a tivessem comovido, a serpente interrompeu a tortura.

— Escuta, disse ela. Acusas-me injustamente de ingratidão. Sofres neste momento a lei comum. A lei manda pagar o bem com o mal.

— Cala-te, blasfema! respondeu o cavaleiro.

— Onde vens então, visto como a enunciação de um fato tão simples excita o teu rancor?

— A lei é pagar o mal com o bem, e ofendes a Deus, sustentando, ao contrario, ter ele dito pagar o bem com o mal.

— Como faço questão de te convencer e de não passar por ingrata aos teus olhos, e ainda menos por ignorante, dou-te uma hora de tregua. Uma hora chega-me para te fornecer a triplíce prova de que necessitas.

O pescoço do guaicurú ficou livre.

O cavalo, sedento, farejava a fonte de um atalho proximo, aonde se dirigiu e se pôs a beber. A agua da fonte lamentava-se.

— Que tens? perguntou o viajante.

— Estou indignada com a ingratidão humana, respondeu a fonte. Ofereço generosamente a minha agua limpida aos homens e aos animais, e em lugar de me agradecerem, atiram-se ao meu leito e perturbam a pureza da agua. Como recompensa de meus serviços, torno-me toda em lama.

— Primeira prova, observou a cascavel.

— São os animais os culpados e não os homens, replicou o cavaleiro.

Descendo a margem do rio Cuiabá, eles ouviram gemidos. Donde vinham? Era um belo coqueiro, cujo tronco estava dividido por um longo e profundo corte.

— Que te aconteceu? perguntou novamente o guaicurú.

— Oh! Deus não é justo, disse o coqueiro. Permittiu que os homens, aos quais não faço senão o bem, me maltratassem desta forma. Minhas folhas lhe dão sombra e lhe oferecem uma goma preciosa; meus frutos matam a sua fome e saciam a sua sêde. Em paga da minha bondade, o homem fere a minha carne com o seu punhal, e faz escorrer o meu sangue, que lhe serve de bebida. Examina o ferimento profundo que ele me fez e diz-me depois se não tenho o direito de acusar o destino.

— Desta vez é mesmo o homem o culpado, ruminou a cascavel. Mas continuemos o nosso caminho.

Atravessaram então um bosque espesso. Ao pé de uma arvore, perceberam um macaco a soluçar, segurando o braço, do qual pendia um sacco de fibra.

— Viajantes! gritou o macaco, implorando. Socorrei-me. Vêdes em mim uma vitima do meu bom coração.

— De que te lastimas? perguntou o cavaleiro.

— Queixo-me por ver que a terra pertence aos maus. Ouí a minha historia e tereis pena de mim. Um jaguar fôra ferido por caçadores. Com o flanco atravessado por uma flecha, ia expirar, quando passei, por acaso, a seu lado. Não podendo mais falar, fez-me sinal que o socorresse. Apesar da minha aversão bem natural pelos animais da sua especie, aproximei-me e arranquei-lhe a flecha. Imediatamente o jaguar se sente reanimar e me agradece com fortes protestos de devotamento.

— Agora, se eu pudesse comer, recobriria as forças, ajuntou ele.

Corro á fazenda vizinha, torço o pescoço de duas galinhas e trago-as ao enfermo. Este volta á vida e prodigaliza novas mostras de amizade.

— Doravante, declarou ele, teus semelhantes serão sagrados para os jaguares, como lembrança do serviço que me prestaste. Levarias ao auge a tua bondade, se me arranjasses um pote de leite. Sinto que um pouco de leite acabaria de acalmar o ardor que o contacto do ferro deixou nas minhas entranhas.

Apressado em satisfazer esse desejo, corro de novo á fazenda. Aperto a teta de uma vaca, que amamentava o filhote, e volto ao jaguar com uma cabaça a transbordar de leite. A fera começa por lavar o ferido

mento com o liquido. Depois, justo quando eu pensava que ela ia beber o conteúdo da cabaça, abraça-me, enterrando as suas garras nas minhas espaduas.

— Mudei de opinião, declarou. Creio que sangue de macaco me trará mais beneficio do que um gole de leite.

Imaginal o meu terror. Sem mim, o jaguar, abandonado pelos irmãos, morreria na floresta. Salvo-lhe a vida, e em troca dos meus serviços ele se apressa em me devorar. O' ingratição dos animais! Felizmente pude fugir ao seu ataque, mas deixando-lhe sempre alguns farrapos da minha carne. Ajudai-me, senhores, a pensar o meu ferimento, e vos darei a cabaça cheia de leite que está no fundo do meu sacco.

A cascavel tornou ao guaiecurú.

— Vês, disse ela, por todo o mundo, entre homens e animais, o hom é a presa do mal. Não te lastimes, portanto, de sofrer a lei comum e prepara-te para morrer.

— Ai! ai! ai! gritou o macaco. Minha espadua doi horrivelmente! Senhores, por favor, lavai-ma com algumas gotas de leite.

— Na verdade, se eu bebesse o leite deste estúpido quadrumano... murmurou o reptil. O sangue do homiem parecer-me-ia melhor depois.

E relaxando os aneis, que já apertavam furiosamente o pescoço do cavaleiro, deixou-se escorregar para baixo do cavallo e aproximou-se do macaco.

— Idiota! exclamou. Cessa de te lastimares, porque não tens senão o que mereces. Onde está o teu leite? Quero bebe-lo.

— Ai de mim! está no fundo do sacco, e não o posso alcançar com o meu braço ferido.

A cascavel aproximou a cabeça da abertura do sacco, afundou para sugar o leite. Ao ve-la desaparecer, o macaco, mais que depressa, apertou os cordões e prendeu o reptil.

— Que estás fazendo? gritou ela.

— Puno-te das tuas atrocidades, vingando as tuas vitimas, respondeu o macaco, que deixava então de ser maneta. E rodando o sacco no ar, atirou-o com toda a força de encontro ao tronco da arvore, amassando a cabeça da serpente.

Dirigiu-se então ao guaicurú:

— O mal sem punição faz crer aos maus que a terra lhes pertence. Eles contam com a sua audacia para oprimir os homens virtuosos, e continuam sem remorsos a serie dos seus crimes. Mas Deus não os perde de vista. Embora tardiamente, o momento da expiação apresenta-se por fim. O triunfo dos maus é, em summa, de curta duração. Pratica o bem, e Nani-gogigo (3) não te abandonará, e as tuas provações darão á tua virtude um novo brilho. Continua, viajante. Teme Nanigogigo, mas não temas os maus.

Dito isso, o macaco embarafustou-se pela floresta."

Nem as palavras de consolo do sabio Pejarú, nem o apologo que acabara de contar, serviram para acalmar a dor de Miranha.

No entanto, os jogos recommçaram. A festa devia durar tres dias, e uma injuria feita á familia do chefe não podia privar os guerreiros dos prazeres com que contavam. Quando a lua começou a clarear o cimo da floresta, cada botocudo preparou o seu leito de folhas secas e deitou-se ao pé de uma arvore.

No dia seguinte, os guerreiros estavam reunidos num tapete verdejante. Formavam um circulo em volta de dois grupos. O primeiro era formado pelo grande chefe Cacimurú, dois outros chefes subalternos que lhe serviam de testemunhas e a mais nova de suas esposas, a orgulhosa Caraíba, cujo labio mantem horizontalmente a argola que o adorna. Do outro lado estavam Jojuiam, Bebji e Taira, de faces rosadas e olhos longos e divergentes, como os dos mongois, a exhibir vaidosamente o seu *humá* e a desafiar com o olhar a companheira do chefe. Jojuiam tem igualmente suas duas testemunhas.

A triste Miranha está sentada á parte. Enquanto seu pai se prepara para vingar a afronta feita á sua familia, a esposa abandonada, apertando a cabeça entre as mãos, chama baixinho pelo belo Macaé, que ella não pode deixar de querer.

Bebji dirigi-se a Cacimurú:

— Temido chefe de nossa nação, ontem provo- caste meu pai Jojuiam para um combate singular. Estás, porém, ainda forte e vigoroso, enquanto que Jojuiam tem já o dorso curvado e as mãos tremulas. A partida não será, por conseguinte, igual entre os dois.

Peço para tomar o lugar de meu pai. Sustentarei contra ti, chefe terrível, a honra de meu irmão ausente, enquanto que Taira, minha esposa bem amada, se medirá com a tua companheira Caraíba.

— A substituição é justa, declararam as testemunhas de Cacimurú.

Uma dessas traz na mão um feixe de longas varas acabadas de cortar da floresta. Cada combatente recebe uma e se coloca em seu lugar.

Começa então a luta oratoria tão familiar entre os heróis de Homero, e que sempre precede ao combate. É a exposição das queixas do ofendido. É a justificativa do desafio que faz aos companheiros, verdadeiros juizes da questão.

— Pensais, ó guerreiros, perguntou ao terminar, — que o meu desgosto tem fundamento?

— Tem, respondem os botocudos.

No mesmo instante, Cacimurú vibra a sua vara e deixa-a cair por varias vezes nas costas do adversario. Este, valente entre os valentes, recebe os golpes sem opor a menor resistencia, porque é esse o costume estabelecido antigamente entre os aimorés e transmitido por esses indios aos seus descendentes, de deixar o ofendido ferir primeiro o inimigo, até que este tenha o direito de reagir em legitima defesa.

Este direito acaba de ser adquirido pelo irmão de Macaé. Bebji dirige-se, por sua vez, aos guerreiros:

— Companheiros de guerra e de caça! brada ele. Um grande ultraje foi feito ao chefe Cacimurú por

meu irmão Macaé. Este abandonou a bela virgem que seu pai lhe havia dado para esposa, condenando-a aos lamentos e ás lagrimas. O facto é infelizmente verdadeiro, e a colera de Cacimurú foi reconhecida como sincera. Mas a afronta de que se queixa o grande chefe mereceria um desafio feito á nossa familia? Que as costas de um guerreiro corajoso como eu fosse marcada de bastonadas?

Macaé evadiu-se dos braços da bela Miranha, mas uma força sobrenatural impelia-o a agir contra a sua vontade. A voz encantadora da mãe-dagua penetrou no seu coração e subjugou-o. Macaé perdeu desde então a consciencia de seus atos. Macaé é mortal e a mãe-dagua é uma divindade. Qualquer resistencia seria inutil. Meu irmão não é, portanto, culpado do ato de que lhe acusa Cacimurú, visto ele obedecer a um poder superior. Se existe afronta, não havia a intenção, e o nosso chefe não tinha fundamento para castigar na minha pessoa a familia de Macaé. Agora, os golpes recebidos bastaram para vingar a ofensa. Chegou a minha vez de punir a afronta que me acaba de ser feita.

— Bebji tem razão. Está no seu direito, disseram os botocudos.

O indio levanta a sua longa vara e devolve pelo dobro as pancadas que sofreu. Fiel ás tradições dos antepassados, Cacimurú não se esforça por evitar os efeitos do ressentimento de Bebji. Entrega as costas

até que as testemunhas declaram que os ofendidos devem estar satisfeitos.

Colocados então, um em frente do outro, em perfeita posição de igualdade, os dois adversarios cruzam as varas com destreza e força.

A orgulhosa Caraíba lança-se ao meio da arena. Encontra Taira, que a esperava. Então, as duas índias atiram-se uma contra a outra, com intrepidez digna de companheiras de tão valorosos lutadores.

O combate torna-se encarniçado dos dois lados. Já as varas estão partidas e as testemunhas apressam-se em substituí-las. O duelo prossegue com iguais probabilidades. As mulheres atacam-se com o mesmo ardor. Ambas de joelhos, golpeiam-se vigorosamente, martirizando os lindos seios. Caraíba já vê correr o sangue de sua adversaria. Chispas de fogo saem dos olhos de Taira. Com uma das mãos ela agarra a cabeleira da inimiga, e com a outra puxa-lhe o batoque do labio, que se rasga.

No auge do combate, ouvem-se gritos.

— Macaé! Macaé! bradam as mulheres.

— Macaé! E' ele! repetem, por sua vez, os guerreiros.

As testemunhas fazem um sinal e os inimigos abaixam as varas. Taira renuncia, com magoa, á victoria. Caraíba, mutilada, coberta de sangue, mas não subjugada, retira-se para mandar coser com um cipó os dois bordos do seu ferimento, conservando sempre um ar feroz.

Um combatente aproxima-se dos botocudos. E' Macaé. Vai direito ao Cacimurú. Forma-se logo um circulo em torno dele.

— Chefe temivel da nossa gloriosa nação, pelas chamadas dos teus olhos adivinho o sentimento que move a tua alma. Operou-se uma magia, que me arrancou do teu meio. Afinal, recuperada a razão, volto agora ao amor, e mais preso que nunca á Miranha dos olhos azues.

Assim falava Macaé. Todos os olhares o envolvem e todos os labios se entreabrem para o interrogar.

— Eis a narração fiel da minha viagem ás profundezas do lago. Apenas desapareci debaixo dagua, uma fina mão, tão mansa como a asa do tucano, pegou na minha, e uma voz mais harmoniosa que o canto do teitei ou do sabiá ressoou nos meus ouvidos: "Enfim, aqui está o meu bem-amado".

A mãe-dagua conduziu-me então para um palacio, cujas muralhas são de uma substancia amarela, que brilha aos olhos como tacapes atingidos pelos raios do sol. Arcos, flechas, humás, gñimatos, kekrocks, vasos e moveis de toda a especie, trabalhados com arte caprichosa nas madeiras as mais preciosas, enchiam grandes salas, suspensas por colunas verdes e vermelhas. Pedras de diferentes formas e cores, desconhecidas sobre a terra, completavam o cimo das colunas. Essa soberba habitação serve de residencia á mãe-dagua.

— Eis o que doravante te pertence, meu bem-amado! disse a poderosa divindade.

Janchons gipakejus e janchons coudgis (grandes e pequenos genios) todos com braceletes de insetos reluzentes, com argolas da mesma materia que essa que dei ontem a Miranha, serviam-nos um suntuoso banquete.

— Esta é a existencia que te reserva o meu amor, murmurou a mãe-dagua.

Depois do festim, minusculos e encantadores gnomos conduziram-nos a uma peça mais esplendidamente ornamentada do que as outras. Ás paredes estavam presos dois ganchos de uma rede coberta de plumas de passaros desconhecidos das nessas florestas, mais bizarros, porém, que as do tucano.

— Aqui repousarás a meu lado, belo guerreiro, suspirou ela, fixando nos meus os seus olhos ardentes.

Essa noite embriagadora, confesso-o, voou como um sonho. Esquecera-me de Miranha, de meus companheiros, de meu pai, de minha familia. Os olhares dessa divindade causavam-me um atordoamento. A sua voz transportava-me ás margens perfumadas de um rio, cujas aguas eram azuladas. Dormi afinal, embalado por flores e canções de passaros.

Pela manhã, a mãe-dagua fez-me recuperar a memoria:

— O' meu bem-amado! disse ela. A vida que te reservo é de aventuras sem fim. Essa que acabas de fruir é apenas um antegozo do que te espera. Quero, entretanto, que possas ainda escolher o teu destino. Não te quero dever senão o amor que eu te tenha ins-

pirado. Volta para junto dos teus, e toma parte nos prazeres dos guerreiros. Depois de teres visto a tua antiga noiva, saberás dizer se Miranha te parece ainda bela. Adeus, meu amor. Guarda em ti a minha lembrança. Esperar-te-ei á hora em que o poderoso Taru se entrega ao sono.

Esta narração produziu grande efeito no meio dos guerreiros. A inveja que sentiram, na vespera, de Macaé, redobrou. Não havia um que não estivesse disposto a dar todos os dias que lhe restassem de vida para ser, durante uma hora, o objeto de tão grande paixão. As virgens baixaram os olhares. Presas de indizível emoção, imaginavam os ternos enleios de Macaé e da mãe-d'agua.

O olhar do chefe continua sombrio. A sua voz nada perdeu de aspereza ao pronunciar:

— Vens aqui para fazer a exposição da tua felicidade e de novo insultar a dor de Miranha?

Macaé sorriu.

— Não te declarei, ao chegar, respondeu ele, que estava outra vez senhor da razão e do amor? Agora, meu coração, mais preso que nunca, procura Miranha como o socó-boi sedento busca o riacho cristalino.

— Será isso possível, depois do que se passou? exclamam o chefe e os guerreiros.

— O encanto está quebrado, continua o índio. Não ouço mais a voz encantadora em meus ouvidos, e a sua imagem apagou-se diante da minha tímida noiva. Onde está ela? Onde está a Miranha dos olhos azues?

— Aqui estou, disse uma voz doce.

Macaé estremeceu. Virou-se, e percebendo a filha do chefe estendeu-lhe os braços. A virgem, escondendo o rosto no seio do amante, perdoou-o.

A alegria substituiu a magoa e o odio desapareceu do coração dos guerreiros. O festim recomeça. Os jogos succedem-se aos jogos. Afinal o chefe dos paiés dá o sinal dos canticos.

Enquanto os botocudos escutam a melopeia plangente do adivinho, os dois amantes, sentados perto de uma palmeira, trocam confidencias.

— Então, achas-me hoje menos linda que ontem? pergunta Miranha. E esquecer-me-ás ainda para atender ao chamado da mãe-dagua?

— És sempre a mesma para mim. Por mais poderosa que seja a tua rival, desafio-a, dora em diante, a arrancar-me daqui e apagar do meu coração a tua imagem.

— O' meu bem-amado! Que doce existencia nos está reservada! Tu, eximio caçador, abaterás o quati, o veado e o tamanduá. Eu seguir-te-ei em tuas expedições, levando a rede trançada com os fios da embira, que encerra os utensilios do nosso lar. Quando tivermos filhos, carrega-los-ei ás costas, e ambos lhes ensinaremos a adoração de Taru. Nossa vida será então uma longa sequencia de dias felizes.

— Como a tua voz é cariciosa, murmurou Macaé. E como ella sabe seguir pelo caminho da minha alma!

— E' porque te amo, meu belo guerreiro, disse a india com ternura.

— Amo-te também, respondeu Macaé, apertando-a de encontro ao peito.

Subito, o idílio foi interrompido por vozes de uma suavidade infinita.

— E' a mãe-dagua! grita Miranha horrorizada, enlaçando o amante para o disputar á rival.

— Nada temas, disse Macaé, tranquilizando-a com um sorriso.

A voz aumenta gradativamente, proferindo cadenciada oração e repetindo o nome do ingrato botocudo.

— Macaé! Macaé! clamou ela. Já perdeste a lembrança da minha bondade? Miranha já te parece linda, depois de me teres conhecido? Será possível? Macaé, os olhos do grande Taru vão fechar-se e as estrelas começarão a ornar o firmamento. E' a hora em que as flores trocam os seus perfumes. E' também a hora dos doces enleios. Abandona a tua noiva e responde afinal ao chamado da mãe-dagua. O' Macaé, meu belo guerreiro! Vem para mim...

O botocudo, a principio insensível ao chamado, percebe que o seu coração é, pouco a pouco, sacudido por movimentos acelerados. Enrija o braço que aperta a cintura da virgem, mas insensivelmente vai perdendo a força, e acaba por escorregar ao longo do seu corpo. Miranha agarra-se a ele com a força de seu desespero. Macaé sente então seus pés moverem-se por um poder desconhecido. Dá um passo á frente e arrasta nesse movimento a jovem india. Avança ainda,

conduzido por um fio invisível, sem que Miranha se resolva a deixar a sua presa. O ar está impregnado de sons harmoniosos, de uma langorosa melodia que perturba o sentido e embriaga a razão. Miranha resiste a essas poderosas influencias, sem transmitir a sua energia a Macaé. Este dirige-se todo o tempo para o lado donde vem a voz, ás margens da ilha.

Miranha, desanimada, fecha os olhos e deixa-se arrastar por Macaé, resignada a segui-lo até ao fundo do lago.

No entanto, ao som daquela voz conhecida, os botocudos interrompem seus cantos. Correm em massa ao lugar onde se acham os dois amantes. O chefe Cacimurú e os paiés tomam a frente dos guerreiros. Assistem á luta corajosa de Macaé e escutam os gritos de terror da virgem.

No momento em que, vencido pela doçura da penetrante voz, Macaé toma, sem querer, o caminho do lago, Cacimurú dirige-se ao chefe dos adivinhos.

— Sabio paié, diz ele, tu que conversas com os grandes genios e conheces o pensamento de Taru, implora o deus terrivel e justo para que socorra Miranha dos olhos azues e proteja Macaé contra as perfidas seduçõs da mãe-d'agua.

O sabio Pejarú volta-se para o ocidente. O sol vai descambando por detrás das montanhas. Deita um ultimo olhar de adeus, com os seus derradeiros raios, para o lago transparente. O momento é propicio. O paié pronuncia palavras misteriosas e faz tremendas

contorsões. Interpela os *gipakejus* e os *coudgis*, os genios que povoam o ar e os demonios que habitam as florestas. Ordena-lhes que se ajuntem a ele para que o Grão-Taru, enternecido pelas suas preces, tenha piedade dos dois amantes. Enquanto dança, agita sobre a cabeça o maracá sagrado.

— Taru, Taru, Taru, disse por tres vezes, ao terminar as suas conjurações. Antes de desviarees o teu olhar da terra que sagraste, atinge a mãe-dagua e quebra-lhe o encanto que produz a sua voz. Um sinal teu basta para aniquilar a inimiga. Faze o sinal e os amorosos botocudos estarão livres.

Apenas proferidas essas palavras, os raios do sol poente envolveram, como uma aureola, as cabeças de Macacé e de Miranha.

— Taru envolve-os com a sua proteção! disse o paicé em tom solene.

Ao mesmo tempo, uma oscilação se fez sentir. A ilha, arrancada do solo, flutua como uma piroga sobre as aguas e arremessa-se para a margem do lago, como que impelida por mão invisivel.

Miranha e seu amante, que a enlaça, não repararam que a ilha fora transformada em uma barca. Chegam á margem do lago.

Uma mulher admiravelmente bela baloiça-se nas aguas, fascinando os ecos com a sua voz harmoniosa.

— Enfim cá está o meu bem-amado! exclama ela. Teu coração respondeu ás pulsações do meu. Abandona a tua noiva vermelha de olhos azues. A mãe-dagua

convida-te á felicidade dos imortais. Macaé! Macaé! Macaé!

Presa de um transporte amoroso, o jovem guerreiro quer precipitar-se. De repente, escutam-se uns estalidos, acompanhados por um grito semelhante a um soluço. Macaé treme e cai sobre a relva da margem.

Taru exaltou a prece do paié. Porque a ilha, arrojada com força, acaba de esbarrar contra a borda do lago. A voz cala-se, em seguida, e a maravilhosa visão de mulher, que se balançava nas aguas, desaparece.

Pretendem uns que a ilha, afugentando o corpo da sereia, acabou por esmagalo de encontro aos rochedos que se levantam nesse lugar, ás margens do lago. Esquecem, porém, que, segundo a teologia dos botocudos, a mãe-dagua é um grande ou um pequeno genio, e, portanto, imortal.

Outros são mais logicos em suas apreciações. Pensam que a mãe-dagua, esclarecida pelo fenomeno da ilha volante sobre as verdadeiras intenções de Taru, renunciou aos projetos de sedução. Mergulhou no lago e retornou ao seu palacio aquatico, deixando Macaé e Miranha entregues ao seu amor.

Abrindo os olhos, o guerreiro botocudo vê a virgem, que o contempla com o mais doce dos seus sorrisos.

— Como és bela, e como te amo! disse ele.

Deixando de ouvir a voz da sereia, Macaé subitamente recupera a razão. O seu coração não vê outra imagem senão a da sua noiva.

Desde então, a ilha está ligada á terra. Assim o ordenou o poderoso Taru, o DEUS TERRIVEL MAS JUSTO.

Eis aí a legenda da ilha perfumada, da Lagoa e da mãe-dagua, exatamente como no-la contou o velho guerreiro botocudo.

A distancia não é grande, da fazenda das Tres Virgens á habitação do sr. Miguel Pedregulho.

Os capitães assinalaram essa habitação á nossa direita, na direção do rio Patipe.

Valcoreal, cujo mau humor não se havia dissipado, sacudiu a corda que amarrava o moleque Fidelis e lhe disse em tom de mofo:

— Dentro de meia hora poderás brincar com o teu sinhôzinho, com quem te pareces tanto; isto, depois de teres ajustado as tuas contas com o sr. Pedregulho.

Fruchot murmurou ao meu ouvido:

— E tu, que inventaste o illustrissimo sr. João Vicente do Bom Jesus, official do guarda-roupa de Sua Majestade d. Pedro, acautela-te, se não queres que os mulatos, escarnecidos, roubados, arruinados pelos botocudos, maltratados, feridos pelo chefe monhambala, voltem a sua furia contra os seus mistificadores brancos.

Sabendo que estavamos no fim da viagem, Manuela não podia reter por mais tempo a sua impaciencia. Marchou para frente e nós a seguimos.

Uma fazenda no Brasil é uma herdade que occupa ordinariamente grande extensão de terra cultivada, mais ou menos, por uns duzentos escravos. A sua exploração não comporta um pessoal tão numeroso quanto o de um engenho. Encontram-se, entretanto, nesse meio, operarios de toda a especie, pedreiros, serralheiros, carpinteiros, pescadores; e por menos importante que seja, dispõe sempre de um capelão e de um medico. Nessas propriedades matam habitualmente um boi por quinzena e tres a quatro carneiros por semana.

O sr. Miguel Pedregulho, avisado da nossa chegada, veio receber-nos á porta.

Ao avistar-nos, deu solenemente tres passos para a frente, executando em cada um deles uma profunda reverencia.

Fomos obrigados a inclinar-nos tantas vezes quanto ele, para não lhe ficarmos devedores em gentileza.

Depois de ter provado (segundo as leis da etiqueta) que a sua educação estava na altura do seu valor, o sr. Pedregulho estendeu-nos cordialmente a mão.

— Minha casa está ás suas ordens, disse com sinceridade inconfundivel.

O que atrás declarei relativamente aos oferecimentos dos portuguezes e dos brasileiros não se refere aos habitantes do campo, isto é, aos roceiros.

Enquanto os habitantes da cidade se desmancham em exageradas cortesias para com os fazendeiros, mostram-se circunspectos, porém, ao mesmo tem-

po, dignos e afaveis para com os estrangeiros. Esse procedimento frivolo, essa delicadeza demasiada, falsa, por conseguinte, dos primeiros, não se encontra mais desde que se sai da cidade. O carater dos roceiros é franco e leal. Quando eles oferecem a sua casa, fazem-no de coração, e a gente pode estar certa de que eles farão todo o possível para tornar a estada agradável — sob a condição, é claro, de que se lhes respeitem as condições e os costumes. Não se deve olvidar nunca que o vicio original da raça lusitana — a vaidade e o ciúme — tornou-os de uma suscetibilidade excessiva, o que os leva a se ofenderem, se os hospedes se mostram gentis para com as mulheres da casa.

Darei mais adiante alguns detalhes do modo de viver desses grandes proprietarios.

Os francezes, em geral, não se importam com a reserva que devem ter nessas ocasiões. Jamais se furtam ao prazer de lisonjear as senhoras e mesmo — como se ignorassem os habitos dos colonos — de olhar com escandalosa comp'acencia as escravas do lar. Isso é um erro ou mesmo um crime aos olhos do senhor. Em tal caso, a reparação não se faz esperar. O asilo dado aos viajantes — na maior parte *mascates* — é inviolavel como um "lucus", ou como outrora o templo de Diana de Efeso. Mas logo que esses estrangeiros, depois de terem causado suspeitas no roceiro, ultrapassam os limites da propriedade, uma bala partida dum morro ou de uma capoeira leva-lhes o

protesto daquele que eles molestaram, muitas vezes sem o saber. A fuga torna-se o unico meio de salvação que lhes resta, e eles devem dar-se por muito felizes, se um galope inesperado das suas mulas consegue livra-los dos efeitos da vingança que eles proprios provocaram.

Encontra-se nas fazendas e nos engenhos uma hospitalidade franca e acolhedora. Hospedam a qualquer pessoa, seus escravos e animais, sem nenhuma intuito de exploração. O mais humilde dos lavradores ficaria deshonrado, se aceitasse o menor presente de um estrangeiro que comeu e bebeu em sua casa.

Esse nobre orgulho salienta-se, com mais forte razão, no meio dos grandes proprietarios. Os patriarcas e os *highlanders* não cuidaram com mais generosidade dos seus hospedes. Eles sentam-se á mesa do dono da casa. São servidos pelos escravos e tratados como parentes e amigos. Aí vivem um ou mais dias, sem que se lhes faça cara feia. Partem, quando desejam, acompanhados pelos bons votos de todos, sensibilizados e reconhecidos com as atenções de que foram o objeto, sem de leve pensar em oferecer a menor dadiva, que possa demonstrar um pagamento.

Mas se o roceiro é mais hospitaleiro que o homem da cidade, por outro lado tem habitos mais rudes. A sua vida tem muito menos contacto com a civilização. O escravo, que obedece á lei, ressen-te-se do isolamento em que vive o seu senhor. Daí resulta-lhe um tratamento mais brutal do que se dá ao escravo da cidade.

Áquele que ainda não viajou pelo interior e ignora, por conseguinte, a vida das fazendas e dos engenhos, repugna crer que o despotismo dos senhores de engenho ou dos fazendeiros não seja interrompido no seu curso por nenhuma prova de complacencia, de respeito proprio e de humanidade.

Nas cidades, sobretudo no Rio, onde se tem a pretensão de andar com o seculo, a legislação tentou opor barreiras ao arbitrario. Aí o chefe de policia recebe queixas de escravos, quando, por acaso, ellas podem chegar até lá. Embora não seja impossivel citar algum caso em que o abuso do poder tenha exorbitado e tenha sido punido, comprehende-se bem essa proteção illusoria por uma raça cujo codigo não reconhece outro direito senão o da obediencia.

Nos meios mais afastados e, devido á distancia, menos sujeitos ás leis, as coisas se passam de maneira bem diversa. Sofrem os escravos, muita vez, excessivos maus tratos, sem fiscalização, tornando-se o poder do senhor sem limites.

Como um barão feudal, ele exerce no seu dominio a mais alta e a mais baixa justiça. Suas sentenças não são suscetiveis de apelo, e para todos os seus julgamentos não encontra senão o tribunal da propria consciencia. Nenhuma garantia é, pois, concedida aos escravos. Arbitro supremo, o senhor dispõe á sua vontade do seu repouso, da sua honra e da sua vida. Os protestos desses oprimidos extinguem-se sem eco, em meio do terror dos seus companheiros de infortunio e no silencio do isolamento.

Admitamos agora que o senhor seja dominado por fogosas paixões. Cego pelo preconceito da côr, ignorante, jogador, ebrio, debochado, enfim, despido de todo o senso moral, o que ás vezes se encontra. Compreende-se então o horror da situação para o rebanho humano cujo destino lhe foi confiado.

Narram-se desses potentados certos atos de uma ferocidade que assombra. Cabe aqui uma anedota bem conhecida da população europeia de Santos.

Publicava-se nessa cidade um jornal que atacava calorosamente a escravidão.

Para que se saiba que as nossas informações são de fonte segura, citaremos o nome do periodico: "Revista Comercial".

O alemão que a redigía recebeu varias intimações de fazendeiros para que se calasse. Ameaças de morte lhe foram dirigidas, no caso de não interromper as suas abominaveis publicações. O alemão não dava ouvidos nem aos avisos, nem ás ameaças, e o seu jornal continuava corajosamente a polemica que havia encetado.

Não sei como os oprimidos tiveram noticia de que uma pena valorosa advogava a sua causa, todas as semanas, perante o publico. O certo é que os energeticos protestos do jornalista produziam seus cfeitos na população, e muitos escravos pertencentes a diferentes senhores fugiram. Os fazendeiros estavam furiosos. Um deles, o barão de A., convidado a uma reunião, gracejou com os seus colegas, dizendo-lhes

que estavam dando demasiada importancia a esses artigos da gazeta.

— Venham amanhã á minha casa, e eu lhes ensinarei o meio de impedir os negros de ganhar o sertão.

No dia seguinte, tres negros da fazenda eram reconduzidos pelos capitães-do-mato. O que se dizia ser o chefe devia ter uns trinta anos, e já era a segunda vez que se evadia.

Os fazendeiros aceitaram o convite do sr. A., que depois de pagar os capitães, os despediu e pediu ao medico da casa que fosse buscar o seu estojo cirurgico.

O negro reincidente estava amarrado a um banco. De acôrdo com as ordens do senhor, o medico pegou do bisturi e desarticulou a perna do escravo á altura do joelho.

— Aí está como tratarei de agora em diante a todos os fugitivos da fazenda, disse ele aos negros apavorados.

Acredita-se, porém, que este fato nunca tenha chegado aos ouvidos das autoridades, visto o barão de A. não ter sido incomodado.

Avistando o moleque Fidelis, o sr. Miguel Pedregulho resmungou, como num mau augurio:

— E' a terceira vez que foges, cachorrinho. Sabes o que te prometi. Vai-te apresentar ao feitor do telheiro.

Enquanto o moleque se afastava, cabisbaixo, desconfiado, Lazaro e João depositavam o corpo de Gregorio numa senzala.

Os mulatos pediram que o medico da fazenda visitasse o mais cedo possivel o assassino, afim de constatar o seu estado.

A importancia dessa captura valeu aos capitães elogios pomposos de parte do fazendeiro, ao mesmo tempo que palavras de consolo lhes eram dirigidas, a proposito da fuga dos botocudos e do roubo dos cavalos.

— Ora, havemos de tirar uma vingança, prometeram eles.

Parece que o sr. Pedregulho era um feroz realista, porque não praticava a ficção constitucional que não dá nenhuma importancia ás leis fisiologicas.

Embora fossem funcionarios publicos, os mulatos não cessavam de ser, a seus olhos, “os filhos de uma cachorra”. Não podiam, portanto, chegar a ser seus iguais. Ainda os recomendou ao mordomo, homem de côr como os outros, que se mantinha respeitosa e atrás do seu senhor. Depois de ter feito um cumprimento paternal aos capitães, o fazendeiro deu-lhes as costas.

O sr. Pedregulho desculpou-se então de se ter occupado em primeiro lugar “dessa gente”.

Porque são empregados do governo, esses homens são de extrema arrogancia. Prestam reais serviços, é incontestavel. Tambem, apesar do desprezo com que os tratam, é preciso saber leva-los. Depois, porém, que o senhor se desvencilhou deles, pois que os entregou a um individuo da sua especie, colocou-se inteiramente ás nossas ordens.

Conduzindo-nos ao salão, o sr. Pedregulho declarou-nos ser amigo do sr. Pedro Clemente da Serra, e que o sr. Macedo o tinha prevenido da nossa visita, expondo-lhe os motivos.

O escravo Antonio estava, de fato, em sua casa e ele o venderia sem constrangimento. Em consciencia, porém, deve prevenir-nos de que é muito má pessoa. Ocioso, ebrio, ladrão, Antonio possui todos os vícios, sem ter nenhuma qualidade dos negros da sua raça. E' um mina degenerado. A melhor prova que ele pôde dar da inferioridade de Antonio e da degradação a que chegou foi ter-nos pedido seiscentos mil réis (mil e oitocentos francos) por um negro de quarenta e cinco anos, que valeria o dobro em outras condições. Antonio, viciado na cachaça, ficava tres ou quatro vezes por semana impossibilitado de fazer o seu serviço, e nem o chicote o podia corrigir.

— O mal é de nascença, Antonio nunca se emendará, rematou o sr. Pedregulho.

— O que o chicote não pôde fazer o amor de sua filha obterá, disse Fruchot.

O brasileiro sacudiu os ombros.

— Bem se vê que o amigo é francês, observou ele, e não conhece esta raça. Mas, os senhores vão ver o Antonio. Mandei chama-lo. Será um milagre, se não estiver embriagado.

Uma porta á nossa frente servia de comunicação entre o salão e uma peça mais retirada. Por ela, entreaberta, percebemos, ao entrar, uma dezena de ne-

gras ocupadas a bordar. No meio delas achavam-se duas senhoras estendidas sobre esteiras, tendo a cabeça apoiada sobre os joelhos de duas mulatas, suas mucamas, por certo. A porta fechou-se ao penetrarmos no salão. Ainda tivemos tempo de contemplar esse quadro singular dos costumes brasileiros.

As duas senhoras, mal vestidas, os cabelos em desordem, indolentemente deitadas, eram a mulher e a filha do sr. Pedregulho. Entregavam-se de corpo e alma, naquele instante, ao en'leve tropical que se chama *cafuné* (4).

Sempre se falou da indolencia das crioulas e do seu amor pelo *farniente*. Suas paixões ardentes serviram de assunto a bons romances realistas e interessantes estudos. Nenhum escritor, que eu saiba, assinalou a volutuosidade estranha que elas encontram na pratica do *cafuné*.

Que é o *cafuné*?

Não é facil traduzir esta palavra e dar uma ideia clara e nitida do seu valor ás damas europeias. Queira a leitora lembrar-se de que estamos nos tropicos e que visita comigo uma sociedade onde os usos e os costumes diferem essencialmente dos nossos. Reflita tambem na inferioridade do sexo nessas regiões, na ignorancia que o corrompe e no papel puramente material que lhe é destinado no seio das familias.

O *cafuné* é, para as senhoras brasileiras, o que é o banho para as mulheres submetidas ao despotismo oriental: uma distração e um prazer.

Á hora do grande calor, quando o mover-se ou mesmo o falar é uma fadiga, as senhoras, recolhidas ao interior dos aposentos, deitam-se ao colo da mucama favorita, entregando-lhe a cabeça. A mucama passa e repassa os seus dedos indolentes na espessa cabeleira que se desenrola diante dela. Mexe em todos os sentidos naquela luxuriante meada de seda. Coça delicadamente a raiz dos cabelos, beliscando a pele com habilidade e fazendo ouvir, de tempos a tempos, um estalido seco entre a unha do polegar e a do dedo medio. Esta sensação torna-se uma fonte de prazer para o sensualismo das crioulas. Um volutuoso arrepio percorre os seus membros ao contacto dos dedos acariciadores. Invadidas, vencidas pelo fluido que se espalha em todo o seu corpo, algumas sucumbem á deliciosa sensação e desfalecem de prazer sobre os joelhos da mucama.

E' a isto que se chama *cafuné*, ou coçar a cabeça, o que oferece uma infinita atração ás preguiçosas senhoras. São, sobretudo, as mulheres pertencentes ás classes inferiores que nutrem um gosto apurado por este esquisito entretenimento. Elas pensam que isto lhes facilita a digestão, porque o fazem ordinariamente depois das refeições. A boa sociedade, particularmente a do Rio, mais afeita ás ideias europeias, embora não renuncie ao *cafuné*, não o pratica senão ás escondidas, longe de olhares importunos. Nas provincias, nas fazendas, são menos escrupulosos. Lá, na ocasião das solenidades religiosas ou nacionais que servem de motivo aos banquetes e ás festas, que duram

muitas vezes varios dias a seguir, não é raro ver-se uma meia duzia de senhoras recostarem-se negligentemente aos espaldares das cadeiras, entregando a cabeça a uma jovem escrava, enquanto a conversa prosegue o seu curso.

Se se acreditasse nas más linguas, algumas damas tinham razões mais poderosas para cultivar assiduamente o *cafuné* do que o desejo de uma doce superexcitação dos nervos, seguida de um estado de prostração que chega ao extase. Repugna-me, porém, aceitar esta ideia infamante e cnfraquecer, por uma suspeita injuriosa, a admiração que provocam os reflexos azulados da opulenta cabeleira negra das brasileiras.

Chamaram-me uma vez de inimigo do Brasil, e dou-me por bem prevenido.

Não posso, porém, deixar de afirmar que o *cafuné* tem seus partidarios entusiastas como, entre nós, o baile e o teatro. Atinge mesmo as raias de verdadeira ciencia, e conta professores emeritos. Todas as muçamas são obrigadas a fazer uma longa aprendizagem antes de penetrarem na intimidade das senhoras. Mas logo que se lhes reconhece a habilidade, elas nunca mais as dispensam.

Prefeririam renunciar ao cheiro acre da alfazema que se queima em seus aposentos — *horrendum!* — aos pequenos bolos apimentados, aos olhares nas igrejas, ás piruetas de seus saguís, em favor das delicias de uma sesta embalada pelo *cafuné*.

Mesmo os homens não desdenham, durante as horas de lazer, a carícia de uns dedos ageis, afagando as suas cabelleiras. Um delicioso arrepio corre-lhes pelo corpo, cada vez que sentem o ruído significativo das unhas da mucama, a que acima me referi.

Poderei citar um senhor casado com uma mulher pequenina, graciosa, espiritual e delicada, quanto possível. Sem ser bonita, tinha tudo para agradar, e ainda mais, amava seu marido. Pois bem. Esse desgraçado abandonava a sua gentil companheira e sacrificava-se por uma negra medonha, que exalava um cheiro abominável de almiscar e de catinga, simplesmente por ser a escrava que melhor lhe fazia o *cafuné*.

Imaginem um esposo desses para uma europeia!

Espanta-me o limitado numero de provençais, italianas e espanholas que se encontram no Brasil. Poderiam aí fazer fortuna, por certo, graças á experiencia consumada de seus dedos e a reconhecida superioridade nesse genero de exercicio. Digo-lhe, no entanto, que elas são vantajosamente substituidas pelas naturais das ilhas e pelas jovens negras. Ao lado destas, as nossas habeis parisienses não seriam senão principiantes.

Um escravo conduziu-nos a um quarto que nos era destinado, ao mesmo tempo que duas negras nos acompanhavam, trazendo cada uma sobre a cabeça um grande jarro d'agua para nos lavar os pés.

Eis um costume biblico que se encontra em todas as casas brasileiras, e com o qual jamais me habituei.

Nunca pude aceitar o auxilio de um criado para os cuidados do meu corpo. Isto em mim é instintivo. Nem mesmo a mão de um barbeiro profissional já cuidou da minha barba. A ideia de tal contacto causa-me repugnancia. Não posso aceitar a intervenção estranha nos cuidados delicados que exigem a hygiene fisica. Iniciar alguem, sobretudo um inferior, nos misterios intimos da *toilette*, parece-me um desrespeito a si proprio. Sem fazer patuar com o puritanismo de algumas seitas protestantes, que chegam a envolver em panos as pernas do piano que lhes orna o salão, eu nunca me resolveria, pelo menos enquanto estivesse de saude perfeita, a entregar as minhas pernas nuas para serem ensaboadas e escovadas por uma criada. É verdade que uma negra não é uma mulher, segundo o criterio colonial.

Na minha opinião, ha nesse modo de agir da parte do senhor para com o escravo uma falta completa de dignidade, abdicção essa que se explica pela indolencia tropical, embora sem justificativa. Semelhantes serviços degradam mais a quem os recebe do que a quem os pratica. Quanto mais dependente dos escravos, menos independente é o homem. Quanto mais necessidade ele sente, menos senhor de si, menos forte e viril.

Afim de não ofender a suscetibilidade dos donos da casa, rejeitando as escravas que carregavam a bacia dagua, declarámos preferir tomar um banho inteiro no rio.

Este uso patriarcal traz-me á mente uma anedota relativa á imperatriz Leopoldina, que põe em relevo grotesco a vaidade brasileira e estabelece ainda mais o grau de ridiculo a que pode levar o preconceito da côr.

A imperatriz Leopoldina (mulher de tanto coração que morreu com o coração partido) caçava, um dia, em Minas Gerais. Surpreendida pelo mau tempo, essa filha dos Cesares refugiou-se, com o seu sequito, em uma fazenda vizinha. Prepararam-lhe logo tudo o que era necessario para lhe lavar os pés.

Ordinariamente é á dona da casa que compete tal cuidado, quando se trata de um hospede de cerimonia. Mais que nunca, aí estava o caso. Apesar disso, a esposa do fazendeiro não podia esquecer a côr de seu rosto. Essa mulher, que não se vexava de não saber ler nem escrever, sentia-se deshonrada, se lavasse os pés de uma branca, fosse ela a sua soberana.

Leopoldina, entretanto, esperava que lhe cumprissem esse primeiro dever de hospitalidade.

O fazendeiro tinha, entre os seus vizinhos de campo, uma rica mulata. Foi esta simploria a escolhida para satisfazer a exigencia, substituindo a senhora branca nas funções que a orgulhosa criatura achara que a sua dignidade devia repudiar.

O peor não foi isso. Querendo recompensar a mulata, a excelente Leopoldina deu-lhe um anel que trazia no dedo. A branca imaginou que a imperatriz lhe fazia uma afronta e, interpondo-se, impediu a entrega do presente.

— Uma joia que pertenceu a V. M. imperial não poderia enfeitar a mão de uma mulher de côr. Com permissão de V. M., guardarei este anel como lembrança da honra que a imperatriz do Brasil concedeu á minha casa.

Visto termos acidentalmente chegado ao capitulo da exagerada suscetibilidade brasileira, contarei outra historia, que calha bem com que a que acabo de narrar.

O principe de Joinville, cunhado do atual imperador, conduzia sua mulher para o navio que os devia transportar á Europa. Grande multidão acompanhava, entre exclamações de jubilo, os nobres consortes. O principe gozava no Brasil de enorme popularidade, devido menos á sua familia que ao seu carater pessoal. No entanto, certos fidalgos não se cansavam de deplorar que uma princeza imperial fosse rebaixada a simples alteza. O filho do rei de França não lhes parecia um partido bastante conveniente para uma filha da illustre casa de Bragança.

Uma tempestade caíra durante a noite, inundando varios quarteirões da cidade. Chegado a um ponto onde o caminho estava interceptado por uma grande poça dagua, o principe, esquecido da etiqueta, não se preocupando senão com os meios de impedir que sua esposa molhasse os pés, carregou-a em seus braços e depositou-a no outro lado, sobre um terreno seco.

O leitor nunca poderá imaginar o efeito produzido por essa solitudine conjugal.

— O príncipe de Joinville ousou faltar ao respeito á princeza Francisca, e insultou, por conseguinte, a nação brasileira! bradou um dos espectadores indignado.

— Também, para que o sangue glorioso dos Braganças se foi unir ao sangue burguês de Luiz Felipe? observou um vizinho.

E' conhecida a região da Africa onde o rei é tão sagrado como um deus, de tal maneira que a lei pune de morte quem ousar tocar com a ponta dos dedos a sua augusta pessoa, mesmo que seja para lhe salvar a vida.

Um dia, o soberano desse país, que está situado, creio, junto á foz do Nilo Azul, passeava neste rio, quando o seu barco virou e fe-lo cair nagua.

Ora, o rio estava infestado de crocodilos.

Sagrado ou não, o monarca seria devorado pelas feras, se um escravo dedicado não corresse em seu auxilio, trazendo-o até á margem. Não pôde, porém, executar esse ato generoso sem agarrá-lo pela cabeça.

A lei era formal. Condenado por crime de lesa-majestade, o pobre escravo foi decapitado.

Esses dois individuos a que me referi eram bem dignos de viver no meio dessa bela civilização do Nilo Azul.

Carregar nos braços, á vista de todo o mundo, uma princeza imperial, e isto para a impedir de, molhando os pés, apanhar uma pneumonia, ou pelo menos um resfriamento, é certamente abominavel.

Em que a familia de Bragança se rebaixou, unindo-se pelo matrimonio á familia do rei de França?

Esses vaidosos fidalgos ficariam bem surpresos, se lhes tivessem contado que o principe de que descende a familia de Bragança trazia no seu brasão a barra de bastardia.

Esse principe era, com effeito, filho natural de Pedro I, elevado ao trono em 1385. Foi rei de Portugal sob o nome de João I.

A descendencia legitima de João I extinta dois seculos depois, Felipe II reuniu a coroa de Portugal á de Espanha.

A Constituição de 1143 tinha previsto o caso de falta de descendentes legitimos da familia real. Criava, pois, a hereditariedade em linha reta, embora illegitima, com a exclusão de todos os estrangeiros.

Foi graças a essa Constituição que João, duque de Bragança, depois da expulsão dos espanhois (1.º de dezembro de 1640), subiu ao trono de seus antepassados. Ora, o duque João era descendente em setimo grau de um filho natural do rei João I, bastardo por sua vez do rei Pedro I, segundo acabamos de identificar, de acôrdo com a historia.

O vencedor dos espanhois foi, pois, o tronco dos Braganças.

Destarte, a descendencia de dois bastardos legitimados pelo tempo e pela gloria ocupa hoje os tronos de Portugal e do Brasil.

Ao voltarmos do banho, encontrámos Manuela, que tambem acabava de fazer a sua *toilette*. A mina não esquecerá, sobretudo, de renovar o seu perfume de almiscar, que espalhava por toda a parte um cheiro violento, capaz de entontecer a inglesa mais apaixonada por esse perfume capitoso.

O sr. Miguel esperava-nos. A seu lado estavam o capelão da fazenda e dois jovens robustos, perfilados em suas casacas negras, exibindo as suas gravatas brancas. Se não fossem os costumes brasileiros, ter-lhes-ia perguntado se estavam preparados para um baile.

O mais moço dos dois, sobretudo, regulando uns dez anos, saudou-nos com a mais perfeita seriedade e conservou um ar grave, imponente, como o que os ingleses adotaram entre os homens de respeitabilidade.

Como uma blusa ou um simples casaco teria sido preferivel para aquele menino! Mas eu não o ignorava: no Brasil a criança é despida da graça natural da idade, cujos encantos lhe são recusados. Ela não conhece as emoções do pião, nem o exercicio salutar das barras. Ficaria ofendida, se se lhe desse um polichinelo ou um tambor. Em lugar de brincar de sodado com os seus camaradas, de desenvolver a sua força em pleno campo, de regressar á casa, muita vez, com a calça rasgada, o rosto arranhado ou inchado, mas de faces coradas e os olhos brilhantes de saude, vive embuçada numa roupa preta feita á ultima moda, ensina-se-lhe a cortejar segundo os rigorosos principios. Aí proibe-se a alegria

esfusiante, o desmazelo encantador do colegial. A necessidade tão natural ás crianças de se agitarem sem cessar, de tocar em tudo e de brincar ao sol, de sentir sem razão grandes desesperos que provocam prantos, é impiedosamente contrariada, ou mesmo inteiramente sonogada pelo orgulho estúpido dos fidalgos.

E' tão fora de normas, na verdade, quando se tem dez anos, expandir ao ar livre os prazeres e os desgostos! A opressão, como se vê, está em toda a parte: nos países de escravidão.

Ademais, não é preciso aprender a conservar a sua posição, quando se tem uma pele branca?

Pobres criaturinhas sacrificadas!

Por isso, não se encontram no Brasil aquelas carnes sadias, aquelas faces gordas e rosadas, aquela frescura apetitosa das crianças europeias, que são o enlevo das mães. Não se deparam no Brasil senão caras fatigadas, palidas, sobre corpos frageis e estiolados, em lugar de galantes lutadores cujos cantos, discussões e gracejos turbulentos enchem uma casa de rumor e de felicidade. Vive-se em presença de pequenos manequins ridiculamente enfatiotados (como os que se encontram nas vitrinas dos alfaiates e nos figurinos de modas), bonecos de mola que usam gravatas serias, que pedem, com uma voz estudada, noticias da nossa saúde, que se mantêm admiravelmente nas suas cadeiras, em vez de saltar aos nossos joelhos, de amarrotar os nossos chapéus e de procurar guloseimas nas nossas algibeiras.

Não se poderia impedir o riso diante da imperturbável presunção dos illustres fedelhos, se não se sentisse piedade pelo aspecto dessas interessantes vítimas da vaidade e da estultice.

Sem pretender diminuir a admiração que os senhores dedicam ao prodigioso autor das *Ideias sobre colonização*, de que falarei daqui a pouco, e as simpatias tão justas pelo grande escritor que lhes forneceu a *Loteria do amor*, seja-me permitido recomendar humildemente a uns e outros um trabalho devido á pena elegante de uma mulher que não existe mais, e que todas as mães europeias adotaram. Este trabalho chama-se: *Contos de uma solteirona a seus sobrinhos*. No prefacio encontra-se uma pagina que é um tratado de educação para os pequenos seres que tanto nos preocupam.

Citarei essa pagina, em que se deve meditar.

“Se o dia está bonito e o sol brilhante podereis correr no jardim, galopar a cavallo, pular na corda, jogar o pião, a bola, o boliche, a cabra-cega, o chicote queimado, a carniça, a barra, enfim ocupar-vos de todos os divertimentos desse genero. O ar livre, o exercicio, os jogos, os gritos, até mesmo as lutas, eis o que forma o coração e nutre convenientemente o espirito. Depois do estudo serio, é necessario o divertimento estimulante. E’ preciso correr, depois de ter pensado. Eis para mim a grande moral, meus sobrinhos. Serei sempre muito severa nesse ponto”.

Possam os conselhos de Madame E'mile de Girardin ser favoravelmente acolhidos pelas mães brasileiras.

No Brasil, eles não poderiam ser applicados a rigor, porque não ha crianças senão entre os negros. Desde o dia em que completa a sua dentição, o branco entra no seu vigesimo ano e atinge o quinquagesimo na idade em que, entre nós, guardaria borboletas numa caixa de papelão, ou faria puxar por besouros uma carrocinha de papel pintado.

O outro irmão estava tambem severamente trajado, e tinha, mais que o primeiro, um ar aborrecido, enfartado, desdenhoso, impossivel de descrever. Sua casaca não tinha uma dobra e o seu calçado de verniz estava irrepreensivel. Mantinha-se perto do pai com pose afetada, o pé direito um pouco para frente, uma das mãos metida no bolso da calça, a outra oculta entre a camisa e o colete. O seu olhar apagado traía uma fadiga precoce. O sr. Juliano teria quinze anos apenas; nesta idade, porém, os senhores moços, vivendo no meio das jovens escravas irritantes, estavam já iniciados em todas as prerrogativas do poder absoluto.

Impressionou-me a semelhança que havia entre os dois irmãos e o moleque Fidelis.

Depois de termos tomado alguns refrescos, o sr. Pedregulho convidou-nos para visitar a sua officina de cordoaria. Disse-nos que tinha dado ordens para que Antonio, ao chegar, viesse ter connosco. Mal havia-

mos saído de casa, o fazendeiro apontou-nos um negro que caminhava para o nosso lado.

— Aí vem o bebedo.

O escravo merecia bem esse qualificativo. Andava em zigue-zague e tremia em cima das pernas.

— Os senhores vêem o estado em que está este bruto. Agora vão ouvi-lo falar.

Manuela esperava Antonio no caminho. Ao ouvir dizer que o negro que se aproximava era seu pai, dirigiu-se para ele. Ajoelhando-se aos seus pés, pediu-lhe a benção. Antonio lançou-lhe um olhar apavorado.

— Sou tua filha Manuela, disse a mina com profunda emoção. Reconhece-me, meu pai, porque venho tirar-te os grilhões.

— Minha filha Manuela! repetiu o escravo maquinalmente, dando uma gargalhada. Se és minha filha, dá-me então uma pataca para comprar cachaça.

Um grande desgosto invadiu-nos, diante de tanta degradação. Manuela soltou um suspiro de dor, e tomando em suas mãos as do pai, declarou:

— Sou tua filha Manuela e aqui estou para te alforriar. Queres ser livre, meu pai?

O rosto do velho iluminou-se ao ouvir estas palavras.

— Livre! Livre! Terei o direito de não trabalhar mais e de beber tanto quanto quiser! Oh! neste caso és mesmo minha filha. Filha querida! exclamou, abrindo os braços.

Teve de se apoiar numa palmeira para não cair.

O sr. Miguel interpelou-o severamente, chamando-o de cachorro. Fruchot interveio, dizendo-lhe que a liberdade não o dispensava de trabalhar, e que seria com o lucro do trabalho que ele a teria de resgatar.

— Todos nós trabalhamos na cidade, disse Manuela. Farás como nós. Ao chegar ao Rio, receberás uma corda, um cesto e far-te-ás “negro do ganho”. Assim, pouco a pouco, poderás com o teu trabalho entregar ao senhor o dinheiro que ele gastou para a tua libertação, e eu, por minha vez, serei muito feliz de poder viver perto de meu bom pai.

Antonio parecia refletir.

— Quanto será preciso para me comprarem?

— Seiscentos mil réis, porque és um ebrio, um mandrião e um gatuno, respondeu o fazendeiro.

O negro virou-se para o corretor, estendeu-lhe a mão e piscou um olho.

— Seiscentos mil réis! Olhe que isto não faz poucas patacas, observou. Que o senhor me dê este dinheiro e vá me deixando mesmo na fazenda. Aqui tenho o que comer, o que vestir, onde dormir, e a cachaça será o remedio para as chicotadas. Com seiscentos mil réis serei um escravo rico. Muito melhor do que trabalhar para viver.

Não é possível maior rebaixamento.

O fazendeiro dirigiu-se a Antonio, levantando a mão. Manuela deitou-lhe um olhar suplicante. Afastámo-nos com o coração apertado, deixando a negra com o escravo embrutecido.

Felizmente, a essa hora, os capitães estavam na senzala, onde o medico examinava os ferimentos de Gregorio. Isso os impediu de assistir áquele desfecho familiar e, por conseguinte, de conhecer o verdadeiro pai da criatura que elles haviam tratado respeitosa-mente de Dona e de Excelencia.

Seria ocioso repetir a conversa do sr. Migue' a respeito da incontestavel inferioridade dos negros. A cena que acabavamos de assistir dava ideia da abjeção da raça africana.

— Para os negros, continuou o sr. Miguel, liberdade é o direito de beber e comer sem trabalhar. Livrai-os hoje, e amanhã, em vez de aproveitar essa liberdade, roubarão e assassinarão para satisfazer ás suas necessidades. Sómente pelo terror consegue-se deles algum serviço. Desconhece-se esta casta de gente na Europa; do contrario, ella teria menos defensores. Acreditaime, senhores, os negros se embaraçariam com a sua liberdade. Deus os criou para serem escravos. Acabais de ver c Antonio. Nem ao menos reconheceu a filha. O seu coração não teve sequer um rasgo paternal. A voz da natureza, tão eloquente entre os proprios animais ferozes, não teve nele nenhuma influencia. Nem todos os negros são tão aviltados, tão decaídos, confesso; mas nenhum deles tem os nossos sentimentos, é certo. São todos ladrões, mentirosos, canalhas, ebrios, indignos por conseguinte de inspirar um interesse mais serio. Aposto como o Antonio, em vez de ficar sensibilizado com a intervenção dos senhores, me vai pedir que o não venda.

Mais um com as ideias do duque Ulric de Wurtemberg.

Poder-se-á ser escravagista sem partilhar da mesma opinião?

A discussão estava animada, quer de um lado, quer do outro. Os argumentos abundavam. Tratava-se de saber se não era a propria escravatura que, abafando os bons instintos dos negros, os levava á pratica dos vicios, ou se o mal era causado pela sua inferioridade.

O capelão meteu-se na conversa. Autoridade não lhe faltava para expor a origem divina da escravidão. Citava indiferentemente ora o Novo, ora o Velho Testamento, as *Epistolas* de Paulo aos efesianos, aos colosianos, a Timoteo, a Tito e a Filemon. Chamou por Santo Inacio, bispo de Antioquia, S. Basilio, Santo Ambrosio, Santo Agostinho, que julgava ser a escravidão uma consequencia do pecado original (5).

Reservou, enfim, para remate, a opinião nitida, categorica de S. Tomaz de Aquino, que tenta provar, pela mutua subordinação de certas causas físicas e morais, que a natureza predestinou certas criaturas ás asperezas do cativo (6).

Apesar de toda a sua erudição, o capelão não nos convenceu da legitimidade desse despotismo brutal. Nem nós mesmos, argumentando tanto com o raciocinio como com o coração, e tambem com a Biblia, sobre a causa dos oprimidos, conseguimos aclarar contraditores que se baseavam, para a sua defesa, no texto de livros sagrados.

Por conseguinte, Antonio, que era, a nosso ver, uma exceção, passava a ser uma regra no entender dos brasileiros.

O fazendeiro, animado pela declaração de S. Thomaz de Aquino, não hesitou em resumir deste modo as suas ideias sobre os negros.

Palavras textuais do sr. Pedregulho:

— Os africanos representam uma raça intermediaria entre o branco e o gorila. São macacos aperfeiçoados, e não homens.

Entravamos então na oficina da cordoaria.

A propriedade do sr. Pedregulho não era propriamente uma fazenda, e ainda menos um engenho de açúcar ou de café. Era antes uma exploração agricola e uma fabrica, ao mesmo tempo.

A casa de morada occupava um só andar, e era bastante grande. Habitavam sob o mesmo teto o capelão, o caixa, o feitor-mór e o medico. As senzalas dos escravos formavam uma linha circular em torno do edificio.

A' esquerda via-se o telheiro ou armazem, que servia para a principal industria do proprietario.

Nada mais simples do que essa construção.

Dois troncos de tapinhuam, madeira mais dura que a massaranduba e que o vinhatico, sustentavam, de cada lado, todo o peso do edificio. Outros barrotes de *quatclé* e de pau-darco, apenas desbastados, dispostos regularmente, formavam as bases solidas de um telhado grosseiro. A parede do fundo compunha-se de ta-

buas de pinho marcadas ainda com numeros e letras, provenientes de caixas de mercadorias, vindas da Europa para essas regiões longinquoas. A fachada tinha sido coberta pelo mesmo processo.

As extremidades da esquerda e da direita ficavam descobertas, permitindo a circulação do ar. Essas duas grandes aberturas e as quatro janelas abertas de frente ficavam resguardadas por esteiras moveis, semelhantes a *stores*, que se enrolavam e desenrolavam á vontade. O teto, ligeiramente inclinado, compunha-se de vigas resinosas sobre as quais estavam superpostos ramos de sapé.

Assim, tal como o acabo de descrever, esse telheiro resistia ás mais fortes tempestades, oferecendo um abrigo seguro, quer contra a furia dos elementos, quer contra os raios abrazadores do sol.

Uma cinquentena de escravos de ambos os sexos e de todas as idades guarneciam essa officina rustica, que deveria medir vinte metros de comprimento sobre uns oito de largo. Era aí que se fabricavam os cabos solidos e o grosseiro encordoamento que se faz com a fibra do coco da piassaba, productos preciosos para o commercio dessas paragens.

Naturalmente, para quem viu a magnifica cordoaria da prisão de Toulon, os processos empregados pelos fazendeiros do Brasil não ofereciam nada de curioso.

O quadro era, em todo o caso, interessante e cheio de animação e movimento.

Negras, de braços nus, preparam os fios da palmeira, trazendo algumas delas um filho na *cacunda*, isto é, ás costas, como as mendigas da Europa; moleques tocam as rodas e outros seguram uma caneca cheia d'agua, seguindo os negros, quasi nus, que andam aos recuos, enquanto, com as mãos habéis, ajudam a torsão das meadas linhosas. Entre os trabalhadores, chicote á cinta, o feitor portuguez, de ar circumspecto, meio charuto detrás da orelha. Toda essa atividade, esse barulho, esses cantos, essas faces multicores, compõem um espectáculo pitoresco e de real atrativo.

S. Jorge conserva o monopólio dessa industria, cujo mercado principal é a Baía. A produção é de grande importancia para os fazendeiros do país. Os cabos de piassaba resistem melhor que os outros á ação do tempo e da humidade. Os maritimos o preferem, e seria muito de desejar que esse uso se espalhasse pela Europa. A fabricação rudimentar, feita nessa região com os filamentos do coco, podia sofrer importantes melhoramentos, e não duvido mesmo que, empregando-se novos processos que tornassem a materia mais amoldavel, se obtivessem productos superiores aos que até hoje se encontram no commercio.

Muito mais que a colheita do açúcar e do café, a fabricação de cabos assegurava ao sr. Pedregulho grandes vantagens. No ano anterior, graças a essa industria, ele participara de um lucro de sete contos e algumas centenas de mil réis.

Ao sair do telheiro, encontrámos os dois capitães-do-mato, que já se preparavam para partir. Gregorio estava em estado desesperador. A febre devorava-o e o ferimento da mão (o punhal de Santa Maria tinha-a varado de lado a lado) apresentava um carater maligno, que fazia suspeitar de proxima gangrena.

Os mulatos apressavam-se em conduzir o assassino a S. Jorge para poderem receber o premio consideravel que se lhes prometera, no caso em que ele fosse entregue ainda vivo ás autoridades.

Pediram-nos que lhes dessemos um certificado de que, devido ao roubo dos cavalos, a situação obrigou-nos a empregar violencia contra violencia, impossibilitando-os de perseguir os botocudos.

Esse pedido era justo de mais para que o recusassemos.

Enquanto Fruchot redigia o atestado, os capitães quizeram agradecer á Virgem Maria o successo da expedição contra Gregorio, e suplicar-lhe, ao mesmo tempo, que prolongasse a vida do escravo, ao menos até á volta a S. Jorge.

Acompanhei-os á capela, onde lobriguei, ao entrar, uma mulher prostrada aos pés do altar, a rezar fervorosamente.

Era Manuela.

Sem duvida, a negra tambem implorava á Virgem fizesse seu pai voltar para a sua companhia.

Respeitámos aquelle piedoso recolhimento.

Os capitães balbuciavam orações. Eu examinava a estatua da Virgem. Ornamentada como uma *Madonna* da Italia, ella trazia um vestido de seda antiga, de tres babados, brincos de coral nas orelhas, pulseiras de perolas finas, punhos de renda e um anel em cada dedo.

Os brasileiros, como todos os meridionais, materializam voluntariamente a religião, cujo espirito desaparece diante da magnificencia exterior. O perfume das flores e do incenso, a musica, a ornamentação suntuosa, a vestimenta luxuosa dos santos, e até mesmo as paredes douradas das igrejas, que refletem a luz ofuscante de mil cirios, tudo lhes fala á alma. A ideia tomou forma. Deus ficou sendo visivel, e através dos esplendores do culto elles vislumbram o caminho do ceu.

A Virgem da fazenda lembrava-me o Cristo carregando a cruz, coberto de longa tunica de veludo azul, presa á cintura por um cordão de borlas de ouro, que se expõe aos fieis durante a semana da paixão, na igreja do largo do Paço; e tambem o Menino Jesus, vestido de rica tunica á francesa, tendo uma espada ao lado, como se fosse um pagem, á maneira dos que se viam ainda na Baía, ha alguns anos, no convento do Carmo.

Terminada a prece, os capitães despediram-se, avisando a Fruchot e a mim que no dia seguinte, na cidade, cada um deles nos confiaria uma incumbencia junto ao illustrissimo sr. João Vicente do Bom-Jesus, official do guarda-roupa de S. M. d. Pedro.

Apressámos as despedidas, afim de evitar qualquer explicação, e os mulatos tomaram o barco que o fazendeiro lhes tinha proporcionado.

Desejei bem voltar com eles, porém Manuela não se queria resolver a abandonar seu velho pai, antes de nova tentativa.

— A Virgem ajudar-me-á. Tenho esperanças agora, dizia a excelente criatura.

A' vista disto, aceitámos, por essa noite, a hospitalidade graciosa do sr. Miguel Pedregulho.

Os capitães partiram e o chefe monhambala foi cumprir o seu fadario.

Exporei em algumas palavras o decorrer do processo.

Contra toda a expectativa, Gregorio sarou dos seus ferimentos.

A viuva, formalmente acusada pelos dois escravos, foi intimada a comparecer. Naturalmente o seu advogado convencionou dizer que o sr. Rebentão era um senhor cruel e que os assassinos, matando-o, não obedeceram senão a uma vingança pessoal.

A sra. Brigida foi, portanto, declarada inocente de qualquer participação no assassinio, apesar das declarações precisas, circunstanciadas, energicas de seus cúmplices.

Esse triunfo, porém, devia durar pouco.

Os homens casados tremeram ao ouvir essa sentença. A opinião publica indignou-se seriamente diante da impunidade conquistada com esse precedente

para as esposas infiéis que quisessem desvencillar-se de seus conjuges. Novos debates surgiram, apesar dos esforços da poderosa familia de Brigida. O primeiro julgamento foi tornado sem efeito, e a viuva, reconhecida culpada, foi condenada á detenção.

A pena de morte é raramente aplicada aos brancos. Seria um deploravel exemplo para os escravos, uma vez que a igualdade em face do supplicio destruiria a suposta superioridade dos brancos sobre os negros.

A senhora homicida, unica criminosa, dentro do bom senso, visto que um escravo não tem vontade, foi conduzida á prisão. Mais feliz, porém, que Madame Lafarge, por quem muita gente se interessou, a viuva obteve o perdão logo que o fato caiu no esquecimento.

Gregorio e João, os escravos irresponsaveis, foram enforcados para escarmento de seus semelhantes.

Eis a moralidade da escravidão.

Outrora as coisas não se passavam assim ás margens do Tibre, donde os portuguezes extrairam as suas leis e o seu idioma.

A legislação romana, que admitia o direito de conquista e todas as consequencias de opressão que dela resultam, não podia deixar de ser dura para com os escravos. Depois do assassinio do senhor, por um deles, ela punia de morte "toda a familia urbana", quando o crime era cometido na cidade, e "toda a familia rura!", quando consumado no campo. Mas,

no entanto, sabia ceder ao rigor dessas disposições, quando de justiça.

Num caso como o que acabamos de narrar, por exemplo, ela se mostraria muito mais inteligente e muito mais moral. Apreciaria melhor a parte de responsabilidade que caberia ao senhor e ao escravo.

O principal culpado era, a seu ver, aquele que, abusando de autoridade, ordenara o homicídio. Daí, o castigo, proporcional ao crime, era terrível para com o cidadão, enquanto a lei se tornava misericordiosa para com o escravo, no qual não via senão o instrumento inconsciente de uma vingança impiedosa.

Este sofria apenas um castigo corporal. Mas o senhor que lhe tinha armado o braço era condenado a pagar com a vida o sangue derramado.

Por sorte, aqui fica uma apreciação sadia do facto. Apreciação digna da posição que ocupavam, um em face do outro, os dois homens que concorreram para o desfecho final.

Quem ousará sustentar que essa disposição rigorosa não era mais justa do que a que passa uma corda ao pescoço de Lazaro e se contenta em enviar a senhora Brigida á prisão?

Vamos, senhores brasileiros. Tenham a coragem de sustentar a sua opinião.

Já que sustentam, com Santo Agostinho, que a servidão não é uma iniquidade diante de Deus, já que, segundo a expressão latina, o escravo não tem estado nem cabeça — *caput non habet* — isto é, que

todo o direito, “mesmo o de defesa”, lhe é recusado, porque não voltar francamente á doutrina formulada por Arcadius, imperador do Oriente, e por seu irmão Honorius, imperador do Ocidente, pela qual a lei exclue de todos os empregos publicos aqueles que não professam o catolicismo?

Em um rescrito de 397, esses imperadores, anteveendo a possibilidade de uma accusação levada pelo escravo contra o senhor, ordenam que o escravo seja imediatamente morto, antes mesmo das declarações das testemunhas e do exame da causa.

Uma exceção reserva-se apenas para o escravo que acusa o senhor de crime de lesa-majestade (7).

Sómente neste caso a palavra do escravo merece ser ouvida. Pode mesmo acarretar para o senhor todas as severidades da lei.

O interrogatorio sofrido pelos negros fornece tal ensinamento que não o quero deixar perder. E' a escravatura condenada (tanto a logica é mais poderosa que a lei) por aqueles que se encarregam de a defender.

Não é necessario ter assistido ao processo de Gregorio para se formar uma ideia do aludido interrogatorio.

A cena está por si só indicada.

Uma multidão indignada e fremente enche a sala. São os senhores da cidade e dos arredores, impacientes de ouvir pronunciar a condenação do “infame assassino”.

Pelos cantos, vagueiam timidamente alguns negros. Lividos, inquietos, perturbados, vêm procurar, de acôrdo com o decorrer do processo, uma regra de conduta para o seu futuro. Querem ver funcionar, sob o olhar de Cristo, o Deus poderoso e justo, a duvidosa justiça dos brancos.

O juiz tem a palavra vibrante e o gesto severo. Mal pode dominar os sentimentos que o agitam.

Gregorio está calmo, embora a sua fisionomia exprima uma surpresa triste. De que se pode accusarlo? Não cumpriu ele a vontade do seu senhor, e essa vontade não é a sua lei, a unica que lhe deram a conhecer, e a unica, portanto, que ele deve obedecer?

O horror do crime faz tremer a voz do magistrado. O orgão dessa sociedade, que se baseia na opressão, condena Gregorio pelo ato abominavel que cometeu.

— Mas foi a senhora quem mo ordenou, respondeu o negro, attribuindo a quem de direito a responsabilidade do crime.

— Admitindo a excitação com que falas, não devias ter obedecido, replicou o juiz.

O funcionario reconhecia então que existe uma lei acima da lei do senhor?

Essa lei, que é a de Deus, proíbe o assassinio e condena tambem — ha quem o ignore? — o trafico de carne humana. Gregorio, por si só, deveria julgar com equilibrio as palavras da senhora Brigida e recusar obedecer-lhe. Mas, como comprehender um

escravo com direito de objeção? Admitir esse direito não é destruir a instituição na sua propria base? Que incoerencia para um defensor!

— A senhora me mandaria chicotear, se eu lhe tivesse desobedecido, objetou Gregorio, com a logica que dá a experiencia e a consciencia da sua posição.

— Era preferivel que te tivesses deixado espancar a derramares sangue, respondeu o juiz.

Que absurdo, sr. juiz! Exigir de um bruto um estoicismo magnifico e uma moralidade que ninguem lhe soube ensinar. Com que fim Gregorio havia de se entregar voluntariamente ao castigo? Onde estava o seu interesse pessoal, e que proveito teria ele tirado da sua resistencia?

— A senhora me havia prometido a liberdade, disse ainda o monhambala.

— A liberdade em recompensa do sangue derramado! A liberdade é o preço do trabalho e da virtude e não do homicidio! gritou o juiz num impulso de indignação.

Decididamente, senhor, chafurdastes por prazer no atoleiro de um debate sem saída.

Gregorio é um rude trabalhador e já o provou. O trabalho que lhe encomendaram consistia em manejar uma faca. Como a virtude do escravo reside na obediencia passiva, o seu interesse era ver-se livre do sr. Rebentão. Conduta logica. Agindo de outra forma, teria faltado ao seu dever, de acôrdo com o código dos negros.

Tanto faz. Segundo o modo de ver desse juiz, o escravo devia comprazer-se dos seus proprios ferros, embora lhe oferecessem meios de os quebrar. O que se reclamava simplesmente a Gregorio era uma abnegação sublime, que o teria elevado a cem pontos acima dos seus opressores. Depois de o terem embrutecido, queriam encontrar nele um filosofo, um heroi, um santo — um santo negro!

Em verdade, isso inspira compaixão.

Crede-me, senhores protecionistas. Aplicai resolutamente o rescrito de 397. Dir-se-á que sois todos uns ignorantes e uns barbaros. Mas, ao menos, não sereis acusados de falta de logica, nem de hipocrisia.

Pois bem, errarei sustentando que a escravidão perturba o julgamento e corrompe o coração?

Não é esta a opinião de um eminente publicista brasileiro (digo eminente por causa do rosario de titulos que ele pendura ao pescoço antes de falar em publico), num livro que produziu sensação no Imperio?

Nessa obra, intitulada *Ideias sobre colonização*, o sr. L. P. de Lacerda Werneck, doutor em..., bacharel em..., membro da Sociedade de..., do Instituto de..., etc..., etc..., não teme afirmar que a escravidão não é uma instituição aconselhada pela humanidade, repelida pelas leis divinas, pelos preceitos de uma sã moral.

Como o capelão do fazendeiro, o sr. Werneck aceita evidentemente os ensinamentos que aprendeu,

que estudou com os padres da igreja. Suponho mesmo que ele tenha lido Jurieu (8), Bailly (9), Mr. Bouvier, bispo de Mans (10), Mr. Edouard Biot (11), e M. Granier de Cassagnac, que sustentam categoricamente que “o cristianismo justificou e manteve sempre a escravidão” (12).

O dr. Werneck, porém, não se detem em tão bom caminho, e encontram-se em seu livro argumentos de uma força bem maior, em favor dessa instituição.

Assim, entre outras coisas, ele descobriu que “a missão da America era de regenerar e povoar a Europa tornada barbara”, e que essa missão civilizadora a America soube desempenhar, “graças á escravatura”. Mas é preciso citar aqui o texto, para que não me acusem de ter inventado:

“Outra era a missão da America; ella devia regenerar, povoar a Europa barbarizada!... Graças á escravidão, a Europa foi regenerada, e a America foi o manancial que lhe forneceu os bens e os socorros que lhe faltavam”.

Agradecemos ao sr. Lacerda Werneck, doutor em..., bacharel em..., etc..., etc..., de nos ter revelado que a Europa havia caído em pleno barbarismo, quando os americanos (o que elle queria dizer era — os brasileiros) flamejaram sobre essa velha ruina o facho da sua poderosa civilização, cuidadosamente mantido sobre o farol da escravatura.

Não se avalia o quanto é bom saber-se o português, para que se possa estar ao par das belas coisas publicadas nessa lingua!

Decididamente o sr. Werneck tem uma singular maneira de estudar a historia. E', de fato, um publicista eminente, e não me arrependo de assim classifica-lo.

Está, portanto, resolvido: nós somos os barbaros, e os civilizados são os povos escravocratas.

Demo-lo por concluido.

(1) A fibra é extraida da espata, parte membranosa que protege as palmeiras novas, os narcisos, os arums, todos os periodos de frutificação de certas plantas. Os indios retiram-lhe a extremidade e fazem dela um capacete.

(2) Quadrupede que se move com extrema lentidão, diferente do *ai* por não ter cauda. (Dicionario da Academia Francesa).

Ai, quadrupede que se move com extrema lentidão, diferente do *unau* por ser provido de cauda. (Dicionario da Academia Francesa).

Sem querer faltar o respeito aos quarenta imortais, não se pode deixar de reconhecer que essa dupla definição deixa muito a desejar.

(3) Ser supremo entre os indios guaicurús.

(4) No original — *gassouné*.

(5) *Prima ergo servitutis causa peccatum est, ut homo homini conditionis vinculo subdcretur, quod non fit nisi Deo judicante apud quem non est iniquitas et qui novit diversas paenas meritis distribuere delinquentium.* — (De Civitate Dei, lib. XIX, cap. 15, tomo VII. Paris, 1865).

(6) *Natura providit ut sint gradus in hominibus sicut et in aliis rebus. Videmus enim in elementis esse infimum et supremum, videmus etiam in misto semper esse aliquod praedominans elementum. In plantis etiam...*

Ita inter homines erit, et inde probatur esse aliquos omnino servos secundum naturam.

(*De Regimine principum, lib. II, cap. 10, tomo XVII, Roma 1570*).

(7) *Si quis ex familiaribus vel ex servis cujuslibet domus cujuscumque criminis delator atque accusator emerit, ejus existimationem, caput atque fortunas petiturus cujus familiaritati vel dominio inhaeserit, ante exhibitionem testium atque examinationem judicii, in ipsa expositione criminum atque accusationis exordio, ULTORE GLADIO FERIATUR. Vocem enim funestam intercidi oportet potius quam audiri. Magestatis autem crimen excipimus. (Corpus juris civilis romani, Codex repetitae profectionis, lib. IX, tit. 1, art. 20, Eutyichiano).*

(8) *Comunicação aos protestantes sobre as cartas do ministro Jurieu. Paris, 1743.*

(9) *Teologia dogmatica e moral. Dijon, 1784.*

(10) *Institutiones theologicae. Paris, 1836.*

(11) *Da abolição da escravatura antiga no Ocidente. Paris, 1840.*

(12) *Viagem ás Antilhas — Ideias do cristianismo sobre a escravidão. Paris, 1844.*

CAPITULO VIII

O papel da mulher no Brasil. Organização da familia nos países esclavagistas. A republica negra de Palmares. Devotamento sublime de Manuela.

Depois da partida dos capitães, dirigimo-nos á sala de jantar, onde tivemos a honra de apresentar nossas homenagens á dona da casa e á sua filha.

A mesa estava posta, e na verdade com bom aspecto. Um apetitoso leitão, manjar apreciadissimo dos brasileiros, atraiu-me a atenção. Expunha-se em uma grande travessa oval, entre uma galinha sem cabeça (tambem é uso no Brasil) e a feijoada nacional. Ao lado da galinha decapitada, um prato guarnecido de pequenos grãos negros, que pensei ser algum legume do país. Uma salada ornada de rodellas de cebola, vinho do Porto e de Lisboa, farinha de mandioca em elegantes farinheiras encarnadas, agua fresca em maringues de formas bizarras completavam o cardapio.

O aparelho era de faiança azul, de fabricação inglesa, tão divulgada na America do Sul. Pequenos guardanapos franjados estavam colocados sobre os pratos, formando o conjunto uma mesa bem posta. Decididamente o fazendeiro estava na altura do se-

culo, visto como em sua casa não faltavam copos, nem talheres.

Dois belos jarros com flores rematavam a garridice da mesa.

O copeiro, de boa apparencia, occupava o seu posto á direita do senhor. Duas mucamas, de corpos seminus, cada qual com a sua linda rosa metida entre os cabelos, postavam-se atrás das senhoras. Eram duas jovens mulatas, de corpos flexiveis, sorrisos provocantes, olhares ousados, cujos traços, como os de moleque Fidelis, não escondiam um ar de familia comum entre o fazendeiro e seus filhos.

Tem-se a liberdade de pensar, como o sr. Werneck, que a "sã moral" nada tem a censurar dessa semelhança "fortuita", sem duvida, entre o senhor e os escravos.

As duas senhoras, de vestido de seda decotado e o cabelo enrolado como uma coroa, não pareciam mais, nesse momento, aquellas criaturas preguiçosas que haviamos surpreendido, entregues ás delicias do *cafuné*.

Tinhamos o direito de nos admirar, em todo o caso, de que se lhes abrissem as portas dos aposentos interiores, porque, ainda hoje, o famoso proverbio portuguez pesa sobre os costumes, e as senhoras, retiradas para os fundos das casas ficam, em geral, invisiveis aos estrangeiros.

Foi por certo o nome do sr. Clemente da Serra, amigo do fazendeiro e de Fruchot, que produziu esse milagre em nossa honra.

A sra. Anastacia é pequenina. Beleza altiva e desdenhosa ao mesmo tempo, que não a priva de certa graça indolente, particular ás crioulas.

Felipa, sua filha, é uma moça de uns dezoito anos, gordinha, de olhos vivos e curiosos, discreta sera ser timida, e que conhece com grande habilidade as manobras do leque.

Cito agora o proverbio portuguez ao qual fiz allusão:

“Uma mulher já é bastante instruida, quando lê correntemente as suas orações e sabe escrever a receita da goiabada. Mais do que isso seria um perigo para o lar”.

Desse proverbio nasceu um habito odioso, conscienciosamente praticado em Portugal e introduzido por Cabral e seus companheiros no Brasil, habito esse que dominou por tres seculos.

A desconfiança, a inveja e a opressão resultantes prejudicavam todos os direitos e toda a graça da mulher, que não era, para dizer a verdade, senão a maior escrava do seu lar. Os bordados, os doces, a conversa com as negras, o *cafuné*, o manejo do chicote, e aos domingos uma visita á igreja, eram todas as distrações que o despotismo paternal e a politica conjugal permitiam ás meças e ás inquietas esposas.

Francamente, a solitudine dos senhores era exageradamente tenebrosa e previdente. Havia mesmo entre eles quem se gabasse de degradar systematica-

mente a mulher, condenando-a á ignorancia e á reclusão perpetua.

O opressor pode fazer sombra e silencio em torno de sua vitima. Pode priva-la de escrever e até mesmo de falar. Mas não saberá abafar as ardentes aspirações de uma alma entusiasta, nem tão pouco conseguirá proibir a brisa de soprar, as roseiras de florescer, o sol de fulgurar. Ainda mais: o sentimento que elle quer impedir manifesta-se, muita vez, em sua propria presença, quando o amor se intromete.

Na falta de penas e de palavras para comunicar as impressões de um coração ferido, os olhos não dispoem por si mesmos de uma linguagem eloquente, que todo o amante sabe comprehender?

E as flores não são emblemas discretos, que falam melhor do que o olhar mais terno, e dizem muito mais do que os expansivos discursos apaixonados?

O *selam* é fruto do despotismo oriental, todos o sabem. E ainda, apesar da pouca cultura de seu espirito e da vigilancia feroz de que eram o objeto, as brasileiras achavam meio de se aproximar daqueles que as tinham encantado e de lhes revelar os seus mais secretos pensamentos. Mesmo no meio dos escravos dedicados aos seus tiranos, as confidencias e as mensageiras nunca se atrapalhavam. A' noite, quando um admirador passava por baixo de uma janela (são os antigos viajantes que o contam) uma rosa caída a seus pés indicava-lhe que o coração de uma

bela reclusa batia por ele, e que o amor o provocava a audaciosas empresas, cuja felicidade, uma felicidade misteriosa, seria a recompensa.

Eis a mulher no Brasil durante o dominio português.

No dia em que appareceu o alvará de d. João VI, que abria os portos da rica colonia aos navios de todas nações, o espirito europeu (pagos os direitos alfandegarios) pôde penetrar nas cidades. Pregou em vão a emancipação. A escravidão foi mantida, e a mulher, cúmplice do crime, foi duplamente castigada. Quando lhe era tão facil reconquistar o seu lugar ao lado do homem, pela graça e pela bondade, e subjugar o seu tirano pelos encantos de seu espirito, ella não sonhou senão em comprar trapos e adornar o seu corpo.

O homem dos tropicos não faz muita questão de encontrar uma alma no instrumento dos seus prazeres. O seu ideal pode muito bem se encarnar na figura alentada de uma boa ama de leite. Por sua vez, a sua companheira não experimenta a necessidade de um dominio amavel, que excitaria, cada vez mais, o desenvolvimento das faculdades intellectuais. Apesar da pressão dos preconceitos europeus, a mulher conserva um papel apagado no seu interior, porque as suas seduções, puramente fisicas, não agem senão pelo instinto e não atingem o ser moral. Se a indolente crioula é completamente isenta de iniciativa (armada temida pelos conquistadores) é porque ignora a arte

encantadora e profunda da coqueteria. Isto explica o abandono em que se deixa a esposa nos lugares habitados por jovens e belas raparigas. O desdém de que ella é objeto explica, por sua vez, com a desocupação em que vive, os arrebatamentos brutais a que succumbe quasi sempre, no fundo das fazendas arredadas.

A brasileira não comprehendeu ainda a alta missão que lhe está reservada na obra de transformação que se vai fazendo muito lentamente, não ha duvida, mas que, de fato, se realiza diante dos seus olhos.

O Rio possui hoje um teatro lirico e jornais. As suas ruas são iluminadas a gas e ha um piano em cada casa. E' verdade que esse teatro está situado no meio de uma praça infecta, e que os jornais têm horror ás discussões serias. Que as ruas, sem passeios, são mal calçadas, de pedra bruta, e que afinal, nos tais pianos de fabricação geralmente inglesa, não se tocam senão musicas de dansa, romances e polcas.

Em todo o caso, o progresso, outrora escurraçado como um leproso, conseguiu afinal, embora muito timidamente, fazer ato de presença no Imperio. Um pequeno impulso está sendo dado na sociedade, por tanto tempo immobilizada pela influencia portugueza. As mulheres, porém, é triste confessa-lo, não se uniram ao movimento regenerador senão para adotarem os vestidos e os chapéus das nossas patricias. As costureiras e os commerciantes de modas deveriam de-

bitar também, em dinheiro, a distinção e a graça, únicos predicados que valorizam as vestimentas.

Hoje ainda a educação de uma brasileira está completa, desde que saiba ler e escrever correntemente, manejar o chicote, fazer doces e cantar, acompanhando-se ao piano, num romance de Arnaud ou de Luiza Puget. Até agora as senhoras não tomaram da civilização senão a crinolina, o chá e a polca. A crinolina... coisa de que afinal elas não têm necessidade. O chá — a mais detestável de todas as bebidas, a meu ver. A polca — dança elegante e leve, que não se adapta nem ao seu temperamento, nem á sua compleição. E' verdade que conservaram o *cafuné* e o chicote, prova de que elas são as principais escravas da casa.

Mas que dizer da ignorancia das mulheres que vivem no interior das provincias e nas fazendas? Nada. Senão que elas pouco têm a invejar de seus maridos.

Ouçam esta historia.

A conversação versava, desde o começo da refeição, sobre os incidentes da nossa viagem, quando o assunto que então apaixonava os espiritos dos dois lados das Americas foi posto em discussão. Refiro-me á expedição da Crimeia.

Fruchot acabava de enumerar as forças de que dispunham os poderes ocidentais, em caso de conflito europeu. A Austria ia ser obrigada a desempenhar afinal um papel saliente. O Piemonte unira as suas

armas ás da França e da Inglaterra. A Espanha preparava-se para enviar um contingente de soldados. A Suecia unia-se por um tratado á politica dos gabinetes de Londres e Paris; e as simpatias da Dinamarca, assim como as dos estados secundarios da Alemanha, estavam a nosso favor. Não faltava senão a Prussia, que se acomodava com a Russia; e desde então, ninguém mais duvidaria do resultado da guerra. O colosso do Norte devia ser esmagado pelo choque formidavel.

O sr. Miguel Pedregulho tomou a palavra.

— Mas o senhor se esquece de Portugal, disse ele. Se Portugal abraçasse a causa da Russia, as coisas poderiam tomar outra forma para os poderes occidentais.

O sr. Miguel, embora despota absoluto, era ao fundo um bom homem, porém, não muito forte.

Tal a idcia que os descendentes de Cabral fazem, ainda hoje, de Portugal.

A sra. Anastacia provou-nos que era digna de seu nobre esposo pela extensão dos seus conhecimentos. Fez-me varias perguntas, que me vexaram bastante. Entre outras:

— Será mesmo verdade que Paris é maior que o Rio de Janeiro e mais lindo que a Baía? Quantos metros de fazenda gastam as francesas em suas saias de baixo? Qual o talismã que usam as parisienses para se fazerem obedecer por seus maridos? Ha ou

não feitiçaria nesse poder desconhecido pelas americanas?

A bela Felipa quis saber quantos cavalos se atrelavam á carruagem do imperador, como se penteava a imperatriz, se ela preferia bandós á inglesa.

Tais eram as preocupações do fazendeiro, da mulher e da filha. Por aí vê-se até onde se dilatavam os seus conhecimentos políticos, geograficos, historicos, sociais e morais.

Mas se os adultos raciocinavam como crianças, por sua vez as crianças, concias da sua importancia, agiam como graves homens.

Enquanto eu me esforçava por satisfazer a curiosidade das minhas interlocutoras, ouvia o sr. Juliano, que perguntava a Fruchot quanto, em França, recebia de seu pai, por mês, um moço da sua idade para os seus divertimentos.

— Na sua idade, respondeu o corretor, os meninos franceses estão ainda no collegio e os protegidos pela fortuna, que recebem cinco francos por mês, querem logo comprar bolos para distribuir com os seus camaradas.

A cara de Juliano tomou uma expressão de desdem e surpresa.

— Cinco francos! Doces! repetiu com desprezo. Meu pai dá-me, para eu ter no bolso, mensalmente, dez mil réis (30 francos), que mal me chegam para comprar umas ninharias para a Sancha.

Sancha era uma das mulatas que nos serviam.

— Cinco francos para doces, murmurou ainda o rapaz.

O que é certo é que, desde esse momento, ele começou a pensar que os franceses de quinze anos eram bem inferiores aos brasileiros da mesma idade, visto como uns gastavam o seu dinheiro em gulodices, como crianças, ao passo que os outros tinham já paixões de homens.

Em certo ponto, o menino teve também uma importante pergunta a me fazer. Começava-se a servir o prato de pequeninos grãos negros, quando o garoto me inquiriu gravemente se os francezinhos de dez anos tinham relógio e usavam gravata branca para as festas.

Aí está o modo pelo qual, nessas paragens, se compreende a civilização, e como os senhores brancos pretendem justificar a sua superioridade sobre os negros.

Tudo isso seria apenas pueril, ridiculo e grotesco, se no fundo não fosse poderosamente imoral e odioso. A escravidão dá ainda frutos mais corrompidos, mau grado a opinião do autor das *Ideias sobre colonização*.

A pergunta do filho mais moço fez sorrir o sr. Pedregulho. Sem me dar tempo para responder, este indagou, apontando para o prato de grãos negros, que tal eu achava esse manjar brasileiro.

— Muito bom, respondi. Que nome tem este legume?

— Este legume, disse o homem, rindo, chama-se — formigas torradas.

Julguei ter ouvido mal!

— Como?

— Digo-lhe que são formigas torradas, repetiu o fazendeiro.

Com um movimento instintivo empurrei o prato, sem poder conter uma careta de repugnancia. Mais coraçado que eu, Fruchot olhou-me com ar astuto.

Eu conhecia alguns pratos extravagantes: ninhos de andorinhas chinesas, cozidos na estufa, picadinho de rã de Matlametlo (1), assados de gorila dos Fans, salada de creme do Texas, a sopa de cerveja da Alemanha, o presunto com confeitos amargos da Westphalia, os caracois da Camarga, etc. Pratos esses que me inspiram profundo respeito, a par de uma grande estima.

Já me tinham falado na Europa do gosto pouco ortodoxo dos brasileiros por certos lagartos denominados *iguanas*, e depois da minha chegada á America já eu tinha visto varios quadrupedes oviparos muito bem preparados, trinchados, como se faz entre nós com os cordeiros, nas vitrinas dos negociantes do largo do Rosario. Mas ainda ignorava, nessa epoca, as propriedades nutritivas do inseto alado e o papel importante que lhe reservam nas preparações culinarias dos gastronomos sul-americanos.

O sr. Pedregulho explicou-me então (e o *Roteiro do Brasil* confirmou-me em seguida) que esse alimen-

to, tirado dos indios, é muito apreciado no interior do Imperio. Na provincia de S. Paulo ele é tão preconizado quanto a *choucroute* na Alemanha. No Espirito Santo, em Porto Seguro, em S. Jorge, os naturais são tão avidos de formigas torradas como os do país dos Chingés e dos Bengalas de larvas brancas secas ao sol. No mercado dessas cidades vendem-se formigas reduzidas sómente ás barrigas, e tão bem condimentadas como em Paris as batatas fritas.

Os habitantes de Vitoria levam a sua predileção a tal ponto que são chamados vulgarmente, segundo Ferdinand Denis, *papa-tanajuras*, ou comedores de formigas.

A autoridade dos textos e o sorriso dos que me hospedavam não conseguiram atenuar a minha relutancia, confesso. Em todo o caso, esforcei-me por fazer boa cara e puxei de novo o meu prato, abrindo alguns dos insetos que eu julgava serem legumes.

A carne interior era branca e não tinha aspecto repugnante. Quis mostrar audacia e imitar a coragem suprema de Fruchot, cujas garfadas não tinham sido ainda interrompidas.

— *Macte animo. generose puer*, disse-me, ironico, o corretor.

Declara o dr. Livingstone, em certo ponto de seu livro (*Explorações no interior da Africa Austral*), que comeu gafanhotos fritos entre os bakuins, e ainda mais, que prefere estes insetos, assim preparados, aos camarões. Concorde. Não sou um comilão da escola

do celebre viajante inglês. As formigas valem, sem duvida, os gafanhotos. No entanto, não me foi possível engulir com vantagem esse ensopado dos tupiniquins. Vinguei-me então na galinha degolada e no Porto benefico, que me ajudou a purificar o meu paladar do perfume das formigas assadas.

Passámos enfim para o salão, onde se serviu o café. Tomado este, ia-se fazer musica, porque Fruchot havia dito que tocava piano, e a sra. Anastacia, por sua vez, ficara bastante satisfeita de poder fazer exhibir o talento pianistico de sua filha.

Nesse momento, gritos agudos e chorosos, seguidos de outros ameaçadores, esfriaram as nossas intenções musicais.

Pensei, a começo, que Lazaro e João estivessem ajustando as suas contas, e precipitei-me para a porta. O feitor-mór appareceu, explicando-nos a causa do barulho.

Fidelis previa a recepção que o aguardava na fazenda. De resto, o sr. Pedregulho, recomendando-o ao feitor, tinha claramente indicado as consequencias daquela escapada. Em vez de obedecer á ordem do senhor, o moleque, desamarrado pelos capitães-domato, correu para se esconder. Procuraram-no inutilmente durante horas. Sómente agora o tinham descoberto, e o chicote pôs-se a funcionar.

Aos gritos de Fidelis, uma negra correu. Juntando os seus clamores aos do rapaz, fazia do seu corpo uma anteparo, tornando o castigo impossivel. Era a

mãe de Fidelis. Era ela que levava a sua audacia a ponto de chamar o feitor de impostor, quando ele declarou executar as ordens do seu amo.

— O senhor não pode ter ordenado que chicoteassem o meu pequeno, gritava a negra.

— Ah! ela pensa isso? perguntou o sr. Pedregulho. Então temos muito que rir.

E tomou a frente. Desconfiando da causa da resistencia da negra, acompanhei-o. A coitada bateu as mãos de alegria ao ver o seu amo.

Mas o fazendeiro franziu a testa, e antes que ela falasse impôs novas chicotadas. A mãe caiu de joelhos a seus pés, implorando inutilmente.

Depois, levantou-se. Envolvendo com os braços o corpo do moleque, bradou em voz indignada que, visto o pai castigar seu filho, não tinha que hesitar em fazer correr o sangue da mãe.

Fidelis, eu nunca tive duvida, era filho do fazendeiro, como tambem as duas mucamas que serviram a mesa.

Este fato, que revolta a consciencia, não poderá surpreender, em todo o caso, aos que conhecem a escravatura. Com effeito, onde reina essa instituição praticam-se, para com o casamento, as teorias mais complacentes. Não existe aquele que julgue faltar aos seus compromissos, apreciando as raparigas bonitas da casa. Esse commercio, que a lei e a santidade do lar domestico reprovam energicamente nos países cris-

tãos, não intimidada, em absoluto, nos países escravagistas.

Acima declarei: os negros, embrutecidos pelo chicote, vingaram-se de seus opressores, inoculando-lhes os seus vícios. Mesmo as mulheres legítimas, seja por indiferença ou impotencia, e algumas por orgulho (uma senhora poderá ter ciúmes de uma negra?) autorizam, com o seu silencio, essas uniões adulteras que aumentam o capital humano.

Daí resulta que todos os fazendeiros, todos os senhores de engenho, todos os proprietarios das grandes explorações, são verdadeiros sultões, e não deixam de usar de suas prerrogativas, sem mesmo admitir que ao capitulo dos deveres reciprocos succeda o que trata dos direitos.

O que na Europa constitue a ruina, eles acham que é um prazer e um proveito, ao mesmo tempo. Ademais, a obliteração do sentimento moral encoraja-os contra as obsessões do remorso.

Assim, simultaneamente, vivem os filhos da dona da casa em promiscuidade com os das negras. A' medida que crescem, a linha de separação se estabelece, brutal e inflexivel, entre esses filhos de um mesmo pai. Por fim, os irmãos são escravos dos irmãos e apanham deles. Mais tarde, na idade das paixões, os jovens senhores esquecem facilmente que essas belas mulatas, de andar indolente e olhares inflamados, são suas proprias irmãs.

Desafio o viajante desinteressado, que tenha percorrido os países de escravos, a negar a exatidão do meu relato.

Ainda isso não é bastante. Veremos, dentro em pouco, certas habitações transformadas em verdadeiras coudelarias, onde o senhor se ocupa unicamente da criação do negro.

Ora, esse estado de coisas não será incompatível com a pureza dos costumes, que é a propria essencia da vida de familia e da intimidade domestica?

É que exemplo para as moças são essas raparigas que se acham constantemente em estado interessante? Será possível que tais lições não dêem frutos, e que esses frutos não nasçam envenenados?

Este assunto, que pertence inteiramente ao estudo que acabamos de fazer, é de importancia capital para que não seja aprofundado. Em breve, retomamo-lo-emos sob um aspecto mais curioso.

Longe de ficar emocionado com o apelo da negra, o sr. Pedregulho sacudiu os ombros e reiterou a ordem.

— Chicoteiem a cachorra e o cachorrinho!

E ajuntou:

— Dentro de oito dias, Fidelis será vendido.

Eu não podia permanecer em silencio diante dessa cena. A meu pedido, o chicote cessou, e os dois escravos foram poupados, por essa vez.

A mãe atirou-se aos pés do fazendeiro.

— Senhor, senhor! exclamou, juntando as mãos. O senhor não era tão mau para Aureliana. Mas não me queixo mais. Conceda-me sómente a graça de não me separar de meu filho. Se ele for vendido, que eu o seja também.

Que contraste com Antonio, o negro ebrio!

O fazendeiro dignou-se, então, olhar a escrava.

— Toma conta do teu moleque, se o queres perto de ti. Mas se o feitor mo trouxer outra vez, ele será vendido. Vai-te.

Quando já ninguém nos ouvia, protestei energicamente contra a deshumanidade dos senhores em relação á sua progenitura de côr. Mas a minha indignação resultou em pura perda diante do preconceito que rege essas populações vaidosas e ignorantes. O fazendeiro não negava a paternidade que lhe atribuíam; não obstante, encontrava argumentos para justificar a sua conduta.

— Se cada senhor reconhecesse os filhos que lhe dão as negras, prejudicaria, de outro lado, a parte da herança que compete aos seus filhos legítimos, o que seria odioso. Só um mau cristão ou um mau pai cavaria desse modo a ruína de seus próprios filhos.

Aquele homem, que falava em nome da moral, da religião e da família, causou-me horror nesse momento. Preferia ter como contraditor um desbriado, inteiramente dominado por paixões.

Minha replica foi acerba e desdenhosa.

— Mas, respondi, é de bom cristão viver no deboche com os escravos, em presença de sua mulher e de seus filhos legítimos? E' também de bom pai manter seus filhos naturais na escravidão e os entregar ao chicote do feitor? Um bom pai não prejudica a herança da sua prole legal, mas tem o direito de vender, sem remorsos, um mulato que lhe deve a vida, pois não?

O fazendeiro, que assobiava enquanto eu discorria, esboçou, logo que terminei, um sorriso de desdem, para dar-me a entender que eu não estava á sua altura.

— Vamo-nos reunir ás senhoras, concluiu tranquilamente.

Ao olhar inquisidor de d. Anastacia, ele explicou:

— Foi a cachorra da Aureliana que queria impedir o feitor de chicotear o moleque.

— Aí está em que dá ser-se bom demais para essas criaturas, observou filosoficamente a matrona.

E recomendou á filha que substituisse Fruchot ao piano.

O impudente sangue frio do sr. Pedregulho e o descaso da sua companheira seriam o suficiente para constatar o amolecimento, como direi? a decadencia do ser moral nos países em que o negro é mercadoria de que o senhor dispõe a seu bel-prazer.

Já no capitulo dedicado aos mulatos o leitor pôde lançar um golpe de vista sobre o lar brasileiro. A' sombra de uma paz e de uma união aparentes, adi-

vinhou as separações interiores, as aproximações impuras, as iras ferozes que engendra forçosamente um estado de coisas baseado na superioridade e na inferioridade convencional das raças.

Agora, os ultimos veus acabam de se dissipar.

A conduta do fazendeiro para com o moleque permite-nos julgar, em seus efeitos os mais desastrosos, a obra de desmoralização provocada pela escravatura.

A perturbação dos costumes publicos e privados tem por causa principal a negação da lei natural de proteção e de igualdade no amor. Essa negação conduz logicamente á desorganização do lar domestico.

Poderei declara-lo formalmente:

A familia (refiro-me á familia cristã), essa concentração de forças de espirito e de coração sobre um ponto recondito, isolado, misterioso; esse risonho oasis que atrai á sombra das suas folhas sempre verdejantes o viajor fatigado, ferido pelos espinhos, contundido pelas pedras encontradas no caminho social; esse asilo de paz serena e de alegria intima onde a alma, ofendida pela injustiça e pela maldade, se refaz cada noite para as lutas do dia seguinte; a familia — fonte divina das mais puras, das mais serias, das mais infaveis alegrias — jamais se estabelecerá nas suas verdadeiras bases numa terra de escravos.

Esta proposição, que poderá parecer audaciosa a um leitor europeu, e que os brasileiros e lusitanos chamarão certamente de paradoxal, tornar-se-á de

uma evidencia incontestavel desde que os proprios fatos o demonstrem.

Ha alguns anos, uma familia composta do marido, da mulher e de dois filhos, morava em uma fazenda situada na serra dos Orgãos, a setenta quilometros do Rio de Janeiro, nas proximidades do rio Iguassú.

José e Casimiro, os dois filhos do sr. Soares, tinham, o primeiro vinte e cinco anos, e o segundo vinte e tres.

Entre as escravas da fazenda havia uma mulata de nome Calixta, que acabava de completar dezoze primaveras. Era bela e ardilosa. Sua mãe, Constança, disse-lhe varias vezes que o sr. Soares lhes havia prometido a liberdade. A promessa do senhor, porém, caiu no esquecimento, como se fossem palavras de amor.

Calixta jurou á velha negra que obteria essa liberdade, mesmo que acarretasse a ruina da familia do fazendeiro.

José já andava encantado pela rapariga.

Calixta manobrou de maneira a incendiar tambem o coração de Casimiro, o que não lhe foi difficil.

Uma rivalidade terrivel se implanta entre os dois irmãos, que aspiram a exclusividade da posse da escrava.

A mulata, fiel ao papel a que se impôs, amavel com ambos, desespera-os igualmente com respostas indecisas:

— Meu amor é orgulhoso. Tem horror ao cativo. Só me entregarei a quem me der a liberdade.

Casimiro e José nada possuem. Não poderão comprar a escrava ao pai.

Cegos pela paixão, decidem-se a vencer pela força a indomável criatura. O acaso escolherá um deles, e o favorecido não terá mais que reccar a pretensão do rival desbancado.

A prova passa-se na presença de Calixta. Uma moeda de prata é jogada e a sorte volta-se contra Casimiro.

Na sua alegria brutal, José desafia a que julga sua vítima.

— Esta noite, disse ele, minha vontade vencerá o teu desdem.

Mas Calixta não se metera nessa arriscada aventura para causar o sacrificio voluntario de um dos seus adoradores. A derrota de Casimiro fa-la temer o fim da luta. Ela ficará perdida se não reviver, a todo o transe, as paixões fogosas que estão sendo recalçadas, nesse momento, na alma do caçula do sr. Soares.

A mulata lança ao vencido um olhar assustado, porém repleto de ternura e sentimento.

— E se eu pedisse, contra a sua vontade, a proteção do sr. Casimiro? perguntou ella.

Casimiro, intimidado por aquelle olhar, acolheu calorosamente o apelo da rapariga.

— A proteção que pedes não te faltará nunca, Calixta. Juro-te.

José, com um sorriso de desprezo, afirmou:

— Esqueces, Casimiro, que colocaste a tua causa nas mãos do destino, prometendo respeitar a sua decisão, fosse ela qual fosse. Ora, o acaso pronunciou-se a meu favor, é certo. Nestas condições, não tens mais o direito de amar, nem defender a rapariga. Direi mesmo que a tua honra deve estar interessada em que ela me pertença.

Aí está, na verdade, uma logica de esclavagista, cujo valor não podia ser contestado por outro esclavagista.

Mas a paixão não tardou a protestar contra a logica, o que era de prever.

Á noite, Casimiro deveria descer o rio Iguassú. Ia receber no Rio de Janeiro o pagamento da ultima colheita de café expedida por seu pai a um negociante inglês.

Casimiro considera-se o preferido de Calixta.

A ideia de que seu irmão fará prevalecer, durante a sua ausencia, os direitos que a sorte lhe conferiu perturba-o e desespera-o. Não seria ele um covarde se, sendo amado pela mulata, a abandonasse a José?

Calcando os ultimos escrupulos, esquecendo, sob o aguilhão do ciume, a sorte que lhe fôra desfavoravel, arranja um meio de falar secretamente a Calixta.

Convida-a então a segui-lo á cidade, prometendo-lhe retirar do dinheiro que vai receber o necessario para a sua alforria.

Calixta não opõe nenhuma dificuldade ás suas condições. Consente em embarcar com Casimiro para o Rio de Janeiro.

Á hora marcada deu-se o sinal.

A mulata foge de casa, junta-se a Casimiro, e encaminham-se ambos para o rio.

Mas o ciume estava de sentinela, enquanto o amor arrebatava a sua presa.

Um tiro, subito, perturbou o silencio da noite e um tropel precipitado chega aos ouvidos dos fugitivos.

Casimiro, cujas forças se duplicaram pelo perigo, carregou Calixta nos braços e dirigiu-se para a embarcação.

Uma voz muito conhecida chama-o então, ordenando-lhe que se detenha, sob pena de morte.

Casimiro escarnece da ameaça. Attinge a margem, quando mão fortissima lhe agarra o ombro. É a mão de José.

Frente a frente, os dois irmãos injuriam-se, com os olhos acesos de odio.

Casimiro brande uma faca. José segura um fuzil, com o dedo no gatilho.

A mulata esconde-se debaixo de um cafeiro. Assiste fria e desdenhosa áquelas cenas de insultos, que pode mudar-se, de repente, numa tragedia.

— Perjuro! Ladrão! Homem sem fé! gritava o mais velho. Tua traição não te servirá senão para cobrir-te de vergonha. Esta rapariga pertence-me, e prefiro matar-te como um cão a ver-te de posse dela.

— Covarde! Assassino! exclamava Casimiro. E' a mim que Calixta ama. Tenho os direitos de um amor correspondido, e não de um erro do acaso. Esses direitos defende-los-ei até á morte.

A altercação ia degenerar em luta sangrenta, quando vozes partiram da fazenda, annunciando a aproximação de varias testemunhas.

Casimiro compreendeu que o estratagemma não surtira efeito, dessa vez.

— Lembra-te que me alvejaste. Ajustaremos as contas, quando eu voltar.

E entrou na barca.

Chegando ao local do acontecimento, acompanhado de escravos, o sr. Soares adivinhou o que se passara. Encheu José de recriminações, e a seguir mandou aplicar em Calixta vinte chicotadas.

Dois dias depois, a mulata foi vendida a um traficante de negros.

Durante a negociação, José, perdendo a cabeça, ousou ameaçar seu pai.

Casimiro chegou a tempo de complicar ainda mais a situação.

Os dois irmãos, desesperados, desconheciam os menores sentimentos.

Contara-se o dinheiro.

Sem atender ás ordens do senhor, nem ás suplicas da senhora, José e Casimiro resolveram opor-se violentamente á partida de Calixta.

A autoridade paterna não podia ter sido mais audaciosamente violada.

O sr. Soares viu-se obrigado, por sua vez, a empregar a força para fazer-se respeitar. Atirou por terra, ele mesmo, o mais moço dos filhos, enquanto os escravos subjugavam o mais velho.

A mulata, impassivel como estivera antes, á beira do rio, não deu uma palavra. Pediu unicamente para beijar sua mãe, e este supremo consolo lhe foi recusado.

Dirigiu-se ao dono da casa:

— O senhor mandou castigar, sem piedade, na noite passada, a filha de Constança. Agora vende-a como um animal, sem lhe permitir ao menos um soluço no colo de sua mãe. O senhor vai ser cruelmente castigado por Deus.

— Cadela! esbravejou o velho Soares, levantando a mão para a escrava.

Os dois irmãos debatiam-se entre os punhos de ferro que os seguravam.

Calixta deitou a Casimiro um longo olhar de tristeza e suplicou com voz tremula:

— Senhor, esqueça-me. Quanto a mim, não o esquecerei nunca, porque vejo que foi quem mais me amou.

Depois de ter lançado essa seta envenenada ao coração do jovem, a perfida criatura tomou a barca, onde a esperava o novo senhor.

Não será novidade para o leitor declarar que, desde esse dia, a casa do sr. Soares transformou-se num inferno.

Os dois irmãos odiavam-se mortalmente, o que não os impedia de insultar o pai a cada instante.

O fazendeiro era dotado de forte musculatura. Vendo falhar a persuasão, viu-se obrigado a recorrer á violencia para manter a autoridade. Não podendo ser respeitado, queria ao menos ser temido.

A desconfiança chegou a tal ponto, entre cada membro da familia, que cada qual, antes de dormir, se entrincheirava no seu quarto.

O sr. Soares fazia guardar a sua porta por um escravo armado.

Calixta sustentava a palavra que havia dado á negra velha, ludibriada pelo seu senhor. Sobre aquele lar recaira a ruina, a desolação, a morte.

Depois de varias cenas duma brutalidade feroz, a vida em comum tornou-se intoleravel. A sra. Soares foi para a casa de seu pai, no Rio de Janeiro, com o filho mais moço. O chefe da familia ficou só na fazenda com José.

Antes, porém, de se afastar definitivamente de casa, Casimiro entendeu-se misteriosamente com Constança. Que teria ele dito á mãe de Calixta? Ninguém o soube.

Um fato de extrema gravidade, que por si só explica a aberração causada pela escravatura, tem aqui cabimento.

Essa instituição embrutece por tal forma as almas, que lhes tira toda a noção, as mais simples e naturais, de justiça e de honestidade.

Assim, nenhum laço existe entre o senhor e o escravo, a não ser o de uma dependencia absoluta.

Por mais forte razão, nenhum parentesco é atribuído a dois irmãos de sangue, sendo um livre e outro escravo.

Nem a religião, nem a moral, igualmente impotentes para domar os instintos brutais do senhor, têm conseguido orientar esses instintos para um rumo humanitario ou social.

O branco, que menoscaba o irmão mestiço, mesmo que este tenha sido legitimado, não considera nunca sua irmã uma mulata escrava, apesar de ela ser filha de seu proprio pai.

“O filho segue a condição do ventre”. Tal o principio proclamado pela legislação romana e inscrito no moderno codigo negro.

As infamias cometidas em virtude desse principio não são ignoradas do leitor. O que ele não poderá nunca imaginar, e o que lhe queremos expor são as clamorosas iniquidades, os crimes vergonhosos, desconhecidos na civilização europeia, que provoca, em certos casos, a falsa applicação dessa regra.

O escravo, portanto, tenha embora sangue azul nas veias, não deixa de ser um estranho para seu pai branco e para os filhos deste.

Nesse repudio radical, systematico, é preciso procurar o vicio original da familia esclavagista.

A senhora da casa, a mesma que se revoltará contra a rival indigna que lhe dera o esposo, não se sentirá afetada pela intimidade que se estabelece, diante dos seus olhos, entre o seu filho legitimo e a proge- nie da intrusa.

Já referimos as relações que o palido Juliano entretinha na fazenda do sr. Pedregulho com a mulata Sancha. Pois bem, na fazenda dos Orgãos, as coisas se passavam da mesma maneira.

Não é a atração de José e de Casimiro pela Calixta que os esposos Soares lastimam. O que ao mesmo tempo irrita e amedronta os bons pais é a ardente competição dos dois irmãos.

O senhor e a senhora tolerariam despudoradamente a ligação de Calixta com Casimiro ou José. Mas a paixão ciumenta que anima os dois jovens alarma a ternura do pai e da mãe pelos seus filhos legitimos.

Assinalei em outro ponto essa incoerente obliteração do senso moral produzida pela escravatura.

Calixta não podia, pelo estado de degradação em que a puzera a escravatura, manter escrupulos aos quais os seus adoradores permaneceriam inacessiveis.

Alem disso, a necessidade de vingança que enchia a sua alma, a despeito de um falso sentimento de pudor, soube inspira-la para que nunca confessasse, mesmo ao deixar a casa onde nascera, os laços naturais que a uniam aos dois irmãos.

Na casa desse pai que negociava o seu sangue, ella queria desencadear cegas paixões selvagens.

A astuciosa criatura logrou exito bastante no seu projeto infernal.

Um ano depois da partida da mulata, uma tremenda catastrophe recaiu sobre a familia Soares.

O fazendeiro e seu filho José morreram envenenados.

O processo seguido pela justiça não trouxe nenhuma luz a esse drama colonial. Constataram-se sem dificuldade os desacordos intimos que agitavam a familia. Mas não se podia acusar José, que era uma das victimas, nem a senhora, nem Casimiro, que viviam longe da fazenda.

Casimiro entrou tranquilamente na posse da herança paterna.

Seu primeiro ato de proprietario foi a libertação da velha Constança. Deu-lhe ainda, como morada, um pequeno barracão mobilado. Depois, partiu para o Rio, na intenção de reaver aquella que jamais pudera esquecer.

Suas pesquisas não foram infructiferas. Descobriu logo o negociante de escravos a quem o sr. Soares vendera Calixta. Este, por sua vez, já se havia desfeito da

mulata em favor de um senhor de engenho de S. Paulo, que a levara consigo.

Casimiro, em quem os obstaculos aumentavam o amor, partiu para Santos. Daí dirigiu-se á cidade imperial de S. Paulo.

Mal chegara, encaminhou-se ao engenho que lhe fôra indicado, onde encontrou uma familia na mais profunda desolação.

O senhor e seu filho tinham igualmente se apaixonado por Calixta.

Rivalidade desta sorte não é tão rara como parece, sobretudo quando uma escrava quer a todo o transe conquistar a sua liberdade.

Aqui, ao menos, a mulata agia em pleno direito de defesa. A garridice era sua principal arma de guerra.

Não podendo lutar vitoriosamente contra o autor de seus dias, o jovem, constantemente repellido do engenho, mas não desesperançado da perfida criatura, deixou-se absorver por uma ideia criminosa.

Falsificou uma letra com a assinatura do pai, e por esse meio conseguiu os recursos necessarios ao resgate da rapariga.

Calixta deixou, pois, a habitação, partindo para Santos, onde esperou o rapaz.

Este, por sua vez, já entregue ao mais funesto destino, não pôde mais impedir os seus desmandos, e passou de falsario a ladrão. Antes de abandonar o engenho, forçou a secretaria de seu pai e um cofre de sua

mãe. Tirou de um dois contos de réis (6000 frs.) e do outro todas as joias. Em seguida foi juntar-se a Calixta, em Santos. Daí partiram ambos para o Rio de Janeiro.

O senhor de engenho foi prevenido a tempo da emissão de uma letra falsa. Depois de a ter retirado de circulação, pôs-se na pista de seu filho unico, de seus dois contos, das joias da esposa e da bela mulata, que jurou meter na prisão, caso não conseguisse faze-la voltar ao cativoiro.

Todos esses detalhes, fornecidos a Casimiro pela mãe do rapaz, foram golpes fortissimos para o seu coração.

Havia tres meses que Calixta abandonara a provincia de S. Paulo, e nunca mais se soubera dela no engenho dos Orgãos.

Calixta esquecerera, na dupla embriaguez do amor e da liberdade, sua velha mãe escrava e aquele que não podia viver sem ela. Ignorava mesmo os monstruosos acontecimentos ocorridos na fazenda pela alucinação da sua despedida.

Casimiro prometera a Constança restituir-lhe a filha. Entretanto, pergunta a si proprio se continuará a se preocupar com a ingrata.

A ideia de que ela dera a felicidade a outro fazia-o estremecer. Aquilo que devia afasta-lo de Calixta inflamou-o ainda mais, causando-lhe o ciúme.

A paixão inspirada por essas criaturas indignas conduz, muita vez, a semelhantes baixezas.

Casimiro foi a ponto de desculpar a mulata. Naturalmente ela escondeu-se para fugir ás perseguições do senhor de engenho, e os perigos que corre explicam o seu silencio para com ele.

— Perdeu a cabeça. Sem o que, ter-me-ia procurado, pensava o infeliz.

A ignorancia da mulata pelo que succedera na fazenda completou a justificativa da sua conduta no espirito de Casimiro.

Agora não tem ele senão um pensamento: encontra-la, reembolsar ao senhor de engenho o preço da sua libertação e defende-la, tanto do ressentimento do pai, quanto da proteção do filho.

Casimiro pôs-se logo em campo, após a sua chegada ao Rio. O acaso favoreceu-o, e alguns dias depois penetrava no paraíso onde o paulista escondera a sua efemera ventura.

As roseiras e as laranjeiras perfumavam a chacara deserta.

Provavelmente o senhor de engenho descobrira o abrigo dos dois amantes e perturbava assim o seu idílio. A menos que, em todo o caso, a fidelidade da mulata, abalada pela perspectiva de uma miseria proxima, e ainda mais, apavorada pelas ameaças do pai, não a fizesse evadir-se, por fim, para os horizontes dourados e calmos que se abriam á sua frente.

O certo é que Calixta, sempre bela, mais coquete que nunca, havia partido para a Europa, no começo do mês, com um negociante lusitano.

Casimiro chorou amargamente.

— Ela nem sabe sequer o que fiz para a conquistar! murmurou desesperado. O paulista roubou por sua causa, mas eu... eu... eu... Ah! a miseravel! Matou-me!

Se Casimiro conhecesse os seus poetas, teria se consolado nestes lindos versos de Camões:

D'amor e seus danos
Me fiz lavrador;
Semeava amor
E colhia enganos.
Não vi, em meus anos
Homem que apanhasse
O que semeasse.

Mas o moço havia semeado alguma coisa além do amor. Contrariamente á opinião paradoxal de Camões, colhendo a perfidia e o desespero, ele recolheu sómente o que havia semeado.

A excitação cerebral provocada pelos caprichos de Calixta em nada modifica a opinião já emitida relativamente á ação negativa que exercem essas criaturas sobre o moral dos seus adoradores.

Na fazenda, tanto quanto no engenho, os desejos provocados pela mulata foram igualmente contrariados. A idade de Casimiro e do paulista deve ter influido necessariamente na intensidade das suas paixões. Enfim, a resistencia systematica de Calixta, sobretudo os meios vergonhosos, vis, detestaveis empregados pa-

ra vencer essa resistencia, acabaram por completar a perturbação do raciocinio dos dois jovens. Concientes de se terem degradado por causa dela, Casimiro e o filho do senhor de engenho deixam-se subjugar, cada vez mais, pelo dominio da mulata. No crime, ainda mais do que no vicio, existe uma fascinação incoercivel. E o crime, consumando o sacrificio da honra, estreita mais os laços que uma posse calma teria facilmente dissolvido.

O desespero de Casimiro é facilmente explicavel.

A paixão a que se entregou é dessas que estão ligadas ao sangue, encarnadas no homem, e querem ser satisfeitas por qualquer preço, sob pena de aniquilarem a vítima.

Casimiro vestiu a tunica do centauro. Essa tunica abrazava-o sem que ele conseguisse abrandar o fogo que lhe corroía as entranhas.

Só Deus poderá saber se o remorso tambem não torturava essa alma até então alucinada e implacavel.

Quanto á velha Constança, caiu em estupido abatimento.

Ás vezes, ornamentava o barracão, guarnecendo os vasos de flores e afirmando que Calixta voltaria.

Outras vezes, errava pelos vales, contando historias extravagantes sobre a dupla catastrophe que enlutara a familia Soares. A negra acreditava-se então perseguida por um demonio informe que repetia aos seus ouvidos, em risadas sinistras, os nomes do senhor velho e de José.

Um proprietario vizinho, inimigo de Casimiro, presenciou alguns desses desatinos e propalou-os nos arredores da fazenda.

Uma manhã, a justiça, prevenida pelo rumor publico, empreendeu nova busca na habitação do sr. Soares.

A chegada dos juizes coincidiu — coisa singular — com a aparição de sintomas de envenenamento da mãe de Calixta.

A velha negra torcia-se no meio de sofrimentos atrozes, e fazia constar que a senhora a tinha sacrificado para impedir que as suas revelações esclarecessem a justiça. Por isso é que ela se apressava em depor.

Constança acusou formalmente Casimiro de a ter impellido ao assassinio de seu pai e de seu irmão.

— O senhor prometeu-me, disse ella, que quando fosse o unico dono da fazenda, compraria Calixta, tra-la-ia para casa e nos daria a ambas a liberdade. Ora, eu que já tinha sido enganada pelo sr. Soares, e não podia viver longe de minha filha, pus o meu odio e o meu amor ao serviço do sr. Casimiro. Mas agora Calixta me abandonou, por isso nada mais tenho a fazer neste mundo. Minha morte, reconheço-o, é o justo castigo do meu crime. Espero que Deus me perdoe, pelo meu arrependimento e pelas torturas por que estou passando. Antes de comparecer perante Deus, declaro, pela ultima vez, que agi segundo as instigações do sr. Casimiro, que é um execravel parricida.

E expirou.

Diante de exposição tão precisa, era impossivel que toda a culpa não recaisse na pessoa de Casimiro.

A sra. Soares ficou provisoriamente em liberdade. Mas, durante o processo, veio a morrer de desgosto e de vergonha. O remorso tambem a deve ter perseguido, se é que, para salvar seu filho, teria ela perpetrado o envenenamento de Constança.

Privada da unica testemunha que podia orientar a ação da justiça, o inquerito nada mais revelou.

O que restava era a afirmação de uma negra, cuja razão enfraquecida não pudera resistir ao abandono da filha: O que foi difficil estabelecer.

Em face da acusação, levantava-se, energico, indignado, o protesto do filho e do irmão das vitimas.

A partida era desigual.

Por falta de provas, Casimiro foi absolvido. Mas as violentas emoções provocadas na apuração do crime tinham produzido um alquebramento consideravel na pessoa do acusado. Suas faculdades morais passaram por um choque que não as permitiu mais levantarem-se, ao mesmo tempo que o seu corpo se curvava como o de um ancião. Na noite seguinte ao seu livramento, a cabeça embranqueceu de repente, e perdeu completamente o juizo.

E o filho do sr. Soares saiu da prisão para entrar para o manicomio de Botafogo.

Tais são os desastres provocados pela escravidão, que abalam tanto os opressores como os oprimidos.

A vingança da mulata Calixta causou efeitos terríveis. Produziu uma dupla paixão incestuosa, um parricida e fraticida, um terceiro envenenamento, um estelionato e um roubo por arrombamento, a morte de uma mãe, e afinal a queda de um homem, no momento preciso em que desaparecia a sua mocidade. Dois lares desolados, seis vítimas, tres por intoxicação, uma pela deshonra, a quinta pela vergonha e a sexta pela loucura.

Se tivessem emancipado Calixta e sua mãe, como lhe haviam prometido, e reconhecido os seus direitos naturais, não teriam hoje que deplorar nenhuma dessas desgraças.

Aí estão as bases em que se implanta a familia nos países que mantêm a escravidão. Nada ha que admirar, se essas abominações introduzidas no seio do lar domestico conduzem fatalmente a todos os crimes.

Convem notar agora que as proprias mulheres são dominadas, tanto quanto seus esposos e filhos, pela influencia desastrosa do poder absoluto.

Devo tambem constatar que a atração causada pela harmonia da forma e da côr, em certas nações de negros, tem exercido tanta influencia sobre as mulheres, quanto sobre os homens das colonias. Isso, aliás, é o que pode haver de mais natural.

Que poderá engendrar a corrupção, senão a propria corrupção?

Seria razoavel admitir que em uma sociedade inteiramente entregue a todos os abusos e excessos da escravidão, o respeito dos deveres pudesse ser exclusivamente praticado por um unico dos conjugues?

Como resistiria o pudor, perfume delicado da alma da mulher, ao espetaculo diario de raparigas irritantes fazendo, semi-nuas, o serviço domestico, negros cobertos de trapos que mal velam o desenvolvimento exuberante do torax e as magnificas proporções de um torso herculeo?

O escravo, que era apenas uma *coisa* para a imperatriz romana, tornou-se um homem para a criatura familiarizada com as fraquezas do lar.

Se se interrogarem os viajantes que já estiveram em Cuba ou no Brasil, eles contarão que nesses dois paises ha grandes damas que apreciam nos negros o merito que se demonstra pela solidez da musculatura.

A conduta licenciosa dos pais, dos irmãos, dos maridos, produz efeitos inevitaveis, pois não ha nada mais contagioso do que o exemplo.

Solicitadas pela natureza sensual, que uma moral elevada não modificou, as senhoras verificam, por sua vez, entre as belas escravas que seus esposos sobrecarregam de colares e pulseiras, as esplendidas formas dos negros da costa oriental. Despida de todo o escrupulo pelo espetaculo impudente do desprezo pela fé jurada, nenhuma, dentre elas, impõe senão o amor que desdenham e lhes pertence legalmente. Comprazem-

se, no silencio de seu retraimento, a provocar todos os arrebatamentos da paixão africana.

Lembrem-se da cena abominavel que se passou no jardim de Shahriar, o glorioso sultão das Indias, e que serve, ao mesmo tempo, de pretexto para a introdução dos maravilhosos contos de Sheherazada.

Esta cena, em proporções menores, renova-se em muitos lares esclavagistas, sobretudo nas fazendas do interior.

O belo Masoud foi transportado para a America, e a sua discreção está garantida pelos terriveis perigos que afronta para corresponder ao apelo da amorosa sultana.

Desgraçadamente a depravação causada pelo poder absoluto atinge bem cedo os membros mais interessantes da familia.

Sabemos muito bem como empregava os seus dez mil réis mensais o filho adolescente do sr. Pedregulho.

Muitas vezes tambem, infelizmente, as moças, por viverem no meio dessa atmosfera viciada, perdem essa timidez virginal, essa divina candura, esse escrupulo precioso, que são na Europa um dos maiores atrativos das donzelas da mesma idade.

Se a nossa voz pudesse ser ouvida, proporiamos aos governos esclavagistas fazer gravar em uma placa de bronze, que se pregaria á porta de cada casa, a seguinte inscrição latina:

*Maxima debetur puero reverentia; si quid
Turpe paras, ne tu pueri contempseris annos.*

Com a tradução ao lado, bem entendido.

A filha de um banqueiro de Havana foi pedida em casamento por um alto funcionario da cidade. Essa aliança convinha ao pai, por todos os sentidos. No entanto, ele foi obrigado a renunciar, deviço á opposição energica e persistente da moça.

Desconfiando de qualquer intriga amorosa, o banqueiro fez vigiar severamente a jovem, surpreendida, uma noite, em companhia de um escravo.

Louco de raiva, o pai entregou-se ás mais odiosas brutalidades. Apesar de a moça confessar que estava para ser mãe, ele arrastou-a pelos cabelos, contundindo-lhe todo o corpo.

No dia seguinte, a infeliz criatura deu á luz um filho morto.

O escravo foi ainda mais cruelmente tratado.

Descobriu-se que cada noite, durante o sono dos pais, a jovem descia descalça do seu quarto e vinha juntar-se ao negro. Este cansou de jurar pelo seu patrono que não fizera senão obedecer á sua senhora, e acabou por morrer lentamente sob o chicote.

Outra senhorita, que se achava no mesmo estado da primeira, não teve a coragem de revelar a sua vergonha. Recebeu no altar o homem que seu pai lhe indicara para esposo. Este, terminada a cerimonia, levou-a para casa. Seis meses depois a desgraçada tinha um filho mulato.

Certamente, a afronta foi grande para o *caballe-ro*, mas a vingança foi maior ainda.

Na presença da mãe alucinada, o barbaro mandou jogar a criança no chiqueiro. Quanto á *señora*, foi entregue aos escravos.

Tres dias depois, estava morta.

Será preciso falar das viúvas que se retiram do mundo para ficarem inteiramente fieis á memoria do finado esposo? Ostensivamente, elas rejeitam com indignação as homenagens de seus semelhantes, enquanto no fundo de seu misterioso retiro mais de uma tem-se visto procurar no amor africano o consolo poderoso que a ajuda a usar gravemente em publico a mascara de uma dor eterna.

E essas familias austeras que, por medo do escandalo, e com a intenção de conservar intacta a honra de uma filha precoce, pactuam com tal despropósito?

Nesses dois ultimos casos, o principio a que já me referi: — “O filho segue a condição do ventre” — é impunemente violado. A maternidade, tendo sido atribuida a uma negra, o fruto da ligação da moça e do negro foi falsamente registrado sob um nome suposto. A branca entregava assim, sem remorso, seu filho á escravidão; mas a sua reputação não foi profanada, e ela continua ao abrigo de qualquer suspeita injuriosa.

A lei, á qual ela mentiu, protege-a contra as investigações da curiosidade e do odio. A lei garante in-

teiramente os seus direitos, enquanto ella negocia o seu sangue. A branca não deixa de ser honrada depois de ter vendido, seja um mulato saído das suas entranhas, seja o cúmplice forçado dos seus vergonhosos delitos.

Entre os escritores que já trataram da questão que ora me occupa, nenhum, nem mesmo Madame Beecher Stowe, pensou em esclarecer esta face odiosa e repugnante dos costumes esclavagistas.

Terminaremos este estudo por um facto monstruoso, incrível, que resume, mais ou menos, todas as abominações, todas as ignomínias, todas as baixezas que a escravatura architecta.

Um lavrador, portuguez de origem, estabelecido na provincia de Mato Grosso, ao norte de Diamantina, habitava uma pequena fazenda ás margens do rio do Ouro, com sua mulher e seis escravos, sendo dois negros e quatro negras. Entregava-se não sómente á cultura da terra, mas tambem ao commercio do rebanho humano. Assim, cada africano tinha duas esposas exclusivamente suas.

A mulher do fazendeiro, de fecundidade prodigiosa, deu-lhe em tres annos cinco herdeiros. Suas quatro negras, por sua vez, foram mães tres vezes cada uma.

Como pai, como agricultor, como proprietario de escravos, o portuguez não tinha mais nada a desejar no presente, e o futuro apresentava-se-lhe com cores invejáveis.

Infelizmente o seu negocio foi subitamente interrompido pela invasão da febre amarela. O flagelo devastou Diamantina e assolou cruelmente as vizinhanças do rio do Ouro.

O lavrador foi dos que mais sofreram. Em poucos meses perdeu tres filhos e dez escravos. Restavam-lhe agora apenas dois e uma só negra.

O portuguez era homem de recursos, o que provou facilmente.

Eis a singular combinação que ele imaginou, não sómente para conjurar a sua ruina, como tambem para restabelecer a fortuna seriamente comprometida.

E' chegado o momento de lembrar ao leitor as reflexões que nos inspirou o despotismo feroz de certos fazendeiros.

O criador habitava um canto isolado, no fundo de uma provincia maior que toda a Alemanha, e onde, por conseguinte, a ação da lei não o atingia.

Exercia, na verdade, um poder ilimitado, e seus atos não eram julgados senão pela sua consciencia. Ora, a consciencia desse ser ignorante, cupido e brutal, segredava-lhe que todos os meios eram bons para fazer fortuna.

Começou por adquirir uma vaca leiteira. Depois, á força de ameaças e maus tratos, forçou sua mulher a cohabitar com um negro. Ele proprio acabou por aposar-se da negra.

Esses cruzamentos deram magnificos resultados. Uma prole de mulatos substituiu, pois, a de negros.

Cada ano as duas mulheres davam ao mundo duas crianças, ás quais a vaca fornecia uma alimentação substancial. A produção não cessou mais, e ao cabo de cinco anos a perda de dez escravos tinha sido reparada. O especulador vendeu quatro dos mestiços que a febre amarela lhe poupára e dois dos novos mulatinhos. Com o dinheiro comprou duas negras e um vigoroso escravo de vinte anos.

No ano seguinte, desfez-se ainda de dois mulatos e adquiriu mais uma negra.

Continuando esse execravel sistema de criação e permutas, o lavrador possuia, no fim do decimo ano, um capital de vinte e cinco escravos, dos quais dez mulatos e quinze negrinhos, e ainda mais, nove rapazes na força da idade, dentre os quais tres soberbos rebentos e seis negras.

Será necessario declarar, depois das explicações dadas acima, que cada mulato era registrado com o nome de uma escrava, e assim, collocando o seu infame negocio sob a proteção da lei, o lavrador vendia impunemente a prole de sua mulher e a sua propria?

Esse trafico, mil vezes mais odioso do que o que se pratica nos barracões de Cabo Lopez, foi-me assegurado por uma pessoa digna de fé.

Admitirei que essa pessoa tenha exagerado os fatos. Basta que eles sejam possiveis — e o são — para que assinalemos as imaginações perversas, diabolicas, os desvios extravagantes, as aberrações vergonhosas, em uma palavra — toda a serie de atos extraor-

dinarios, monstruosos, inverossímeis, que se buscariam em vão entre as escorias da civilização, e que sómente o exercíco de uma autoridade sem controle seria capaz de inspirar.

Quanto á existencia de uma coudelaria humana, onde um proprietario cinico alimenta e favorece a propagação da raça negra, é isso um fato que não será contestado (seja qual for a dolorosa surpresa que produza neste lado do Atlantico) nem pelos que conhecem a America, nem pelos que leram os trabalhos severos que se occupam da escravidão.

Buckingham escreveu, sobre este assunto, paginas curiosas. Visitou os estabelecimentos de que se trata, e pôde verificar o desenvolvimento consideravel que assumia cada ano essa industria abjeta.

Na Virginia principalmente, a fortuna de numerosos proprietarios tem por base a propagação dos escravos, porque as terras, já cansadas por excessiva produção, não fornecem senão um resultado insignificante. Aí criam-se negros como se criam potros e viteiros na Camarga, patos na Picardia e galinaccos por toda a parte. Criam-se escravos para o commercio, como se cria o gado: "*these are regularly bred and multiplied for sale, like cattle*"; e cada dia os jornais contêm anuncios que prometem dinheiro em especie por um escravo que venha ao mundo: "*cash for likely negroes*".

Buckingham não hesita em afirmar que na Virginia o senhor vende, sem escrupulo, o filho que te-

ve com uma escrava. Sustenta, ainda por meio de algarismos, a importancia sempre crescente que tem tomado essa especulação infame.

De 1820 a 1830, a população servil, que contava 1.538.118 individuos, elevou-se a 2.011.320, o que dá um aumento anual de 47.320 cabeças.

De 1830 a 1850, essa cifra atingiu a 3.204.306, o que representa, nesse periodo, um aumento de 1.192.984 almas, ou sejam 59.649 individuos por ano.

Se bem que a applicação inexoravel do *bill* Aberdeen tenha dado um golpe de morte ao trafico da escravatura, contam-se ainda quatro milhões de escravos nos Estados Unidos da America.

As criações, é preciso saber, foram objeto de uma solicitude tão grande quanto raras iam sendo as chegadas de escravos.

O já citado sr. Werneck esmaga os criadores dessa especie com o peso da sua virtuosa indignação. O patriotismo do escritor irá a ponto de supor que os fazendeiros de seu país tenham mais moral do que os yankees? Neste caso, porque recomendar-lhes expressamente não provocar a propagação dos escravos, senão por meios "autorizados pela moral e pela religião, e conciliar assim os interesses da agricultura com as prescrições da caridade cristã?" Porque insistir nesta ideia, acrescentando "que é um dever imposto pelas leis divinas e humanas?"

A meu ver, o sr. Werneck faz intervir demasiado a religião e a moral como protetoras da detestavel ins-

tuição. Ignorará realmente que a religião condena a exploração do homem pelo homem, e que esta exploração é reprovada, senão pelo código brasileiro, ao menos pelas leis divinas, seja qual for a forma sob a qual se produza?

O proprietario de escravos é o mesmo, quer no Rio de Janeiro, quer em Havana, em Richmond ou na Augusta. Ele se preocupa unicamente com os seus interesses e pratica a caridade cristã, vendendo a sua prole de côr.

Uma industria que realiza um beneficio annual de mais de trinta por cento é evidentemente uma excellente industria, que se exerce tanto no Brasil como na Virginia.

Consulte-se a interessante relação do dr. Ywan, e não se terá mais duvida sobre a existencia, no interior do Brasil, de imundas coudelarias humanas, onde homens indignos do nome de cristão se entregam á criação da raça negra.

Quot erant demonstrandum.

Já agora o leitor está ciente do alcance deste trabalho. Penetrou conosco até ás profundezas mais intimas de uma sociedade baseada na opressão, e pôde medir o nivel de depravação que acarretá fatalmente este impiedoso sistema.

No entanto, ainda não dissemos tudo.

Ha misterios que pelo respeito do leitor e a mim mesmo não quero, nem posso aprofundar.

O que já conhecemos é mais que suficiente para nos permitir colocar a nossa conclusão ao lado da do sr. Eugenio do Prado.

Ausencia de moralidade nos costumes publices. Desprezo afrontoso pelos laços conjugais. Maculas diarias no lar domestico. A brutalidade licenciosa e o interesse sordido, como substitutos do direito e do dever. A humilhação absoluta das almas. Em uma palavra, tal é o resumo da escravidão.

Assim, como poderá a familia constituir-se seriamente entre populações que ultrajam, a cada passo, a lei divina e a lei natural, asfixiando na alma humana o duplo sentimento de paternidade e de fraternidade? Ela não se poderá estabelecer, com efeito, senão em condições de pureza e de igualdade no amor.

Estamos autorizados a repetir:

Não é possivel. A familia cristã não existe em países de escravos.

Para mim, é indifferente ouvir citar lares onde a vontade dos pais é obedecida pelos filhos, onde os irmãos e as irmãs nutrem, uns pelos outros, uma profunda simpatia.

— Fazei o possivel (clamarei aos imprudentes) de não aproximar uma luz a um desses interiores que vos parecem pacíficos, decentes e felizes. Não interrogueis as paixões que se agitam através dessas muralhas silenciosas. O regente de França levava bem longe tambem o amor da familia. Relede a historia

dos persas e dos egipcios. Percorrei a dos kurdos, e descobrireis, talvez, segredos que façam tremer.

A esta hora a conduta do sr. Pedregulho para com a negra Aureliana e o moleque Fidelis, assim como a observação filosofica de d. Anastacia, estão perfeitamente explicadas.

Afirmei que d. Anastacia havia encarregado a filha de substituir o corretor ao piano. Justino, já o sabemos, possuía o sentimento de verdadeiro musico.

Para agradar ás duas brasileiras, ele acabava de executar uma sonata de Mozart e uma melodia de Beethoven, sem que isso produzisse a impressão desejada. Encheram-no de elogios, porém não hesitaram em chamar de tristes (tristes neste caso quer dizer aborrecidas) as peças que o meu amigo executara.

A moça, que pensava ser uma *virtuose* de primeira ordem (por muitas vezes já lhe haviam dito), atacou com bravura a polca de Hans Jorgel (a *Duquesa*, por Jos Lanner) depois a *Quadrilha dos Ratos*, de Repler, e por fim, como chave de ouro, cantou uma coisa pavorosa, que fazia furor no Imperio e se chamava a *Geraldina*. Imaginem um cavallo manco, trotando em um caminho de pedras brutas, e terão a ideia do que era a composição que se repetia em todos os pianos do Brasil.

Fruchot accitou o desafio.

Afim de servir aos donos da casa um acepipe adequado ao seu gosto musical, traduziu immediatamente, dando-lhe a entonação requerida, a historia jocosa das

atribuições do *Sire de Framboisy*, muito em voga em Paris:

Irra! Senhora!

O que está fazendo aqui?

Senhora!

O que está fazendo aqui?

Os fazendeiros não puderam conter o entusiasmo.

— Admiravel, delicioso, encantador! gritaram ao mesmo tempo.

Este primeiro successo animou Fruchot a continuar a sua interessante exhibição. O meu amigo falava o portugûs tão bem quanto um provençal fala o latim.

Soltando as redeas da sua fantasia, traduziu de novo, e num estilo mais pitoresco, a canção tão conhecida:

Um tenente cheio de necessidades, etc., etc.

O acompanhamento estava na altura do verso. Mas o efeito que produziu foi retumbante. Era um prazer imenso. Os brasileiros batiam palmas, acompanhando o ritmo e repetindo o estribilho do palhaço:

Drin, drin, drin, drin, drin, etc., etc.

Até mesmo as gravatas brancas dos circunspectos garotos associaram-se á alegre manifestação. A brusca pantomima do mais velho fe-lo desmanchar o laço, até então conservado intacto. O mais moço insurgiu-se por tal forma contra a etiqueta, que o nó da sua foi parar irreverentemente ao meio da nuca.

O successo de Fruchot era completo.

Teve que repetir os dois trechos e prometeu mesmo manda-los ao sr. Macedo, que os enviaria á fazenda.

O corretor acabava de vingar os dois genios alemães.

Os escravos, que se haviam aproximado para pedir a benção (2), interromperam os divertimentos da noite. Cada um deles passou, por sua vez, diante do fazendeiro, que assim pôde contar o seu rebanho humano.

Dadas as nossas ordens a Lazaro e a João para a partida do dia seguinte, fomos para os nossos aposentos.

O abominavel cheiro de almiscar que impregnava o quarto não se tinha evaporado ainda. Esse cheiro irritou-me a garganta de tal forma que mal pude perguntar a Manuela o resultado da sua entrevista com o pai.

A negra balançou tristemente a cabeça.

— A cachaça, esta noite, privou da razão o velho Antonio. Amanhã, meu pai testemunhará o seu reconhecimento ao sr. Fruchot, e será feliz por se ver livre, graças á sua bondade.

Impossivel passar a noite aí. Tanto o meu quarto como o do corretor estavam invadidos pelo odor capitoso. Desamarrando minha rede, pendurei-a a dois ganchos que estavam do lado de fora, na varanda.

Os acontecimentos do dia, presentes em minha memoria, chegariam bem para me afastar o sono.

Confesso, entretanto, que as minha preocupações eram completamente diferentes. Os requebros exagerados de Manuela impressionavam-me, fazendo-me esquecer Gregorio, os botocudos, os capitães-do-mato, o molequinho, o diletantismo brasileiro, as formigas fritas e até mesmo o fim da minha viagem. De Manuela, meu pensamento passava por meio das emanações nauseabundas do almiscar, para a sedutora Barbara "cuja graça encantadora a tornava soberana daquele de quem era escrava". Perguntava a mim mesmo se a negra amada por Camões faria também uso dos saquinhos chineses perfumados. Essa ideia, que parecerá ridícula, perseguiu-me uma parte da noite e foi de um prejuízo considerável no meu espirito superexcitado, para o autor dos *Lusiadas* e a sua Lesbia negra.

Porque então os numerosos biógrafos e os ácidos comentadores do Homero português: Manuel de Faria Sousa, Manuel de Faria Severim, Diogo do Couto, Manuel Correa, Pedro de Mariz, John Adamson, Maria de Souza, Botelho, e mais recentemente, Madame de Staël, Francisco Alexandre Lobo, Charles Magnin, Ferdinand Denis e tantos outros que entraram em minuciosos detalhes, sobretudo quanto se refere a Camões, descuidaram-se de esclarecer esse ponto que no momento, para mim, era tão importante?

Manuel de Faria, cujo antepassado, Estacio de Faria, foi amigo íntimo do poeta, devia ter ajuntado uma pincelada ao retrato da bela negra. Ter-me-ia ti-

rado de uma grande aflição, impedindo-me ao mesmo tempo de atribuir a Camões gostos bizarros.

As tocantes endechas que ele compôs para Barbara exalavam para mim, deitado na varanda por causa do cheiro do almiscar, um pouco desse perfume detestavel que Manuela espalhava ao passar. A amiga de Fruchot fazia diminuir as minhas simpatias pela escrava cantada pelo poeta. Consegui afinal afastar essas duas figuras da atmosfera suspeita onde a minha imaginação as tinha colocado. Evidentemente, embora fosse ele português, a delicadeza de Camões devia ser inteiramente diferente da do capitão da sumaca "Os Dois Anjos". Fiquei então convencido de que um homem que tivesse vivido num commercio intimo com o almiscar não poderia nunca chegar a escrever nem os *Lusiadas* nem as *Redondilhas*.

Na madrugada seguinte, fui despertado pelos escravos, que começavam os seus trabalhos.

Uma das mulatas nos veio prevenir que o sr. Pedregulho nos esperava para "matar o bicho".

Encontrámos toda a familia reunida, e Fruchot foi mais uma vez felicitado pelas canções que cantara na vespera.

— Sonhei toda a noite com o *Sire de Framboisy*, declarou a bela Felipa.

— E eu sonhei com a senhora que "carrega um dragão embaixo do braço", disse o fazendeiro.

— Os franceses são realmente um povo de artistas! Não ha como eles para fazerem tão lindas compo-

sições! observou d. Anastacia, com uma sinceridade incontestavel.

Imaginem qual seria a admiração dessa gente, se pudesse apreciar o genio francês, ouvindo: *Les Bott's á Bastien, Mirliti, mirliton*, e sobretudo *Le Pied qui r'mue*.

Infelizmente *Le Pied qui r'mue* não tinha sido ainda criado, nessa época.

Por delicadeza, não protestámos contra o cumprimento intencional feito pela senhora.

Enquanto bebiamos o ultimo gole, Lazaro e João preparavam a barca que nos deveria conduzir a S. Jorge.

Manuela appareceu então, em companhia do pai. A mina tinha um ar triste.

Antonio, que não tinha bebido, repetiu, no entanto, a declaração da vespera. Repudiava uma liberdade que o condenaria ao trabalho perpetuo. Não queria arriscar-se a passar fome, o que lhe aconteceria infalivelmente nos dias em que a cachaça lhe tirasse as forças e a razão. Na fazenda, ao menos, teria sempre o seu quinhão de farinha de mandioca, de carne sêca, um lugar para dormir e uns trapos para cobrir o corpo.

Ainda não é tudo. Livre, ele se esgotaria para pagar, pouco a pouco, a divida que tivesse contraído com o senhor francês. Consumiria a vida a trabalhar para outrem. Na fazenda as obrigações são mais leves. O chicote ainda permite um pouco de preguiça, enquan-

to na cidade ela não seria admissível. Ajustadas as contas, tudo bem calculado, era preferível continuar como escravo. O animal estava acostumado ao cabelleiro, não podia passar sem ele.

O fazendeiro deitou-nos um olhar de triunfo.

Manuela deixava cair grossas lágrimas, misturadas de vergonha e indignação. Antonio, ruminando a sua degradação, causava-me piedade e horror ao mesmo tempo. Fruchot não tinha palavras para exprimir o seu desprezo.

— Senhor, disse-lhe enfim a negra para agravar a sua emoção, cumpro o meu dever, graças ao seu bom coração. Meu pai, porém, recusa a liberdade que lhe trago.

Antonio interrompeu-a, e estendendo-lhe a mão como um mendigo murmurou com um sorriso ignobil:

— Recuso a liberdade, mas não as patacas...

A revolta sufocou a compaixão de Manuela.

— Partamos! exclamou a mina.

Animando-se, de repente, aproximou-se do pai, e tirando um anel do dedo, ofereceu-lho.

— Guarde-o como lembrança de sua filha Manuela.

— Quanto vale ele? perguntou o velho cinico.

Era demais.

Chegara a hora da partida. Saímos com o coração angustiado.

— Não esqueçam a canção do *Sire de Framboisy*, gritou Felipa.

— Lembrem-se também do delicioso “drin, drin, drin,” ajuntou d. Anastacia.

Manuela ainda olhou duas vezes para trás, afim de ver seu pai; porém Antonio, preocupado com o preço do anel, nem sequer levantou os olhos.

Este sim, era um verdadeiro burro e um cachorro!

Ao entrar na barca, Manuela suspirou, dizendo consigo mesma:

— Minha mãe já morreu. Meu pai recusa seguir-me. Eis-me só no mundo agora.

Fruchot interrompeu-a.

— Esqueces-te que estou aqui e que te amo, Manuela!

A negra estremeceu. A sua fisionomia brilhou com o reflexo de um profundo prazer interior.

Deitando um olhar reconhecido ao corretor, confessou:

— A mina bem queria morrer pelo senhor!

Ao chegarmos a S. Jorge, encontrámos a sumaca “Os Dois Anjos” prestes a partir. O sr. Macedo comunicou-nos que Santa Maria e Francisco Valcoreal estavam furiosos conosco, por causa da mistificação que lhes tínhamos feito.

Os capitães-do-mato haviam trazido, aquela manhã, á casa do negociante, as duas petições anunciadas. O sr. Macedo, que não estava prevenido, riu-se

na cara deles, ouvindo falar no oficial negro do guarda-roupa de S. M. d. Pedro, e relatou-lhes o fim da nossa visita ao sr. Pedregulho.

— O pai da menina é escravo e estes senhores vão á fazenda afim de o resgatar.

Os mulatos retiraram-se indignados, amassando o rolo de papel, ornado de fitas com as cores brasileiras.

— Não ha duvida, disse o negociante, eles estão á espera de que os senhores voltem.

— Safa-te como puderes, tu que inventaste o illustrissimo sr. Vicente do Bom Jesus, avisou o corretor em ar de troça.

Não tardamos. com effeito, a encontrar os mulatos, que vinham ao nosso encontro. Sem hesitação dirigi-me a eles.

O leitor pode pressupor o ar arrogante dos capitães-do-mato. Valcoreal tinha a cabeça envolta num turbante, debaixo do qual saíam dois olhos brilhantes e ameaçadores. Seu camarada apresentava uma fisionomia tão rebarbativa quanto a sua. Creio mesmo que haviam adicionado mais algumas balas ao arsenal formidavel que sempre tinham á cinta.

Com tais indícios, a situação não era das mais faceis. Eu, no entanto, portei-me com toda a dignidade, graças á reconhecida vaidade dos mulatos.

Resumo do que eu disse:

“A reputação dos capitães-do-mato é de intrepidos soldados que enfrentam qualquer perigo. O

cco das suas explorações no sertão atravessou os mares. Ha muito tempo desejavamos encontrar-nos em presença de alguns membros dessa milicia justamente temida. Quando se apresentou a ocasião, enfrontámo-la com prazer. A sra. Manuela, sendo nossa companheira de viagem, não poderíamos ter-lhe feito a injuria de expulsa-la de nossa mesa. Por outro lado, a convivencia da negra repugnava muito aos senhores, e nós outros não podíamos dispensar o momento de tocar os nossos copos aos seus. O embaraço foi grande.

Uma brincadeira inocente, imaginada com o fim de acalmar momentaneamente a vaidosa suscetibilidade dos capitães, resolveu o problema. Foi assim que, sem cair em falta para com a nossa amiga, tivemos a sorte de reter em nosso meio os invenciveis capitães-do-mato, o que constituiu não só uma honra, como uma felicidade, cuja lembrança guardaremos eternamente”.

Tinha tocado a corda sensível, que vibrou como desejavamos.

A fisionomia do sr. Santa Maria abriu-se em primeiro lugar, secundada pela de scu camarada. Um pacote de cigarros, que Fruchot ofereceu aos mulatos, e uma garrafa de Porto que esvaziámos juntos, em casa do negociante, selaram a nossa reconciliação.

A unica vingança que ousaram cometer consistiu qm Valcoreal retesar-se soberbamente ao passar diante de Manuela, e Santa Maria pedir ironicamente

que transmitisse suas respeitosas saudações ao illustrissimo sr. João Vicente do Bom Jesus, official do guarda-roupa de d. Pedro II.

— Espero ter noticia, ao voltar á Baía, disse eu, de que os valentes capitães conseguiram ajustar suas contas com os insolentes botocudos.

— Partiremos essa noite para a Lagoa, respondeu Santa Maria.

— Quanto a mim, jurei conservar o meu turbante até que tenha tirado uma desforra estrondosa contra o “advogado-vermelho” e o seu companheiro, ou então, sobre os outros da sua especie, concluiu solenemente Valcoreal.

Separámo-nos como os melhores amigos deste mundo.

Como já disse, a sumaca preparava-se para soltar o pano, e os meus amigos acompanharam-me a bordo.

O sr. Carvalho achava-se em seu lugar habitual, no cais. Vendo-nos, encaminhou-se para nós, tratando-nos de Excelencia. A nossa excursão da vespera intrigava visivelmente aquele homem, que não pudera dissimular a curiosidade ao saber que Fruchot e eu nos iamos separar.

O corretor disse-lhe ao ouvido, indicando-me:

— Sua Excelencia vai fazer uma investigação exata sobre os verdadeiros sebastianistas da Baía. Quanto a mim (e Fruchot baixou a voz) vou inter-nar-me no sertão a ver se venço, em favor do rei mar-tir, os botocudos e os tupinambás.

No dia seguinte continuei o meu caminho para a Baía, enquanto o corretor e Manuela se dirigiram para o rio de Contas, onde ficava a fazenda do sr. Carlos Clemente da Serra.

Encerrarei este livro, contando o final dos amores de Fruchot e da bela quitandeira.

Manuela infiel. . . pensará o leitor.

Antes o fosse. Teria sido melhor.

Ao passo que, na vossa imaginação, o corretor e a sua duquesa bronzeada semeiam a mancheias as rosas do devotamento, pelos caminhos que vão percorrendo, inspirando respeito e inveja mesmo áqueles que se julgam mais felizes, Fruchot volta ao Rio de Janeiro acompanhado apenas do seu desespero. Manuela abandonou-o e não mais voltará. O branco está desolado com o pensamento da separação eterna.

E' uma historia lamentavel. Historia onde o calor, a fome, os reptis e os urubús tiveram o seu papel.

Pobre Manuela!

Fazia dois meses que Fruchot, esquecido do Rio de Janeiro e dos negocios, passava o tempo a caçar ás margens do rio de Contas, quando recebeu uma carta enviada pelo sr. Macedo. Essa carta, escrita pelo chefe de uma grande casa do Rio, forçava o corretor a deixar a fazenda do amigo. Apertou a mão do sr. Clemente da Serra e voltou a S. Jorge, onde embarcou para Pernambuco, num vapor da nova companhia do comendador Antonio Pedroso de Albuquerque.

A provincia de Alagoas é celebre pela excellencia do seu algodão. Tratava-se de negociar em grosso com esta mercadoria e de açambarcar toda a colheita, se possível. Essa missão importante confiava-se ao corretor, sendo que ele a desempenhou satisfatoriamente. Da cidade de Alagoas, dirigiu-se á povoação de Anadia, cujos habitantes se dedicam unicamente á cultura do algodão. A safra nesse lugar fôra completa.

Terminados os negocios, Fruchot não quis abandonar o país sem tentar conhecer ainda uma ponta do lado da Serra da Barriga, onde esperava encontrar alguns vestigios do quilombo dos Palmares.

Palmares, convem lembrar, é o acontecimento mais memoravel que se regista nos anais da America Meridional, durante a segunda metade do seculo dezessete.

Darei aqui a resenha disso que os historiadores portuguezes chamam "o quilombo fatal". Citarei Rocha Pita, contemporaneo dos acontecimentos.

"Durante a occupação holandesa alguns negros meteram-se pelo sertão e aí formaram um quilombo. Um quilombo é uma reunião de cabanas feita pelos escravos fugitivos, que aí vivem miseravelmente até que os capitães-do-mato os venham surpreender e os conduzam de novo ao seu senhor, o que ordinariamente dura alguns dias. Nessa epoca, porém, não havia ainda capitães-do-mato. O quilombo, estabelecido perto de Porto Calvo, logrou em pouco tempo tal de-

envolvimento que os holandeses, que se tinham aposado de Pernambuco, organizaram contra os negros uma poderosa força. O quilombo foi destroçado”.

Isso se passou em 1644.

“Mas todo o fato provocado por uma ideia justa produz, cedo ou tarde, alguns frutos. A tentativa de estabelecimento dos escravos ocasionou consequencias as mais graves. Porto Calvo continuava a existir na imaginação da raça oprimida, e as descrições que se ouviam misteriosamente, depois das lutas, exaltavam a coragem e a desgraça dos que haviam sonhado uma independencia no deserto. Os animos inflamaram-se. Organizou-se um *complot*, e em 1650, quarenta negros da Guiné, cheios de um amor ardente pela liberdade, conseguiram quebrar os seus grilhões. Apoderaram-se de alguns fuzis e abalaram para o lugar escolhido anteriormente pelos patricios negros, não receando estabelecer-se sobre as ruinas do antigo quilombo.

Em pouco tempo, o numero foi acrescido por todos os negros descontentes dos arredores. O quilombo não tardou em se transformar numa cidade, que se chamou Palmares. Faltavam mulheres áqueles escravos emancipados. Sem o saber, elles imitavam os romanos. A exemplo destes, os negros consideravam, como lhes pertencendo, todas as mulheres brancas, negras ou mulatas que viviam nos arredores, e foram busca-las á mão armada. O terror que inspiravam os palmarinos aos agricultores forçou-os a propor uma

aliança. Forneceram aos negros munições, armas e até mercadorias europeias, recebendo em troca produtos agrícolas."

Sem querer salientar os exageros do historiador português (*sic*), admitirei que o trabalho atenuou os maus costumes da nova população e que um código não tardou a ser promulgado. Essa "republica rustica", como a chama Rocha Pita, teve como chefe um presidente eleito, chamado Zombi (nome do diabo), cujas funções eram vitalícias. Ministros foram nomeados para ajudar o primeiro magistrado e partilhar com ele dos trabalhos da administração. As leis, proclamadas ao som de trombetas, conservavam-se por tradição oral. Puniam de morte o homicídio, o adultério e mesmo o roubo.

Como represalia, o legislador negro condenava os brancos á escravidão. Os homens de côr não eram excluídos da republica, e podiam até aspirar ao supremo cargo de Zombi. A pena capital foi decretada contra o individuo que, uma vez tendo partido os ferros, voltasse ao seu senhor. Ao negro escravo era reservado um castigo menos cruel, quando, depois de ter fugido, recaía entre as mãos dos palmarinos.

Os leitores têm agora uma noção precisa da organização da "republica rustica".

Direi ainda que as aldeias se elevavam em pleno mato, rodeadas de alegres plantações, e que a capital era defendida por fortificações de madeira.

A industria dos habitantes era precaria. Logico. Se a serra da Barriga lhes fornecesse pedra, faltava-lhes, de toda a maneira, a ferramenta para extrai-la e para o trabalho. Mas a floresta avizinhou-se. Árvores enormes, apenas cortadas, formavam trincheiras espessas, que cingiam, por uma dupla linha de circunvalação, a nova cidade. Tres aberturas, que serviam de portas, tinham sido rasgadas entre as pranchas, e cada uma era dominada por solida plataforma, sobre a qual velavam, noite e dia, duzentos soldados negros.

Já tres gerações se tinham succedido.

Palmares, meio seculo depois da sua fundação, tinha uma população de vinte mil almas, das quais dez mil homens prontos a pegar em armas.

O governo portuguez alarmou-se afinal com uma prosperidade tão rapida, que ameaçava ainda maior desenvolvimento.

Uma primeira expedição, comandada por Caetano de Melo e Castro, governador da capitania de Pernambuco, malogrou por falta de artilharia. Do alto daquelas fortificações, até então desdenhadas, os palmarinos dizimaram as tropas inimigas, forçando-as á retirada.

Depois desse fracasso, não era mais possivel recuar, e a guerra foi impiedosa.

Assinalarei, de passagem, a personalidade de um capitão negro, que recorda o patriotico devotamento de Brutus e das mães espartanas.

O filho desse capitão caíra prisioneiro. Propuseram ao pai a rendição da porta cuja defesa lhe fôra confiada em troca do filho. O negro recusou energicamente reaver o filho por meio de uma traição. O prisioneiro foi então colocado á frente dos soldados que se dirigiam contra o entrincheiramento. A fuzilaria não produziu o effeito desejado pelos portuguezes. O capitão reconheceu o filho. A companhia sob o seu comando hesitou um instante em responder ao fogo dos assaltantes, com medo de atingir o prisioneiro. Sacrificando, porém, o afeto paternal ao amor da patria, o chefe, num gesto sublime de resignação, ordenou uma descarga geral. O negro caiu sob as balas dos irmãos.

O desgraçado capitão, não obstante, continuou no seu posto até o fim da batalha, sem que a sua coragem enfraquecesse. Os atacantes bateram em retirada. Palmares estava salva. Só então, o pai derramou copiosas lagrimas sobre o corpo de seu filho unico.

Parece que, com tais defensores, Palmares não tinha nada a recear de seus inimigos. No entanto, devia succumbir, apesar da heroica resistencia de seus habitantes. Um novo exercito, comandado pelo capitão-mór Bernardo Vieira de Melo, e que contava sete mil homens, sem falar da artilharia, marchou sobre a capital negra. Cercaram a praça por todos os lados, e em breve os horrores da fome se fizeram sentir. Ao contrario do que se pratica entre as nações civiliza-

das, as mulheres, as crianças e os velhos não foram retirados da cidade, afim de ficarem sob a salvaguarda dos sentimentos generosos dos portuguezes. A es-craavidão era a sorte menos horrorosa que os assaltantes reservavam aos vencidos, porque, como já disse, a guerra fôra impiedosa. Entulhada de bocas inuteis, Palmares viu-se reduzida á agonia. Os negros nem por isso deixaram de se defender com o mesmo encarniçamento, com uma heroicidade improficua diante do efeito dos canhões.

Inclue-se aqui uma pagina que parece arrancada á historia de Sagonte, e apresentam-se aos nossos olhos figuras masculas como as de Leonidas e seus companheiros.

Como a colina da Acropole, que occupava o centro de Byrsa, no coração dos Palmares havia uma rocha elevada por onde se podia descortinar toda a marcha do cerco. Quando os troncos que serviam de muralha rolaram sob a ação das balas, e uma onda de inimigos se precipitou na praça, o velho Zombi refugiou-se nessa rocha com os seus principais ajudantes. Entre eles não havia um só que quisesse sobreviver á ruina da republica. No momento em que os vencedores se dirigiram para aquele lado, dando gritos de vitoria, o chefe e os seus ministros arrojaram-se do alto com a cabeça de encontro aos rochedos.

Os cadaveres dos negros rolaram aos pés dos portuguezes apavorados.

Os palmarinos acabavam de mostrar, por esse ato de energia, que eram bem dignos da liberdade e que a tinham sabido conquistar.

Eram esses os cidadãos da "republica rustica", que Rocha Pita escarneceu.

Foi uma pagina sublime, convenhamos, e mais ainda, um magnifico atestado em favor de uma raça tantas vezes caluniada.

E ainda ha protecionistas! Pessoas que sustentam a inferioridade absoluta dos negros!

Que leiam a historia dos Palmares.

Bravo, Zombi! Bravo, ministros!

Qual fôra a sorte dos vencidos?

Palmares completamente destruida e os seus habitantes reduzidos á escravidão, fatais consequencias de uma guerra cruel.

Mas as procissões solenes, feitas, nessa ocasião, em S. Salvador e em Pernambuco, dão bem a prova da importancia que o governo ligara ao resultado obtido.

Enfim, o capitão-mór Bernardo Vieira, enganome: o infeliz chefe da primeira expedição, Cactano de Melo de Castro, foi nomeado vice-rei das Indias.

O leitor comprehende, pois, o desejo de Fruchot em visitar as ruinas dos Palmares, e o atractivo que tinha para ele uma caçada que lhe revivesse a recordação das sombras daqueles negros heroicos.

Partiu, então, de Anadia com a sua negra fiel, armada, como ele, de um fuzil, e conduzidos por um negro, que levava as provisões. Dirigiram-se para

a serra da Barriga, porque era sobre a vertente dessa cadeia que se encontrava a capital do imperio negro.

Os campos de algodoeiros desapareceram á retaguarda. Entraram em uma imensa chapada onde Fruchot caçou, aqui e acolá, algumas graunas e alguns jaburús, que pousavam nas margens solitarias do S. Francisco. Saindo da chapada, que eles cortaram obliquamente, penetraram em uma zona abrupta, sem vestigios humanos, coberta de espinheiros, salvas agrestes e pedras avermelhadas. Caminharam uma hora, enquanto o guia consultava ás vezes as rochas, outras vezes o horizonte. O corretor e Manuela seguiam-no a distancia, sem se preocupar com o caminho, ocupados unicamente em alcançar uma revoada de cardais que lhes passara á esquerda.

Havia seguramente seis horas que tinham deixado Anadia, e o sol projetava-lhes nas cabeças os seus raios perpendiculares. Não esqueça o leitor que os caçadores se achavam então no nono grau de latitude sul. O negro marchava, assobiando. Subito, virando-se para Fruchot, mostrou-lhe um rochedo circundado de hastes de artemisia, formando uma especie de abrigo. Perguntou ao corretor se ainda não pensava em almoçar.

E' mais facil um escravo esquecer que o serviço o chama á cidade, ou que tivera de levar um recado com pressa, ou que o seu senhor está á morte e é' ia chamar o medico, que a casa arde toda, ou que seus senhores estão entregues a uma grande afflicção;

mas nunca esquecerá, esteja onde estiver, que é chegada a hora de comer.

As provisões foram logo preparadas. Fruchot quis sentar-se, porém a pedra, como o ar, escaaldava. Bonifacio comeu e bebeu como um glutão. Depois, cortou uma rodela de fumo e acendeu o cachimbo. O corretor sentia-se abatido. Apesar das insistencias de Manuela, foi-lhe impossivel tocar em qualquer coisa, nem beber a agua quente que enchia o cantil do guia. Tomou algumas gotas de rum, e colocando o fuzil ás costas deu o sinal de partida. Bonifacio queixava-se de dor de cabeça. Supondo que o negro queria fazer tranquilamente a sesta, depois de ter fumado, Fruchot ordenou-lhe que se levantasse.

Os caçadores continuaram a enveredar pela imensa planicie calcinada, onde, como marinheiros perdidos no oceano, não viam senão o horizonte sem fim.

De repente, Bonifacio, abaixando-se todo, declarou que não podia dar mais um passo. A cara do pobre escravo estava amarela como oca, indicio, na sua raça, de profundo sofrimento. Fruchot debruçou-se sobre ele, tentando obriga-lo a beber algumas gotas de rum. Bonifacio empurrou a garrafa e apertou a cabeça com as mãos. Depois, os olhos ficaram nublados. O rosto mais livido ainda, e o negro tombou fulminado sobre o solo.

Obedecendo a um primeiro impulso, Fruchot espalhou no rosto do escravo o conteúdo do cantil; mas

a agua, quente como estava, não produziu nenhum efeito. Manuela embebeu o lenço no rum e esfregou-lhe as temporas. Nada. O corretor fez nova tentativa para força-lo a ingerir algumas gotas do licor. Os dentes, cerrados fortemente, eram uma barreira intransponivel. Fruchot chamou-o por varias vezes. Bonifacio não ouvia. Pôs-lhe a mão no coração e sentiu que ele ainda batia levemente.

Pode-se imaginar o que foi aquella noite para os dois caçadores. Fruchot e Manuela tiraram os seus casacos e lançaram-n'os sobre o corpo de Bonifacio, sempre na esperança de que o escravo não estivesse senão extenuado, e que essa letargia cessasse depois de algumas horas de repouso.

Eles desconheciam o quanto era perigoso o sol dos tropicos após uma refeição, e com que rapidez os seus raios produzem uma congestão cerebral, geralmente irremediavel.

Apesar de mais habituados ao calor do que os brancos, os negros não estão isentos desses efeitos perniciosos.

Surpreendido no momento da digestão, Bonifacio tivera o cranio atormentado pelos raios solares. O cerebro desmanchou-se-lhe como uma bola de cera.

O escravo continuava a não dar sinal de vida. Fruchot e Manuela recommçaram a luta. Inutilmente esfregaram-lhe de novo as temporas com o resto do rum. Picaram as solas dos pés e das mãos, e o negro não se mexeu. Por um momento, o corretor teve a

ideia de uma sangria. Mas a falta de habilidade o apavorou. Quando ele se resolveu a executar esse processo, era tarde demais. O frio começava a invadir as extremidades.

O senhor de Bonifacio lamentou menos o seu escravo, com certeza, do que o estrangeiro, que o conhecia apenas de alguns dias.

Antes de se afastar, Fruchot quis render-lhe as ultimas homenagens. Mas era difficilimo cavar aquele solo empedernido. A faina seria rude para um trabalhador munido de picareta ou de enxada, quanto mais para ele, que não dispunha senão de uma faca. Foi preciso renunciar ao enterro do pobre companheiro. Ajudado por Manuela, o corretor empurrou duas grossas pedras para cima do cadaver, afim de afastar, ao menos por algum tempo, a voracidade dos animais.

Cumprindo esse dever, o branco e a negra pensaram no que seria deles. Que iriam fazer sem conhecer essa planura arida e deserta? Seguiriam o caminho para a serra da Barriga, cujos picos azulados se confundiam no horizonte com o azul do ceu? Ou deveriam voltar á cidade? Mas como encontrar o caminho dentro desse mato que se fecha atrás do viajante, como o oceano atrás do navio, sem deixar nem um traço de sua passagem?

Ja haviam falado a Fruchot dos grandes charcos que se abriam nos terrenos baixos do vale. Cabanas de vaqueiros erguiam-se perto deles, nas fraldas

das montanhas. Depois de muita reflexão, os caçadores preferiram continuar o caminho para oéste, certos de que Deus não os abandonaria numa situação tão crítica.

Uma colica de estomago veio lembrar ao corrector que havia trinta e seis horas que eles não se alimentavam. Manuela não se lastimava, porém o seu rosto, já amarelado, traía o segredo de sofrimentos escondidos. Abriu-se o cesto do negro, donde partia um cheiro bem pronunciado de comida estragada. Nessas latitudes abrasadoras tudo se decompõe rapidamente.

Os caçadores levavam um perú frio e um presunto, que Bonifacio já tinha atacado vigorosamente na vespera. As carnes da ave já estavam passadas, e uma legião de formigas invadira, durante a noite, o presunto. Impossivel servir-se desses alimentos deteriorados. Por cumulo da infelicidade, não havia sequer uma gota de rum na garrafa, e a agua do cantil estava esgotada. Os fuzis poderiam proporcionar um alimento são, mas ninguem conseguiria comer sem beber. Assim, ficavam os caçadores condenados á fome.

Desanimado com o pensamento da sorte que os aguardava a ambos, Fruchot deixou-se cair ao lado do cadaver de Bonifacio, e a lembrança de Madame Godin des Odonais assaltou-lhe bruscamente o espirito. Comparou a sua posição e a da negra á daquela valente mulher, que vira morrer, diante de seus

olhos, seu pai, seu irmão e dois de seus filhos. Monologou que não estavam perdidos como Madame Odonais, nas florestas sem fim do Amazonas, e que afinal um dia de marcha os separava de Anadia, e a região não era tão deserta como as margens do grande rio.

Esta conjectura confortou-o.

Manuela sentara-se em silencio sobre uma pedra, com os olhos ternamente fixados no corretor. Nessa atitude ella esperava a morte.

A voz do companheiro fe-la levantar-se.

Fruchot acabava de encontrar no seu sacco um pedaço de sal citrico. Repartiu-o com Manuela, aconselhando que o esfregasse na lingua, para iludir a sêde. Passando então o fuzil para os ombros, os caçadores dirigiram-se para o lado da serra.

Depois de alguns passos, olharam para trás, como para dizer o ultimo adeus a Bonifacio.

Já os emissarios da morte haviam espalhado a fatal noticia pelos ares, e um bando de urubús voltejava sobre o cadaver, esperando a hora do festim.

O branco e a negra trocaram um olhar de desespero, que parecia dizer:

— Eis o destino que nos está reservado, se não nos aparecer qualquer socorro.

As montanhas pareciam fugir dos caçadores. Ao cair da tarde, chegaram afinal a um telheiro rustico, aberto ás intemperies. Parecia-se com os que vaqueiros

e sertanejos constroem sempre no sertão, e onde, por uma retribuição modica, os mascates encontram um abrigo suspeito para a noite. Era um rancho em ruínas. Devia estar abandonado ha muitos anos pela familia nomade que o construira. Apesar do excesso de fadiga que invadia os seus membros e os atrozes sofrimentos causados pela fome e pela sêde, os caçadores puderam gritar de desespero. Esse grito amorteceu-se no deserto, sem encontrar eco.

Tentando um ultimo esforço, Fruchot arrastou-se até um pequeno bosque que servia de limite entre a planicie e a serra. Alcançando as arvores, estendeu-se na relva. Era-lhe impossivel dar mais um passo. O estomago queimava-lhe, e a lingua, apesar do contacto côm o sal citrico, colara-se-lhe ao ceu da bôca.

Manuela teve ainda forças para levantar a cabeça do corretor e apoia-la sobre os seus joelhos.

— Eu queria morrer pelo senhor! murmurou ela. Mas Deus me recusou a graça de me sacrificar pela sua salvação.

— Morreremos juntos, disse Fruchot, com um fio de voz.

Nesse momento, um ruido feriu-lhe os ouvidos. A negra voltou a cabeça para o lado donde vinha o barulho. Percebeu uma enorme corda escura, estendida a alguns metros do lugar onde eles se achavam. Dois olhos verdes miravam-na fixamente, e a extremidade da corda chicoteava a terra em redor, com

movimentos bruscos, que indicavam uma colera prestes a explodir.

Essa corda era um enorme reptil chamado *sucuri*, e mais comumente *cobra do veado*. Mede em geral de vinte e cinco a trinta pés de comprimento, e não hesita em atacar, quando impelida pela fome, os viajantes da floresta. As maxilas do sucuri têm uma elasticidade prodigiosa. Ha casos de serpentes como essa engulirem um boi inteiro, e depois ficarem, por muitas semanas, entregues a um abatimento que as atira, sem defesa, no meio da estrada, á mercê dos habitantes do sertão. Essa que acabava de aparecer aos moribundos estava devorando um animal, e pelos movimentos da cauda, mostrava bem quanto aquelle encontro lhe seria inoportuno.

Apesar da fadiga do corretor, a ideia de acabar como presa daquelle repugnante reptil refez-lhe por um momento as energias. Apoiando-se sobre os joelhos e as mãos, afastou-se para vinte passos adiante. Manuela, a corajosa negra, a mulher dedicada, encostou Fruchot contra uma palmeira. Depois, dominando ella propria a fraqueza, arrastou-se pelos bosques á procura de algum alimento, principalmente de agua.

Mal havia desaparecido, um grito rouco ressoou aos ouvidos do corretor, revelando-lhe a presença de novo inimigo. Percebeu logo, trepado no tronco de uma arvore, um dos temiveis urubús que elle avistara pela manhã, voando em torno do corpo ainda quente

de Bonifacio. O abutre encarava-o com o seu olhar feroz e cruel, como se reprovasse aquella demora em satisfazer a sua impaciencia, propondo-lhe que abreviasse o mais possivel a entrega do seu cadaver.

Fruchot já não tinha mais forças para se servir do fuzil. A cabeça, a cada segundo, ficava-lhe mais pesada. Ruidos surdos atordoavam-lhe os ouvidos e a luz do dia, em declinio, já lhe fatigava a vista.

Pensava na França, que não mais veria, e onde tinha deixado todas as suas radiosas esperanças de artista; em sua mãe, cuja morte lhe causara tantos desastres; em sua irmã, abastada, vivendo no seio da familia e na abundancia, e cujo coração, gangrenado de egoismo, não se tinha emocionado quando, forçado pela miseria, ele havia partido para o exilio. Pensou ainda nos companheiros de infancia, dos quais alguns se lhe tornaram amigos de juventude e confidentes das suas penas, não os esquecendo na terra estrangeira. Pensou afinal, e sobretudo, nesse momento solene, na corajosa e extremada criatura a quem ele devia tantos dias felizes. Depois, fechou os olhos onde já pesavam as azas geiadas da morte.

O urubú deu então um grito funebre, e uma voz elevou-se do outro lado do bosque. Era um canto familiar aos ouvidos franceses:

Vou rever a Normandia,
O país onde nasci.

O abatimento do corretor diminuiu um pouco. Sacudiu o torpor que lhe paralisava os membros e conseguiu ficar de joelhos. Prestou o ouvido com ansiedade. Nada. Não escutou mais nada.

— Então eu sonhava! Esta voz, que pensei ouvir, não ressoou senão na minha imaginação.

O abutre deu muitos uivos asperos e compassados. Em seguida, batendo as asas, voou pelos ares.

Ao mesmo tempo a voz recomeçou o estribilho:

Vou rever a Normandia,
O país onde nasci.

Não havia duvida. Fruchot não estava iludido. Uma criatura humana, civilizada, um francês passava alegremente junto ao atalho, onde ele perdia a vida.

Num esforço supremo, o moribundo consegue articular alguns sons para pedir socorro. Arrasta-se nas mãos, na direção do som. Dando, por fim, um ultimo gemido, cai entre as arvores para não mais se levantar. Era o que ele pensava.

Pareceu-lhe ouvir de novo a canção. Depois, imaginou que o carregavam, que o deitavam numa rede, e que umas caras simpaticas curvavam-se sobre ele.

Não fôra o resultado de uma alucinação. Tudo era bem real.

Um francês vivia, com efeito, naquelas paragens. Instalado ha muitos anos ao pé da serra com a familia, occupava-se da criação de gado. O cantor que a providencia acabava de colocar no caminho do corretor era um bravo Picard, transformado, por uma aventura dramatica que um dia contarei, em plantador, vaqueiro e sertanejo. As duas filhas tiveram para o doente os mais tocantes cuidados, quando seu pai o trouxe para casa, na rede. Graças a ellas, o meu amigo não tardou em recuperar os sentidos.

Abrindo os olhos, Fruchot procurou em volta de si, e chamou por Manuela.

Manuela não respondeu.

Quando soube que não tinham nenhuma noticia da companheira, o corretor não quiz mais ficar na cabana. Foi por ele (lembrava-se agora) que Manuela tentou um esforço sobrehumano, e se arrastou pelo mato afim de procurar algumas gotas d'agua. O esgotamento a teria forçado a interromper a tarefa que as circunstancias tornavam heroica. Tomou, por sua vez, e durante a noite, os jaguares, os reptis, os urubús... Horror!

Foi necessario transportar o nosso amigo ás matas por onde se tinha embrenhado a negra. As pesquisas não demoraram muito. Manuela foi encontrada, fria, ensanguentada, golpeada, mutilada. Os jaguares tinham feito pasto do seu corpo, e um bando de urubús, o mesmo, sem duvida, que se havia ati-

rado sobre o cadaver quente de Bonifacio, banqueteara-se naqueles despojos humanos.

Fruchot caiu de joelhos e chorou todas as lagrimas do seu coração.

Antes de deixar esse lugar maldito, tirou do dedo de Manuela o anel que lhe dera outrora em troca de um pessego e, apesar da fraqueza, fez questão, ele proprio, de enterrar a sua companheira de exilio.

O ultimo voto da mina se tinha realizado.

Morreu vitima da sua dedicação, para salvar aquele a quem amara.

Conhecerá o leitor muitas brancas que se possam comparar á negra Manuela?

(1) O *Matlumetto* (*pyxicephalus adpersus* do Sr. Smith) é uma enorme rã do lado da Boa Esperança, cuja carne se assemelha á do frango.

(2) Os escravos aproximam-se uns após outros, do senhor da casa, depois da dona, das crianças e mesmo dos estrangeiros, se existe algum presente. Estendendo a mão para a frente, como se pedissem esmola, inclinam-se e pronunciam a formula sacramental: "A benção, senhor". Desfilam, em seguida, silenciosamente, e vão para as suas occupações.

Dá-se a benção duas vezes por dia: pela manhã, antes de começar o trabalho, e á noite, no momento em que se acendem as luzes.

Não será sem interesse investigar a origem desse uso, fruto natural da escravatura, na sociedade antiga. Eis o que refere Suetonio, na vida do imperador Galba:

"Veterem Civitatis exoletumque morem: ac tantum in domo sua hoerentem, obstinatissime retinuit, ut liberti servi-

que bis die frequentes udesunt, ac mane salvere, vesperi ualere sibi singuli dicere"

Este costume, lembrando ao escravo o quanto deve ao senhor, permite a este certificar-se de que não falta nenhuma cabeça no seu rebanho.

FIM

UNIVERSIDADE DO BRASIL
BIBLIOTECA